



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS**

ADRIANO DE OLIVEIRA SAMPAIO

**NOTÍCIA E COTIDIANO: A PRODUÇÃO
DE SENTIDO NOS TELEJORNAIS LOCAIS.**

Análise dos textos da mídia e da audiência sobre os telejornais BATV e Aratu Notícias 2^a edição.

Salvador
2005

ADRIANO DE OLIVEIRA SAMPAIO

**NOTÍCIA E COTIDIANO: A PRODUÇÃO
DE SENTIDO NOS TELEJORNALIS LOCAIS.**

Análise dos textos da mídia e da audiência sobre os
telejornais BATV e Aratu Notícias 2^a edição.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Itania Maria Mota Gomes

Salvador
2005

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Sampaio, Adriano de Oliveira

S181n Notícia e cotidiano: a produção de sentido nos telejornais locais: análise dos textos da mídia e da audiência sobre os telejornais BATV e Aratu Notícias 2ª edição / Adriano de Oliveira Sampaio. – Salvador, 2005.

281f.

Orientadora: Itania Maria Mota Gomes

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura

Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade

À
Eunice, mãe amada, a eterna gratidão por ter me feito *gente*. “E gente é outra
alegria, diferente das estrelas.”

Eurípedes, pai querido, em memória, por ter me ensinado a fazer adaptações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em minha vida.

A seu Sampaio e as três grandes mulheres, Luciana, Izabela e Nice, família querida.

À Sara, pelo amor, apoio e paciência, em mais uma jornada.

À Prof^a Dr^a Itania Maria Mota Gomes, pelo modo dedicado como conduziu a minha orientação, por ter sido a primeira pessoa a acreditar na execução deste projeto, integrando-me ao seu grupo de pesquisa.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Análise de Telejornais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, em especial à amizade e ao apoio de Ana Cristina Spannemberg e Luciana Silva Santos, cuja contribuição durante o estudo de recepção foi inestimável.

Ao Prof. Dr. Giovandro Ferreira pela forma gentil como me recebeu em seu Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso e da Mídia, mantendo-me atento às questões do nosso campo e às contribuições da análise do discurso.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa de Análise do Discurso e da Mídia, em especial a Elton Antunes e Nelson Júnior, pelo compartilhamento das angústias metodológicas.

Aos(às) professores(as), sempre acessíveis e atenciosos(as), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pelos seus ensinamentos.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, em especial a Lílian Reichert Coelho.

Aos professores Ruy Aguiar Dias e Tânia Cordeiro, da Universidade do Estado da Bahia, por estarem ainda acompanhando a minha formação acadêmica.

Aos(s) entrevistados(as) de Itinga, Praia Grande e Engenho Velho da Federação, pela atenção com que me receberam e por terem cedido uma parcela do seu tempo para a execução da segunda parte deste trabalho, meu muito obrigado.

Aos amigos e parceiros de caminhada, André, Augusto, Eduardo, Herbert e Leonardo, irmãos para todas as horas.

A todos os amigos e parentes que apoiaram direta e indiretamente este trabalho. Em especial, tia Dete, Emília, vó Nize e Cleude.

Estamos aqui, se se quiser, não num mundo do sentido, mas num mundo da significação.

Roland Barthes, 1970.

RESUMO

A aposta inicial desta dissertação está em saber que a produção de sentido se dá através da partilha de saberes prévios entre as instâncias de produção e recepção. Assim, tanto os produtores como os leitores empíricos devem partilhar *esquemas interpretativos* equivalentes. Este estudo pretende entender a produção de sentido; para tanto, foram comparados os discursos produzidos por dois telejornais locais de Salvador - o Aratu Notícias 2ª Edição da TV Aratu, emissora afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, e o BATV, da TV Bahia, Rede Globo de Televisão - e os discursos produzidos por uma amostra da sua audiência preferencial sobre os telejornais. Ao tentar entender o processo interpretativo, a partir da confrontação entre os textos dos meios e da audiência, o presente estudo teve como intenção dar conta da produção de sentido não perdendo de vista os momentos de produção e de recepção, mesmo que para isso tenha escolhido como área de trânsito a membrana que perpassa ambos os momentos: os textos.

Palavras-chave: estudos de recepção, modos de endereçamento, *frames*, *supertemas*, telejornal local.

ABSTRACT

This work assumes that the production of sense can be observed through shared meanings between the moments of production and reception. Assuming this presuppose, the producers and audience must share equivalent frameworks. This study intend to understand the production of sense, for this reason, compares the discourses produced by two local TV-News of Salvador, Bahia, Brazil – the Aratu Notícias 2.a Edição of TV Aratu, broadcasted by Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, and BATV of TV Bahia, Rede Globo de Televisão – and the discourses produced by a sampling of their audience about the related TV- News. This research tries to understand the communicative process, comparing the texts produced by the media and the audience. It intend to observe the production of sense, and does not forget to correlate the moments of production and reception, even so, concentrates, to reach this objective, in a specific area of traffic between them: the texts.

Palavras-chave: reception studies, mode of address, *frames*, *super-themes*, local TV-News.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Relação entre o signo e o contexto	45
Figura 02 – modelo “ <i>The world in the head</i> ”	74
Figura 03 – Vinheta BATV	90
Figura 04 - Vinheta da emissora que antecede a abertura do BATV	90
Figura 05 - Seqüência de abertura do BATV	91
Figura 06 – Previsão do tempo no Estado	91
Figura 07 – Previsão em Salvador	91
Figura 08 – Cotação Dólar e Cacau	92
Figura 09 – Seqüência de nota coberta em quadro fixo do programa	92
Figura 10 – Seqüência do quadro de Informe do Trânsito em Salvador	93
Figura 11 – Exemplo de Reportagem Humanização do Relato	94
Figura 12 – Utilização do recurso passagem pelo BATV	95
Figura 13 – Utilização do arquivo pelo BATV	95
Figura 14 – Seqüência BATV nota simples	96
Figura 15 – Cobertura Ao Vivo do Barra Fashion	97
Figura 16 – Cobertura ao vivo, missa em homenagem ao Cardeal D. Lucas	97
Figura 17 – Direcionamento direto, JR, JN e BATV	98
Figura 18 – Enquadramento de câmera, JR (<i>distância íntima</i>) e BATV (<i>distância pessoal próxima</i>)	100
Figura 19 – narração de nota coberta e nota simples BATV	100
Figura 20 – Motivos do cenário BATV	101
Figura 21 – Abertura do BATV em distância pessoal afastada	103
Figura 22 – Informe de Trânsito	104
Figura 23 – Fechamento do BATV	105
Figura 24 – Quadro de notícias do BATV	111
Figura 25 – Quadro de Notícias do BATV (> freqüência)	112
Figura 26 – Seqüência Governança, BATV, notícia 01	113
Figura 27 – Seqüência 01 Governança, BATV, notícia 02	115
Figura 28 – Seqüência 02 Governança, BATV, notícia 02	117
Figura 29 – Seqüência 01 Crimes, BATV, notícia 01	119
Figura 30 – Seqüência 02.1 Crimes, BATV, notícia 02	120
Figura 31 – Seqüência 02.2 Crimes, BATV, notícia 02	120
Figura 32 – Seqüência 01 Encontros Esportivos, BATV, notícia 01	123
Figura 33 – Seqüência 02 Encontros Esportivos, BATV	124
Figura 34 – Seqüência 01 Informe de Tempo e Espaço, BATV	125
Figura 35 – Seqüência 01 Cidadania e Bem estar social, BATV	127
Figura 36 – Seqüência 01.1 Informe de Tempo e Espaço, BATV	128
Figura 37 – AN2, <i>escalada</i> , apresentadora em distância pessoal próxima	133
Figura 38 – AN2, vinheta do programa	133
Figura 39 – AN2, apresentadora em direcionamento direto	133
Figura 40 – AN2, exemplo de nota coberta	135
Figura 41 – AN2, exemplo de matéria final do programa	136
Figura 42 – AN2, exemplo de <i>passagem</i>	136
Figura 43 – AN2, exemplo de créditos da matéria	137
Figura 44 – Voz institucional acessada e <i>vox populi</i>	137
Figura 45 – AN2, humanização do relato	138
Figura 46 – AN2, nota simples	139
Figura 47 – Aratu Notícias 1ª edição e Aratu Noticias 2ª edição	140

Figura 48 – Bahia Meio Dia e BATV	140
Figura 49 – AN2, expressões faciais da apresentadora	141
Figura 50 – Abertura do AN em distância pessoal afastada	142
Figura 51 – humanização do relato AN2	143
Figura 52 – Encerramento do AN2.	145
Figura 53 - Notícias AN2.	147
Figura 54 - Aratu Notícias 2.a Edição (> freqüência)	147
Figura 55 - BATV (> freqüência)	148
Figura 56 - Notícias AN2 > freqüência.	148
Figura – 57 enquadramento de câmera inicial AN2 x BATV	157
Figura 58 – Seqüência AN2 – 04 de dez. de 2003, Festa de Sta. Bárbara	159
Figura – 59 Seqüência festa de Santa Bárbara, BATV	159
Figura 60 - Notícias veiculadas em 08 de set. de 2003	166
Figura – 61 Seqüência 01 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, BATV	168
Figura – 62 Seqüência 02 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, BATV	170
Figura – 63 Seqüência 01 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, AN2	171
Figura – 64 Seqüência 01 da matéria sobre O Protesto dos Estudantes, AN2	172
Figura – 65 Seqüência 01 da matéria sobre O Protesto dos Estudantes, BATV	175
Figura – 66 Seqüência 01 da matéria sobre Reunião da Comissão de Transportes, BATV	179
Figura – 67 Seqüência 01 da matéria sobre Reunião da Comissão de Transportes, AN2	182
Figura – 68 Seqüência 01 da matéria sobre Brasil open de Tênis, BATV	185
Figura – 69 Seqüência 01 da matéria sobre <i>Dia Feliz</i> , AN2	187
Figura – 70 Seqüência 02 da matéria sobre <i>Dia Feliz</i> , AN2	188
Figura – 71 Seqüência 01 da matéria sobre <i>Greve dos Petroquímicos</i> , AN2	190
Figura – 72 Seqüência 01 da matéria sobre D. Lucas Moreira, BATV	192
Figura – 73 Seqüência 01 da matéria sobre Sem-terras, BATV	193
Figura – 74 Seqüência 01 da matéria sobre o desfile de 7 de setembro, BATV	194
Figura – 75 Seqüência 01 da matéria sobre o treino do E.C Vitória, BATV	196
Figura – 76 Seqüência 01 da matéria sobre o treino do E.C Bahia, BATV	198
Figura – 77 Seqüência 01 da matéria sobre os informes de tempo e espaço, BATV	199
Figura 78 – Entrevistados x Critério Brasil	203
Figura 79 - Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Itinga	213
Figura 80 – supertemas 01 Itinga	216
Figura 81 - Gráfico supertemas 02 Itinga	220
Figura 82 - Gráfico, supertemas 03 Itinga	223
Figura 83 – Gráfico, supertemas 04 Itinga	226
Figura 84 – Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Praia Grande.	227
Figura 85 - Gráfico, supertemas 01 Praia Grande	230
Figura 86 - Gráfico, supertemas 02 Praia Grande	233
Figura 87 - Gráfico, supertemas 03 Praia Grande	235

Figura 88 – Gráfico, supertemas 04 Praia Grande	237
Figura 89 – Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão Engenho Velho da Federação	242
Figura 90 - Gráfico, supertemas 01 Engenho Velho da Federação	244
Figura 91 - Gráfico, supertemas 02 Engenho Velho da Federação	248

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Etapas da pesquisa	17
1.2 <i>Corpus</i>	17
1.3 Problema da Pesquisa	18
1.4 Estrutura do Trabalho	20
2. PRESSUPOSTOS PARA A ANÁLISE DOS TEXTOS DA MÍDIA E DA AUDIÊNCIA	23
2.1. A ANÁLISE DO TEXTO DA MÍDIA: OS MODOS DE ENDEREÇAMENTO	23
2.1.1 Alguns pressupostos para os modos de endereçamento: Stuart Hall e os seus posicionamentos de leitura	25
2.1.2 David Morley e os modos de endereçamento.	29
2.1.3 Modos de endereçamento e os estudos de recepção.	31
2.1.4 John Hartley: Modos de Endereçamento e Análise do Produto Midiático.	34
2.1.5 Modos de endereçamento e identificação com a audiência.	36
2.1.6 Elizabeth Ellsworth (2001) e Ellen Rooney (2002): Modos de endereçamento, posicionamento e gêneros discursivos.	38
2.1.7 Notícia e modos de endereçamento do programa	43
2.2. A ANÁLISE DO TEXTO DA AUDIÊNCIA: CONTEXTO, QUADROS E SUPERTEMAS.	47
2.2.1 Contexto, <i>quadros</i> e <i>supertemas</i>	48
2.2.2. Da relação entre contexto e quadros	49
2.2.3 Contexto, quadro e modos de endereçamento.	51
2.2.4. Mas o que são quadros?	55
2.2.5. Delimitações iniciais para a análise de quadros.	57
2.2.6 Analisando quadros ou “o que se passa aqui?”.	62
2.2.7. Quadro e contexto.	65
2.2.8. Associando quadros e supertemas para uma análise dos textos da audiência.	68
2.2.9. Supertemas e os níveis de interpretação da notícia	72
2.2.10. Supertemas, contexto e métodos analíticos utilizados	74
2.3. NOTÍCIA, COTIDIANO E PRODUÇÃO DE SENTIDO	78
3. O TEXTO DA MÍDIA. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DOS TELEJORNALIS LOCAIS BATV E ARATU NOTÍCIAS 2ª EDIÇÃO.	83
3.1. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DO BATV	89
3.1.1. A estrutura visual do BATV	89
3.1.2. A estrutura verbal do BATV	102
3.1.3. A narrativa da notícia no BATV	106
3.1.4. Do endereçamento de público realizado pelo BATV	129

3.2. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DO ARATU NOTÍCIAS 2ª EDIÇÃO (AN2)	132
3.2.1. A estrutura visual do AN2	132
3.2.2. A estrutura verbal do AN2	141
3.2.3. A narrativa da notícia no AN2	146
3.2.4. Do endereçamento de público proposto pelo AN2	157
4. UM DIA DE EXIBIÇÃO DOS TELEJORNALIS LOCAIS	161
4.1. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DOS PROGRAMAS NO DIA 08 DE SETEMBRO DE 2003.	161
4.2 AS NOTÍCIAS VEICULADAS POR AMBOS OS TELEJORNALIS	167
4.3 O QUE AS OUTRAS NOTÍCIAS DIZEM ACERCA DOS MODOS DE ENDEREÇAMENTO DOS PROGRAMAS?	186
4.3.2. As notícias exibidas pelo AN2 que não foram abordadas pelo BATV ...	186
4.3.1. As notícias exibidas pelo BATV que não foram abordadas pelo AN2 ..	190
5. O TEXTO DA AUDIÊNCIA: AQUILO QUE UMA AMOSTRA DA AUDIÊNCIA EMPÍRICA DOS TELEJORNALIS LOCAIS DISSE ACERCA DOS PROGRAMAS ANALISADOS.	200
5.1. COMO FORAM SELECIONADOS OS GRUPOS	202
5.2. OS GRUPOS DE DISCUSSÃO	204
5.3. O FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS	206
5.4. NÚMERO DE PARTICIPANTES, LOCAL E DURAÇÃO DOS GRUPOS	207
5.5. MÉTODO DE ENTREVISTA UTILIZADO PELO MODERADOR	209
5.6. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA	210
5.7. RECAPITULANDO ALGUNS PRESSUPOSTOS ADOTADOS DURANTE A ANÁLISE DO TEXTO DA AUDIÊNCIA.	211
5.8. GRUPO DE DISCUSSÃO 01 – ITINGA	213
5.9. GRUPO DE DISCUSSÃO 02 – PRAIA GRANDE	226
5.10. GRUPO DE DISCUSSÃO 03 – ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO	241
5.11. O QUE OS SUPERTEMAS DIZEM ACERCA DOS MODOS DE ENDEREÇAMENTO DOS TELEJORNALIS?	252
6. CONCLUSÃO	255
REFERÊNCIAS	261
Glossário de termos técnicos do telejornalismo mencionados na pesquisa	265
ANEXO A – Enquadramentos de câmera utilizados pelos telejornais	268
ANEXO B – Transcrição do dia 08 de setembro de 2003	269

ANEXO C – Lista de Entrevistados, nome, idade, ocupação, Critério Brasil.	278
ANEXO D – Roteiro Grupo de Discussão	279
ANEXO E – Questionário	280

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de recepção, segundo Klaus Bruhn Jensen e Karl Erik Rosengren (1997), têm como alicerce duas tradições de pesquisa: a crítica literária e os estudos culturais. O primeiro está intimamente relacionado com a semiótica e os estudos de linguagem, enquanto o segundo entende a comunicação e os processos culturais como discursos socialmente localizados (JENSEN; ROSENGREN, 1997, p.362). O modelo de comunicação proposto por essa abordagem advém daquele estruturado pelos estudos culturais (HALL, 2003a) no qual a produção de sentido depende da prática de interpretação (codificando e decodificando sentidos). Porém, é válido salientar que como o signo é arbitrário e o sentido muda através da história e da cultura, o processo de produção de sentido não é fechado, mas polissêmico.

Dito isso, a mensagem, antes de produzir efeito, deve ser interpretada, sendo ela, em verdade, discursos produzidos pelos meios que remetem a códigos genéricos e culturais. O objetivo imediato dessa corrente é apreender o processo de recepção, antes de ver como esse afeta os usos e os efeitos dos conteúdos midiáticos (JENSEN; ROSENGREN, 1997, p.343 - 347).

Do ponto de vista metodológico, os estudos de recepção, segundo Jensen e Rosengren (1997), tomam como parâmetro a análise textual comparativa dos discursos dos meios e dos discursos da audiência, cujos resultados se interpretam com referência ao contexto. Nessa pesquisa, seguir-se-ão os caminhos propostos por essa abordagem; para tanto, foram comparados os discursos produzidos por dois telejornais locais de Salvador - o Aratu Notícias 2ª Edição, da TV

Aratu, emissora afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, e o BATV, da TV Bahia, emissora afiliada da Rede Globo de Televisão - e os discursos produzidos por uma amostra da sua audiência preferencial sobre os telejornais.

1.1 Etapas da pesquisa

A pesquisa está subdividida em duas etapas. A primeira esforçou-se em identificar a imagem que os telejornais locais fazem da sua audiência; para tanto, foram utilizados os conceitos de modos de endereçamento (MORLEY, BRUNSDON, 1999; HARTLEY, 1997; 2001; CHANDLER, 2004a; ELLSWORTH, 2001; ROONEY, 2002) e esquemas interpretativos (GOFFMAN, 1991). Na segunda etapa confrontaram-se os discursos e estratégias textuais utilizados pelos programas com a análise dos discursos produzidos pela audiência, coletados a partir da utilização de grupos de discussão e da observação dos *supertemas* (JENSEN, 1988, 1998).

1.2 Corpus

Fase 1 – Foram gravados os telejornais Aratu Notícias 2.a Edição (AN2) e BATV, por 06 semanas, durante o segundo semestre de 2003, obedecendo à seguinte ordem: a primeira semana de julho, segunda de agosto, terceira de setembro e assim sucessivamente, até o mês de dezembro de 2003. Tomaram-se como base informações obtidas nos departamentos comerciais das emissoras, que apontaram esses telejornais como os mais assistidos pela audiência no horário entre às 18h 50 min e 19h 20min.

Fase 2 – Analisaram-se os discursos produzidos pela audiência a partir da transcrição dos três grupos de discussão realizados em dois bairros (Praia Grande e Engenho Velho da Federação) de Salvador e um bairro (Itinga) de Lauro de Freitas,

cidade da região metropolitana de Salvador, no segundo semestre de 2004. Os grupos foram construídos através de um mesmo critério, o perfil da audiência identificada pelas pesquisas adquiridas pelos departamentos comerciais das emissoras, que indicam pessoas das classes C, D e E como sendo a audiência preferencial dos telejornais locais exibidos à noite. Os grupos tiveram como pano de fundo para as discussões a exibição de um dia dos telejornais analisados.

Foi aplicado nos grupos um questionário, vide anexo F, que continha o Critério de Classificação Econômica Brasil produzido pela Associação Nacional de Empresas de Pesquisa – ANEP, com a finalidade de certificar-se que as pessoas entrevistadas nos grupos de discussão tinham o mesmo perfil da audiência preferencial já comentada, uma vez que esse mesmo parâmetro é adotado também pelas pesquisas de audiência.

1.3 Problema da Pesquisa

Segundo Claire Belisle e outros (1992, p.60) duas concepções sobre as práticas de recepção da mídia marcam esse debate. A primeira evidencia um posicionamento passivo dos receptores e a outra salienta o seu papel ativo. Os autores identificam três grandes tradições que ofereceram atenção a essa discussão: os estudos dos efeitos, os usos e gratificações e os estudos culturais. Para Daniel Dayan (1992), um dos desafios atuais dos estudos de recepção, está em extrapolar esse seu achado fundador: a descoberta de que o receptor não é passivo.

Dayan (1992, p.161) sugere como sendo a “grande questão” atual dos estudos de recepção a constituição dos públicos. O autor situa essa indagação muito mais pertinente à abordagem sociológica que à discussão literária

(semiologia). Dayan parte do pressuposto de que antes da recepção de um texto há de ser problematizado que ele é destinado a um determinado público, i.e., em grande medida, a partir de uma representação ou uma imagem prévia da sua audiência. No entanto, para além de uma questão estritamente sociológica, supõe-se que a constituição dos públicos também deve ser pensada sob o ponto de vista de teorias que têm como intenção observar o modo como os produtos midiáticos posicionam o espectador em uma específica situação de comunicação, a exemplo do conceito de modos de endereçamento, que oferece aportes para essa discussão.

É sabido que as etnografias da audiência possibilitaram aos estudos culturais essa ida à campo em busca da interpretação do contexto social no qual os textos são recebidos. Contudo, seria apenas pertinente observar o “contexto social” analisado a partir das etnografias de audiência? Ou também dos contextos discursivos criados no interior do próprio texto em contraposição aos saberes anteriores de espectadores de “carne e osso?”.

A aposta inicial do projeto de pesquisa em referência está em saber que a produção de sentido se dá através da partilha de saberes prévios entre as instâncias de produção e recepção (HALL, 1997). Assim, tanto os produtores como os leitores empíricos devem partilhar quadros ou esquemas interpretativos (GOFFMAN, 1991) equivalentes.

A partir do estudo de uma situação empírica de concorrência (mercadológica e ideológica) entre os referidos telejornais locais em uma dada metrópole (Salvador), teve-se como intenção identificar similitudes e diferenças entre a imagem prévia concebida por ambos telejornais sobre a sua audiência, nessas circunstâncias; e o modo como receptores empíricos oferecem sentido a esses discursos midiáticos. Pretendeu-se observar, através da utilização da técnica de

grupos de discussão, as estratégias utilizadas por uma amostra dos espectadores empíricos dos programas de modo a dar sentido aos programas telejornalísticos em referência.

Admitiu-se que os processos de interpretação dos textos midiáticos, enquanto discursos constituintes da rede sócio-cultural em conjunto com outros discursos advindos de outros campos tal como a experiência da vida cotidiana, devem também ser compreendidos a partir de quadros¹ gerais. Isso só é possível graças à partilha de sentidos e de saberes prévios, que organizam a experiência humana tanto em contato direto, quanto mediado.

O trabalho apresentou considerações acerca do modo como uma amostra da audiência empírica dos telejornais analisados produz sentido a partir da maneira que foi interpelada pelos programas em questão. O estudo sugeriu que as notícias permitem aos programas jornalísticos desenvolverem a pluralidade de endereçamentos, mesmo que elas estejam relacionadas a um determinado estilo do programa em se dirigir ao seu público. Essa maneira do programa se endereçar ao espectador é intitulada por Elizabeth Ellsworth (2001) como estrutura de endereçamento.

1.4 Estrutura do Trabalho

Seguindo o modelo analítico proposto - a comparação dos textos da mídia em relação aos textos da audiência -, na primeira parte do próximo capítulo são apresentados os pressupostos para a investigação dos discursos produzidos pela mídia, ou seja, para uma análise do produto midiático (os telejornais locais). Nesse

¹ Para Goffman (1991) os quadros ou esquemas interpretativos estão vinculados ao modo como as pessoas conseguem diferenciar um acontecimento do outro. "Na nossa sociedade ocidental, identificar um evento entre outros, apela-se, em regra geral, e qualquer que seja a atividade do momento, a um ou múltiplos quadros ou esquemas interpretativos" (GOFFMAN, 1991, p.30).

item é oferecida atenção às inquietações da semiologia que influenciaram em especial os estudos culturais realizados no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham durante a década de 70, explorando a noção de “modos de endereçamento” através dos autores David Morley e Charlott Brunsdon (1999), John Hartley (1997, 2001), Elizabeth Ellsworth (2001), Ellen Rooney (2002) e Daniel Chandler (2003), a ser utilizada durante a análise dos telejornais locais.

Na segunda parte do capítulo, que trata do modo como podem ser observados os textos da audiência, tem-se a exploração da análise de quadro de Erving Goffman (1991) para a observação dos esquemas interpretativos que se supõe auxiliar na relação estabelecida entre os textos midiáticos e a sua audiência, aproximando-o, por fim, à noção de supertemas (JENSEN, 1988, 1993, 2002a) sugerida por esse mesmo autor (JENSEN, 2002a) para a análise dos textos produzidos pela audiência sobre os produtos midiáticos.

O terceiro capítulo tem como interesse analisar a construção discursiva do espectador realizada pelos dois telejornais locais em referência. A proposta que se faz presente nesse capítulo é observar como dois telejornais locais, concorrentes, se endereçam ao seu público, tendo como pressuposto assumido que uma análise textual do programa possa oferecer subsídios para essa investida.

No quarto capítulo, analisa-se o dia de exibição dos dois telejornais locais que serviu de pano de fundo para as três sessões dos grupos de discussão, o dia 08 de setembro de 2003. É intenção também desse capítulo observar os modos de endereçamento dos programas analisados, identificados no terceiro capítulo, em funcionamento.

O quinto capítulo analisa os grupos de discussão e apresenta algumas observações acerca das estratégias utilizadas pela audiência empírica dos programas, com a finalidade de observar o modo como ela interpreta os discursos produzidos pelos telejornais. A análise sobre o texto da audiência foi apoiada na associação entre os conceitos de *frame* (GOFFMAN, 1991) e supertemas (JENSEN, 1988, 1993, 2002a), aproximação conceitual esta sugerida pelo próprio Jensen (2002a).

O trabalho apresenta considerações acerca do modo como uma amostra da audiência empírica dos telejornais analisados produz sentido a partir da maneira que foi interpelada pelos programas em questão. O estudo sugere que as notícias permitem aos programas jornalísticos desenvolver a pluralidade de endereçamentos, mesmo que elas estejam relacionadas ao modo como o programa se dirige ao seu público. Essa maneira de o programa se endereçar ao espectador é intitulada por Elizabeth Ellsworth (2001) como *estrutura de endereçamento*.

2. PRESSUPOSTOS PARA A ANÁLISE DOS TEXTOS DA MÍDIA E DA AUDIÊNCIA.

2.1. A ANÁLISE DO TEXTO DA MÍDIA: OS MODOS DE ENDEREÇAMENTO

Para compreender essa relação entre o texto midiático e a sua audiência houve um interesse, em especial durante a década de 70 no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em identificar o modo como um dado produto midiático interpelava seus espectadores. Assim, autores como Louis Althusser (1980) e Roland Barthes (1993) foram de fundamental importância durante esse período para compreender o modo como os textos interpelavam a audiência ou para entender aquilo que estava por trás das mensagens veiculadas pelos meios de massa. O pesquisador ou o “mitólogo”, assim, deveria desconfiar daquilo que era natural (BARTHES, 1993). Esse trabalho de Barthes, *Mitologias*, em especial, ofereceu aos estudos culturais britânicos um modo de entrada para a análise dos textos midiáticos e foi uma das referências dos trabalhos do CCCS, naquele período.

Mas, segundo Dayan (1992, p.149), a semiologia - aqui representada por uma das primeiras etapas da produção de Roland Barthes (1990, 1993 e 2001) - tratava apenas das estratégias manifestas de significação, não lhe interessando o destino dado pelos receptores aos textos. A forma de entrada tomada por este trabalho, no momento da análise dos telejornais locais, se aproxima de um tipo de teoria que pretende observar a construção discursiva de um leitor/espectador em um

dados de texto. Para tanto, toma-se como referência o conceito de “modos de endereçamento”, tal qual desenvolvido por autores como David Morley (1999), John Hartley (1997, 2001), Elizabeth Ellsworth (2001) e Daniel Chandler (2003), como sendo:

[...] uma parte do processo de interpelação, em que a comunicação de massa ‘chama’ ou interpela os indivíduos como sujeitos de seu discurso. Em outras palavras, os textos midiáticos inventam uma imagem fictícia das características da sua audiência preferencial e logo se dirigem a esse personagem de ficção. (HARTLEY, 1997, p.228) (tradução nossa)

A escolha desse conceito tem dois motivos. Primeiramente, pelo conceito de “modos de endereçamento” ter a sua aplicação mais próxima aos discursos midiáticos, tendo esse sido utilizado para a análise de filmes (ELSSWORTH, 2001) e noticiários televisivos (HARTLEY, 2001 e MORLEY; BRUNSDON, 1999), essas suas aplicabilidades anteriores facilitariam a análise dos telejornais locais. O segundo motivo da escolha está em fazer ver que os “modos de endereçamento”, mesmo operando sobre “ideais-tipos”, i.e, uma “imagem fictícia da audiência” (HARTLEY, 1997), conseguem estabelecer apostas acerca da audiência de “carne e osso” a partir da utilização de técnicas advindas das ciências sociais, tal qual foi desenvolvido por Morley e Brunsdon (1999). Esses autores, no desenvolvimento da sua pesquisa intitulada “The Nationwide Audience: structure and decoding”, um dos pioneiros estudos de recepção na perspectiva dos estudos culturais, fazem uso dos modos de endereçamento. Eles os utilizam como um dos conceitos auxiliares para compreender as distintas interpretações realizadas pelos grupos entrevistados frente a um mesmo programa. Para obter os discursos da audiência, Morley e Brunsdon (1999) utilizam a técnica “grupos de discussão”, que também foi empregada pelo presente estudo, tal qual será explicitado no próximo capítulo. Essa característica é

de utilidade para a presente pesquisa, uma vez que é sua intenção confrontar a análise dos modos de endereçamento dos telejornais locais com o discurso de uma amostragem da audiência empírica dos programas a serem observados. A seguir, é apresentado o conceito “modos de endereçamento” e os seus procedimentos analíticos.

2.1.1 Alguns pressupostos para os modos de endereçamento: Stuart Hall e os seus posicionamentos de leitura.

Em “Encoding/Decoding”, Stuart Hall (2003a) apropria-se do modelo circular proposto por Marx em *O capital* (HALL, 2003a, p.389) para entender os modos de produção e circulação do capital. Hall aproxima-o da esfera discursiva para compreender o processo comunicativo nos momentos de produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. Assumindo um posicionamento construtivista sobre a linguagem, Hall afirma que

[...] o cão no filme pode latir, mas não consegue morder! A realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada pela linguagem ou através dela: ... o que nós podemos saber e dizer tem de ser produzido no discurso e através dele. HALL (2003a, p.392) (tradução nossa).

Sendo assim, a circulação desses discursos só é possível, para o autor, graças à partilha de códigos culturais, entre aqueles que codificam (produtores) e os que decodificam (receptores). Contudo, essa utilização de Hall da palavra “código” poderia levá-lo a um eixo semântico no qual poderiam estar presentes outras palavras como “modelo matemático de comunicação”, “causa” e “efeito” etc. No entanto, não seria essa aproximação apropriada, pois o autor explicita no texto uma contraposição a essa teoria e à tradição dos efeitos.

Hall, nesse texto, desenvolve uma aproximação com as noções de denotação e conotação, influenciado pelo modelo semiológico proposto por Barthes (1958) – denotação, conotação e mito - apesar de não propor pensar essas significações, analiticamente, de modo separado. Para Hall (2003a, p.395), tanto no sentido literal quanto no conotado a ideologia estaria presente, sendo impossível separar esses dois momentos. Mesmo assim, o autor identifica na conotação a possibilidade do signo estar aberto “para novas ênfases”, aproximando-se assim de Bakhtin (2002) quando não separa os estágios de conotação e denotação.

Tais distinções como as que se estabelecem entre o sentido central e os laterais, entre denotação e conotação etc., são fundamentalmente insatisfatórias. A tendência básica subjacente a todas essas discriminações – de atribuir maior valor ao aspecto central, usual da significação, pressupondo que esse aspecto realmente existe e é estável – é completamente falaciosa (BAKHTIN, 2002, p.131).

A segunda aproximação com Bakhtin (2002) está em caracterizar o signo e a linguagem como uma arena de luta entre classes e a famosa afirmação de Bakhtin (2002): o signo é social e, portanto, ideológico². Dito isso, Hall (2003a) apropria-se da recusa de Bakhtin (2002) sobre uma visão de signo como algo já dado e que não se transforma ao longo do tempo. A terceira aproximação com Bakhtin (2002) está no modo de entender o processo comunicativo como partilha de sentidos. A “palavra³”, assim,

[...] comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre

² Bakhtin (2002, p. 118) distingue a ideologia em duas, a do cotidiano e a dos sistemas ideológicos constituídos (a arte, a moral, o direito etc). Essa disputa sobre o signo estaria, portanto, entre essas duas modalidades de ideologia concebidas pelo autor.

³ Bakhtin (2002) utiliza o termo “palavra” para referir-se à noção de signo. Opção esta que é coerente com a sua acepção de língua mais próxima à “enunciação” que ao seu “sistema abstrato”, em nítida oposição à ênfase de Saussure na *langue*.

o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2002, p.113)

É válido salientar o quanto essa concepção de signo influencia a elaboração dos “modos de endereçamento”, cujo objetivo está em identificar a imagem prévia que fazem os textos midiáticos da sua audiência. Assim, a palavra procede “de alguém [...] para alguém”.

Hall (2003a, p.396) aproxima-se, desse modo, do conceito de ideologia que será marcante para as definições das posições de leituras, propostas nesse seu texto, acerca dos discursos midiáticos. Ainda se aproximando de Barthes (1993), Hall concorda que os níveis conotativos dos significantes são, de algum modo, partes da ideologia. Mesmo admitindo ser o sentido polissêmico, outra influência de Barthes (1993) e Bakhtin (2002), segundo Hall (2003a, p.396): “Toda sociedade ou cultura tende, com diversos graus de clausura, a impor suas classificações do mundo social, cultural e político. Essas classificações constituem uma ordem cultural dominante”. Dessa afirmação surgem as três posições hipotéticas de leitura postuladas por Hall: a *dominante*, a *negociada* e a *oposicional*.

Essas posições de leitura trazem uma preocupação não apenas com o mundo proposto pelo texto, mas também com os modos em que a sua audiência pode assimilá-lo, subvertê-lo ou assumir uma postura negociada em relação a ele. Hall (2003d, p.366), ao reorganizar certos pressupostos formulados por seu texto, esclarece que a leitura preferencial ou dominante está próxima do modo como o texto quer ser lido. Não admite que os textos sejam infinitamente abertos, mas eles têm em seus elementos internos um tal “leia-me desta forma”. Um dos aspectos positivos apontados neste texto está em oferecer a possibilidade aproximativa entre as posições de leitura e as posições sociológicas, contudo Hall salienta que essa

relação entre essas leituras deve ser observada num estudo empírico de recepção, i.e, as posições *preferencial*, *oposicional*, *negociada* são lugares hipotéticos que a audiência pode assumir.

Nenhuma das posições presentes na descodificação pretende ser uma descrição sociológica. Trata-se de um modelo aberto. As audiências movem-se claramente entre as três posições; logo, elas são lugares em que se toma posição [*positionalities*], não são entidades sociológicas. Cabe ao trabalho empírico dizer, em relação a um texto particular e a uma parcela específica da audiência, quais leituras estão operando. (HALL, 2003d, p.371)

Essa aproximação dos estudos culturais com as indagações marxistas e os trabalhos de Bakhtin (2002) e Barthes (1993), no texto-chave *Encoding/Decoding* (HALL, 2003a) para os estudos de recepção desenvolvidos no Centro a partir da década de 80, traz à tona a preocupação com o conceito de ideologia para compreender a produção de sentido. Isso é presenciado quando Hall aceita, a partir de Bakhtin (2002), que o signo é social e, portanto, ideológico e assimila, parcialmente, conforme foi observado anteriormente, o modelo proposto por Barthes (1993), que sugere a ideologia (mito) como um dos níveis do seu sistema de significação denotativo/conotativo.

Inspirados na oportunidade de averiguação empírica dessas posições de leitura postuladas por Hall (2003a), Morley e Brunson (1999) desenvolveram a sua pesquisa, tendo sido o conceito de modos de endereçamento uma das peças-chave para observar variações não previstas por Hall (2003a) nas leituras da audiência de “carne e osso” sobre um dado programa.

2.1.2 David Morley e os modos de endereçamento.

Morley e Brunsdon (1999), no desenvolvimento da sua pesquisa “The Nationwide Audience: structure and decoding”, um dos pioneiros estudos de recepção na perspectiva dos estudos culturais, fazem uso do conceito de *modos de endereçamento*. Eles o utilizam como um dos conceitos auxiliares para compreender as distintas interpretações realizadas pelos grupos entrevistados - subdivididos por gênero, classe, ocupação - frente a um mesmo programa.

Nessa pesquisa empírica, os autores têm como pretensão averiguar os postulados de Stuart Hall (2003a) no que se refere às três posições de leitura da audiência: *dominante, negociada e oposicional*. Hall (2003a) afirma que o pertencimento de um indivíduo a uma determinada classe social orienta a forma como o receptor deve se posicionar diante de um determinado processo de comunicação. Essa concepção se apresenta nitidamente arraigada em questionamentos de ordem ideológica.

Quando Morley e Brunsdon fazem uso dos modos de endereçamento em *Nationwide*, esse conceito os auxilia a “fugir” de interpretações estritamente ideológicas no momento em que analisam as leituras dos grupos observados. Morley e Brunsdon identificam dois caminhos a serem considerados e esses foram apresentados quando observaram o posicionamento de um grupo de trabalhadores. Segundo esses autores, o grupo “[...] apresentou um distanciamento cínico do programa, de forma genérica, mas aceitava e reproduzia as suas formulações ideológicas em determinados assuntos.” (MORLEY; BRUNSDON 1999, p.261) (tradução nossa).

O primeiro caminho proposto por Morley e Brunsdon seria considerar que o cinismo referido anteriormente foi marcado por um posicionamento de defesa

daquele grupo, ao identificar uma problemática ideológica proposta pelo programa - para Hall (2003) isso poderia se caracterizar como uma *leitura negociada*. O segundo percurso, que é o adotado pelos autores, vem das contribuições de Steve Neale (NEALE *apud* MORLEY; BRUNSDON, 1999, p.261), que diferencia a problemática ideológica do texto, dos seus modos de endereçamento. Esse último, por sua vez, consiste no posicionamento proposto pelo texto para a sua audiência.

Em outro momento de sua pesquisa, ao comparar o posicionamento de dois grupos distintos em relação ao *Nationwide* (gerentes de banco e sindicalistas), Morley e Brunson observam que as críticas feitas ao programa por esses dois grupos variaram não apenas sob o ponto de vista ideológico. Os gerentes de banco, que fariam uma leitura de acordo com o código dominante, demonstraram também uma leitura contrária ao programa. No entanto, Morley e Brunson constataram que o que eles criticavam no *Nationwide*, em suma, eram os seus *modos de endereçamento*, enquanto os questionamentos ideológicos passavam despercebidos. Já o outro grupo, os sindicalistas, que fariam uma leitura de acordo com o código *oposicional/ negociado*, refutou a questão ideológica, enquanto para eles os *modos de endereçamento* passaram despercebidos.

Morley e Brunson afirmam, a partir de Neale, que uma ideologia não é composta por um único discurso, mas se caracteriza como um produto de outros discursos e ideologias que a constituem. Isso permite que eles unam os *modos de endereçamento* às qualidades formais do texto e definam o campo ideológico como o espaço onde o significado opera. Esse foi o esquema utilizado por eles para solucionar uma das questões práticas da sua pesquisa: verificar como se dão, em receptores empíricos, as leituras postuladas por Hall (2003a).

[...] nós devemos estar atentos e reformular o modelo do *Nationwide* tomando como referência ambas dimensões... uma

articulação entre as qualidades formais do texto e o campo de representações dentro e sobre o qual atua, e posicionar o campo ideológico como o espaço no qual a significação opera. (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p.279) (tradução nossa).

A forma como o *Nationwide* se apresentou para o grupo dos gerentes de banco (leitura dominante), por exemplo, foi a de um “programa de entretenimento para a hora do lanche, constrangedor [...] explorador de sentimentalismo [...] sensacionalista” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p. 267) (tradução nossa). Apesar da utilização de diferentes adjetivações para caracterizar o programa, observa-se que um outro grupo da audiência consultada, supostamente de leitura oposicional, percebeu os *modos de endereçamento* do *Nationwide* de forma similar à dos gerentes de banco, apesar do seu posicionamento de leitura ser diferente do deles: “um programa de entretenimento leve, não tão pesado, fácil de assistir e divertido” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p. 267) (tradução nossa).

Dessa forma, Morley e Brunson demonstraram que se pode separar e fazer dialogar essas duas dimensões para a análise do discurso da audiência: os modos de endereçamento do texto e o campo ideológico no qual, segundo o autor, a significação opera.

2.1.3 Modos de endereçamento e os estudos de recepção.

A relação do conceito *modos de endereçamento* com os estudos de recepção é próxima. Autores como Morley e Brunson (1999) e John Hartley (2001) articulam os modos de endereçamento para compreender a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. Segundo Morley e Brunson (1999), o *modo de endereçamento* se caracteriza pela forma como o programa se propõe para ou em conjunto com a sua audiência. Essa noção aproxima esse conceito dos paradigmas adotados pelos

estudos culturais e, por conseguinte, dos estudos de recepção, no que diz respeito ao modelo de comunicação proposto. Segundo Jensen (1997), os estudos de recepção abordam a comunicação e os seus processos culturais levando em consideração os pressupostos dos estudos culturais, enquanto que a sua matriz de análise interpretativa advém da tradição literária. Retomar-se-á adiante a aproximação que se estabelece entre os modos de endereçamento e a tradição literária e, com isso, a pertinência metodológica de aplicarem-se os modos de endereçamento em estudos dessa natureza.

Ao caracterizar os modos de endereçamento, Morley e Brunsdon (1999) demonstram uma aproximação desse conceito com as categorias de análise utilizadas pela tradição literária quando traçam um paralelo entre as formas e práticas comunicativas do programa com os estilos e os tons do texto literário. “O conceito de ‘modos de endereçamento’ designa as específicas formas e práticas comunicativas de um programa que constituem o que se referiria na crítica literária como ‘tom’ ou ‘estilo’.” (MORLEY; BRUNSDON 1999, p.262) (tradução nossa).

Morley e Brunsdon sugerem, portanto, uma similaridade entre o programa televisivo e a obra literária para efeito de análise. Na tradição literária, “[...] a obra literária é considerada como uma configuração de estruturas lingüísticas e retóricas, dotada de regras próprias e que pode ser categorizada em ‘gêneros’...” (JENSEN, 1997, p.345) (tradução nossa). Dito isso, poder-se-ia, então, pensar o texto televisivo sob essa perspectiva. Se fossem levados em consideração nesse momento os pressupostos de Jensen (1997) - no que concerne às aproximações dos estudos de recepção com outras duas tradições de pesquisa: os estudos culturais (modelo comunicacional) e a análise literária (procedimentos de análise)⁴ – validar-se-ia,

⁴ Jensen e Rosengren (1997) classificam em cinco as tradições de pesquisa em comunicação: o estudo dos efeitos, os usos e gratificações, a análise literária, os estudos culturais e, por fim, os

metodologicamente, o emprego desse conceito nos estudos de recepção no que se refere à análise do produto midiático, uma vez que se observou, através de Morley e Brunsdon (1999), a relação do conceito “modos de endereçamento” com algumas categorias de análise advinda da tradição literária. No entanto, se por um lado essa constatação sinaliza um caminho, tem-se de outro uma indagação: os modos de endereçamento estão situados apenas na análise textual do produto?

A princípio, a resposta a essa questão é “não somente”. Evidenciou-se que em Morley e Brunsdon (1999) esse conceito foi utilizado *da* audiência para o produto. Deve-se retomar aqui a aproximação proposta por Morley e Brunsdon entre os modos de endereçamento do programa e a sua audiência: “o modo de endereçamento estabelece a forma da relação que o programa propõe para/com (grifo nosso) sua audiência” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p.262) (tradução nossa).

Enquanto Morley e Brunsdon ofereceram ênfase em sua análise à relação que o programa propõe *com* (lê-se aqui *em conjunto com*) a audiência, observar-se-á a seguir, com a abordagem de John Hartley (2001), a relação que o programa propõe *para* a audiência. Isso porque Hartley analisa os modos de endereçamento a partir do produto midiático (programas jornalísticos). Morley e Brunsdon (1999) e Hartley (2001), portanto, nos trabalhos aqui apresentados, partem de pontos iniciais distintos (um da audiência e o outro do produto) e utilizam o mesmo conceito com o propósito de obter auxílio para a compreensão da produção de sentido.

estudos de recepção. Não caberia nesse momento questionar-se a pertinência de separar em tradições distintas os estudos de recepção e os estudos culturais. Compactua-se, pois, com a aproximação entre os estudos literários e os estudos culturais para a definição do marco teórico dos estudos de recepção: “Para constituir seu marco teórico, os estudos de recepção apelam para as tradições literárias e as ciências sociais. Estas compartilham com o enfoque culturalista uma certa visão das mensagens e dos públicos” (tradução nossa).

2.1.4 John Hartley: Modos de Endereçamento e Análise do Produto Midiático.

A diferença no emprego da noção de “senso comum”, por parte de Morley e Brunson (1999) e de Hartley (2001), ilustra essa distinção dos percursos tomados por eles. Por sua ênfase na audiência, Morley e Brunson, em *Nationwide*, se distanciam da noção de senso comum. Eles afirmam que a averiguação do senso comum na audiência é de difícil constatação, além de não o auxiliar na compreensão do processo interpretativo. Para esses autores, o “[...] senso comum sempre tem uma formulação histórica particular; ele é sempre uma combinação particular constituída por elementos de vários campos ideológicos e discursos [...]” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p. 262) (tradução nossa).

Morley e Brunson identificam como sendo difícil problematizar, em conjunto com seus entrevistados, os questionamentos propostos pelo *Nationwide* sem fugir do senso comum. Quando foram indagados sobre o programa, os entrevistados respondiam “normal”, “óbvio”, “eles só estão fazendo o seu trabalho”. Para eles, os questionamentos propostos pelo *Nationwide* eram óbvios e assim não os problematizavam.

No entanto, em Hartley (2001), a noção de senso comum vai servir de sustentáculo para a sua categorização dos *modos de endereçamento* que foi realizada tomando como referência os programas jornalísticos averiguados por ele, a exemplo do noticiário *News at Ten*. Hartley (2001), a partir de Gramsci (1971), afirma que o senso comum é utilizado pela mídia como forma de disseminação de concepções, de modo que um maior número de pessoas se identifique com o que é apresentado.

Portanto, uma das importantes conseqüências de se usar a concepção de senso comum na mídia é que o senso comum é um agregado caótico de concepções endereçadas, e qualquer um pode encontrar lá alguma coisa que goste. (HARTLEY, 2001, p. 103) (tradução nossa).

Hartley salienta ainda que, em Gramsci (1971), os elementos nos quais o senso comum é construído advêm de um número variado de fontes, como a religião, os códigos morais e a base comportamental, enquanto a sua origem está na “atividade intelectual”. No entanto, o autor menciona que no mundo moderno há uma minimização do alcance dessas lideranças, e a sua função está sendo levada adiante por outras instituições. Hartley compactua, nessa passagem, com Hall (1977) sobre o papel da mídia e da escola como novas lideranças durante o avanço do capitalismo a partir do século XX. Ao longo desse século, para esses autores, os meios de massa passam a exercer uma liderança fundamental e decisiva na esfera cultural. No entanto, Hartley não minimiza a importância das lideranças identificadas por Gramsci (1971) nesse processo, uma vez que em sua pesquisa *Reading Television*, realizada em conjunto com Fiske, os autores identificaram a forma como os *media* se “utilizam” dos líderes.

[...] a mídia não suplantou, simplesmente, o sacerdote, o patriarca, o ancião e o intelectual: ela tem, tanto nos formatos ficcionais e quanto nos factuais, os levado além, e os tem *usado* (grifo do autor) em um papel de mediação para construir coesão além dos ‘fatos’ fragmentados da vida. (HARTLEY, 1992, p. 104) (tradução nossa).

Segundo Hartley, o senso comum não é uma “substância inerte” que está sempre lá pronta para ser utilizada. Pelo contrário, necessita ser produzido de forma constante e a sua “utilização” está relacionada com as rotinas de produção midiática. Para o autor, a mídia não só nos remete às classificações e idéias de senso comum, como também o (re) produz para além da “base” cultural e lingüística (HARTLEY,

2001). Já a construção dos modos de endereçamento se dá por intermédio da exploração do senso comum.

Eles pegam as histórias (e alguns dos modos de dar sentido a elas) dos grupos, instituições e pessoas com poder e status ‘representativos’. Eles pegam tanto a partir dessas fontes quanto da imagem a sua posição em relação ao senso comum, e ao idioma nativo a partir da imagem que fazem sobre o que a sua audiência pensa e diz. (HARTLEY, 2001, p. 105) (tradução nossa).

Em Hartley, a noção de *senso comum* permite relacionar os modos de endereçamento do programa para a audiência, já que segundo esse autor os modos de endereçamento se dão com base no senso comum.

2.1.5 Modos de endereçamento e identificação com a audiência.

No percurso proposto por Hartley (2001), presencia-se a idéia que os produtores midiáticos fazem da sua audiência. Segundo Hartley, os modos de endereçamento expressam:

[...] não só o conteúdo dos acontecimentos que eles relatam, mas também sua orientação para o espectador ou leitor, sendo que esta orientação é um elemento constituinte e irrecusável de todas as linguagens.” (HARTLEY, 2001, p.88) (tradução nossa).

Tomando como base Ian Conell (1978), Hartley (2001, p.90) sistematiza essa orientação para o espectador estabelecida em função de três elementos, sendo eles: o *mediador*, a *vox pop* e uma *entrevista de sondagem firme*⁵. O primeiro visa o estabelecimento da identificação entre o programa e a audiência, através de uma “empatia” com o apresentador. Já a “voz do povo” possibilita duas coisas: autentica a cobertura dada a um evento, em particular, mostrando o posicionamento de pessoas “comuns” e serve também como identificação da audiência com essas opiniões apresentadas pela matéria, advindas do senso comum.

⁵ Mediator, vox pop e the probing/tough interview

Por fim, na “sondagem firme” o repórter ou o âncora tem a possibilidade de perguntar a um especialista o que a sua audiência gostaria de saber. Não deixa de ser, esse último, uma situação de identificação entre produtores e audiência, na qual o repórter tem como ambição levantar questionamentos de interesse do seu público.

Dito isso, evidencia-se que para Hartley essa postura de saber quem e o que a audiência é requer a construção de uma imagem prévia por parte dos profissionais de mídia sobre a sua audiência e, só assim, eles podem trabalhar em suas rotinas de produção (HARTLEY, 2001). No entanto, não se negligencia uma questão implícita nessa subordinação dos modos de endereçamento à imagem que os produtores fazem da sua audiência: em que medida as estratégias de construção de um receptor idealizado na produção se aproximam da audiência empírica do programa?

Segundo Hartley (2001), as pistas para essa construção da imagem do público vêm, conforme foi apresentado anteriormente, da noção de senso comum. O autor admite que os modos como cada sociedade fala e pensa sobre si mesma são, obviamente, complexos. Por outro lado, há no dia a dia, mais precisamente nas conversações, um *mundo pressuposto*, o *taken-for-granted world*. Hartley, tomando como base Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), atribui três características básicas da conversação: sua casualidade, seu caráter cumulativo e estar situado na superfície dos fenômenos do cotidiano (HARTLEY, 2001). Essa noção de senso comum atrelada à conversação é importante para entender a sua exploração na mídia. Sendo assim, Hartley pressupõe que a expectativa da mídia é que os seus

produtos sejam tratados pela audiência como parte das suas experiências cotidianas⁶.

2.1.6 Elizabeth Ellsworth (2001) e Ellen Rooney (2002): Modos de endereçamento, posicionamento e gêneros discursivos.

Ao descrever a sua trajetória de pesquisa, Elizabeth Ellsworth (2001), de certo modo, apresenta como a produção de sentido vem sendo desenvolvida pela teoria do cinema. O seu interesse pelos modos de endereçamento vem dos estudos de cinema e mudança social e, segundo a autora, a indagação que esse conceito tenta responder nesse campo é: “quem este filme pensa que você é?” (ELLSWORTH, 2001, p.11). Ellsworth situa a origem da noção de modos de endereçamento nos estudos do cinema que tentavam solucionar qual seria a interação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, ou ainda, descobrir qual a ponte entre a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo leitor. Imagine-se que foi descoberto esse caminho, para assim serem compreendidas as aplicações desejadas por aquela escola na década de 70.

[...] você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador (...) ou você poderá ser capaz de ensinar aos espectadores como resistir ou subverter quem um filme pensa que são ou quem um filme quer que eles sejam. (ELLSWORTH, 2001, p.12)

A autora situa esse momento na teoria do cinema a uma fase inicial em que se acreditava residir no filme os modos de

⁶ Na etapa de análise dos textos da audiência da presente pesquisa essa premissa é admitida em especial com as contribuições de Erving Goffman (1991) em sua análise de *quadros*.

endereçamento, atingindo espectadores empíricos e/ou idealizados. Ellsworth identifica, agora, um momento no qual os teóricos do cinema atribuem o “lugar” dos modos de endereçamento não mais no filme, nem na audiência, mas em um espaço entre o texto do filme e as apropriações que o espectador realiza a partir dele. Após ter sido constatada essa idéia, foi possível esse conceito migrar da teoria do cinema para a educação, para os estudos culturais e para a psicanálise, segundo Ellsworth (2001).

Apesar disso, não se quer dizer que os produtores midiáticos (os jornalistas referidos por Hartley (2001) ou, agora, os autores e diretores de cinema) não realizam o exercício de esboçar em mente uma imagem preconcebida do seu público. Fenômenos de bilheteria como *Jurassic Park*, menciona a autora, são produzidos com o interesse de atrair o maior número de pessoas possível, enquanto outros mais “sofisticados” são exibidos em cinemas que atendam a um público mais intelectualizado. Esses anseios da produção deixam traços intencionais e não intencionais no filme.

[...] um filme é composto, pois, não apenas de um sistema de imagens e do desenvolvimento de uma história, mas também de uma estrutura de endereçamento que está voltada para um público determinado imaginado. (ELLSWORTH, 2001, p.16)

Admitir a existência de uma “estrutura de endereçamento” não quer dizer que ela seja visível, ou seja, que tenha relação com a composição dos objetos na cena, o posicionamento das pessoas em um quadro, o uso da cor, o movimento, o trabalho de edição. Segundo Ellsworth, o *modo de endereçamento* se assemelha mais com a estrutura narrativa do filme que com seu sistema de imagem (ELLSWORTH, 2001, p.16).

No entanto, isso não quer dizer que um diálogo, ou qualquer outro recurso, seja ele de edição ou de posicionamento de câmera, não faça parte dos modos de endereçamento. A autora faz uma pequena análise do final do filme “*Thelma e Louise*”, a fim de exemplificar essa observação (ELLSWORTH, 2001, p.46). A estrutura de endereçamento do término do filme, segundo a autora, é composta por diálogos, por atitudes na fala, inclusive por uma frase final: “acelera, Louise”. Todos eles, portanto, são *elementos de endereçamento* do filme.

[...] o paradoxal poder de endereçamento consiste na diferença entre, de um lado, todas as outras frases que poderiam ter sido ditas e foram ditas em outros filmes, telenovelas, noticiários, romances, comédias da tevê e, de outro, a frase que foi dita [...] (ELLSWORTH, 2001, p.47).

Segundo a autora, o modo de endereçamento é a diferença entre tudo que é possível dizer, sob o ponto de vista cultural e histórico, e o que é dito pelo texto. Ellsworth cita Masterman (1985) com a finalidade de constatar a forma como o espectador se posiciona no texto. Para a autora, isso acontece por intermédio dos espaços físico e social que, por sua vez, estão conectados a posições ideológicas e, dessa forma, oferecem sentido à experiência.

Identificar e estar consciente dessa posição física significa revelar que somos também convidados a ocupar um espaço *social* (grifo do autor). Por meio do modo de endereçamento do texto, de sua configuração e de seu formato, um espaço *social* (grifo do autor) se abre para nós. (MASTERMAN, apud. ELLSWORTH, 2001, p. 18).

Essa posição social interpelada do filme para a audiência não garante um posicionamento único. Para Ellsworth, quanto mais o filme “erra” o seu alvo, mais ainda se torna necessário o espectador “negociar” o seu sentido. O ponto chave dessa afirmação está em admitir que o espectador (empírico) nunca é quem o filme pensa que ele é e, da mesma forma, o filme nunca é o que o espectador (empírico) acredita que ele seja.

Autores como Ellsworth (2001), Hartley (2001), Chandler (2003a) e Ellen Rooney (2002) ampliam a utilização do conceito de modos de endereçamento não apenas aos produtos midiáticos, mas como

[...] um componente da comunicação, dito isto, sempre está presente não só nas situações face a face mas também nos meios de massa, onde os envolvidos não têm um contato pessoal, mas exclusivamente textual. (HARTLEY, 1997, p.228) (tradução nossa).

Ainda segundo Hartley:

O leitor pode comparar os modos de endereçamento que convém com os diferentes gêneros discursivos, se ele for relatar um mesmo acontecimento a um amigo, a um juiz ou na sua agenda pessoal ou em um memorando. (HARTLEY, 1997, p.228) (tradução nossa).

Ellsworth (2001) e Rooney (2002), por exemplo, aplicam o conceito de modos de endereçamento para entender a construção de disciplinas escolares e a posição discursiva entre professores e alunos criada pelas circunstâncias da sala de aula, respectivamente. Rooney sustenta que a sala de aula é um lugar semi-privado no qual posicionamentos discursivos são criados e relações de poder e partilha de conhecimentos estão presentes.

Tanto uma sala de hospital como uma sala de aula são lugares marcados por uma operação de poder-conhecimento que se tornou familiar para todos nós atualmente: um certo discurso ou contrato de cooperação ou compromisso prevalece, embora, ele é sempre e em qualquer lugar vulnerável a renegociações, e coerções, legais e físicas, [...] (ROONEY, 2002, p.11) (tradução nossa).

É de Chandler (2003a), por sua vez, uma categorização dos modos de endereçamento na situação face a face de modo aproximado a sua utilização para analisar os produtos midiáticos. Segundo o autor, três fatores constituem os modos de endereçamento. O primeiro deles seria o *Contexto Textual* (as convenções de gênero, por exemplo), o segundo, o *Contexto Social* que marcaria a presença física ou não do enunciador do texto. Esse fator

distingue os processos comunicativos interpessoais, face a face, em relação aos massivos. Ainda a respeito desse assunto está presente a composição social da audiência e, por fim, os aspectos econômicos e/ou sociais. Os *Constrangimentos Tecnológicos* são o terceiro e último fator apontado por Chandler que concernem às particulares de cada meio empregado e os constrangimentos que impõem a um dado processo comunicativo.

Ainda segundo Daniel Chandler (2003a), mais outros três itens auxiliam na forma como se pode diferenciar um endereçamento de um produto midiático em relação a outro. O seu *direcionamento*, que diz respeito ao modo como o leitor é interpelado pelo texto, pode ser direto ou indireto. Em um filme ou em um programa de TV, por exemplo, quando o personagem olha diretamente para a câmera podem-se notar propósitos diversos. Em um filme, esse recurso pode ser incômodo, enquanto num telejornal esse olhar direto para a câmera, por exemplo, é “natural” e faz parte do “acordo firmado” entre apresentador e público. Assim, o direcionamento indireto é mais usual no cinema, enquanto nos telejornais tem-se o direcionamento direto com maior frequência. No entanto, no telejornalismo, por exemplo, observar-se-á que se tem uma mescla dos dois. Na narração da *cabeça da matéria*⁷ pelo âncora, por exemplo, é utilizado o direcionamento direto, enquanto nas “vozes acessadas” e nas “entrevistas” com especialistas (HARTLEY, 2001) há a utilização do indireto.

Outro aspecto dos modos de endereçamento, segundo Chandler, diz respeito ao *ponto de vista*. Na literatura têm-se como exemplo os narradores: de terceira e primeira pessoas, o onisciente etc. Supõe-se que nos telejornais o apresentador e os repórteres se fazem presentes como

⁷ Os termos técnicos jornalísticos estão num glossário, anexo A.

narradores oniscientes em relação ao acontecimento a ser veiculado. E, desse modo, trazem como característica o domínio dos fatos a serem transmitidos. Assim, podem, durante as entrevistas com especialistas e as *vox pop*, conduzir o espectador preferencial ao longo da exibição da notícia, como será mais bem observado no capítulo de análise dos telejornais locais.

Por fim tem-se a *formalidade*. Esse item do endereçamento do programa se relaciona com o modo como o programa se apresenta para a sua audiência. Ressalta-se aqui, como exemplo, o endereçamento do programa Nationwide identificado por Morley e Brunsdon (1999) por um dos grupos de entrevistados: “ [...] um programa de entretenimento para a hora do lanche, constrangedor [...] explorador de sentimentalismo ... sensacionalista” (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p. 267) (tradução nossa). Esse recurso pode ser visto em elementos como o tipo de direcionamento (indireto ou direto) dado pelo programa, o tipo de linguagem e contato visual dos apresentadores (roupas e modos de se dirigir ao público por exemplo), a música de abertura, a concepção de cenário do programa, entre outros. Tais “elementos de endereçamento” do programa são denominados por Hartley (2001) como *minúcias semióticas* (HARTLEY, 2001, p.229) (tradução nossa).

2.1.7 Notícia e modos de endereçamento do programa

Para a análise das notícias veiculadas pelos programas, Hartley (2001) sugere três elementos constituintes da notícia em relação ao endereçamento do programa. O primeiro deles é a *estrutura visual*: o modo como o apresentador e o repórter se dirigem ao espectador, o cinegrafista (suas imagens). Ainda sob esse elemento têm-se três outros itens relevantes apontados pelo autor: a utilização de

gráficos, legendas e a atualidade através do uso das imagens. Essa última é explorada a partir de três estratégias, a imagem com a voz por cima (*nota coberta*); a passagem quando o repórter aparece de forma presente no acontecimento, a exemplo das transmissões ao vivo, e por fim tem-se o *vox pop* (entrevistas com populares).

O segundo elemento é a *estrutura verbal*: composta pelas vozes dos apresentadores e repórteres, mas segundo o autor também estão inseridas nesse elemento as vozes institucionais e acessadas. As vozes institucionais são aquelas mencionadas pelos apresentadores através do discurso indireto e referenciadas enquanto fontes. Por outro lado, nas vozes acessadas tem-se a “presença” em estúdio ou em espaços públicos da pessoa que fala por uma dada instituição, a exemplo de um dirigente de empresa ou um presidente de sindicato.

O terceiro e último elemento apontado por Hartley é a *narrativa da notícia*. O autor sugere que as vozes acessadas são estereotipadas a fim de oferecer continuidade à narrativa da notícia. A narrativa já prevê o acesso de determinadas vozes. Assim, a narrativa da notícia é descrita buscando a identificação com o espectador preferencial, de modo que ele possa ver qual a disputa em jogo, quem faz parte do “nós”, e quem faz parte do “outro”. Esses elementos serão mais bem trabalhados no capítulo terceiro, de análise dos telejornais locais, sendo essa estrutura proposta por Hartley a adotada para a análise dos telejornais BATV e Aratu Notícias 2.a edição.

Contudo, observar-se-á que, durante a etapa de análise, os posicionamentos sugeridos pelos programas foram importantes para a identificação da estrutura de endereçamento dos telejornais analisados. Em outras palavras, ela é dada a partir do contexto criado entre comunicador e receptor. Segundo Bakhtin

(2002), o signo depende do modo como ele se estabelece em um contexto: “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.” (BAKHTIN, 2002, p.106). Ainda em relação à idéia de contexto e signo, esse autor acrescenta: “Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.” (BAKHTIN, 2002, p.107)

É com base em Bakhtin (2002) que Hartley (2001, p.88) identifica a interdependência do signo em relação ao contexto, conforme é possível observar na reprodução do diagrama apresentado por esse autor em seu livro *Understanding News*, quando discorre sobre o conceito de modos de endereçamento.

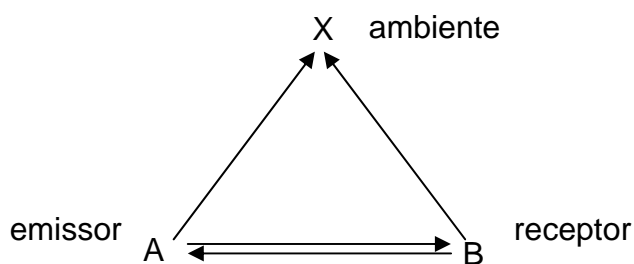


Figura 01 – Relação entre signo e contexto

Nesse diagrama tem-se, novamente, aquela aproximação entre a interação face a face e a relação estabelecida entre jornais e programas de TV com os seus públicos. Contudo, Hartley (2001, p.88) salienta que nessa situação de comunicação, entre produtores e seus públicos, não se tem “concretamente” o receptor empírico, mas uma “imagem fictícia” i.e, um ideal tipo. Sendo assim, nas palavras desse autor, um programa de TV, por exemplo,

[...] deve desenvolver um modo de endereçamento que expresse não só o conteúdo do acontecimento que está relatando, mas também sua orientação em relação ao leitor (em se tratando de jornal impresso) ou espectador, sendo essa orientação inegavelmente o elemento constituinte de toda a linguagem (HARTLEY, 2001, p.88) (tradução nossa).

Resta, então, desenvolver que espécie de orientação é essa sugerida pelo programa para além do acontecimento relatado, uma vez que, conforme foi apresentado nessa última citação, para Hartley (2001, p.88) “essa orientação é constituinte de toda a linguagem”. Supõe-se que essa orientação seja da ordem daqueles três elementos identificados por Hartley (2001) e apresentados anteriormente, *estrutura visual, estrutura verbal e narrativa da notícia*, contudo dentro de um contexto. A concepção de “contexto” adotada nesse trabalho e o seu modo de utilização durante as etapas de análise dos telejornais locais e dos discursos da audiência são apresentados a seguir.

2.2 A ANÁLISE DO TEXTO DA AUDIÊNCIA: CONTEXTO, QUADROS E SUPERTEMAS.

Anteriormente, apresentou-se uma proposta de análise para os textos midiáticos (os modos de endereçamento) que, enquanto conceito para analisar o texto da mídia, daria conta da primeira parte do modelo comparativo proposto. Conforme salientam Jensen e Rosengren (1997), observou-se que tal proposta obedece ao modelo comparativo, no que concerne à sua inspiração em conceitos advindos da tradição literária, a exemplo das noções de endereçamento e estilo. Este capítulo finda discorrendo sobre os conceitos de contexto (DIJK, 2002), *quadro* (GOFFMAN, 1991) e *supertemas* (JENSEN, 1988, 1993, 2002a) a fim de apresentar o modo como esses serão utilizados para a análise do discurso da audiência no capítulo de número cinco. No desenho da pesquisa em questão essas discussões representam a segunda parte da metodologia empregada: a análise do texto da audiência.

Uma indagação que poderia ser levantada neste momento é da seguinte ordem: como seria possível estabelecer conexões entre a análise dos textos da mídia e da audiência? Essa questão não é tão fácil de ser solucionada, embora a aposta que está sendo feita por este trabalho é que os conceitos a serem explorados nesta parte do presente capítulo dêem conta dessa investida e possam funcionar como uma membrana entre a análise do discurso da mídia e da audiência. Tal pressuposto é admitido por van Dijk (2002) ao afirmar que os *quadros* ou *scripts*⁸ enquanto modelos interpretativos.

⁸ van Dijk (2002, p.158) utiliza os termos *quadro* e *scripts* como sinônimos. Também Maingueneau (2000) compactua dessa aproximação, segundo o autor: "Ao lado de *script*, há outras noções, de sentido vizinho: *esquema*, *quadro*, *cenário*. Elas partem da idéia de que as hipóteses que fazem os humanos sobre os acontecimentos aos quais eles são regularmente

[...] os modelos são relevantes tanto na compreensão como na produção do discurso. Na produção, os modelos fornecem o tão necessitado *ponto de partida* (grifo do autor) para a construção de representações semânticas a serem expressas no discurso [...] eles permitem aos usuários da língua construir uma interpretação específica de um discurso (DIJK, 2002, p.163-164).

Mas, para tanto, esses conceitos devem estar de alguma forma aproximando aqueles dois momentos. Também no final da segunda parte deste capítulo mencionou-se que o conceito de contexto auxiliaria na compreensão dos modos de endereçamento dos telejornais analisados⁹. Dito isso, deve-se apresentar, agora, como esses conceitos podem estar presentes nas duas fases do trabalho: para a complementação da análise dos textos da mídia e da audiência.

2.2.1 Contexto, quadros e supertemas

O conceito de contexto é admitido pelos estudos culturais, em especial nos estudos de recepção, como conceito-chave para a análise dos meios de comunicação e dos seus produtos, tendo esse implicações metodológicas. Jensen (2002b, p.161) denomina essa noção de contexto, adotada pelos estudos de recepção, como sendo o *contexto concreto de uso da mídia*. Segundo esse mesmo autor, é uma tendência dos estudos de recepção realizar observações detalhadas sobre a vida cotidiana das pessoas e sua interação com os meios de massa.

Jensen (2002b, p.160) delimita três eixos de estudos de recepção, quais sejam: os contextos cotidianos do uso da mídia, as interpretações textuais do conteúdo midiático e, por fim, os estudos sobre os usos da audiência desse conteúdo em outros contextos sociais. O presente estudo está mais próximo do segundo eixo apontado por Jensen (2002b) e pretende, portanto, observar as

confrontados são estereotipados e se apóiam em séries de acontecimentos estocados e reativáveis ‘em bloco’.” (MAINGUENEAU, 2000, p.128).

⁹ Vide terceiro capítulo do presente trabalho.

interpretações textuais que os receptores fazem do conteúdo midiático. Dito isso, a noção de contexto aqui adotada não se aproxima da idéia de “contexto concreto de uso da mídia”, mas de uma noção de contexto muito próxima à utilizada por van Dijk (2002).

2.2.2 Da relação entre contexto e *quadros*

Tomando como base a Enciclopédia Universalis (LE MANH, 1999), o verbete *contexto* tem duas definições. A primeira delas afirma ser o “conjunto do texto situado em torno de uma sentença ou de uma palavra, de que esta palavra ou esta sentença extrai seu significado preciso”; enquanto a segunda definição constata como sendo o “conjunto das circunstâncias que cercam um evento”. A mesma fonte sugere, ainda, duas correntes teóricas para tratar esse conceito: a lingüística e a crítica literária.

A primeira definição apresentada sobre *contexto* – dado em torno de uma sentença ou de uma palavra - está próxima à lingüística, uma vez que se pode observar uma aproximação entre essa definição e o modo como lingüistas e alguns analistas do discurso, se apropriando dessa noção advinda da lingüística, a utilizam. Maingueneau (2001, p. 26-27) define uma das três nuances do conceito de contexto, as outras duas nuances serão identificadas ao longo deste texto, como sendo o *cotexto* que é composto pelas “[...] seqüências verbais encontradas antes ou depois da unidade a interpretar. [...] O recurso ao cotexto mobiliza a memória do intérprete, que vai colocar uma dada unidade em relação a outra do mesmo texto” (MAINGUENEAU, 2001, p. 26-27). Assim, um pronome pode auxiliar na composição do *cotexto*, a exemplo: **Paula** viajou ontem. **Ela** foi visitar **seus** pais. O emprego dos pronomes *ela* e *seus* formam essa unidade e criam uma memória no intérprete, de

modo que ele possa saber que esse *ela* ou *seus* está atrelado à *Paula*. Sendo assim, a noção de *cotexto* se dá a partir de um fragmento de texto e das relações entre as suas seqüências verbais.

A segunda definição de contexto, por sua vez, aproxima-se da crítica literária, particularmente à história literária tal qual sugere a enciclopédia *Universalis* (LE MANH, 1999). A noção de contexto, dentro dessa corrente, pretende observar as circunstâncias que cercam um dado evento, tendo como propósito “[...] reconstruir uma história da literatura e dos seus autores, em função da história propriamente dita, na intenção de explicar as suas obras a partir de sua biografia,[...]” (LE MANH, 1999) (tradução nossa).

De modo mais esclarecedor, a mesma fonte identifica nessa segunda definição uma outra apropriação da noção de contexto, mas nas análises de inspiração marxista: “Em um sentido diferente, e seguido quase pela *sócio-história*, o termo é empregado pelas análises de tendência marxista que buscam situar uma obra literária no meio em que a produziu” (LE MANH, 1999) (tradução nossa).

Fazem parte desse eixo dos estudos de recepção, afirma Jensen (2002b), trabalhos cujo interesse está em descobrir como algumas mídias entram na vida cotidiana dos indivíduos e da família. Jensen (2002b) identifica um redescobrimento de análises desse tipo que “[...] enfatizam o status dos usos da mídia como forma de ação social” (JENSEN, 2002b, p.161) (tradução nossa). Para esse fim, é utilizada basicamente a etnografia da audiência como método analítico. Um dos problemas identificados por Jensen (2002b) nesse tipo de estudo é que eles tendem a confundir o limite da investigação empírica, sendo difícil justificar, nas palavras do autor, “o que não estudar”. Nesse tipo de estudo, ressalta o autor, “[...] a recepção e os usos sociais da mídia são, em variados níveis, analisados e interpretados em referência

ao amplo **contexto histórico e social** (grifo nosso) incrustados tanto na mídia quanto na audiência” (JENSEN, 2002b, p.161) (tradução nossa). Essa explanação aproxima a utilização do conceito de contexto por parte desses estudos de modo similar às análises sócio-históricas advindas da tradição literária, nas quais interessava mais a observação desses aspectos na obra de que sua análise textual.

A opção por uma dessas abordagens apresentadas, *cotexto* e *contexto sócio-histórico*, em uma análise pode negligenciar aspectos advindos de uma ou outra concepção - de um lado, privilegiar o contexto criado a partir das seqüências verbais de um fragmento de texto: o *cotexto*, ou de outro modo, a observação da conjuntura sócio-histórica em um determinado objeto de análise. A noção de contexto tal qual é utilizada por van Dijk (2002) pode suprir alguma dessas carências.

2.2.3 Contexto, quadro e modos de endereçamento.

Para van Dijk (2002) aquilo que deve ser levado em consideração enquanto princípio metodológico em uma análise contextual está em saber que

[...] a noção de contexto é, ao mesmo tempo, uma abstração teórica e cognitiva, isto é, derivada da verdadeira situação físico-biológica, etc. Ou seja, um grande número de traços da situação são irrelevantes para a compreensão correta da força ilocucionária dos enunciados. (DIJK, 2002, p.80)

O autor cita como exemplo que raramente um receptor irá compreender um enunciado de maneira diferente pelo fato de o emissor ter cabelos vermelhos ou não, a não ser que essa diferença seja tematizada. (DIJK, 2002, p.80). A análise contextual de van Dijk admite também outro pressuposto de natureza metodológica. Segundo o autor,

[...] outra questão metodológica é que, ao contrário da pragmática e (o resto da) gramática, uma teoria cognitiva não apenas tem regras e conceitos, mas também estratégias, esquemas, isto é, recursos para um processamento rápido e funcional da informação. (DIJK, 2002, p.80)

Dito isso, van Dijk propõe um modelo de análise contextual a partir de três movimentos. O primeiro deles consiste na observação do *contexto social geral* que pode ser caracterizado nas seguintes categorias: privado (ex: familiar), público (ex: viagem de ônibus, restaurante), institucional/formal (ex: tribunais, tráfego, hospitais) e informal (ex: bate papo entre amigos, fazer amor, derrotar alguém). Esses diferentes contextos sociais globais ainda encontram-se subdivididos em: posições (ex: papéis, status, etc), propriedades (ex: sexo, idade), relações (ex: dominação, autoridade), funções (ex: pai, garçoneiro, juiz).

Para van Dijk (2002, p.84), esses contextos sociais podem ser organizados em uma certa estrutura de *quadros* de natureza social. Assim, em um tribunal, exemplifica o autor, existem *quadros* que são organizados cronologicamente, a exemplo dos *quadros* de acusação, defesa e o *quadro* de julgamento/condenação. Esses tipos de *quadros* servem de orientação tais quais para aqueles que produzem como para aqueles que interpretam, conforme já foi mencionado anteriormente. De modo mais específico, ressalta esse mesmo autor:

[...] o falante não apenas tem informação sobre o 'mundo' ou sobre a estrutura social específica, como também sobre o ouvinte, como co-participante da comunicação. O ouvinte, portanto, terá de comparar o que o falante aparentemente supõe a respeito dele (o ouvinte), com o seu próprio auto-conhecimento. (DIJK, 2002, p.85)

Tal qual foi apresentado na primeira parte do presente capítulo, a análise dos *modos de endereçamento* do produto pode oferecer subsídios para saber quem um determinado programa pensa que é a sua audiência; de outro lado, a utilização

de uma análise contextual, basicamente a partir da identificação desses *quadros* utilizados em ambos momentos do processo comunicativo, pode oferecer a triangulação¹⁰ necessária para comprovar a audiência prevista pelo programa e, por outro lado, o modo como essa audiência, durante a análise do seu discurso, utiliza certos *quadros* no processo de interpretação das notícias e, por conseguinte, da relação que estabelece com o programa: neste caso específico, com os telejornais locais de Salvador.

Conforme foi observado na primeira parte do presente capítulo, está implícita ao conceito *modos de endereçamentos* a idéia de construção de um receptor ideal, no âmbito da produção, baseado em uma imagem pré-concebida da sua audiência, conforme salienta Hartley: “Ela (a mídia) pega tanto a sua posição em relação ao senso comum, quanto ao idioma nativo a partir da imagem que faz sobre o que a sua audiência pensa e diz.” (HARTLEY, 2001, p. 105 e 106).

Dessa forma, os modos de endereçamento constroem uma posição social do espectador frente ao texto. Ele é convidado a ocupar esse espaço social munido de determinadas *competências* que também dizem respeito às *maneiras naturais*¹¹ de examinar e dar sentido à experiência. Além disso, tem-se também representada a “realidade”, pelos produtores, a partir de modelos ou esquemas que eles supõem estarem relacionados com o cotidiano do espectador.

¹⁰ A triangulação é sugerida por Jensen (2002, p. 268 e p.272) como estratégia de validação metodológica. Nela são combinadas perspectivas analíticas num mesmo contexto empírico. Segundo o autor, esse procedimento tem sido utilizado nas pesquisas qualitativas de modo a oferecer validação externa à pesquisa. Parte-se, assim, do seguinte pressuposto: se ao confrontar, analiticamente, a aplicação de dois conceitos complementares, obtêm-se resultados similares; logo tem-se a triangulação, i.e, a validação metodológica. Em síntese: “a triangulação é uma estratégia geral para adquirir várias perspectivas em um mesmo fenômeno” (JENSEN, 2002, p.272) (tradução nossa).

¹¹ Masterman (MASTERMAN *apud* ELLSWORTH, 2001, p. 18) apresenta as ‘maneiras de dizer’ em um programa jornalístico como sendo regidas pela diferenciação que deve ser feita pelo espectador entre o que é fato e o que é opinião: “Quando o noticiário inicia, somos endereçados por um locutor que olha diretamente para a câmera e apresenta os ‘fatos’ [...] O locutor introduz uma entrevista filmada. Nossa posição muda. Não somos mais endereçados diretamente, mas ‘espiamos’, vemos e julgamos. As diferentes posições nos asseguram que alguns aspectos da experiência devem ser aceitos (fatos), enquanto outros (opiniões) exigem nosso julgamento.”

Identificar e estar consciente dessa posição física significa revelar que somos também convidados a ocupar um espaço social. Por meio do modo de endereçamento do texto, de sua configuração e de seu formato, um espaço social se abre para nós. (MASTERMAN, 1985 apud ELLSWORTH, 2001, p. 18).

Esse espaço social convida o espectador a reconstruir os significados das mensagens televisivas relacionando-os com o seu contexto. Para identificar-se a interação existente entre os endereçamentos dos programas jornalísticos e o cotidiano dos espectadores, o conceito de *quadros* (GOFFMAN, 1991) e *supertemas* (JENSEN, 1988, 1998 e 2002b) pode ser um direcionamento possível. Mas o que são *quadros*? O que são *supertemas*?

Segundo van Dijk (2002), os *quadros* se apóiam em sistemas de conhecimento convencionais, em sistemas de crença, desejos, preferências, normas, valores etc. Assim, *quadros* “são unidades de conhecimento, organizadas segundo um certo conceito, [...] parecem ter uma natureza mais ou menos convencional e portanto deveriam especificar o que é característico ou típico em uma certa cultura”. Contudo, uma elaboração maior a respeito do conceito de *quadro* ou *esquemas interpretativos* é oferecido por Goffman (1991) em sua “*Análise de Quadros*”, i.e, análise de *quadros* cujos conceitos serão apresentados em item subsequente. Para Goffman (1991), os quadros ou esquemas interpretativos estão vinculados ao modo como as pessoas conseguem diferenciar um acontecimento do outro. “Na nossa sociedade ocidental, identificar um evento entre outros, apela-se, em regra geral, e qualquer que seja a atividade do momento, a um ou múltiplos quadros ou esquemas interpretativos” (GOFFMAN, 1991, p.30).

Jensen (2002a, p 150), tal qual van Dijk (2002), também concorda que os *quadros* auxiliam os interlocutores tanto na produção quanto na recepção dos discursos:

De um lado os jornalistas e outros profissionais da mídia estão constantemente engajados em *framing content* e em antecipar como eles devem ser interpretados [...] Do outro lado, a audiência midiática necessariamente aplica esquemas interpretativos que são gerados e reformulados através do tempo, com referência à mídia assim como em outras fontes de informação. (JENSEN, 2002a, p.150) (tradução nossa).

2.2.4 Mas o que são quadros?

Tal qual Hall (1997) e Gaye Tuchman (1978), Wolf (1993) também identifica como sendo uma das tendências dos estudos sobre comunicação conceber a natureza dos meios de massa como construtores de imagens da realidade social (WOLF, 1993). Segundo Wolf (1993), ao admitir essa perspectiva deve-se também ter em mente que os sujeitos reelaboram essas imagens da realidade e as reutilizam através dos seus conhecimentos adquiridos. Para observar esse processo, Wolf (1993) salienta que se recorre à noção de esquema, entendido como corpo de conhecimentos relacionados entre si por uma rede de informações contextuais e relacionais (LEVORATO apud. WOLF, 1993). Sob essa perspectiva supõe-se ser pertinente o instrumental da *frame analysis* de Goffman; pois, o que são para Goffman os *quadros*, senão amplos esquemas interpretativos?

O que se passa aqui? Essa pergunta norteia um dos principais trabalhos do sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), intitulado “Análise de Quadros” (GOFFMAN, 1991). O interesse de Goffman nesse estudo é observar o modo como se organiza a experiência humana ou como as pessoas assimilam e dão sentido às práticas da vida cotidiana. Seria o caos, se a cada defrontamento com uma prática social fosse necessário inventar um sistema classificatório, a fim de responder a questão “o que se passa aqui em volta?”.

No momento em que os sujeitos estão envolvidos em circunstâncias que demandam experiências prévias os “*quadros da atividade*”, segundo Goffman, os auxiliam a interpretar a situação. Quando em um casamento é distribuído aos convidados um punhado de arroz, experiências prévias sugerem que eles devem ser arremessados, cordialmente, sobre os noivos. Também em um outro momento desse ritual, quando a noiva diz “agora vou jogar o buquê!”, as mulheres, somente as mulheres e somente as solteiras, podem participar de uma disputa, que se recomenda também ser de cordialidade, em busca do tão desejado buquê da noiva. Segundo a crença ocidental, a mulher que sair vitoriosa desse confronto, portanto com o buquê em mãos, tem grande possibilidade de ser em breve a próxima noiva.

Apresentado dessa forma pode parecer que os *quadros* auxiliares da organização da experiência humana estão restritos apenas aos ritos sociais ou aos fenômenos da ordem do dia. No entanto, Goffman sugere que os *quadros* são também utilizados quando as pessoas se deparam com assuntos não rotineiros, a exemplo das supostas aterrissagens de discos voadores ou dos relatos de contato com seres advindos de outros planetas, presentes nas conversações diárias e também noticiados, algumas vezes, por certos segmentos da imprensa. Para esse tipo de situação, por exemplo, Goffman classifica-os em uma categoria de *quadros* primários denominada os *fenômenos espantosos*, a serem apresentados em item subsequente.

Ainda nessa passagem pode-se evidenciar uma outra idéia central na abordagem de Goffman (1991) sobre o modo como os sujeitos organizam a experiência. No primeiro exemplo citado anteriormente, o casamento é completamente inteligível, *materializado* e faz parte da vivência cotidiana; por outro lado, no segundo exemplo, o contato com seres extraterrestres não é uma coisa que

se possa dizer *natural*, em relação ao consenso social, porém, esse tipo de experiência também deve ter uma explicação, ser classificado. Talvez não seja possível ainda ao homem responder de forma lógica às enormes marcas arredondadas e de dimensões exorbitantes que aparecem de vez em quando em vegetações e solos de lugares bastante isolados do planeta, mas enquanto essa resposta não chega, o que acalenta as inquietações humanas é saber que esses fenômenos estão envolvidos em um sistema de crença compreensível e, em algum momento, ele será revelado à sociedade. O inexplicável, segundo Goffman, não é admissível: “Existe em nossa sociedade uma crença comum que todos os eventos, sem exceção, são analisáveis em um sistema convencional de crenças. Nós toleramos o inexplicado, mas não o inexplicável” (GOFFMAN, 1991, p.38). Após essa breve explanação sobre as inquietações do autor, faz-se necessária uma descrição mais cuidadosa dos seus pressupostos analíticos aglutinados na análise de *quadros*.

2.2.5 Delimitações iniciais para a análise de *quadros*.

O ponto de partida para a análise de *quadros*, em Goffman, está em isolar alguns dos *quadros* fundamentais para a compreensão dos acontecimentos e, em um segundo movimento, analisar as vulnerabilidades particulares desses *quadros* de referência. O autor parte do seguinte pressuposto: algo que é tido como real pode ser também uma gozação, uma ilusão, um mal-entendido, uma representação teatral. Desse modo, interessa-lhe compreender também o nexo nesse tipo de circunstâncias nas quais se podem ter releituras múltiplas (GOFFMAN, 1991, p.18). Nesse segundo movimento, interessa ao autor os

fenômenos artificiais, das trapaças, das representações de diversos tipos. Com isso, Goffman não faz distinção em seu estudo entre o real e o ficcional - em se tratando do seu interesse de investigação, não do ponto de vista metodológico - e assim amplia o seu objeto de estudo sobre a organização da experiência não só à *realidade* experimentada no dia a dia das relações sociais, mas também aos diversos tipos de representações ficcionais, a exemplo dos romances, filmes e peças teatrais, posto que todos eles também fazem parte de um segmento da experiência humana.

Outra característica importante ressaltada por Goffman em seu estudo está em não realizar juízos de valor entre um bom e um maravilhoso romance ou estabelecer distinções entre um drama antigo e uma peça contemporânea. O que lhe interessa é um fator comum presente em todos eles: são todos igualmente utilizados na organização de um segmento da experiência (GOFFMAN, 1991, p.24). Essa não distinção entre “alta” e “baixa” cultura¹² que se faz presente no trabalho de Goffman e ainda essa atenção dada às representações ficcionais pode estabelecer conexões com o estudo dos produtos da comunicação de massa, tais quais jornais impresso ou televisivo, revistas, filmes, levando em consideração que todos eles são de fundamental importância para a construção de imagens sobre a realidade e para a produção de discursos acerca desse real.

Conforme foi salientado anteriormente, a “análise de *quadro*” se caracteriza como uma palavra de ordem para o estudo da organização da experiência, mas o que são os *quadros*? Goffman afirma que na sociedade ocidental se diferencia um acontecimento do outro a partir de regras gerais que estão relacionadas a um ou a múltiplos *quadros*, que também podem ser compreendidos

¹² Essa não divisão do conceito de cultura entre alta e baixa é condizente com a abordagem dos estudos culturais, em particular de Raymond Williams (1979).

como esquemas interpretativos. Esses esquemas são denominados *quadros* primários porque não permitem uma única interpretação original, mas oferecem subsídios aos sujeitos para em uma dada situação harmonizar o nexos do acontecimento. Sem eles, a situação seria desprovida de significação. É essa harmonização encontrada pelos sujeitos através dos *quadros* primários que os fazem disputar um buquê de casamento, correr atrás de uma bola em uma partida de futebol ou em um simples bate-papo não desviar o olhar do seu interlocutor ou pronunciar-se enquanto ele fala.

Os *quadros* primários estão divididos em duas grandes classes: os *quadros naturais* e os *quadros sociais*. Os primeiros não são orientados, são puramente físicos, tal qual um boletim meteorológico. Já os *quadros* sociais oferecem subsídios para os outros eventos que são animados por um objetivo ou desejo e requerem um controle de uma inteligência, ou melhor, de um agente. Essa inteligência é regida pelo que Goffman denomina “ações dirigidas” (*actions pilotées*) e para que o agente em um dado acontecimento compreenda o *quadro* social em que está envolvido ele lança mão das ações dirigidas.

As ações dirigidas têm relação com valores e conjuntos de regras, uma espécie de fundamento social relacionado à eficácia, à economia, a elegância e ao bom gosto (GOFFMAN, 1991, p.31). Elas partem de dois tipos de compreensão, a primeira em relação à manipulação dos fenômenos naturais/ físicos pelo agente e a segunda demanda a compreensão de mundos particulares e de grande diversidade. Goffman cita o exemplo de uma partida de damas que é dirigida em dois sentidos. Primeiramente, tem-se uma demanda de domínio físico do suporte e de outro lado uma compreensão do universo de posições possíveis construídas ao longo da partida.

A vida social, segundo Goffman, é organizada com base nesses múltiplos *quadros* primários, pois é através deles que se percebem os acontecimentos da vida cotidiana. Os *quadros* são os elementos centrais da constituição da cultura de um determinado grupo social, são os seus sistemas de crença. O conceito de *quadros* primários, no entanto, estaria incompleto se não forem apresentados cinco tipos de fenômenos sobre a compreensão do mundo que ele permite abordar. Os fenômenos extraordinários, as acrobacias (*tours de force*), as falhas ou gafes (*muffings*), o acaso e, por fim, a ruptura ou segregação de *quadros* (*ségrégations des cadres*).

Os *fenômenos extraordinários* demandam a existência de forças naturais e de poderes extraordinários para a sua explicação: essa categoria cabe naquele exemplo já citado sobre a aterrissagem de discos voadores ou dos contatos com seres de outros planetas. O que está por trás dessa incerteza, acerca desses tipos de fenômenos, é, em verdade, a convicção da sua explicação futura.

As *acrobacias* são um tipo de fenômeno nos quais se enquadram os acontecimentos de certo modo impossíveis de serem concebíveis em circunstâncias “normais”. Como exemplo, têm-se aquelas pessoas que suportam dores intensas como os faquires, ou outras que controlam os batimentos cardíacos. São acontecimentos aberrantes que não despertam, segundo Goffman, os interesses científicos, mas chamam a atenção do homem da rua (GOFFMAN, 1991, p. 40). A presença desses fenômenos é freqüente também em circos, praças públicas e em alguns tipos de programas de televisão.

As *gafes* estão presentes no rol de acontecimentos nos quais o sujeito supõe ter controle sobre um instrumento que ele dirige ou o seu próprio corpo e o objeto escapa do seu curso natural. Quando à mesa o talher escapa da mão, ou uma determinada bebida é derramada fora do copo sujando toda a toalha. O

controle desses tipos de objetos exteriores ou sobre o corpo está incluso no processo de socialização e é desigual a sua cobrança na sociedade ocidental para um indivíduo adulto em relação a uma criança. A perda de controle, em outros contextos sociais, pode servir de base para comediantes e também para certos programas televisivos que exploram as falhas humanas: uma bola de golfe que erra o alvo e quebra uma vidraça, ou uma queda eventual em um dia de chuva.

O acaso são acontecimentos enquadrados como acidentes que podem ter tanto um fim trágico como maravilhoso. O que chama a atenção para esse tipo de fenômeno é a capacidade que alguns deles têm de desobedecer ao esperado. Como exemplo tem-se o fato de uma pessoa ser assaltada três vezes em um mesmo dia. Goffman salienta nesse tipo de fenômenos as noções de contra-atuação (*contre-performance*) e de contingência (*contingence*), a incerteza sobre se uma coisa acontecerá ou não. No exemplo citado, mesmo tendo sido assaltado três vezes no mesmo dia a pessoa não pode estar segura se isso acontecerá mais uma quarta ou quinta vez, ao menos até que o dia acabe. Os *fait-divers* parecem ser apoiados nessa mesma concepção, uma vez que segundo Barthes (1970) “Não há *fait divers* sem espanto [...] em nossa civilização todo ‘alhures’ da causa parece situar-se mais ou menos declaradamente à margem da natureza, ou pelo menos do ‘natural’”(BARTHES, 1970, p.61).

Já a *segregação de quadros* representa um tipo de situação, onde a capacidade humana de estar ciente do que se passa em sua volta é posta à prova. São situações nas quais é possível haver uma ambigüidade em relação ao acontecimento. Um exemplo citado por Goffman no qual observa-se uma segregação de *quadro* está relacionado ao direito de considerar o corpo nu do enfermo, pela classe médica, não como social, mas como natural. Seguindo esse

mesmo raciocínio poder-se-ia mencionar, ainda, o exemplo de um massagista profissional que pode manipular o corpo dos seus clientes, de ambos os sexos, sem participar de um determinado *quadro* social no qual tais apelos táteis poderiam ser interpretados como de conotação sexual. Esse tipo de esquema acontece também quando os sujeitos podem diferenciar um braço que se eleva em um centro de uma metrópole com a finalidade de tomar um táxi ou para uma saudação. Com esse tipo de situação é notória a obediência a regras próprias para cada *quadro* específico.

2.2.6 Analisando quadros ou “o que se passa aqui?”

O conceito central para a análise de *quadro* é denominado por Goffman de “modelo” (*mode*, na tradução francesa e *key* no original). Nesse, após o sujeito ter identificado o nexos de uma determinada situação, ele utiliza um conjunto de convenções pelas quais uma dada atividade se transforma em outra que toma a primeira como modelo, mas que os agentes consideram-na como sensivelmente diferente (GOFFMAN, 1991, p.52). O combate, por exemplo, está implícito em muitos dos eventos esportivos, nos quais a luta entre times adversários e lutadores de boxe permite esse tipo de alusão. Os *quadros* primários estão sujeitos a dois tipos de transformações que operam segundo essa noção de modelo: a modalização e a fabricação.

Será destinada maior atenção ao conceito de modalização, visto que ele tem como função crucial responder a questão central de Goffman: “o que se passa aqui?” O autor ressalta que nesse processo de cópia e original, como exemplo poder-se-ia ter um filme policial (reprodução) e crimes reais (original). No entanto, observar um tipo de implicação, tal qual a relação entre uma representação de um

crime e a criação de um linguagem ou estilo sobre os crimes verdadeiros, não cabe ao seu estudo. O interesse dessa modalização está em tomar algumas rubricas como modelo e Goffman identifica cinco modos fundamentais para elas: Os *fingimentos (les faire-semblant)*, os *encontros esportivos*, os *cerimoniais*, as *reiterações de ordem técnicas (les réitérations techniques)* e os *desvios*.

Os *fingimentos*, segundo Goffman, “[...] são uma atividade que parece aos seus participantes como uma imitação ou uma repetição errônea, ostensiva, de uma atividade bastante transformada” (GOFFMAN, 1991, p.56) (tradução nossa). É o lúdico que está presente nessa categoria, são os passatempos, as atividades de entretenimento que também são sugeridas aos sujeitos, segundo Goffman, pela televisão, pelos jornais e revistas, como também nos romances e no teatro. Isso porque essas atividades consistem em um conjunto de maquetes da vida cotidiana.

Nessa passagem é válido salientar uma interlocução entre as categorias de Goffman e os discursos da mídia. A sua capacidade de sugerir maquetes da vida cotidiana, salientada por Goffman (1991), e a metáfora maquete é bastante elucidativa, permite também relacionar um dos modos como esses textos operam sobre a audiência: tomando a própria vida cotidiana como matriz. Goffman, desse modo, constata essa aproximação entre os cenários da vida cotidiana e os cenários sugeridos pelos meios de massa. A saber que:

[...] os cenários: esta categoria de modos compreende as seqüências da experiência pessoal que a gente relata a um auditório ou aos leitores, e todo aqueles especialmente que nos propõem cotidianamente a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, os romances e o teatro. [...] eles consistem em um conjunto de maquetes da vida cotidiana, um repertório de experiências sociais não escritas que nos livram portanto de indicações precisas sobre a estrutura deste domínio (GOFFMAN, 1991, p.62) (tradução nossa).

Nos *encontros esportivos*, a atividade original se configura como o combate, porém nas cópias - as lutas de boxe, os jogos de tênis e futebol – toda a agressividade é reduzida em virtude das regras de cada jogo. Mesmo nos encontros esportivos que mais se assemelham ao combate, algumas regras devem ser respeitadas. No boxe, o lutador que aplicar golpes abaixo da linha da cintura é punido, além do mais, os pés não são utilizados para acertar o adversário. Goffman sugere que essas atividades de disputa tomam como modelo os papéis de dominação da vida cotidiana e isso acontece não só nos encontros esportivos, mas também nos jogos, ambos exercem esse tipo de função.

Os *cerimoniais*, casamentos, funerais, fazem parte desses tipos de rituais sociais e funcionam tais quais espetáculos teatrais. Tem-se a participação de personagens que assumem papéis do marido, do representante da nação na ocasião em que um chefe de estado visita um outro país, por exemplo.

As *reiteraões de ordem técnicas* são atividades exercidas fora do contexto de uso e tomam o original como cópia: no momento em que, em um ambiente de trabalho, um superior imita uma função real para o seu subalterno de modo a ensiná-lo o modo de fazer. Elas são também utilizadas pelos agentes nas demonstrações e exemplificações.

Já os *desvios* representam o oposto daquilo que foi apresentado nas outras categorias. Eles são observados quando o sujeito realiza o contrário do que seria esperado por um grupo em um dado contexto social. Como exemplo tem-se o jogador que decide quebrar as regras do jogo.

Goffman denomina essas transformações entre original e cópia de *modalização*. Contudo, aquilo que lhe interessa nesse processo não é observar como uma cópia pode ser gerada a partir de uma noção original, mas como duas

cópias similares podem ser produzidas a partir de um modelo comum (GOFFMAN, 1991, p. 88). Um exemplo de modalização pode ocorrer entre essas duas cópias como se tivesse uma tradução de um texto original em duas versões nas línguas francesa e inglesa. Um fato a observar é que ambas podem servir uma base para a outra. Em se tratando de um crime, por exemplo, ele, como original, pode oferecer dois tipos de modalizações: os boletins de ocorrência policiais e as reportagens policiais.

Mesmo sendo os *quadros* primários centrais para a compreensão de uma dada circunstância, como foi apresentado ao longo do texto, na análise de *quadros* o que interessa é perceber essas *re-modalizações* de uma cópia na outra. No último exemplo citado enquadra-se o crime, mas as suas modalizações podem servir de fonte uma para a outra, como ocorre com os boletins policiais de ocorrência e as reportagens policiais, ou com a adaptação de um romance para um filme. Isso faz Goffman afirmar que “A análise de *quadro* se aplica, portanto, melhor sobre as re-transformações que sobre as transformações” (GOFFMAN, 1991, p. 89). O *quadro* primário estará presente, e sem ele a re-modalização não faria sentido, mas é a modalização desse *quadro* que é transposta.

2.2.7. Quadro e contexto

No item anterior foram apresentados alguns dos conceitos utilizados para a análise de *quadro* em Goffman que, de modo sucinto, tem como preocupação entender como as coisas podem fazer sentido aos indivíduos. Segundo Goffman, isso acontece a partir de comparações com estruturas prévias denominadas *quadros* primários. Segundo Jensen (2002, p. 149), o conceito de *quadro* sugere

também que um item informativo, tanto sugerido pela mídia como por outras fontes ou diretamente das percepções humanas, faz sentido apenas se estiver localizada em um contexto. A noção de *quadro* parece estar muito próxima desse conceito muito caro à análise do discurso: o “contexto”. Maingueneau (2001) salienta que, na reflexão contemporânea sobre a linguagem, não se pode falar em sentido para um enunciado fora de um contexto. Observe o exemplo a seguir:

Texto A

-Ontem à noite, antes de dormir, observei o céu que estava sem nuvens, e imaginei que, provavelmente, não choveria hoje. Se fizer sol, você vai à praia comigo?

- Bem que eu gostaria, mas estou bem no final do semestre e bastante atarefada com os trabalhos da faculdade.

Texto B

Ontem à tarde o índice da Bolsa estava sem saber se o dia era noite ou se estava claro, foi quando ela percebeu que estava a sós com ele e pensou. Se p está entre o segmento A e B. Com um corcel que ainda dá para andar a tarde vai ser bom... Ele é preto.

Se for aplicada a análise de *quadro* para a compreensão dos textos A e B, deve-se primeiramente identificar a que *quadro*, ou talvez pudesse ser dito em uma aproximação com certas abordagens da análise do discurso, em que gênero do discurso, ele está envolto. Em “A” é fácil identificar algumas considerações que tornam o texto compreensível: a) O *quadro* é o da conversação; b) Nele está um sujeito X que a partir de proposições lógicas (deduções) “ontem à noite o céu estava

sem nuvens, logo fará sol amanhã”, tenta persuadir o outro sujeito Y a quem a conversação se dirige; este, por sua vez, não aceita a sugestão de X também de forma lógica (não vou à praia, pois tenho que estudar; c) O interlocutor Y é do sexo feminino, o que pode ser percebido na flexão de gênero “atarefada”. Já em “B” não há relação com nenhum tipo de *quadro*, apesar de começar como se fosse uma narrativa e ainda apresentar frases que poderiam estar presentes em um exame de geometria “Se p está entre o segmento A e B”. Não há um sentido nesse texto, uma vez que lhe falta um enquadramento.

Contudo, a aproximação entre análise de *quadro* e análise do discurso não parece tão simples assim de ser assimilada. Mesmo tendo identificado aproximações entre os conceitos de *quadro* e contexto, ainda resta levantar a pergunta: de que contexto está se falando? Conforme foi observado em Goffman, o “contexto” que a noção de *quadro* sugere está relacionado com um nível que é denominado por Fisher (1997) de “**quadro cultural**”, uma vez que visa dar conta da compreensão do sentido e das representações sociais na vida cotidiana, indiscriminadamente, seja pela percepção direta do indivíduo com o “mundo real” ou a partir de outras fontes como a mídia. Contudo, a fim de se ter maior precisão no momento da análise, é necessário distinguir os “**quadros estruturais do discurso**” dos *quadros* culturais. Segundo Fischer (1997), são van Dijk e Donati que sugerem esses *quadros* estruturais do discurso. Para Van Dijk, eles são subdivididos em quatro momentos e deles se utiliza o receptor com a finalidade de compreender o sentido do texto:

- 1) possibilita ao receptor selecionar elementos para a interpretação e desprezar outros irrelevantes para o entendimento total do texto;
- 2) possibilita aos receptores a organização dos elementos da mensagem de forma hierárquica em elementos fortes (que devem ser selecionados) e fracos (que podem ser desprezados);
- 3) permitir que os receptores possam generalizar o sentido da mensagem;
- e 4) munir os receptores de modo que possam

relacionar fatos globais com a mensagem (DIJK apud FISCHER, 1997, 4.11) (tradução nossa).

Tanto Fischer (1997) quanto Jensen (2002) afirmam ser a análise de *quadros* de difícil operacionalização empírica. Contudo, a utilização de *quadros* para compreender os discursos da audiência é desenvolvido no item subsequente a partir da interlocução da análise de *quadros* com o conceito de *supertemas*, de modo a melhor operacionalizar o primeiro. Enquanto isso, o conceito de quadro oferece o embasamento teórico ao conceito de *supertemas*, tal qual é sugerido pelo próprio Jensen (2002a). Assim, a aproximação entre esses conceitos é sugerida por Jensen (2002a):

Isto [a comparação entre *quadros* da audiência e das notícias] é consistente em relação aos estudos qualitativos de recepção que descobriram que a audiência aplica *supertemas* a fim de estabelecer o sentido entre os mundos da notícia e a vida cotidiana. (JENSEN, 2002, p.150) (tradução nossa).

2.2.8. Associando *quadros* e *supertemas* para uma análise dos textos da audiência.

Como foi apresentado anteriormente, os *quadros* dão conta de esclarecer os processos de organização da experiência humana. A partir da ativação desses *quadros* sociais, as pessoas são munidas de aparatos de modo a poderem oferecer sentido às suas experiências cotidianas. Se por um lado o conceito de *quadros* consegue descrever os processos de integração entre as pessoas e a experiência humana, do outro lado o conceito de *supertemas* propõe uma aproximação metodológica para a observação de como essa relação entre as notícias e a vida cotidiana é estabelecida.

O conceito de *supertemas* foi apresentado em forma de publicação por Jensen (1988) como resultado da pesquisa do autor em um estudo qualitativo de recepção sobre as notícias televisivas dinamarquesas. Os *supertemas* são, para Jensen (1998), as formas utilizadas pela audiência com a finalidade de estabelecer conexões entre a realidade construída pelos meios e o seu cotidiano:

[...] *supertemas* são temáticas construídas pelos espectadores que devem estabelecer links entre o mundo do seu dia a dia e o mundo representado pelas notícias exibidas na televisão. Os *supertemas* podem mediar espectadores e histórias, traduzindo uma realidade que aparece complexa e distante em simples, geral e, em termos, significativa (JENSEN, 1998, p.19) (tradução nossa).

A metodologia empregada pelo autor no estudo “News as Social Resource: A qualitative empirical study of the reception of danish television news”, de 1988, foi também a comparação entre os discursos da mídia em relação ao discurso da audiência. Para tanto o autor realizou uma análise discursiva dos programas de notícia e das transcrições das entrevistas em profundidade realizadas. Jensen (1988, p.278) ressalta que em seu estudo não só identifica que a audiência guia-se a partir de certas expectativas em relação às características da notícia enquanto gênero do discurso, mas também que eles trazem conhecimentos anteriores (*background knowledge*) a fim de interpretar as histórias. Desse modo compreendido, há uma relação implícita entre *supertemas*, *quadros* e aspectos contextuais tal qual ressalta o autor: “A atividade da audiência deve ser pensada como um processo fundamental de reconstrução do sentido através de uma **moldura cultural e contextual** (grifo nosso)” (JENSEN, 1988, p.278) (tradução nossa).

Essa aproximação entre a análise dos discursos da audiência a partir dos *supertemas* e o conceito de contexto é ratificada também por Jensen (1993)

[....] o significado dos elementos constitutivos dos discursos da audiência deve interpretar-se em constante referência ao contexto, tanto nos discursos dos meios de comunicação em questão como no amplo contexto social das circunstâncias históricas e psico-analíticas (MANCINI; PIMPINELLI; MICHELE, 1998, p.171) (tradução nossa).

Os quatro níveis (acontecimento, história, o eu e a mídia) são apontados por Paolo Mancini, Elena Alemagni Pimpinelli e Stefania Di Michele¹³ (MANCINI; PIMPINELLI; MICHELE, 1998, p.106)¹⁴ como sendo através deles que é possível para a audiência interpretar as notícias. Observa-se também aqui nesses autores aquela associação entre esquemas e *supertemas*.

As notícias, em razão desse tratamento, inscrevem-se em *supertemas* (Jensen 1988) ou esquemas (Graber 1984) – ou seja, macro-agregações de significados e valores os quais permitem ao espectador dar sentido e significado para as notícias mostradas na tela. (MANCINI; PIMPINELLI; MICHELE, 1998, p.106) (tradução nossa).

Assim, a interpretação das notícias, segundo esses autores, se inicia com o acontecimento, sendo este o primeiro estágio até chegar-se aos *supertemas*, mais a diante observar-se-á que os *supertemas* em verdade se caracterizam como uma espécie de tópico extraído a partir da análise dos discursos da audiência. Ainda em relação ao primeiro nível, o acontecimento é percebido, segundo esses autores, como uma série de fatos e lugares, contudo a aquisição de significado para as notícias se dá a partir de uma interpretação de cada espectador. Desse modo compreendido:

¹³ Esses autores estiveram com Jensen (1998) no projeto "News of the World" no qual os pesquisadores envolvidos nesse estudo "cross-cultural" examinam um mesmo dia de exibição de notícias nos países: Bielo-Rússia, Dinamarca, Índia, Israel, Itália, México e Estados Unidos, aplicando o conceito de *supertemas*.

¹⁴ Esse trecho da dissertação deve muito à pesquisadora Ana Spannenberg em seu projeto de doutorado, *A leitura do jornal impresso. Proposta de construção de um modelo de análise de recepção dos jornais impressos* – apresentado ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Facom/UFBA em 2003, que me fez rever os procedimentos analíticos do capítulo seis de Jensen (1998).

[...] o acontecimento deve oferecer uma estrutura narrativa através de um complexo conjunto de regras pelas quais a linguagem e outros signos produzem significado, e permitir que os espectadores venham a formar suas “próprias imagens do mundo (HALL 1975)”. (JENSEN, 1998, p.106) (tradução nossa)

A partir dessas ativações de imagens do mundo, o acontecimento se transforma em história, em forma de narrativa e desse modo pode se aproximar dessas histórias apresentadas pela TV em relação às histórias do próprio espectador. “[...] É através de uma análise do discurso construído pelos profundos laços que o espectador reconhece entre o evento e ele próprio que se pode tentar compreender a interação social que surge entre eles.” (JENSEN, 1998, p.106). Esse “eu” se traduz, segundo os autores, nas experiências do dia-a-dia, nas atividades profissionais etc. sendo que a experiência da vida cotidiana pode prevalecer sobre as notícias exibidas, ressaltam os autores. Os espectadores podem trazer toda uma história para a sua vida cotidiana, relembando seus passados, aspirações, ou assuntos de interesse familiar. No capítulo de número cinco poderá ser observado um exemplo dessa constatação afirmada pelos autores durante o relato de uma entrevistada sobre a notícia do movimento dos estudantes contra o aumento das passagens de ônibus em Salvador (setembro, 2003) e o esforço financeiro que ela e o seu filho fazem para mantê-lo na escola.

O último nível de interpretação das notícias televisivas apontado pelos autores está na ativação das competências anteriores dos espectadores em relação as suas próprias experiências com os meios de comunicação de massa. Contudo, os espectadores também utilizam as suas informações pessoais para estabelecerem julgamentos, classificar a qualidade da informação e o ponto de vista de um programa em relação a outro. No capítulo de número cinco observam-se, em especial na segunda e terceira sessões dos grupos de discussão, questionamentos

dessa ordem, quando os entrevistados falam sobre os pontos de vista do BATV em relação ao Aratu Notícias 2ª edição e vice-versa (vide capítulo cinco). Mancini e outros assim descrevem essa associação entre as informações prévias dos espectadores sobre a mídia no estudo “News of the world” na Itália.

Com isso, é possível comparar as inclinações editoriais, respectivamente, nos sistemas de televisão públicos e privados, assim como as possíveis maquinações dos referidos grupos políticos afetados pela forma como as notícias são apresentadas; discutir a maneira pela qual os jornalistas (news readers) comunicam as notícias; comentar a excessiva atenção dispensada para eventos políticos na Itália, associada à pequena atenção dispensada para notícias estrangeiras; sublinhar omissões e repetições; e criticar a repetição de notícias e o interesse em ouvir, a ponto de expressar uma opinião negativa geral da profissão jornalística como tal. (JENSEN, 1998, p.107) (tradução nossa).

2.2.9. *Supertemas* e os níveis de interpretação da notícia

Segundo Mancini, Pimpinelli e Michele, a partir daqueles quatro níveis de interpretação da notícia, é possível observar o *supertema* enquanto um produto final dessa intermediação do espectador com a sua vida cotidiana e o meio. Para esses autores:

Enquanto os restos da história amarram a narrativa jornalística televisiva, o *supertema* pode separar-se completamente dela, trazendo um indivíduo da história como uma sugestão para ir em outras direções e chegar em um significado completamente diferente da notícia. (MANCINI; PIMPINELLI; MICHELE, 1998, p.107) (tradução nossa)

Esses níveis de interpretação de notícia apresentados por Mancini e outros complementam operacionalmente o modelo proposto por Jensen (1998, p.165) para a observação dos *supertemas*, que podem ser analisados pelo pesquisador a partir de quatro dimensões (espaço, poder, tempo e identidade) que serão apresentadas a seguir. O conceito de *supertemas*, para Jensen (1998), é o

das formas utilizadas pela audiência com a finalidade de estabelecer conexões entre a realidade construída pelos meios e o seu cotidiano (JENSEN, 1998, p.19).

Nesse estudo de 1998, intitulado *News of the World*, Jensen formula quatro dimensões interpretativas, as quais, segundo ele, orientam o modo como a audiência se apropria das notícias. São elas as dimensões de: *espaço, poder, tempo e identidade* (Jensen, 1998, p.165). Todas essas dimensões são observadas de modo comparativo: do mundo representado pelas notícias na tevê para o dia a dia da audiência ou vice-versa. Nesse parâmetro, o espaço é compreendido pela dicotomia *aqui/lá*, o poder através da *autoridade/individualidade*, o tempo com o *agora/depois*, e a identidade, *nós/os outros*.

Na dimensão de espaço, essa confrontação entre o cotidiano e o mundo representado pela tevê remete às noções de *desencaixe e sistemas peritos* postulados por Giddens (1991). A dimensão de poder contrapõe o posicionamento de variados agentes hierarquizados, como os religiosos, em negociação com as posturas individuais na audiência. O tempo, por sua vez, está situado no porvir e, de certa forma, busca responder como os fatos noticiados podem afetar as vidas dos espectadores. Por fim, a identidade é observada a partir da relação entre “nós/outros” e serve para compreender algumas visões de mundo concebidas pelos espectadores; assim o pesquisador pode vislumbrar as metas, os aliados e os valores sugeridos pelos entrevistados. No entanto, essas dimensões não são verificadas de forma isolada, mas sim integradas. A identidade, por exemplo, deve ser contextualizada a partir das noções de tempo, espaço e poder. De forma esquemática, Jensen (1998, p.168) apresenta da seguinte forma esse modelo:

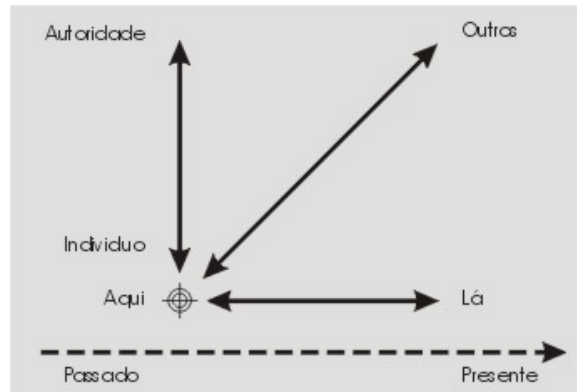


Figura 02 – modelo “*The world in the head*” (JENSEN, 1998, p.168)¹⁵.

2.2.10. Supertemas, contexto e métodos analíticos utilizados para a análise dos discursos da audiência.

No capítulo de número cinco retornar-se-á ao modo de aplicação do conceito de *supertemas* durante o momento de análise dos discursos produzidos pela audiência. Agora, apresentar-se-ão algumas das opções tomadas pela presente pesquisa. Ainda discorrendo sobre o conceito de *supertemas*, afirma Jensen (1998)

Porque eles tendem a ser gerais, os *supertemas* devem ser distinguidos dos temas mais específicos que podem ser identificados no conteúdo de uma dada notícia. Nesse mesmo instante, os *supertemas* devem ter uma qualidade concreta para eles [audiência] como se eles partissem de detalhes específicos nas imagens ou comentários de um tópico da notícia ou a partir das suas experiências particulares de vida (JENSEN, 1998, p.19) (tradução nossa).

Essa citação de Jensen demonstra a relação existente entre o conceito *supertemas* e a audiência, pois ele é articulado com base nas conexões produzidas pelos espectadores do mundo representado na televisão para o seu cotidiano. A fim de obter esses discursos na audiência, em *News of the World*, Jensen (1998) realizou entrevistas individuais somadas a entrevistas familiares, em que casal e

¹⁵ Para a tradução do modelo e a figura original vide Gomes e Spannenberg (2003).

filhos eram entrevistados ao mesmo tempo, técnica essa que denomina *household interviews*.

Jensen (1991) descreve três formas de se averiguar o discurso produzido pela audiência nos estudos de recepção: *entrevista*, *observação* e *documentação*. A documentação consiste no recolhimento de artefatos e documentos encaminhados às emissoras ou diretamente às editorias responsáveis por um determinado programa, tais como cartas enviadas pela audiência ou grupos de notícias. Já a observação compreende as técnicas: *descrição densa* (GEERTZ, 1989), a *observação participante*, os *diários de campo*, as *household interviews* e a *antropologia visual*.

Adotar-se-á como método para o presente estudo a *entrevista* que, segundo Jensen (1991, p. 240), dispõe das seguintes técnicas: *entrevistas individuais*, *as entrevistas em profundidade*, *os grupos de discussão* e *a história oral*. Não se observou na *documentação*, a princípio, instrumentos capazes para estabelecer conexões entre as representações articuladas pelos telejornais e a visão de mundo dos entrevistados, mas sim como recurso complementar. Esse método, segundo Jensen, é produzido a partir de estratégias da produção e não possibilita a intervenção do pesquisador.

São produzidos como estratégias de negócios dos *media* e com isso não têm vinculação com a intervenção do pesquisador. Por outro lado, os dados devem ter um limitado ou indireto valor exploratório para a questão da pesquisa (JENSEN, 1991, 243) (tradução nossa).

Já a *observação* é um método utilizado com a finalidade de se averiguar a produção discursiva no momento e lugar onde ela é operada. É freqüente a sua utilização nos estudos de recepção para análise discursiva junto à audiência em ambiente familiar, geralmente realizada no lar do entrevistado(a). A etnografia da

audiência, enquanto técnica, estaria inserida nesse bloco. Ao defender a utilização de tal técnica nos estudos de recepção, David Morley e Roger Silverstone (1998, p.180) afirmam ser preciso investigar o contexto, que para esses autores são

[...] os modos específicos em que determinadas tecnologias das comunicações chegam a adquirir significados particulares e deste modo chegam a utilizar de formas diferentes, para propósitos distintos [...] (MORLEY; SILVERSTONE, 1998, p.180) (tradução nossa).

Dito isso, para esses autores, seria preciso estudar “a ação de ver a televisão em seus cenários naturais” (MORLEY; SILVERSTONE, 1993, p.181). Esses autores ainda apontam como sendo um dos avanços dos trabalhos sobre audiência reconhecer a importância daquilo que denominam “contexto de recepção”, mais particularmente em se tratando da televisão, daquilo que chamam “contexto doméstico”.

Tal qual foi desenvolvido ao longo desta parte deste capítulo, observa-se que esse tipo de alusão ao conceito de “contexto” está arraigada a uma definição do termo apenas em uma das nuances do conceito, particularmente naquilo que diz respeito ao contexto situacional. Conforme explica Maingueneau (2001, p.26 e 27), a análise do discurso apresenta pelo menos três facetas para esse contexto. O primeiro deles é denominado pelo autor como sendo **o ambiente físico da enunciação ou contexto situacional**. Já o segundo deles é o **cotexto**, tal qual já foi mencionado anteriormente, composto pelas seqüências verbais encontradas antes ou depois da unidade a interpretar, havendo assim a criação de um ambiente no interior do próprio texto no qual uma unidade se relaciona com a outra. Por fim tem-se como outra nuance do conceito de contexto: **os saberes anteriores à enunciação**. Esses saberes estão relacionados aos conhecimentos prévios do intérprete, saberes esses que são partilhados pelos envolvidos no processo

comunicativo a partir de esquemas interpretativos. Dito isso, o conceito de contexto empregado por Morley e Silverstone está mais próximo da primeira nuance apresentada.

Conforme pôde ser observado ao longo desse texto, o conceito de contexto a ser utilizado por este estudo se aproxima mais das duas últimas nuances (*cotexto* e saberes anteriores à enunciação). Em especial essa última será a privilegiada, enquanto que a segunda delas, a noção de *cotexto*, auxiliará para fins analíticos tal qual se apresenta nos capítulos de números três e quatro. Neste último, em especial, no momento da observação das duplas propostas por Jensen (1998): *espaço* (aqui/lá) dêiticos espaciais, *tempo* (agora/depois) dêiticos temporais e *identidade* (*nós/ outros*) embreantes de pessoas. Uma das críticas feitas à etnografia da audiência por Jensen em relação ao modo como concebe o conceito de contexto é a seguinte:

Deveria ser acrescentado que as novas tecnologias da comunicação impõem novos desafios bem como oportunidades para a pesquisa dos contextos de uso da mídia [...] essa condição vincula-se a diferentes concepções e operacionalizações da mídia e dos contextos, e deve abrir perspectivas para essas pesquisas explorarem, em modos mais concretos, aspectos performativos do uso da mídia. (JENSEN, 2002b, p.162) (tradução nossa).

2.3. NOTÍCIA, COTIDIANO E PRODUÇÃO DE SENTIDO

“A notícia é **uma** janela no mundo” [grifo nosso]

Gaye Tuchman (2002)

Para a sociologia do conhecimento, o mundo da vida cotidiana é tomado pelos membros da sociedade como uma realidade certa dotada do sentido que imprimem em suas vidas através do pensamento e das ações. Através desse processo é construído o mundo intersubjetivo do senso comum (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.36), sendo este último o conjunto de conhecimentos que cada um partilha com os outros nas rotinas da vida cotidiana. A linguagem é, por sua vez, fundamental para essa partilha de sentido. É através dela que as pessoas compreendem a realidade da vida cotidiana, posto que organiza as intersubjetividades individuais no coletivo partilhado.

A linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta. Isto não é somente porque posso gritar no escuro ou à distância, falar pelo telefone ou pelo rádio [...] o destacamento da linguagem consiste muito mais fundamentalmente em sua capacidade de comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade *aqui e agora* (grifo dos autores) (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.57).

Dito isso, a linguagem não só existe na interação direta da vida cotidiana, mas ela é capaz de ir além e abarcar esferas separadas. A arte, a religião, a ciência e a filosofia são apontadas por Berger e Luckmann (1985) como alguns dos mais importantes sistemas construídos pela linguagem, cujos símbolos não são apenas abstraídos da vida ordinária, mas também como elementos objetivamente reais da vida cotidiana.

Williams (1979) também assume essa postura sobre a linguagem, portanto, o autor não admite a idéia de “língua” (lê-se linguagem) e “realidade” como

instâncias separadas (WILLIAM, 1979, p.28). Segundo esse mesmo autor, é na *poética* e na *retórica* aristotélicas que a língua pôde ser vista como um instrumento, utilizado pelos homens para objetivos específicos. Williams ainda destaca a concepção de signo postulada por Bakhtin, (2002) contrária a uma visão na qual a consciência ganha forma no interior dos signos criados por um grupo organizado. (WILLIAMS, 1979, p.42).

Hall (1997) também faz uso da abordagem construtivista para entender a representação, que segundo o autor é o processo no qual os membros sociais de uma determinada cultura utilizam a linguagem para produzir sentido (HALL, 1997, p.61). Sendo assim, a produção de sentido se dá a partir do estabelecimento de interlocuções entre três ordens: o *mundo das coisas*, pessoas eventos e experiências (poderia ser dito a vida cotidiana); o *mundo conceitual*, os conceitos que se carrega na mente (esquemas interpretativos); e, por fim, os *signos* que são articulados no interior da linguagem para expressar esses conceitos. Desse modo, também para Hall (1997), a linguagem serve como um sistema de representação no qual os sentidos são partilhados.

A cultura, por sua vez, é entendida como essa partilha de sentidos, de práticas sociais e mapas conceituais (*quadros de referência*) (HALL, 1997, p.2).

[...] dizer que duas pessoas pertencem à mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo aproximadamente do mesmo modo e podem expressar seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo em modos que serão entendidos pelos outros” (HALL, 1997, p.2) (tradução nossa).

Por sua vez, o sentido é “constantemente produzido e trocado em toda a interação social e pessoal” (HALL, 1997, p. 03), perpassando tanto os rituais cotidianos, as condutas e as práticas, como também o campo midiático.

Ele [o sentido] é também produzido em uma variedade de diferentes mídias, especialmente nos dias atuais, nos modernos meios de comunicação de massa, os sentidos da comunicação global, pelas tecnologias complexas, que circulam sentidos entre culturas diferentes em escala e velocidade ainda não vistas na história (HALL, 1997, p.03) (tradução nossa).

É válido salientar a principal premissa admitida por Hall (1997, p.05):

“membros da mesma cultura devem partilhar um conjunto de conceitos, imagens e idéias que nos permitem pensar e sentir o mundo e interpretá-lo de modo muito próximo”. O pertencimento a uma dada cultura, uma nação, uma comunidade é dado a partir dessa partilha de sentidos. Sendo assim, segundo Hall (1997, p.05), “o sentido deve ser produzido / construído e não simplesmente encontrado” (tradução nossa). Portanto, essa afirmação aproxima as noções de representação, linguagem e cultura, adotada pelos estudos culturais britânicos, com a abordagem social construtivista.

Conseqüentemente, o que se convencionou chamar ‘abordagem social construtivista’, a representação é entendida como adentrando na constituição das coisas, e onde a cultura é concebida como o processo constitutivo primário, tão importante quanto a base econômica ou material quando modela os sujeitos sociais e os eventos históricos – não se tratando unicamente de um reflexo do mundo depois do evento (HALL, 1997, p.07-08) (tradução nossa).

Nessa perspectiva, o discurso jornalístico não pode ser entendido como puro reflexo da realidade (objetivo, neutro, imparcial). Gaye Tuchman (2002) inicia o seu trabalho de 1973, intitulado “Making News”, afirmando que a notícia é **uma** das janelas do mundo. Desse modo, deve-se admitir a existência de outras “janelas” nas quais o mundo é observado, dentre os quais está a experiência da vida cotidiana. A notícia, para a autora, é um *quadro*¹⁶(esquema) através do qual é sugerido o que as pessoas querem, precisam e devem saber (TUCHMAN, 2002, p.01). Assim, a notícia é tratada pela autora como conhecimento, um saber sobre o mundo cotidiano,

¹⁶ A noção de “*quadro*” em Tuchman (2002) é entendida a partir de Goffman (1991).

contudo isso não quer dizer, segundo Tuchman, que a notícia seja a única forma de se ter acesso ao mundo, admitindo tal qual Berger e Luckmann (1985) que a experiência cotidiana é perpassada por inúmeras outras linguagens.

A noção de *quadro*, da qual Tuchman (2002) partilha, é a desenvolvida por Goffman (1991) e essa aproximação da autora com a “análise de *quadros*” abre outras possibilidades para compreender a produção de sentido. Conforme foi apresentado ao longo desse capítulo, segundo Goffman (1991), a “análise de *quadro*” se caracteriza como uma palavra de ordem para o estudo da organização da experiência. Para o autor, na sociedade ocidental as pessoas diferenciam um acontecimento do outro a partir de regras gerais que estão relacionadas a um ou a múltiplos *quadros*, que podem ser mais bem compreendidos como esquemas interpretativos. Esses esquemas são denominados *quadros* primários porque não permitem uma única interpretação original, mas oferecem subsídios aos sujeitos para, em uma dada situação, harmonizar o nexos em uma específica ocasião. Sem esses *quadros* gerais, portanto, a situação seria desprovida de significação.

Tuchman aproxima a notícia de um *quadro* geral: o “contar histórias”, salientando que as histórias são produtos dos recursos sociais e ativam negociações (TUCHMAN, 2002, p. 05). O esquema “era uma vez ...”, segundo a autora, perpassa esse contar de histórias seja no cotidiano, seja nas notícias veiculadas pela mídia.

“Assim, ‘era uma vez’ anuncia que o que se segue é obviamente o começo de um conto de fantasia. ‘Aviões egípcios bombardearam e estraçalham uma base do Líbano hoje, anunciou um porta-voz militar’, é o óbvio começo de uma notícia. ‘Era uma vez’ anuncia que o que se segue é o mito e fingimento, um lance da fantasia cultural. O *lead* na notícia pronuncia que o que se segue é factual, um verídico testemunho dos eventos do mundo. Mas, fundamentalmente, tanto os contos de fada quanto as notícias são histórias, para serem relatadas, comentadas e lembradas como recursos públicos. Ambos têm um caráter público, assim, ambos estão disponíveis para todos, são partes e parcelas do nosso repertório cultural” (TUCHMAN, 2002, p.05) (tradução nossa).

Esses *quadros* gerais da experiência humana e até mesmo o simples ato de contar uma história, tal qual salientou a autora, fazem parte dos mapas conceituais partilhados entre produtores de notícia e audiência, uma vez que ambos convivem numa mesma cultura ocidentalizada, nacionalizada, regionalizada, metropolitana... A partir da conversação cotidiana, a autora cita como exemplo uma conversa entre marido e mulher (TUCHMAN, 2002, p.06), ela demonstra que o “fazer a notícia”, preocupação de Tuchman (2002), é uma empreitada negociada. Assim, num simples relato entre casais, a partir da pergunta “Como foi o seu dia?”, um dos interlocutores deve selecionar aquilo que pode ser considerado como *nouvelle* tomando como base um convívio particular entre duas pessoas, ou ainda levar em consideração certos sentidos partilhados, quando a partir de um certo convívio criam seus próprios esquemas de histórias, a exemplo do “primeiro dia em que Maria foi à escola”, que podem ser também contadas e recontadas. As rotinas de produção jornalística, guardadas as proporções, segundo Tuchman, transformam o dia em um fenômeno público partilhado, utilizando também de esquemas para selecionar eventos específicos e organizar as ocorrências diárias.

O interesse da presente pesquisa está em entender como as notícias veiculadas pelos telejornais podem produzir sentidos junto a sua audiência. Toma-se como pressuposto esse entrelaçamento entre a vida cotidiana e a produção da notícia, sendo esta última um dos inúmeros *quadros* que perpassam a experiência diária. No capítulo a seguir é desenvolvida a análise dos modos de endereçamento dos telejornais locais BATV e Aratu Notícias 2ª Edição.

3. O TEXTO DA MÍDIA. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DOS TELEJORNALIS LOCAIS BATV E ARATU NOTÍCIAS 2^A EDIÇÃO.

Este capítulo tem como interesse analisar de modo comparativo a construção discursiva do espectador pelos dois telejornais locais exibidos à noite por duas retransmissoras baianas: a TV Bahia, filiada à Rede Globo de Televisão, e a TV Aratu, filiada ao Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. Os telejornais são o BATV, exibido pela Rede Bahia, no período de coleta do *corpus*, das 18h e 50 minutos às 19h e 10 minutos; e o Aratu Notícias 2.a Edição – AN2, veiculado pela TV Aratu das 19h às 19h e 20 minutos. Foram gravadas seis semanas alternadas de ambos telejornais durante o segundo semestre de 2003, respeitando a seguinte seqüência: gravação da primeira semana de julho, para ambos telejornais, da segunda semana de agosto, da terceira de setembro e assim sucessivamente até o mês de dezembro de 2003, totalizando seis semanas gravadas e 36 edições para cada um dos telejornais analisados.

A proposta é observar como dois telejornais locais, concorrentes, se endereçam à sua audiência, tendo como pressuposto assumido que uma análise textual do programa possa oferecer subsídios para essa investida. Têm-se dois programas jornalísticos que disputam a audiência em um determinado horário: em primeiro lugar, eles se destinam a um mesmo rol de pessoas que assistem à programação jornalística naquele horário; em segundo, desejam para si o maior

número de pessoas assistindo ao seu telejornal; e trabalham sobre o mesmo referente amplo (a cidade de Salvador e a Bahia).

A situação de concorrência é proposta por Hartley (1997) para melhor entender os modos de endereçamento de um programa. Segundo Hartley (1997, p.229), para as organizações midiáticas os "modos de endereçamento" são uma questão de alta política. Os modos de endereçamento não dizem respeito apenas à percepção que as emissoras têm da sua audiência, mas também a percepção que têm de si mesmas. Desse modo:

Cada periódico ou canal de televisão quer se distinguir através da competência e comunicar a seus potenciais consumidores [...] O mesmo ocorre com os seus diferentes programas: cada espaço dedicado, por exemplo, a tratar temas cotidianos, emprega diversamente os recursos do modo de endereçamento televisivo para distinguir-se dos demais, tanto dos (programas) do seu próprio canal como dos da concorrência. (HARTLEY, 1997, p.229) (tradução nossa).

Essa distinção buscada pelos programas não diz respeito apenas à luta pela audiência, mas, conforme salienta esse mesmo autor, os modos de endereçamento também são para as organizações midiáticas uma questão de alta política (HARTLEY, 1997, p.229). Desse modo compreendido, a definição dos modos de endereçamento do programa está relacionada também às noções de política e poder.

Tal qual foi abordado no segundo capítulo que discorreu sobre os pressupostos e algumas utilizações do conceito de modos de endereçamento, observou-se que, em especial nos trabalhos de Ellsworth (2001) e Rooney (2002), a construção discursiva de um endereçado em um dado produto midiático ou em salas de aula (ROONEY, 2002) está associada a uma relação de poder entre aquele que sugere a situação de comunicação e aqueles que se sujeitam a ela. Contudo, essa

sujeição não pode ser entendida como uma postura passiva em relação a esse processo, mas muito mais uma atitude de negociação entre as apostas que faz um dado programa acerca da sua audiência e o modo como ela negocia essa suposição dos produtos midiáticos sobre a visão em relação ao seu público e se posiciona socialmente nesse processo discursivo, assunto esse que será mais bem trabalhado no capítulo cinco.

Em se tratando de programas telejornalísticos, a base sobre a qual operam são as notícias. Desse modo, elas estão conjugadas ao modo de endereçamento do programa e o modo como são relatadas, os pontos de vista tratados, também dizem respeito à forma como um dado programa pensa que é a sua audiência. A notícia é entendida aqui tal qual é adotada por van Dijk (1990), sendo assim « Um item informativo jornalístico, como por exemplo um texto ou discurso no rádio, na televisão ou no jornal impresso, no qual se oferece uma nova informação sobre acontecimentos recentes. » (DIJK, 1990, p.17). É válido ressaltar que, no que concerne à noção de notícia, o presente trabalho toma como parâmetro os pressupostos de Dijk (1990), Hall (1993), Tuchman (2002) e Jensen (1986), que concebem a notícia enquanto uma produção social.

Para os autores mencionados, tanto a produção como o entendimento da notícia é também pensada através de posicionamentos sociais daquele que fala e também em relação ao contexto do processo de interação verbal : « cada passo do entendimento do discurso e da produção implica características do texto que podem sinalizar diretamente a posição social do falante ou a natureza e o contexto do processo de interação verbal » (DIJK, 1990, p.145).

Essa associação entre modos de endereçamento e contexto foi desenvolvida no capítulo anterior. Naquela ocasião observou-se a aproximação

entre esses dois conceitos, uma vez que, em primeiro lugar, os modos de endereçamento constroem uma posição social do espectador em relação ao texto; e, em segundo lugar, o endereçado é interpelado de modo a ocupar esse espaço social sugerido pelos programas. Para esse segundo aspecto, devem-se utilizar certas *competências* de caráter *cotextual* e de saberes anteriores à enunciação. Também se observou naquela ocasião que essas competências são utilizadas graças à adoção de *frames* ou esquemas interpretativos.

Essa ativação de quadros de referência está de acordo com o modo como o significado de uma notícia opera, segundo van Dijk (1990). Assim, o sentido de uma notícia, para esse autor, não está concentrada no texto, mas em uma reconstrução realizada pelo leitor que, segundo van Dijk, é produzida por intermédio da ativação da memória e de representações (DIJK, 1990, p.144). Essa reconstrução das notícias realizadas pelos leitores será discutida no capítulo de número cinco, graças à utilização do conceito de *supertemas*. A análise a seguir, sobre o discurso da mídia, está subdividida em três etapas.

No primeiro momento é feita a análise dos telejornais locais em questão, o BATV e o Aratu Notícias 2ª edição (AN2). Há uma observação dos modos de endereçamento do programa naquilo que é denominado por Hartley (1997) como sendo as minúcias semióticas. Esses elementos que constituem os modos de endereçamento do programa se dividem, didaticamente, em três aspectos, segundo esse mesmo autor Hartley (2001, p.107-115), a *estrutura visual*, a *estrutura verbal* e a *narrativa da notícia*, embora esses aspectos não sejam analisados de modo estanque, mas intercalando-o à *estrutura de endereçamento do programa* (ELLSWORTH, 2001).

Recapitulando as discussões do capítulo anterior sobre modos de endereçamento, Hartley (1997) sugere três elementos para a sua observação: a estrutura visual - dada a partir da apresentação na tela de repórteres, apresentadores, gráficos, legendas etc ; a *estrutura verbal* – observada na utilização das vozes de fontes e especialistas pelos jornalistas ; e, por fim, a *narrativa da notícia* – a história contada e o modo como ela é contada.

Contudo, há uma unidade entre esses elementos sugeridos por Hartley (1997), de modo que eles não podem ser analisados isoladamente. A proposta oferecida por Chandler (2003a) traz uma complementação a essa forma de observar o endereçamento dos programas telejornalísticos sugerida por Hartley (2001). Chandler afirma que os «modos de endereçamento podem ser definidos como os modos em que as relações entre endereçador e endereçado são construídas em um texto. » Chandler (2003a) sugere que, com a intenção de se comunicar, um produtor de um texto deve fazer algumas suposições sobre sua audiência, sendo que os reflexos dessas suposições podem ser percebidas no texto.

Chandler também sugere três elementos constituintes dos modos de endereçamento, e também tal qual em Hartley (2001) eles estão próximos daquelas três estruturas anteriores (visual, verbal e narrativa da notícia). Chandler sugere, assim, o *direcionamento*, a *formalidade* e o *ponto de vista* para observar esses aspectos. O *direcionamento* contempla o modo de se destinar ao espectador, o olhar direto ou indireto, enquanto a *formalidade* interessa-se pela distância proposta pelo programa em relação ao seu endereçado, que pode ser íntima, pessoal, social e pública. A integração desses elementos se relaciona com o modo como o programa se constrói em relação à sua audiência a partir dos seus aspectos visuais.

Enquadramentos de câmera mais próximos mesclados com outros mais distantes podem sugerir o tipo de formalidade proposta entre produtores e audiência, tal qual será observado a seguir. Se o direcionamento e a formalidade complementam a estrutura visual de Hartley (2001), o *ponto de vista* pode ser somado à estrutura verbal, oferecendo uma contribuição de modo que possa ser observada a postura adotada por aquele que narra a história. Segundo Chandler, o ponto de vista pode ser de diversos modos, todos eles tendo seus conceitos advindos da literatura, o narrador de terceira pessoa, o de primeira, o onisciente etc.

O segundo momento da análise trata da estrutura verbal, havendo aí há uma ampliação da proposta de Hartley, que considera como estrutura verbal não só as *vozes acessadas* e a *vox pop*, mas também o modo como o apresentador se dirige ao espectador.

No terceiro momento da análise, são observados os *quadros* utilizados durante a produção das notícias. Nesse momento, a adoção do conceito de quadros auxilia na observação da *narrativa da notícia* (HARTLEY, 2001). Esses *quadros* dizem respeito aos saberes anteriores à enunciação, fatores esses que serão mais bem detalhados a seguir e que têm sua base nos estudos de van Dijk (1990 e 2002) e Goffman (1990). O capítulo encerra com algumas suposições acerca da estrutura de endereçamento dos programas analisados, integrando os três elementos constituintes do endereçamento dos programas telejornalísticos, segundo Hartley (2001).

3.1. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DO BATV

Seria o caos para os produtores se tivessem que elaborar um novo telejornal a cada dia. Não que as notícias sejam as mesmas, mas alguns elementos fixos, tais como o seu número de blocos, os enquadramentos de câmera utilizados, o modo da apresentadora se dirigir ao espectador, o modo de apresentação das notícias, entre outros elementos que serão descritos, fazem parte daquilo que Ellsworth (2001) denomina *estrutura de endereçamento* de um programa. A aposta que se faz a seguir é que esse modo de apresentação do telejornal deixe pistas sobre o modo como pensa a sua audiência e a visão de mundo que pretende construir. A presente análise dos telejornais BATV e AN2 leva em consideração aqueles três elementos constituintes do endereçamento do programa sugerido por Hartley (2001), as estruturas visual e verbal e a narrativa da notícia.

3.1.1. Estrutura Visual do Batv

A moldura do BATV

O BATV é veiculado no horário das 18h e 50 minutos às 19h e 10 minutos e dispõe de três blocos de apresentação. Há uma concentração de notícias sobre política e crimes no primeiro bloco, enquanto as notícias sobre esporte, consumo e entretenimento são veiculadas entre os segundo e terceiro blocos. O BATV tem a duração de aproximadamente 20 minutos, com comerciais, e em média 15 minutos em tempo corrido. No *corpus* analisado, das 36 edições gravadas, foi identificado um total de 396 notícias apresentadas por esse telejornal. Tomando como referência que foram coletadas seis semanas, de julho a dezembro, obteve-se uma média de

66 notícias por semana. Cada edição do telejornal apresentou, portanto, 11 notícias em média.

A vinheta do programa destaca a marca do telejornal BATV em tons de laranja, marrom e azul, seguido de uma música característica que auxilia na identificação do programa. É comum o telejornal ser iniciado com a vinheta da emissora Rede Bahia, um globo que se forma aos poucos em tons de azul, conforme pode ser visto nas figuras a seguir.



Figura 03 – Vinheta BATV



Figura 04 - Vinheta da emissora que antecede a abertura do BATV, capturada em ago. 2003

O programa é iniciado com um enquadramento de câmera que se move da direita do espectador para a esquerda, a fim de explorar a profundidade do cenário. A câmera enquadra a apresentadora de modo que ela possa se posicionar e olhar diretamente para o espectador, sugerindo um distanciamento do programa para com ele. Em item subsequente, a relação entre o enquadramento de câmera do programa e o modo como ele se endereça ao espectador será retomada.



Figura 05 - Seqüência de abertura do BATV, capturada em ago de 2003.

O programa quase sempre é iniciado com uma reportagem, a apresentadora narra a cabeça da matéria e em seguida entra a voz em *OFF* do repórter seguido das imagens. Nesse bloco, são apresentadas não mais que três notícias, geralmente, havendo a exibição de quadros fixos do telejornal ao final. A previsão do tempo é o primeiro quadro fixo do programa, no qual são informadas as temperaturas mínimas e máximas de algumas cidades do interior do estado; depois, é exibida a previsão do tempo da cidade de Salvador para três dias consecutivos. A cotação do dólar e o preço da arroba de cacau são os últimos quadros do programa nesse bloco, os quais são trazidos em formato de gráficos. Esse recurso é explorado com freqüência pelo telejornal. No capítulo de número cinco os entrevistados identificam essa capacidade técnica do telejornal.



Figura 06 – Previsão do tempo no Estado



Figura 07 – Previsão em Salvador

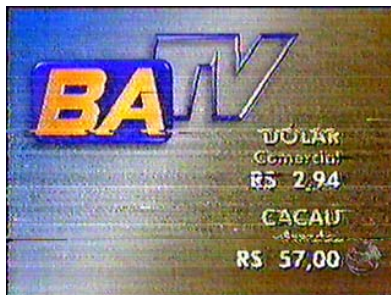


Figura 08 – Cotação Dólar e Cacau

No segundo bloco do programa são veiculadas notícias em formato¹⁷ de *reportagem* e *nota coberta*. Se no primeiro bloco há a predominância da reportagem, nesse bloco o programa oferece destaque às *notas cobertas*, imagens seguidas de *narração em off* do repórter. Essa predominância das notas cobertas nesse bloco se deve pela presença fixa de um quadro no qual são veiculadas notícias curtas, não ultrapassando vinte segundos, nesse formato. Nesse quadro são exibidas matérias que não mereceram o formato reportagem, que dispõe de maior duração e permite o acesso de vozes de especialistas e/ou populares. No próximo capítulo, que apresenta uma análise de um dia de exibição dos telejornais analisados, é observado como o programa oferece destaque a um assunto em função do formato escolhido. Na exibição das notas cobertas nesse quadro, o BATV coloca legendas de modo a identificar o assunto que está sendo tratado e o local onde aconteceu. O logotipo do programa é exibido em uma tela de modo a intercalar uma nota coberta e outra, acompanhada de um efeito sonoro.



Figura 09 – Seqüência de nota coberta em quadro fixo do programa, capturada em set. de 2003.

¹⁷ Aqui está sendo utilizado o operador de análise, *formatos de apresentação da notícia*, desenvolvido por Gomes e outros (2003). Para os autores, os formatos de exibição das notícias influenciam no modo como o programa se endereça ao espectador.

No terceiro e último bloco do telejornal são veiculadas as notícias tidas como mais leves, a exemplo de esporte, cultura e entretenimento. Na edição do dia 27 de novembro foi veiculada nesse bloco a notícia sobre um show da apresentadora Xuxa, profissional da Rede Globo, em Salvador, e em 10 de setembro foi exibida a cobertura sobre um evento de moda que acontece todo ano em Salvador, o Barra Fashion, inclusive com entrada ao vivo da repórter.

Nesse bloco são veiculadas, de modo constante, as notícias sobre os dois maiores times de futebol do estado: o Esporte Clube Vitória e o Esporte Clube Bahia, assim como são disponibilizados, pelo telejornal, informes sobre o trânsito em Salvador graças à colocação de câmeras estratégicas em lugares de congestionamento da cidade (no Iguatemi e nas avenidas Paralela e Garibaldi). É válido ressaltar que esses locais fazem parte de regiões centrais de Salvador, sendo que os bairros periféricos não são atendidos por esse serviço do programa.



Figura 10 – Seqüência do quadro de Informe do Trânsito em Salvador, capturada em jul de 2003

A moldura de apresentação das notícias

Também nas rotinas de produção dos telejornais há uma regularidade na forma como exibem as matérias. No BATV os formatos *reportagem*, *nota coberta*, *nota simples* e ao vivo foram utilizados pelo telejornal.

Reportagem

O formato reportagem é o de maior duração, nele sendo observada a presença, através de discurso direto, das falas de especialistas e populares (vozes institucionais acessadas e *vox populi*). No BATV há a utilização de um recurso especial denominado “humanização do relato”, no qual as matérias são iniciadas a partir da exemplificação de um caso da vida cotidiana para tratar de assuntos mais gerais. No capítulo de número quatro é analisada a reportagem do BATV sobre o “Dia Nacional da Alfabetização”, na qual é explorado esse recurso. Na edição do dia nove de setembro de 2003, esse recurso também foi explorado em uma matéria sobre cirurgia ocular. Essa estratégia tem como efeito aproximar as matérias exibidas pelo programa da experiência diária dos espectadores (essa observação é feita no capítulo de número cinco, quando os entrevistados comentaram a notícia sobre o Dia Nacional da Alfabetização).



Figura 11 – Exemplo de Reportagem Humanização do Relato

Nesse formato também podem ser explorados pelo programa efeitos de verdade, a exemplo da *passagem*, quando o repórter narra um trecho da reportagem no lugar onde a notícia acontece. Essa estratégia sugere o “eu estive aqui”, colocando o repórter enquanto testemunha dos fatos. No BATV a exploração da *passagem* também pode ser observada em outras localidades do estado, onde a Rede Bahia dispõe de afiliadas, recurso esse não explorado pelo AN2. A Rede

Bahia de Televisão dispõe de 06 emissoras de TV aberta, sendo que cada uma delas exibe o seu próprio telejornal, por isso a predileção do BATV em dar conta dos assuntos relacionados à cidade de Salvador. Na figura 10, a seguir, é apresentada uma passagem no município de Casa Nova, cidade do interior da Bahia. Segundo Luciana Santos (2004, f.90), o primeiro bloco do BATV é exibido como a primeira parte dos telejornais das outras afiliadas da TV Bahia nos demais municípios do estado.

A utilização das imagens de arquivo também demonstra a capacidade técnica do programa, que dispõe desse recurso, e que pode ser utilizado em ocasiões especiais. Isso pôde ser presenciado no dia oito de setembro de 2003, na notícia sobre a missa em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira, morto havia um ano. O logotipo da rede Bahia é exibido no canto direito da página para identificar as imagens de arquivo.



Figura 12 – Utilização do recurso passagem pelo BATV, capturado em dez. e ago. de 2003

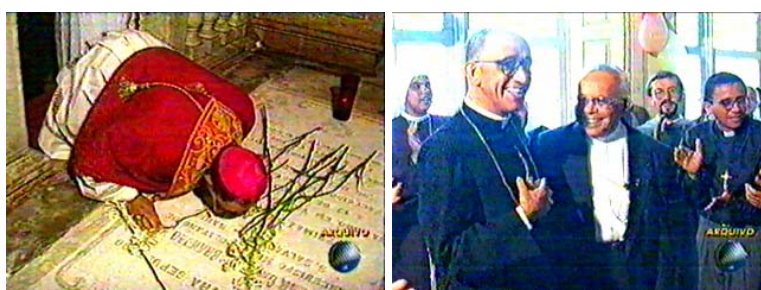


Figura 13 – Utilização do arquivo pelo BATV, capturado em set. de 2003

Notas cobertas e simples

Esses formatos de notícia têm menor duração quando comparados à reportagem. As notas cobertas, narração do repórter seguida de imagens, são utilizadas pelo programa em quadro fixo já comentado anteriormente e também em outros momentos do programa. Tanto a nota coberta como a nota simples (apenas a narração da notícia pela apresentadora) são apresentadas em matérias cuja relevância não mereceu o formato reportagem.



Figura 14 – Seqüência BATV nota simples, capturada em set. de 2003

O ao vivo

No *corpus* analisado, apenas o BATV disponibilizou tal recurso, sendo esse um dos seus diferenciais em relação ao telejornal AN2. Nele a apresentadora e repórteres podem falar entre si a fim de trazer ao espectador as notícias que estão acontecendo no momento da apresentação do programa. Mais uma vez, a partir da utilização de um recurso técnico, o BATV se diferencia da concorrência. Tal qual na utilização da *passagem*, a utilização do ao vivo intensifica o efeito do “eu estive lá”, para o efeito do “eu estou aqui”. Isso aconteceu nas exibições dos dias oito de agosto e 10 de setembro.



Figura 15 – Cobertura Ao Vivo do Barra Fashion, capturada em set. de 2003.



Figura 16 – Cobertura ao vivo, missa em homenagem ao Cardeal D. Lucas, capturada em ago de 2003

Os enquadramentos de câmera

Com a finalidade de observar certas angulações de câmera utilizadas pelos noticiários, toma-se como referência a categorização adotada por Tuchman (1978) embasada em Edward Hall (TUCHMAN, 1978, p.117). Elas são em número de seis e se diferenciam em função da distância: *Distância íntima*, *distância pessoal próxima*, *distância pessoal afastada*, *distância social próxima*, *distância social afastada* e *distância pública*, conforme podem ser observadas no anexo B. Essas categorias não devem ser taxionômicas quanto à sua semântica, i.e, não se pode afirmar que a adoção de um plano x ou y sugere tal tipo de sentido, contudo, há regularidades em sua utilização pelo programa em referência.

A exploração do *direcionamento direto* é privilegiado pelo programa, direcionamento esse utilizado por outros telejornais brasileiros, a exemplo do Jornal Nacional (JN) e do Jornal da Record (JR). Durante o período observado notou-se uma regularidade na aparição da apresentadora titular do telejornal, a jornalista Kátia Guzzo, uma vez que das 36 edições analisadas, ela não dirigiu apresentou 06 delas.



Figura 17 – Direcionamento direto, JR, JN e BATV, capturado em jun. de 2004 e dez de 2003.

Em oposição a esse posicionamento do BATV, visualiza-se no telejornal Bahia Meio-dia, telejornal exibido ao meio-dia pela mesma emissora e apresentado no mesmo cenário, um outro posicionamento no qual é explorado o *direcionamento indireto*.

A apresentadora do telejornal BATV narra as matérias, na maior parte do tempo, na *distância pessoal afastada*. Essa escolha do enquadramento de câmera indica um posicionamento afastado para com o endereçado (vide figura 15). Como sugere essa categoria, há uma aproximação entre os interlocutores pelo seu caráter pessoal, mas há uma distância de modo a não permitir a entrada de juízos e comentários pelo apresentador. Uma diferença de enquadramento de câmera de modo a demonstrar essa distinção é percebida ao se comparar o plano utilizado pelo apresentador Boris Casoy (vide figura 16) no Jornal da Record. Ele utiliza a *distância íntima* e *distância pessoal próxima* quando comenta as notícias no final das reportagens. Já o plano adotado pelo BATV para a apresentadora Kátia Guzzo (vide figura 16), em seu momento mais íntimo com o espectador, é observado em um plano intermediário entre o de *distância pessoal afastada* e o de *distância pessoal próxima*. Durante o período em que foi observado o telejornal, a apresentadora não fez comentários acerca das reportagens, embora utilize expressões faciais, demonstrando aprovação, desaprovação ou descontração em relação às matérias veiculadas.



Figura 18 – Enquadramento de câmera, JR (*distância íntima*) e BATV (*distância pessoal próxima*), capturado em jun de 2004 e ago de 2003.

Os enquadramentos de câmera *distância pessoal próxima* e *distância pessoal afastada* são utilizados, preferencialmente, pela apresentadora do BATV em momentos muito específicos. Quando é utilizada a *distância pessoal afastada* pode-se esperar a exibição de uma *reportagem* ou *nota coberta* (apresentação de notícias pelo apresentador com o auxílio de imagens), vide figura 17, e não de uma *nota simples* (narração de notícias realizada pelo mediador sem imagens): nesta, o plano utilizado é a *distância pessoal próxima*, vide figura 17. O plano *distância social*, por sua vez, é utilizado em um momento específico do programa, o lugar dos *efeitos de realidade* para exibir os repórteres em *passagem*, e para filmar as *vozes acessadas* (HARTLEY, 2001). A *distância pública* por sua vez é usada para filmar eventos nos quais uma multidão se faz presente.



Figura 19 – narração de nota coberta e nota simples BATV, capturada em ago.de 2003.

O cenário do programa

O programa utiliza painéis como pano de fundo, como uma espécie de marcas de tematização em relação às notícias, a exemplo das matérias sobre esportes, nas quais é exibida uma foto do estádio da Fonte Nova atrás da apresentadora, vide figura 18. Essas notícias foram, em sua maioria, destinadas à cobertura dos dois principais times de futebol do estado, o Esporte Clube Vitória e o Esporte Clube Bahia. Algumas outras marcas de tematização são utilizadas pelo programa, a exemplo das imagens do Elevador Lacerda e do Dique do Tororó (vide figura 18), mas não parecem ter associação direta com as notícias veiculadas. Esses tipos de marcas exploradas pelo programa têm predileção para a exibição de pontos turísticos de Salvador. Parte do jornal é transmitido para todo o Estado da Bahia, contudo imagens de outros municípios não servem de motivo para os painéis. Isso poderia sugerir uma preferência pela abordagem de notícias de Salvador em detrimento de outros locais do Estado.



Figura 20 – Motivos do cenário BATV

3.1.2 A Estrutura Verbal do BATV

O modo como o programa se endereça ao espectador é possível ser observado através das *maneiras de dizer* adotadas por ele. Hartley (1997) afirma que, mais especificamente quando se trata de um programa de televisão,

Um pode ser mais popular, outro mais voltado para a investigação de uma notícia, um terceiro mais dedicado às notícias de caráter financeiro e econômico. Em cada caso, as diferenças se marcam [...] principalmente em virtude da personalidade e o aspecto de seus apresentadores [...] seu estilo de se expressar ou de conversar [...]. (HARTLEY, 1997, p.229) (tradução nossa).

Com base nessas suposições, analisa-se, neste momento, o estilo da apresentadora de se dirigir ao seu público. O modo de se dirigir utilizado pelo BATV é o *distanciado* (MAINGUENEAU, 2001) e objetivo, e isso é observado a partir do emprego da terceira pessoa e do imperativo. A análise que se apresenta a seguir tomou como base a referida amostra de julho a dezembro de 2003 e teve como parâmetro os momentos nos quais a mediadora se dirigia ao público. Foram observados: a abertura e o fechamento do programa, as chamadas para a previsão do tempo e para o trânsito em Salvador, além dos momentos de passagem entre os blocos.

Na abertura do programa de 21 de setembro de 2003 a apresentadora anunciou: “Boa noite. **O lixo, que era problema, agora gera emprego e renda em Salvador.** O mau cheiro foi substituído por um parque, usina elétrica, fábrica de adubo e centro de reciclagem de entulho. O projeto é pioneiro na América do Sul.” Nota-se que o texto é apresentado na terceira pessoa do singular enquanto o interlocutor não deixa marcas sobre o discurso proferido. Esse tipo de abertura também se repete no dia 09 de agosto de 2003.

“Boa noite. **Funcionários** de uma das maiores empresas de ônibus do país e do Detran da Bahia **estão sendo acusados de um esquema de fraude** nas documentações dos veículos. **A polícia descobriu o golpe** depois de prender um ex-despachante em Salvador”

Na exibição da previsão do tempo, por sua vez, além desse distanciamento, há a entrada do imperativo, conforme pode ser observado na edição do dia primeiro de dezembro de 2003: “E a terça-feira amanhece com céu encoberto, mas o sol aparece: [...] **veja** a previsão para todas as regiões”. Em 09 de agosto de 2003, foi celebrado o dia dos pais e a apresentadora encerrou o telejornal da seguinte maneira: “**Aproveite** bem o Dia dos Pais, bom domingo para você.”

O telejornal começa com a exibição das notícias após uma breve saudação de “Boa Noite”. Em alguns dos dias analisados não houve o cumprimento e as matérias começaram a ser apresentadas imediatamente após o enquadramento de câmera *distância pessoal afastada*, tendo como objeto a apresentadora. Observou-se uma regularidade em relação ao emprego de certas frases, tais quais: “veja a previsão do tempo” ou “daqui a pouco”, e ainda no fechamento do programa, o “Pra você uma boa noite e até amanhã”, de modo que se cria uma rotina de tratamento entre aquele que endereça e o endereçado, que não foge ao previsto e enfatiza o distanciamento oferecido pelo programa. Também na apresentação das notícias sobre futebol, a apresentadora diz “Futebol!”, com uma interjeição, e em seguida são apresentadas as matérias sobre esse assunto.



Figura 21 – Abertura do BATV em distância pessoal afastada, capturada em out de 2003

Contudo, esse caráter imperativo e distanciado do programa parece ser quebrado no momento da exibição do trânsito em Salvador, quando a apresentadora diz “Vamos ver agora, ao vivo, como está o trânsito em Salvador”. Esse “vamos ver” também é mencionado de modo regular pela apresentadora, mas é diferente do distanciamento habitual do programa e posiciona aquela que endereça e aquele que é endereçado em uma outra maneira de dizer.

Ao mencionar “Vamos ver o trânsito em Salvador”, a apresentadora coloca-se em um posicionamento não mais distanciado e objetivo, no qual ela utiliza a terceira pessoa, mas assume o enunciado em conjunto com o destinatário (fazendo uso da segunda pessoa do plural), que também terá acesso ao vivo às imagens exibidas sobre o trânsito em Salvador, enquanto ela afirma estar o “trânsito congestionado na avenida Paralela”, por exemplo (vide figura 20). Contudo, esse momento de maior aproximação entre aquela que endereça e o seu endereçado parece ser justificado em função das imagens que estão disponíveis para ambos. Esse momento mais próximo entre os interlocutores é quebrado logo em seguida: no momento da exibição do trânsito a apresentadora afirma: “Trânsito congestionado na avenida Paralela” e retoma a sua posição distanciada e parece dizer: “Conforme você está vendo, o trânsito está congestionado na avenida Paralela”. Essa postura retorna ao distanciamento e ao tom imperativo do programa.

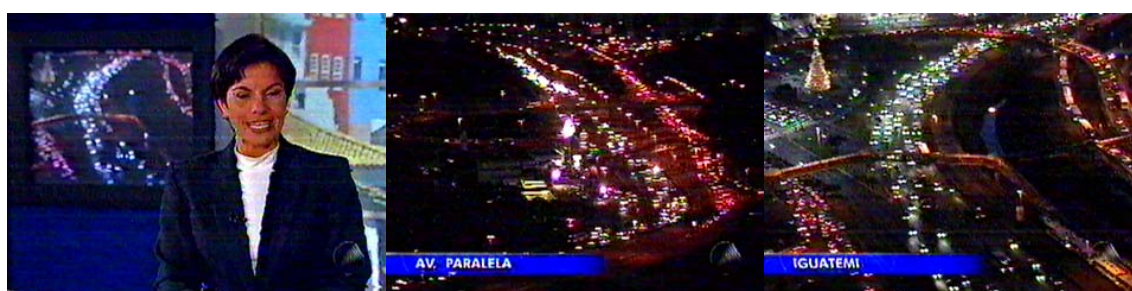


Figura 22 – Informe de Trânsito, capturado em dez de 2003.

Essas observações, acerca da fala da apresentadora, são condizentes com o seu modo de apresentação na tela: a *distância pessoal afastada*, distanciamento esse também buscado em sua fala. Sua imagem na tela (postura ereta, olhar incisivo, vide figura 19) sugere o **tom distanciado e imperativo** do programa, colocando a mediadora na posição daquela que **domina o assunto e que deve transmiti-lo**. Observar-se-á, em um outro momento, que apesar de utilizar desse mesmo enquadramento de câmera, o Aratu Notícias 2ª edição prefere o tom de cumplicidade ao imperativo do BATV 2ª edição.

No encerramento do programa é criada uma rotina de tratamento entre apresentadora e espectadores, com a fala “pra você, uma boa noite”. O programa é encerrado e os créditos tomam a tela, tendo a imagem da apresentadora ao fundo (vide figura 20). Ela mantém a sua postura distanciada em relação à audiência, mesmo nesse momento do programa. No AN2, a apresentadora sorri enquanto o programa é encerrado, conforme será comentado no momento de análise do AN2. É também utilizado pelo BATV um encerramento no qual pode ser visto o trânsito em Salvador no fundo.

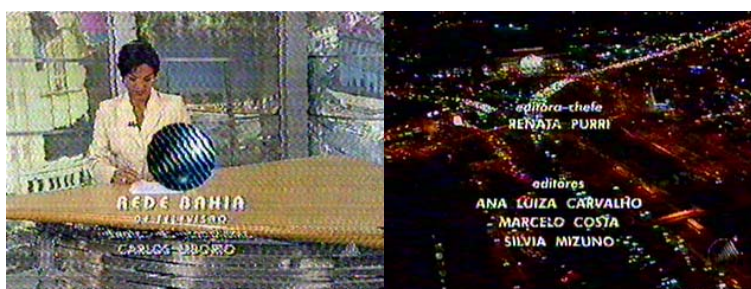


Figura 23 – Fechamento do BATV, capturado em ago e set de 2003.

3.1.3. A Narrativa da Notícia no BATV

Até o presente momento, foram abordadas as questões referentes à cena criada pelo programa e pelo modo como através dessa encenação - que vai da construção de um cenário, enquadramento de câmeras e da forma de se dirigir ao endereçado – o programa estabelece sua postura em relação ao espectador. Na primeira etapa dessa análise, tratou-se, portanto, daquele primeiro contato entre aquele que se endereça e aquele que é endereçado através de algumas *minúcias semióticas* como o cenário, a gesticulação, a postura e a fala do apresentador em direção ao público, a utilização de recursos gráficos pelo programa etc. Houve uma atenção primeira à enunciação, enquanto o “dito” não foi abordado. Nesse momento, busca-se intercalar a postura do programa em relação ao seu endereçado, mas a partir da observação dos *frames* de referência. Essa aproximação merece uma investida sobre o dito.

O dito. A notícia enquanto produção social.

Na análise anterior foi observada uma maneira de dizer distanciada, objetiva e imperativa do BATV em direção a sua audiência, contudo tal postura não poderia deixar de ser percebida como uma investida do programa nos padrões clássicos do jornalismo, que deve ser imparcial e objetivo. Não caberia resgatar aqui a discussão sobre se o jornalismo pode ou não ser objetivo, se ele reflete ou constrói a realidade. A notícia é entendida pelo presente estudo, conforme já foi apresentado, como uma produção social (HALL, 1993) na qual cabe ao jornalista

[...] selecionar entre os muitos itens que se apresentam em cada uma das categorias [notícias nacionais, internacionais, políticas, desporto etc], aqueles que se sente virem a ser de interesse para o leitor. É aqui que a *ideologia profissional* do que constitui *boas*

notícias – o sentido de valor notícia do jornalista – começa a estruturar o processo. (HALL, 1993, p. 224).

Contudo, segundo Hall, essa prática jornalística deve estar ancorada em um consenso social no qual essa tarefa de tornar um dado acontecimento inteligível deve ser orientada, portanto, a partir de suposições sobre o que é a sociedade e o modo como ela funciona. Dessa afirmação conclui-se que para haver produtores e receptores de notícias deve existir um consenso, uma partilha de sentidos, entre os membros de uma sociedade. “[...] Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes; temos acesso aos mesmos mapas de significados.” (HALL, 1993, p.226)

Do ponto de vista da audiência, afirma o autor, os acontecimentos são interpretados a partir de enquadramentos derivados dessa noção de consenso que faz parte da característica básica da vida cotidiana. Esses *frames* ou quadros orientam os produtores acerca do que o público supõe pensar e saber sobre a sociedade (HALL, 1993, p.227). Hall (2003a) identificou a posição de leitura preferencial como a principal e a partir da qual surgem as outras duas: a *negociada* e a *oposicional*. Segundo o autor, nessa tarefa de enquadramento, “os *media* definem para a maioria da população os acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos” (HALL 1993, p.228).

Essa definição de uma leitura preferencial por parte dos *media* não é criada de modo autônomo. Segundo Hall, eles dependem do fornecimento de assuntos noticiosos e depoimentos legítimos sobre um dado evento por fontes

institucionais regulares e críveis¹⁸. Essas fontes auxiliam, segundo o autor, na rotina de produção jornalística, a distinguir o que pode ser caracterizado como fato ou opinião. Apelar para uma fonte crível ou fazer com que ela fale em lugar do repórter é uma via de mão dupla, segundo Hall, na qual se por um lado podem ser fundamentadas afirmações objetivas e autorizadas, do outro, a predileção por uma fonte institucionalizada ao invés de outra, por exemplo, pode orientar *definições de realidade social* assumidas pelo veículo noticioso.

Dito isso, opta-se por um não juízo de valor sobre a questão da objetividade jornalística. O interesse aqui está em observar essas duas zonas de tensão convivida pelos produtores de notícia. Supõe-se que ao confrontar os modos de apresentação não só da sua enunciação, mas também dos enunciados entre os dois telejornais locais, esse movimento diga respeito à imagem concebida pelos programas analisados sobre o público que assiste aos telejornais, bem como as visões de mundo que o programa constrói acerca da realidade experimentada na vida cotidiana.

O tom distanciado e imperativo do BATV.

O propósito desta investida, portanto, está em observar a leitura preferencial sugerida pelos programas jornalísticos analisados, o BATV e o Aratu Notícias 2ª edição. Nesse momento deve-se averiguar o modo de apresentação do programa em relação às notícias. Como foi mencionado, os modos de endereçamento (HARTLEY, 2001) oferecem uma sistemática para analisar o que o autor denomina *narrativa da notícia* (HARTLEY, 2001, p.115). Hartley subdivide a notícia em quatro momentos: **quadro, enfoque, efeito de realidade e fechamento.**

¹⁸ Análises dessas interlocuções entre a produção de notícias e essas fontes institucionais que disponibilizam através de *press releases* para a imprensa foi objeto de estudo para van Dijk (1990), Verón, (1981) e Tuchman (2002).

A noção de quadro é similar à desenvolvida por Goffman (1991), onde há um quadro geral que serve de base para a construção da notícia. O autor cita como exemplo uma notícia na qual o quadro geral é “uma disputa industrial”; o enfoque diz respeito àquilo que é falado numa matéria. Em um quadro geral “greve”, por exemplo, o enfoque pode ser do ponto de vista dos grevistas ou daqueles que estão privados do serviço em função da greve; quanto ao *efeito de realidade*, ele se dá a partir do pronunciamento daqueles que Hartley denomina *vozes acessadas*.

O próprio termo *vozes acessadas* (*accessed voices*) traz uma sugestão sobre o seu emprego: é como se determinadas vozes estivessem em uma espécie de banco de dados social, prontas para serem acessadas para uma dada finalidade. É o momento em que repórteres e apresentadores ao longo da notícia concedem poder de voz a populares e a especialistas a fim de exibirem o “real”. Esse procedimento oferece pistas sobre a narrativa da notícia em relação à oposição “nós x eles”, que implica na visão de espectador construída pelo programa, cujo modo de funcionamento será mais bem esclarecido durante a análise. Por fim, o **fechamento** ou a conclusão identifica a leitura preferencial do programa noticioso, ou seja, o modo como a notícia deveria ser lida.

Para fins dessa análise, toma-se como parâmetro inicial um instrumento da análise de conteúdo (a análise de frequência¹⁹) das matérias do BATV no *corpus* coletado. Essa etapa é apresentada nos próximos itens.

Os quadros da notícia.

No jornal impresso, as rubricas auxiliam na identificação das notícias (política, esporte, emprego, crimes etc.). Segundo Robert e Bouillaguet (1997, p.12),

¹⁹ Segundo Kientz (1973, p. 169-170), a palavra frequência é tomada pela análise de conteúdo não no sentido estrito estatístico que deveria ser representado pela fórmula $f_i = n_i/N$, mas a sua utilização pela A.C toma como base a “aritmética mais elementar”, nas palavras do autor. Ela consiste em “[...] calcular porcentagens, mas poderá se contentar com simples enumerações e estimativas.”, permitindo identificar temas principais ou focos de atenção dos enunciados.

foram elas que auxiliaram as primeiras sistematizações sobre os estudos de conteúdo da imprensa americana realizadas pela Universidade de Columbia no início do século XX. Essas rubricas auxiliam na contextualização daquilo que vai ser dito; com elas o espectador pode aproximar-se de um dado assunto sabendo previamente sobre o que será dito.

Quando a apresentadora do BATV declara antes das notícias de esporte “Futebol!”, ela oferece um tipo de *frame* partilhado pelos destinatários e que diz respeito a um modo de dizer acerca daquilo que será apresentado. Tomando como inspiração as categorias de *frame* em Goffman (1991), identificaram-se, com base em uma observação do *corpus* da pesquisa, alguns quadros gerais para a sistematização das notícias veiculadas durante o período de julho a dezembro de 2003, quais sejam: *Encontros Esportivos, Greves e Paralisações, Comemorações, o Inesperado, Informes de Tempo e Espaço, Governança*²⁰, *Cidadania e Bem Estar Social, Consumo, Festas Religiosas e Pagãs*. Contudo, antes da sistematização do *corpus* analisado, deve-se descrever a estruturação do programa a fim de que essas categorias possam ser mais bem desenvolvidas.

²⁰ Categoria essa identificada por Luciana Silva Santos (SANTOS, 2004).

Dos momentos de exibição do programa.

Constatou-se uma regularidade em certos quadros de notícia a partir da análise de freqüência e foram identificados os seguintes quadros para as notícias. No eixo y do gráfico, a seguir, têm-se os percentuais que variam entre 3% a 20% em média, e dizem respeito à freqüência de aparição das notícias que foram categorizadas em quadros gerais, rerepresentados na legenda abaixo, ao longo dos meses.

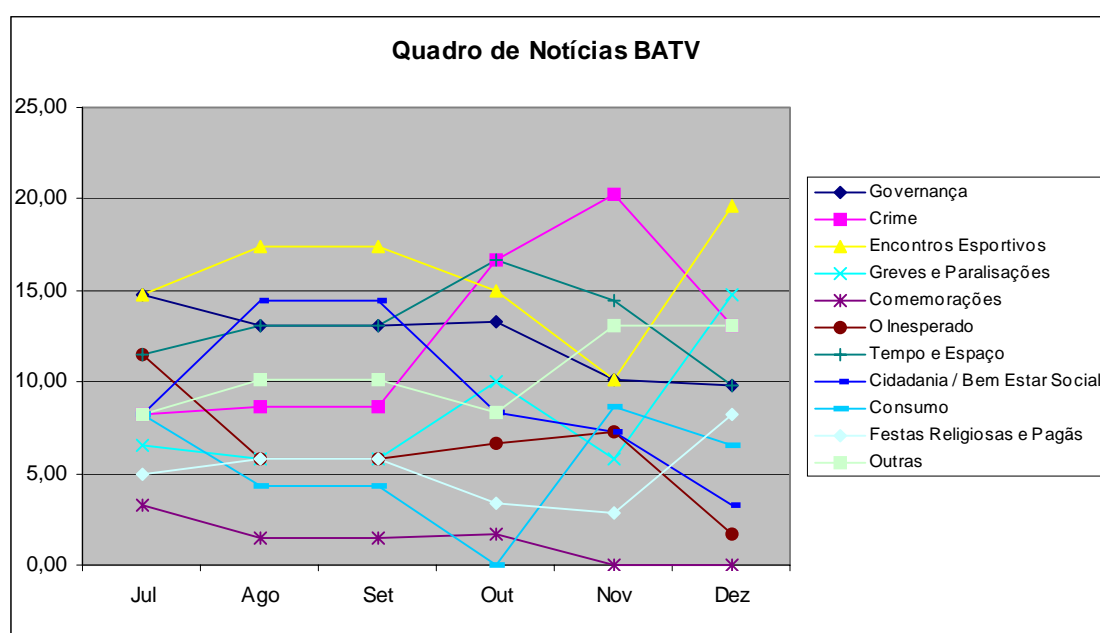


Figura 24 – Quadro de notícias do BATV

Para fins da presente análise devem-se destacar os quadros de notícias que tiveram maior aparição no *corpus* analisado (julho a dezembro de 2003). Foram, portanto, observadas as notícias cuja freqüência ficou entre 10% e 20%, quais sejam: *Governança*, *Crime*, *Cidadania e Bem Estar Social*, *Encontros Esportivos*, *Informes de Tempo e Espaço*.

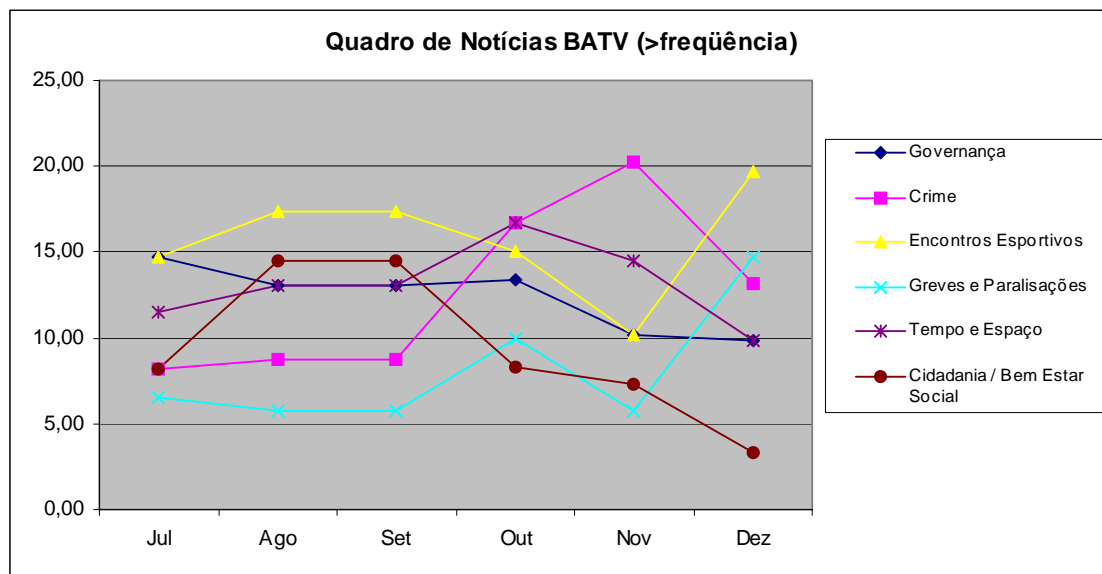


Figura 25 – Quadro de Notícias do BATV (> freqüência)

Governança

Aqui foram consideradas matérias nas quais se apresenta o fazer dos representantes de governo, a exemplo de prefeitos e governadores, cujas ações implicam diretamente na vida do cidadão. Durante o período analisado, observou-se um modo de apresentar essas notícias. São matérias nas quais o cidadão é beneficiado por uma determinada ação dos governos (municipal, estadual ou federal). Foram identificadas 40 notícias que mereceram essa categoria, contudo não seria possível trazer a análise de todas essas matérias. Assim, com a finalidade de observar esse e outros quadros de notícia, tomou-se o dia de exibição 26 de novembro de 2003, no qual ao menos duas notícias de cada uma das categorias puderam ser encontradas. Nesse dia foram exibidas duas notícias que foram categorizadas no quadro *Governança*. É válido ressaltar que se toma como parâmetro para análise a *estrutura da narrativa da notícia*, utilizada por Hartley (2001) com a finalidade de observar os *modos de endereçamento* dos programas

analisados, quais sejam o *quadro*, o *enfoque*, o *efeito de realidade* e o *fechamento*, como foi mencionado anteriormente.

De modo distanciado a apresentadora, na notícia 01, menciona: “Inaugurada no sul do estado uma usina hidrelétrica, com capacidade de gerar energia para um milhão e meio de famílias”. O modelo de análise da estrutura temática, adotado por van Dijk (1992, p.141), auxilia na identificação do enfoque dado a essa notícia. Segundo o autor, o *lead* no discurso da notícia tem como função exprimir ou inferir o tema ou um tópico (DIJK, 1992, p.134). Tem-se como *Episódio Principal* o enunciado: “Inaugurada no sul do estado uma usina hidrelétrica, com capacidade de gerar energia para um milhão e meio de famílias”. Logo, a *Razão / Causa Episódio 1* é: “Inaugurada no sul do estado uma usina hidrelétrica”, e a *Conseqüência Episódio 2*: “Um milhão e meio de famílias terão energia elétrica”. Deduz-se o seguinte enfoque da notícia: Um milhão e meio de famílias terão energia elétrica em função da inauguração de uma nova hidrelétrica.



Figura 26 – Seqüência Governança, BATV, notícia 01

Após a tematização da notícia, segue-se com a apresentação dos *efeitos de verdade*, i.e, os repórteres e cinegrafistas apresentam os fatos, imagens e/ou depoimentos das *vozes acessadas* (HARTLEY, 2001). No formato adotado por essa matéria, a narração da apresentadora acrescida de imagens (nota coberta), não foi

utilizado o depoimento das vozes acessadas, mas as imagens oferecem o testemunho. - Apresentadora em off:

A usina de Itapebi fica no rio Jequitinhonha, extremo no sul do estado. A obra, realizada pelo grupo Guararinana, custou 660 milhões de reais. É a maior hidrelétrica construída no Nordeste nos últimos quinze anos. O governador Paulo Souto e o secretário nacional de energia, Ronaldo Chuqui, abriram as comportas da usina, marcando a inauguração. A hidrelétrica tem capacidade para gerar um milhão e setecentos mil watts, energia suficiente para abastecer dez por cento do mercado baiano. (BATV, 26 de nov. de 2003)

Ao longo da matéria, observa-se que a hidrelétrica foi construída por uma empresa privada, contudo a tematização oferecida, como foi apresentada, identifica o Governo como agente. O ato simbólico de abrir as comportas da usina é feito pelo Governador de Estado e o Secretário Nacional de Energia. O desfecho da matéria ratifica a importância dessa inauguração, que é creditada pela matéria ao governo estadual “[...] energia suficiente para abastecer dez por cento do mercado baiano”.

A segunda notícia obedece ao mesmo *quadro Governança*, contudo com o formato reportagem dado à matéria será possível observar o modo como é desenvolvida a narrativa da notícia. Também fazendo uso do estilo distanciado e imperativo a apresentadora anuncia: “Os trens de [...] do metrô de Salvador vão ser construídos no Japão. Hoje, foi assinado o contrato de compra dos primeiros vagões. As obras do metrô, que chegaram a ficar paradas por meses, seguem em ritmo reduzido por falta de dinheiro”

Como *Episódio Principal* está o enunciado: “Trens do Metrô de Salvador vão ser construídos no Japão, o contrato de compra foi assinado, mas o ritmo das obras é reduzido pela falta de dinheiro.” Logo, a *Razão / Causa Episódio 1* é: “Mesmo com os investimentos do Governo, representado pela assinatura do contrato de compra dos trens do metrô que serão construídos no Japão”, *Conseqüência Episódio 2*: “O Ritmo das obras é reduzido por falta de dinheiro”. Deduz-se como enfoque principal: “Trens do metrô de Salvador serão comprados no Japão, mas as obras do Metrô estão em ritmo reduzido pela falta de dinheiro.”

Apenas com a introdução da matéria narrada pela apresentadora (*cabeça*) não fica claro o enfoque dado à notícia, podendo ser identificados outros tipos de tematização além do enfoque principal descrito. O primeiro seria: “Apesar da falta de recursos, o governo estadual compra trens no Japão”, mas esse enfoque é totalmente inverso ao privilegiado pela matéria, conforme pode ser observado a seguir com a exploração dos *efeitos de realidade* pelo programa. A repórter, em *passagem*, utilizando o efeito do “eu estive lá”, diz:

Hoje, uma parte dos operários trabalha no Acesso Norte, concluindo a estação de ônibus que vai ser integrada aos trens. Nas próximas semanas, o trabalho vai ser retomado também nos quatro quilômetros de elevado. Até agora, cinquenta e cinco por cento das obras civis foram concluídas, com o investimento de cerca de cento e oitenta milhões do Banco Mundial, governo federal, prefeitura e estado. O último recurso enviado pelo Ministério das Cidades foi em setembro, de dezessete milhões de reais. A falta de dinheiro tem atrasado a primeira etapa do projeto, que vai da Estação da Lapa a Pirajá. (BATV, 26 de nov. de 2003)



Figura 27 – Seqüência 01 Governança, BATV, notícia 02, capturada em 26 de nov de 2003.

Essa afirmação da repórter começa a delinear o enfoque da matéria. O primeiro passo está em demonstrar continuidade do trabalho (55% das obras estão construídas), contudo o Ministério das Cidades, do Governo Federal, repassou o último recurso em setembro. Vale a pena destacar que a matéria é de novembro. A repórter afirma ser a falta de dinheiro o fator responsável pelo atraso da realização da primeira etapa do projeto, afirmação essa comprovada pela voz institucional acessada, o perito Luís Roberto Castilho – coordenador das obras, que declara: “O recurso é que vai direcionar se a obra vai ser mais longa ou mais curta. Na nossa concepção, se tivesse o recurso adequado, eu acredito que no final de 2005 a obra estaria concluída.”

Na mesma matéria, tendo como foco a assembléia legislativa, a repórter afirma: “Pelo cronograma inicial, o metrô deveria ter sido entregue à população em março deste ano. Mesmo sem receber os recursos da União, o Estado vai comprar os primeiros trens do sistema de transporte. Com mais este investimento, a contrapartida do estado na realização do projeto chega a 160 milhões de reais”. Com essa afirmação há o delineamento total do enfoque da matéria na qual o Governo Federal, “União”, é descrito como aquele que não paga os recursos e em função desse atraso é que as obras não vão ser entregues à população. Contudo, graças à contrapartida do governo do Estado de 160 milhões de reais (quadro: *Governança*), é que serão comprados os primeiros trens do Metrô. No desfecho da matéria esse enfoque fica mais esclarecedor: o governo do Estado *está em ação* mesmo com os empecilhos causados pela União, conotação essa dada pelas declarações do prefeito de Salvador e do governador do Estado da Bahia. A repórter afirma:

O contrato com a empresa japonesa que fabrica os trens foi assinado hoje à tarde pelo governador Paulo Souto, o prefeito

Antonio Imbassahy, o secretário de Transportes do município, Ivan Barbosa, e representantes do grupo oriental Mit Suy. Os trens têm capacidade para 1250 pessoas cada um. Os seis trens e vagões vão custar 35 milhões de dólares, dinheiro que o Estado vai conseguir através de financiamentos.

Enquanto isso, o governador diz, na condição de voz acessada: “Bancos estrangeiros que, é ... vão financiar, eh, vão financiar este projeto, tendo em vista que o estado já tem, inclusive, as autorizações para a concepção desses empréstimos”. A declaração do prefeito tem o mesmo tom: “Quando o governo coloca 35 milhões de dólares significa dizer também que, é [...] o governo da União também tem obrigação de antecipar a liberação dos recursos”.

Apenas com a utilização do distanciamento proferido pela apresentadora na introdução da matéria, a notícia poderia seguir um outro caminho, contudo o enfoque dado ao longo da notícia e a utilização das *vozes acessadas* orientam a interpretação da matéria para a leitura preferencial já mencionada.



Figura 28 – Seqüência 02 Governança, BATV, notícia 02, capturado em 26 de nov de 2003.

Crimes

Enquanto no quadro “Governança” o agente é o Estado em prol do cidadão, nesse tipo de quadro os atores são a polícia, os marginalizados e a vítima. Uma característica geral do quadro *Crime*, presente também no Aratu Notícias 2ª edição, está na identificação do conflito entre “mocinhos” (policiais) e “bandidos” (suspeitos do delito), enquanto a vítima deve ser protegida e sua “atuação” deve buscar a comoção e a sensibilização daquele que assiste à notícia. Contudo, a

tensão da narrativa está em manter a imparcialidade de modo que o suspeito não seja julgado pelas palavras do programa, mas pelas próprias evidências dos fatos. Tal qual no quadro anterior, apresenta-se a seguir uma matéria em formato de nota coberta e uma reportagem que foram categorizadas nesse quadro geral. Na primeira notícia, a apresentadora emprega o *distanciamento* a partir do uso da terceira pessoa e apresenta:

Estão detidos no juizado de menores em Salvador uma mulher e dois homens acusados de obrigar crianças e adolescentes a pedir dinheiro nas ruas da Barra, entre eles, o neto e a filha de Josilene dos Santos. Ela disse que mora no bairro do Uruguai, mas está na rua há quatro meses, à procura de uma outra filha que teria fugido com o namorado. Os dois homens alegavam que davam proteção às crianças e que o dinheiro era para comprar comida. As crianças vão ficar no juizado de menores, e os adultos serão encaminhados ao DERCA, delegacia de repressão a crimes contra crianças e adolescentes. (BATV, 26 de nov. de 2003)

O *Episódio Principal* é: “uma mulher e dois homens acusados de obrigar crianças e adolescentes a pedir dinheiro nas ruas da Barra estão detidos no juizado de menores em Salvador”, enquanto a *Razão/Causa Episódio 1* pode ser descrita como: “acusados de obrigar crianças e adolescentes a pedir dinheiro”, e a *Conseqüência Episódio 2*: “detidos uma mulher e dois homens”. O enfoque é o mesmo do episódio principal. Nessa matéria há os suspeitos, aqueles que possivelmente obrigavam as crianças a pedir dinheiro nas ruas, enquanto as vítimas são as crianças possivelmente usadas pelos adultos. A Delegacia de Repressão a Crimes Contra Crianças e Adolescentes (DERCA) é o desfecho dado pelo agente (polícia) para os suspeitos. O fechamento da matéria se dá, geralmente, com a condenação dos acusados, “encaminhamento para a DERCA”. Contudo, o emprego de palavras não taxativas, a exemplo de “acusados” e “alegavam”, demonstra a utilização de construções que não devam condenar os acusados. Ao longo do

desenvolvimento da matéria, o desfecho é dado por uma “livre” ação dos agentes no interior do discurso.



Figura 29 – Seqüência 01 Crimes, BATV, notícia 01, capturada em 26 de nov de 2003.

Na segunda notícia, a apresentadora anuncia: “Uma criança de cinco anos foi morta com um tiro no Engenho Velho da Federação, em Salvador. Testemunhas disseram que o menino foi usado como escudo por um homem que também morreu, (ele) tinha várias passagens pela polícia.”

O *Episódio Principal* é: “criança de cinco anos foi morta com um tiro, menino foi usado como escudo por um homem que também morreu e tinha várias passagens pela polícia”, a *Razão Causa Episódio 1*: “por ter sido usado como escudo por um homem”. *Conseqüência Episódio 2*: “criança de cinco anos foi morta com um tiro”. O enfoque segue o episódio central, contudo a tensão é a mesma da notícia anterior: não se deve acusar os suspeitos sem evidências. Durante o momento *feito de verdade*, o repórter apresenta: “Luan Borges Santos, de cinco anos, foi morto em frente a esta casa, no bairro do Engenho Velho da Federação”.



Figura 30 – Seqüência 02.1 Crimes, BATV, notícia 02, capturada em 26 de nov de 2003.

Em um outro momento, afirma: “Segundo os moradores, que não querem dar entrevistas, o menino estava voltando da igreja junto com a mãe e um grupo de pessoas, quando alguns homens passaram atirando. Um homem, que também estava na calçada, usou o menino como escudo, o garoto foi atingido na cabeça”. A veracidade dessa afirmação é confirmada pelo apelo à voz *acessada* da mãe da vítima, cuja comoção deve dar o tom do ocorrido: “Ele carregou o menino, ele pegou, tava eu e minha filha, ele pegou o primeiro que ele viu pra se fazer de escudo, pra ver se o cara não matava. É, mas o cara matou ele e ainda matou meu filho, meu filho tão lindo, meu Deus!”

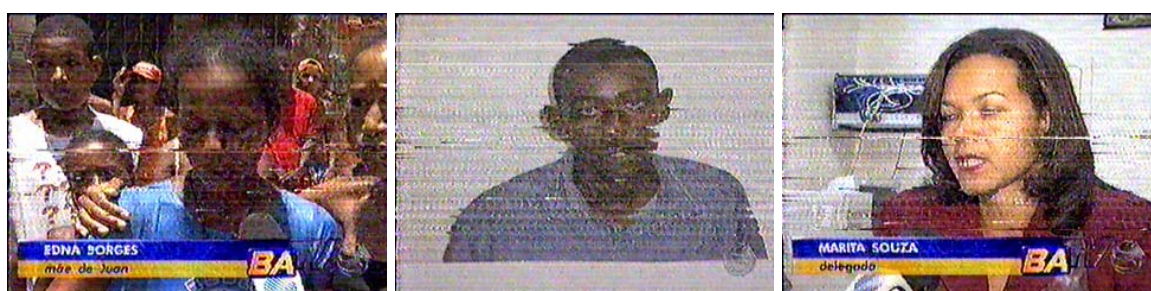


Figura 31 – Seqüência 02.2 Crimes, BATV, notícia 02, capturada em 26 de nov de 2003.

Depois da apresentação da vítima, é apresentado o outro ator: a polícia que, nesse caso, ainda não tem informações sobre quem deu os disparos, como narra o repórter: “O homem era Antônio Costa Correia, de 25 anos, que também

morreu no local. Ele tinha várias passagens pela polícia por estelionato e acusações de tentativas de homicídio. A polícia ainda não tem informações sobre os homens que realizaram os disparos”. A notícia, portanto, poderia ter duas vítimas, a criança de 05 anos e o homem de 25 anos que usou o menino como escudo, contudo o enfoque da matéria coloca a vítima apenas como sendo a criança, conforme foi apresentado. Há ausência dos depoimentos dos familiares do homem de 25 anos morto, por exemplo, na matéria. A caracterização dos atributos dessa não-vítima (“tinha várias passagens pela polícia por estelionato e acusações de tentativas de homicídio”) justificaria a não escolha dele para ser a vítima da matéria. Sua área de atuação estaria, para as rotinas de produção do jornal, muito mais próxima daqueles que disparou a arma. Portanto, ele também fazia parte do bloco dos “bandidos”. O desfecho da matéria é da delegada, que ainda busca o culpado: “Os policiais se encontram na rua pra localizar quem teria sido e o veículo que também teria sido utilizado para o fato acontecido.”

Encontros Esportivos

O esporte privilegiado nas coberturas foi o futebol. Os dois maiores clubes de futebol na Bahia são o Esporte Clube Vitória e o Esporte Clube Bahia. Se nas matérias de crime o momento de tensão estava em não julgar o suspeito, o distanciamento nesse tipo de quadro está em dar espaço às notícias referentes aos dois clubes, postura essa também adotada pelo Aratu Notícias 2^a edição. Essa característica faz do *frame Encontro; Esportivos* os de maior frequência, pois ambos telejornais veiculam sempre duas notícias sobre futebol em cada edição, conforme pode ser observado nos quadros de número 01 e 02, pág 135. No dia observado,

em uma mesma chamada feita pela apresentadora, segue uma reportagem que se subdivide em duas na qual tanto Bahia quanto Vitória são atores.

Após a interjeição característica “Futebol!”, a apresentadora declara: “O Bahia já está longe de Salvador e da torcida. Treinando para o jogo contra o Corinthians no domingo. No Vitória, o atacante Zé Roberto já não fala mais em jogar no Japão”. A matéria é iniciada com as imagens do treino do Vitória e o repórter afirma:

O atacante Zé Roberto é hoje um dos jogadores mais valorizados do elenco rubro-negro. Ontem, ele disse que ia jogar no Verti Kawasaki no próximo ano. Em tom de despedida, chegou a confirmar que o clube japonês pagaria um milhão e quinhentos mil dólares pelo seu passe. O Vitória e o empresário de Zé Roberto negaram. Hoje a tarde foi a vez do próprio jogador desmentir o que havia dito.

Diferente da tensão encontrada no quadro Crime, o repórter faz afirmações do tipo: “Zé Roberto é hoje um dos jogadores mais valorizados do elenco rubro-negro” e cita através de discurso indireto as suas fontes, contudo o episódio principal da notícia, “No Vitória, atacante Zé Roberto já não fala mais em jogar no Japão”, traz uma *Razão / Causa Episódio 1*: “Atacante do Vitória tinha dito que ia jogar no Japão” e uma *Conseqüência Episódio 2*: “atacante não fala mais em jogar no Japão”. O telejornal ativa aqui referências anteriores à enunciação por parte do espectador em um momento anterior, no qual o jogador afirmou um fato que não foi concluído e como conseqüência, no presente, o jogador não fala mais sobre esse assunto por ele não ter se efetivado. A comprovação do enfoque principal da matéria, que segue o episódio central, é esclarecida pela declaração do próprio jogador durante o *efeito de realidade*. “Não, não, não tem nada certo ainda não.”

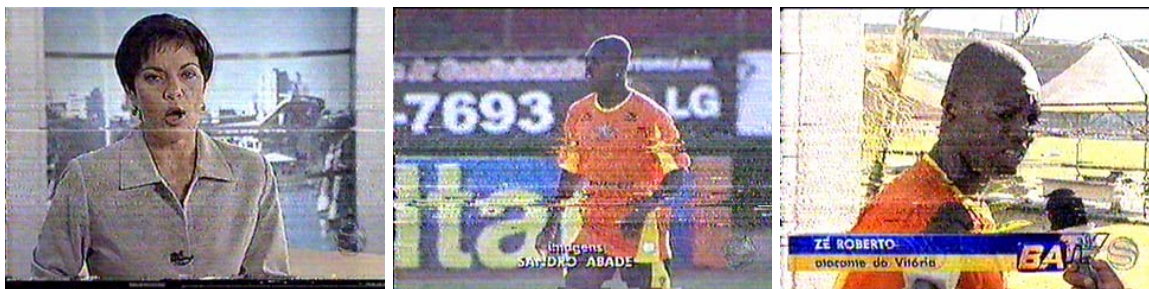


Figura 32 – Seqüência 01 Encontros Esportivos, BATV, notícia 01, capturado em 26 de nov de 2003.

Outra locação escolhida para a gravação das notícias sobre futebol, por ambos os telejornais, além dos lugares de treino, é o aeroporto, pois é o local de embarque e desembarque dos jogadores após as partidas. O repórter diz:

O Bahia viajou de manhã para Mogi-Mirim, cidade do interior de São Paulo, a 150 quilômetros da capital. É lá que o time vai ficar concentrado antes a partida de domingo com o Corinthians. Os tricolores esperam encontrar o sossego que anda em falta por aqui. Os últimos dias foram de protesto e confusão, o que só piorou o já carregado clima do clube.

O enfoque da notícia é observado a partir do *Episódio Principal* declarado pela apresentadora: “O Bahia já está longe de Salvador e da torcida. Treinando para o jogo contra o Corinthians no domingo.” Com o desenvolvimento da matéria por parte do repórter ficam claros os momentos de *Razão / Causa Episódio 1*: “Treino para o Jogo contra o Corinthians” e a *Conseqüência Episódio 2*: “deixa Bahia longe da torcida e de Salvador”. O repórter oferece aos espectadores informações contextuais acerca da má campanha do Bahia, que provocou a revolta dos torcedores e a ida para São Paulo: essas duas evidências justificam o emprego do “longe de Salvador e da torcida” empregado pela apresentadora. O repórter segue esse enfoque e declara: “Os jogadores e a comissão técnica não estão atrás apenas

de paz de espírito. Eles querem pegar o túnel do tempo, em busca de boas lembranças”.

Com a utilização do arquivo de imagens do programa, o apresentador justifica com o *efeito de verdade* oferecido pelas imagens o porquê da cidade de Mogi-Mirim “dar boas lembranças ao time”, como menciona o repórter: “Foi em Mogi-Mirim que no dia 17 de novembro do ano passado o Bahia venceu a última partida fora de casa.” Declaração essa comprovada pela voz acessada do goleiro do Bahia: “Um lugar que nos trouxe um alívio no campeonato do ano passado, foi a permanência na primeira divisão. Esse ano, não é o último jogo mas é um jogo tão importante quanto aquele.” O desfecho da matéria aguarda a chegada do Bahia e abre o caminho para novas reportagens no aeroporto enquanto lugar de chegada, como declara o repórter: “Que a inspiração do passado traga sorte no presente e que o futuro seja um vôo sem turbulências.”



Figura 33 – Sequência 02 Encontros Esportivos, BATV, notícia 02, capturada em 26 de novembro de 2003.

Informes de Tempo e Espaço.

Os informes sobre a previsão de tempo e sobre o trânsito são usados com regularidade pelo programa. No caso do primeiro, por exemplo, ele é exibido quase sempre no final do primeiro bloco. O momento de tensão se dá com ocorrência das

chuvas, o tempo “ruim”. O sol é esperado principalmente durante os fins de semana. Essa afirmação é comprovada na fala da apresentadora e nas expressões de aprovação utilizadas. Quanto ao trânsito, o ideal é que o tráfego flua sem engarrafamentos.

Na previsão do dia 26 de novembro de 2003, a apresentadora afirmou com um sorriso: *“Mais um dia de sol e calor na maior parte do Estado, veja a previsão.”* São exibidas as médias de temperatura, nas maiores cidades do interior (mínima e máxima), enquanto o destaque final é para Salvador, que tem a previsão do tempo para os próximos 03 dias.

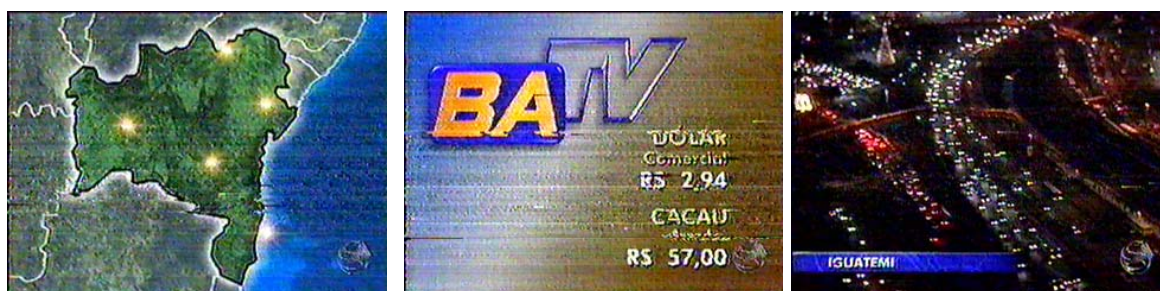


Figura 34 – Seqüência 01 Informe de Tempo e Espaço, BATV, capturada em 26 de nov de 2003.

Cidadania e Bem Estar Social

Nesse tipo de quadro foram categorizadas notícias nas quais um certo dever é requisitado pelo programa em direção ao espectador. Fizeram também parte dessa categoria as notícias sobre doação de órgãos, adoção de crianças, auto-exame para evitar câncer de mama. No dia 26 de novembro de 2003, a notícia que mereceu essa categorização teve o seguinte enunciado da apresentadora: “Mais de três milhões de baianos já fizeram a declaração de isentos. Este ano o prazo termina

sexta-feira. A Receita Federal não sabe quantos contribuintes do estado ainda precisam regularizar a situação, mas quem não declarar pode ter o CPF cancelado”. O *Episódio Principal* é: “os contribuintes precisam regularizar a situação”, enquanto a *Razão / Causa Episódio 1*: “quem não fizer a declaração pode ter o CPF cancelado.” E a *Conseqüência Episódio 2*: “quem não tiver declarado como isento pode ter o CPF cancelado.”

Assim, a notícia segue de modo a oferecer ao espectador informações sobre como ele deve proceder de modo a não estar incluso no lado oposto do comportamento sugerido pela matéria. Nesse caso específico deveria ser o cadastramento de isento de declaração do imposto de renda na Receita Federal. Em uma outra matéria sobre o câncer de mama, por exemplo, a espectadora deveria fazer o auto-exame. Prossegue desse modo o repórter: “Como este estudante de 17 anos, quem tem CPF, mas não tem nenhum rendimento, precisa fazer a declaração de isento.” Assim, entra a *voz acessada* do estudante que pretende estar em dia com a Receita Federal, servindo o seu discurso para ratificar a ação desejada pelo programa em direção ao espectador para que faça a declaração de isento: A legenda exhibe “Paulo dos Santos – estudante” e ele afirma: “Com essa declaração, eu posso ter a facilidade para fazer o passaporte, também para conseguir um emprego, aí eu terei que abrir a conta e não terei dificuldade”. Ao longo da matéria, o repórter explicita quem e em que situação deve declarar o imposto de renda: “Também precisa declarar quem teve no ano passado rendimento igual ou inferior a doze mil seiscentos e noventa e seis reais (Legenda: R\$ 12.696,00 ao ano)”.



Figura 35 – Seqüência 01 Cidadania e Bem estar social, BATV, capturada em 26 de nov de 2003.

A utilização de gráficos, conforme já foi apresentado, torna didática a informação: o dever do espectador, enquanto o repórter afirma em off: “três milhões 261 mil baianos já fizeram a declaração de isentos, 240 mil a mais que em 2002.” A matéria segue e apela ao efeito de verdade para mais uma fonte acessada que ratifica a leitura preferencial da matéria: a legenda exhibe “José do Nascimento – segurança” e, enquanto isso, ele declara: “Vô fazê pá não ter poblema, né? Principalmente com o CPF, né?”

Agora o desenvolvimento da notícia exhibe o comportamento contrário à *leitura preferencial* e àquilo que não deveria ser feito pelo espectador, tal qual um contra-exemplo: menciona o repórter em off enquanto é exibido um gráfico:

Desde que foi criada a declaração de isentos, há cinco anos, dois milhões e oitocentos mil baianos já tiveram o CPF cancelado. Isso acontece quando a declaração deixa de ser feita por dois anos seguidos. Quem tirou o CPF pela primeira vez este ano ou declarou o imposto de renda em conjunto está dispensado. Seu Vicente não sabe, mas está com o CPF cancelado. (BATV, 26 de nov. de 2003)

Apela-se mais uma vez para a *voz acessada*, contudo agora se apresenta uma postura contrária àquela esperada pelo programa. Na legenda consta “Vicente Machado – auxiliar de limpeza” e ele afirma: “Há muitos anos que eu já tenho ele feito e ele tá na identidade, eu acho, pra mim eu acho que não precisa mais”.

A matéria, depois de exibir uma tensão inicial, “é preciso fazer a declaração de isento”, e mostrar exemplos favoráveis e desfavoráveis para aqueles que aderirem ou não às recomendações, apresenta no seu fechamento meios para solucionar essa situação irregular de modo que, caso o espectador se identifique com o contra-exemplo “o seu Vicente”, possa tomar as medidas cabíveis.

Quando o programa exibiu a matéria sobre o câncer de mama, por exemplo, foram utilizados, como vozes acessadas pelo telejornal, os depoimentos de médicos, além da apresentação de uma paciente fazendo a mamografia no consultório. Na notícia sobre a declaração de isento, a seguinte declaração fornece meios para que o espectador possa solucionar o impasse. O repórter afirma:

“Nas lotéricas, o boleto para *Seu Vicente* regularizar a situação custa setenta e cinco centavos e o prazo termina na sexta-feira dia vinte e oito. A declaração de isentos também pode ser feita pela Internet www.receita.fazenda.gov.br (Legenda: www.receita.fazenda.gov.br) ou através do telefone 0300 78 0300 (Legenda: 0300 78 0300), a ligação é paga. Nas duas opções só é possível declarar até as sete da noite, horário local”



Figura 36 – Seqüência 01.1 Informe de Tempo e Espaço, BATV, capturada em 26 de nov de 2003.

3.1.4. Do endereçamento de público realizado pelo BATV

Na estrutura visual do programa observa-se o distanciamento sugerido pelo programa ao adotar como enquadramento de câmera preferencial o distanciamento pessoal afastado. O programa dispõe de recursos técnicos que são explorados de modo que ele pode ser identificado pela sua audiência, conforme sugere o entrevistado 12 no capítulo cinco, como “mais bem elaborado”. Isso se deve ao fato do BATV dispor de recursos como a exploração de quadros fixos, a exemplo da previsão do tempo e informes de trânsito. Sua capacidade de estar onde a notícia acontece, utilização do ao vivo, amplia essa característica do programa.

O telejornal mantém o distanciamento sugerido pelo seu enquadramento de câmera quando faz uso, através de sua apresentadora, da terceira pessoa do plural e do imperativo. Essa postura do programa o posiciona como aquele que domina os assuntos veiculados na tela.

Em se tratando da estrutura da narrativa da notícia, cinco quadros gerais tiveram maior frequência de aparição no *corpus* analisado: *Governança*, *Crime*, *Cidadania e Bem Estar Social*, *Encontros Esportivos*, *Informes de Tempo e Espaço*. Na análise, observou-se uma certa finalidade que é cumprida por cada um desses quadros. De forma resumida, o quadro *Governança* diz respeito às tomadas de decisão feitas pelo Estado em favor do endereçado, enquanto no quadro *Crime* o espectador tem a possibilidade de se identificar com a figura da vítima que sofre a violência urbana das grandes metrópoles, sendo o lugar privilegiado de observação dessa violência para o BATV a periferia. À polícia cabe o papel de manter a ordem e cuidar do cidadão²¹. Esse espectador que recebe do Estado os benefícios tem

²¹ A categoria “Estado protetor” foi desenvolvido por Gomes e Spannenberg (2002) para se referir ao modo como o governo do estado da Bahia é representado pelo BATV.

também obrigações (deveres), identificados no quadro *Cidadania e Bem Estar Social*. Deve fazer a declaração de isentos, doar sangue e fazer exames preventivos contra o câncer, por exemplo. É um espectador cujo interesse em relação aos esportes, no quadro *Encontros Esportivos*, se resume ao futebol, torce pelo Bahia ou pelo Vitória e deseja ter o trânsito não engarrafado durante a semana e aproveitar o sol durante o fim de semana, conforme constata o quadro *Informes de Tempo e Espaço*. Sob essas visões de mundo opera o programa.

Pôde-se constatar que esses quadros apresentam uma semelhança encontrada na **explicitação de uma tensão** e posteriormente a **identificação dos culpados** e daqueles que devem oferecer providências de modo a **solucionar a tensão**. No quadro *Governança*, as tensões (falta de energia elétrica e conclusão das obras do metrô) são solucionadas pelo governo estadual (nós), enquanto o governo federal e da falta de energia, sofrida por algumas regiões do estado, são os opositores (eles). No quadro *Crimes*, policiais e suspeitos assumem a posição de mocinhos (nós) e vilões (eles), respectivamente. Nos *Encontros Esportivos*, o Bahia pode ser o (nós), enquanto o Vitória pode ser o (eles) e vice-versa. Nos *Informes de Tempo e Espaço*, o trânsito não engarrafado e os dias de sol são apresentados como (nós), enquanto o oposto é caracterizado pelo programa como (eles). Ao passo que no quadro *Cidadania e Bem Estar Social* o cidadão que cumpre com os seus deveres é o “nós” e aquele que não cumpre são os “eles”, a exemplo da utilização do “Seu Vicente”, enquanto sujeito discursivo (eles).

Em síntese, esses quadros gerais se orientam sobre uma visão de mundo endereçada pelo programa a um cidadão que tem deveres e fazeres para com o estado e a sociedade baiana, na qual o Estado faz a sua parte e espera que ele

(cidadão) faça o mesmo. Enquanto seu prazer está atrelado ao futebol e aos dias de sol, sem engarrafamento.

O caminho trilhado pela presente análise buscou uma aproximação entre dois momentos específicos. Em primeiro lugar, uma análise sobre a cena construída pelo programa e em uma segunda etapa, tratou-se da construção de uma postura esperada pelo seu espectador, a partir da observação de quadros gerais nos quais foram categorizadas as notícias exibidas pelo programa BATV. Contudo, esses dois momentos analíticos não foram isolados e tiveram a pretensão de serem articulados entre eles ao longo do texto. Sua divisão, portanto, é unicamente didática.

A identificação no momento da observação da cena criada pelo BATV como *objetiva*, *distanciada* e *imperativa* também pode ser vista na análise do enunciado do programa, uma vez que a visão que apresentou sobre o seu espectador estaria próxima à primeira etapa da televisão categorizada por Eliseo Verón (2003), na qual o apresentador se dirigia a uma imagem de espectador, cujo *interpretante* estaria na idéia de cidadania. Essa idéia parece ainda ser o *interpretante* dominante para o telejornal BATV, no qual a Bahia, representada pelo seu governo, conforme sugere o quadro *Governança*, age em prol do cidadão.

Observou-se assim que o estado é representado como o integrador e o espectador é o cidadão que, provido pelo governo, deve cumprir com os seus deveres. Isso justificaria o tom imperativo, distanciada e objetivo do programa.

3.2. A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DO ARATU NOTÍCIAS 2ª EDIÇÃO (AN2)

3.2.1 Estrutura visual do AN2

A moldura do AN2

O AN2 foi veiculado, no período em que o *corpus* foi coletado, das 19h às 19 e 20 minutos. Esse programa variou o seu horário de apresentação, supostamente em função do espaço cedido a ele pelo SBT – Sistema Brasileiro de televisão, do qual a TV Aratu é afiliada. O telejornal dispõe de três blocos, em uma estrutura similar àquela seguida pelo BATV, na qual há uma concentração de notícias sobre política e crimes no primeiro bloco, enquanto as notícias sobre esporte, consumo e entretenimento são veiculadas entre o segundo e terceiro blocos. O AN2 tem a duração de aproximadamente 20 minutos, com comerciais, e entre 11 e 13 minutos, em média, de tempo de exibição das notícias. No *corpus* analisado foi identificado um total de 343 notícias apresentadas por esse telejornal. Tomando como referência que foram coletadas seis semanas, de julho a dezembro, obteve-se uma média de 57 notícias por semana. Cada edição do programa apresentou aproximadamente nove notícias, portanto.

O AN2 tem como particularidades ser iniciado com a *escalda*, momento em que a apresentadora diz as manchetes do dia. Esse recurso é utilizado por telejornais de abrangência nacional, a exemplo do Jornal da Record, com Borys Casoy, e o Jornal Nacional da Rede Globo. A apresentadora se dirige diretamente ao espectador em um enquadramento de câmera *distância pessoal próxima* e, logo em seguida, é veiculada a vinheta do telejornal nas cores amarelo e azul. As

palavras cultura, esporte, trânsito, sociedade, lazer são apresentadas no fundo azul da vinheta, uma sugestão do programa acerca dos temas que pretende tratar.



Figura 37 – AN2, *escalada*, apresentadora em distância pessoal próxima, capturado em agosto de 2003



Figura 38 – AN2, vinheta do programa.

O programa é iniciado na *distância pessoal afastada*. É nessa posição que a apresentadora se mantém em contato com o espectador. Não há uma exploração de outras variedades de enquadramento de câmeras pelo AN2 em relação à sua apresentadora, que se mantém em direcionamento direto com o público.



Figura 39 – AN2, apresentadora em direcionamento direto, capturado em set de 2003.

No AN2 houve uma regularidade de aparição da sua apresentadora titular, a jornalista Carla Araújo, que esteve presente em 25 das 36 edições do *corpus*. Mesmo com a identificação de uma apresentadora titular no AN2, o rodízio de apresentadores foi mais freqüente nesse telejornal, principalmente no meio da semana e nas sextas-feiras e sábados. Supõe-se que essa característica do AN2 não permita a identificação de um apresentador relacionado ao programa. Na pesquisa empírica de recepção, como será mais bem detalhada no capítulo de número cinco, observou-se que a apresentadora do BATV Kátia Guzzo é identificada como a apresentadora desse telejornal e que os espectadores estabelecem com ela uma relação de proximidade.

Como pode ser visto na figura 35, não há profundidade de campo no cenário do AN2, tendo a apresentadora como pano de fundo a marca do programa em um fundo azul. O logotipo da emissora pode ser observado no canto inferior esquerdo da tela. O programa dispõe de apenas um quadro fixo, o *Resumo do Dia*, mas ele não demanda tantos recursos tecnológicos quando comparado à previsão de tempo do BATV. Há no programa uma inexpressiva utilização de gráficos e tabelas, o que demonstra a baixa capacidade de recursos técnicos de que dispõe. Essa característica do programa é mencionada por um dos entrevistados, conforme será comentado no capítulo de número cinco.

No primeiro bloco do AN2 há uma maior exploração do formato reportagem para tratar os assuntos que o programa julgou serem de maior importância no dia. Enquanto isso, no segundo bloco são veiculadas, preferencialmente, notícias que podem ser apresentadas em formato de nota coberta. É nesse bloco que o programa apresenta o seu único quadro fixo, intitulado *Resumo do Dia*, no qual o telejornal exibe notícias curtas que não mereceram,

segundo os seus critérios de noticiabilidade, um maior tempo de duração e o acesso direto às vozes de especialistas e *vox populi*. Isso pôde ser presenciado no dia 08 de setembro de 2003, quando o AN2 divulgou a notícia sobre o Dia Nacional da Alfabetização, no segundo bloco, em nota coberta, enquanto no BATV essa matéria abriu o programa no formato reportagem. No próximo capítulo esse dia de exibição dos dois telejornais é analisado.



Figura 40 – AN2, exemplo de nota coberta, capturado em nov. de 2003

Entre uma nota coberta e outra é exibida a vinheta do programa, de modo a marcar a transição das notícias, com a utilização de um efeito sonoro característico, vide CD anexo. Esse quadro fixo do programa também foi observado na análise do BATV. O total de notícias veiculadas nesse quadro não ultrapassa o número de quatro.

Já no terceiro bloco estão as notícias que no jargão jornalístico “podem cair”. Como os telejornais locais são exibidos por retransmissoras das grandes emissoras nacionais, Globo e SBT, eles dispõem de um horário para veicular o programa e, caso o programa extrapole o tempo de exibição nas últimas matérias, o telejornal pode ter que ser encerrado bruscamente (cortado). Com isso, as notícias ditas *leves*, como esporte e cultura, são apresentadas no último bloco do programa. Assim, no terceiro bloco do AN2 foram divulgadas, no *corpus* coletado, notícias

como a descoberta de uma moeda antiga por ajudante de pedreiro que achava ser ela uma relíquia, exibida em 13 de set. de 2003.



Figura 41 – AN2, exemplo de matéria final do programa, capturado em set de 2003

A moldura de apresentação das notícias

Faz parte das rotinas de produção dos telejornais um determinado modo de apresentação das notícias. No AN2 foram utilizados os formatos *reportagem*, *nota coberta* e *nota simples*. A reportagem é o formato que, geralmente, permite o maior tempo de duração.

A reportagem

Neste formato, a apresentadora diz a *cabeça* da matéria e, em seguida, há a exibição de imagens e a voz em *off* do repórter. Depois, ele utiliza a *passagem*, que é um recurso que funciona para produzir o efeito de realidade, o “eu estive lá”.



Figura 42 – AN2, exemplo de *passagem*, capturado em set, out e nov de 2003

Em relação à passagem, observa-se que vem acompanhada de legenda, apresentando o nome do repórter e o local de onde fala. Já na narração em off, que geralmente precede a passagem, vide figura 39, o programa aproveita para identificar os créditos da matéria (nome do repórter e cinegrafista).



Figura 43 – AN2, exemplo de créditos da matéria, capturado em nov e dez de 2003

Ao longo da narrativa da notícia são acessadas as vozes institucionais e por vezes o *vox populi*. É válido observar a distinção dos lugares em que são filmadas as vozes acessadas e o *vox populi* pelas rotinas produtivas. Enquanto os especialistas são entrevistados em locais reservados como escritórios, o *vox populi*, representação do senso comum e da voz do povo, é acessado pelo programa nas ruas. Essa observação sobre os locais de fala dos especialistas e do senso comum é identificada por Hartley (2001).



Figura 44 – Voz institucional acessada e *vox populi*. Capturado em nov e dez de 2003

Também no Aratu Notícias houve a exploração da humanização do relato. Isso pode ser observado na edição de 11 de set de 2003, na matéria sobre uma funcionária pública que se sentiu lesada pelos preços praticados pelos planos de saúde. Nessa matéria a história da entrevistada é trazida pelo programa como exemplo de um tema geral sugerido pelo telejornal, nesse caso, o atendimento dos planos de saúde.



Figura 45 – AN2, humanização do relato.

Na edição de 08 de set de 2003, que será analisada no próximo capítulo, o AN2 também utiliza esse recurso em matéria sobre o *Dia Feliz*, promovido pelo Juizado da Infância e da Juventude. No capítulo cinco é apresentada uma análise do modo como essas matérias estabelecem conexões com a vida diária dos espectadores entrevistados.

A nota coberta e a nota simples

As notas se caracterizaram no AN2 como notícias de menor duração. O formato nota coberta, já comentado, vide figura 25, acompanha sempre o logotipo da TV Aratu no canto da imagem, enquanto a nota simples, por não ser seguida de imagem, possibilita à apresentadora dirigir-se diretamente ao espectador. O enquadramento de câmera é mudado para a distância pessoal próxima. Como não

há a utilização de imagens, supõe-se que esse enquadramento tenha como intenção ressaltar a fala da entrevistada, tônica desse tipo de formato.



Figura 46 – AN2, nota simples.

Os enquadramentos de câmera

Em relação aos enquadramentos de câmera utilizados pelo programa e o modo como se dirige à audiência, notou-se que o Aratu Notícias 2ª edição (AN2) utiliza o *direcionamento direto* como eixo central do programa. Essa característica do AN2 também é utilizada por outros telejornais nacionais e também pelo BATV, vide figuras 15 e 24.

O programa não explora outros tipos de direcionamento como o indireto, no qual especialistas e apresentadores conversam entre si no cenário. Essa característica não é tão influenciada pelo cenário do programa, haja vista que os próprios telejornais locais de 1ª edição, o Bahia Meio Dia e o Aratu Notícias 1ª edição, utilizam o mesmo cenário dos telejornais de 2ª edição e exploram o direcionamento indireto, graças a entrada de mais um apresentador no programa e das entrevistas com especialistas. Esse tipo de enquadramento de câmera permite a encenação de um programa mais descontraído, no qual a conversação ou o bate-papo da vida cotidiana é representado na tela. Isso acontece em virtude da exploração de outros enquadramentos de câmeras além da *distância pessoal afastada* e da exploração do *direcionamento indireto* entre apresentadores e especialistas, vide figuras 43 e 44.



Figura 47 – Aratu Notícias 1ª edição e Aratu Noticias 2ª edição, capturado em jan de 2005 e jun de 2004.



Figura 48 – Bahia Meio Dia e BATV, capturados em jun de 2004.

Em 2004, o AN2 muda o seu pano de fundo do cenário. Embora esse recurso tenha sido introduzido, o programa não explora a bancada do mesmo modo que o AN1. O AN2 permanece com o enquadramento de câmera *distância pessoal afastada*, como pode ser visto na figura de número 43.

Ao privilegiar esse enquadramento de câmera, o programa oferece pistas sobre o modo como se dirige a sua audiência. O telejornal deve assim manter um distanciamento das notícias e permitir que o espectador faça as suas próprias observações. Contudo, esse distanciamento é tomado como estratégia textual, pois o ponto de vista do programa pode ser observado a partir do acesso das vozes acessadas, daqueles que têm direito de fala e também pelas expressões de aprovação e desaprovação da apresentadora, que oferecem juízos de valor acerca

das matérias. Isso é observado nos momentos de transição da apresentação das notícias.



Figura 49 – AN2, expressões faciais da apresentadora, capturadas em nov, dez de 2003.

3.2.2. A estrutura verbal do AN2

No que concerne ao modo como constrói a sua cena, observou-se que o AN2 utiliza um distanciamento em relação a sua audiência a partir dos enquadramentos utilizados, *distância pessoal afastada*, e pela opção pelo *direcionamento direto*. Essa postura do programa é refletida no modo como se endereça ao seu espectador. Toma-se como parâmetro para essa análise a abertura do programa, os momentos de transição entre os blocos, a apresentação da *cabeça* da matéria e o momento de encerramento do programa, isso porque nesses momentos o programa deve se destinar diretamente ao público e acaba explicitando o modo como se endereça à audiência.



Figura 50 – Abertura do AN em distância pessoal afastada, capturada em out de 2003.

Em 21 de julho de 2003 a apresentadora diz: “Boa noite. O **volume de dívida** dos brasileiros **chegou** a aproximadamente 80 bilhões de reais até maio deste ano, segundo o Banco Central. Gastar apenas **o que se ganha** parece uma equação simples, difícil é aprender a planejar o orçamento e resistir às compras.”

Nessa citação pode ser percebida a distância empregada pelo programa em direção ao seu espectador. O “boa noite” é a primeira saudação da apresentadora em relação ao seu espectador e logo em seguida tem-se a apresentação das notícias. A narração dessas matérias tem na utilização da terceira pessoa do singular a sua principal característica, conforme pode ser também observado nas seguintes citações. “**Aconteceu** hoje a primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.” (08 de set. de 2003) e também: “A variação da cesta básica **recuou** pelo segundo mês consecutivo, mas o consumidor não **sentiu no bolso** a redução dos preços.” (AN2 - 05 de ago de 2003)

Embora haja esse distanciamento do programa, traduzido na não modalização das falas e, por conseguinte, no uso da terceira pessoa do plural, há momentos em que a apresentadora utiliza a segunda pessoa do plural e também consegue aproximar o seu vocabulário para aquele empregado nas conversações cotidianas. Desse modo, expressões como “**sentiu no bolso**” ou ainda “Gastar

apenas o que se ganha parece uma equação simples, difícil é aprender a planejar o orçamento e resistir às compras.”, mostram essa aproximação do telejornal com a sua audiência de modo que permite quebrar o distanciamento durante a apresentação das matérias.

Essa característica do programa se traduz em matérias que buscam se aproximar do espectador exemplificando situações que poderiam acontecer com ele. Assim, toma-se uma pessoa como agente central da reportagem e depois são feitas afirmações mais amplas sobre o assunto relatado. Isso aconteceu nas matérias sobre a adoção de crianças, vide análise dessa matéria no próximo capítulo.

Nessas matérias uma situação relatada por uma pessoa “comum” das ruas é apresentada na condição de exemplo, como se ela pudesse acontecer com qualquer um, inclusive o espectador, a exemplo de “Precisar de internamento e ser barrada pelo plano de saúde foi o que aconteceu com a filha de Eulália [...]” (AN2 - 11 de set. de 2003), vide figura 41. Outra matéria desse tipo foi a utilizada sobre a adoção: “No ano passado, 13 crianças que participaram do Dia Feliz foram adotadas pelas famílias, com quem passaram o fim de semana. Este é o caso de Fabrício, de quatro anos, que deu a Jane a chance de ser mãe de novo depois de 27 anos.” (AN2 - 08 de set. de 2003), vide figura 47.



Figura 51 – humanização do relato AN2, capturada em set. de 2003

As situações vividas por pessoas como “Eulália” e “Jane” são, portanto, apresentadas pelo programa com a finalidade de aproximá-las do seu espectador.

Também no BATV tal recurso é explorado, a exemplo da matéria do dia 08 de set. de 2003 sobre a alfabetização de adultos. A matéria mostra uma senhora que não sabe ler nem escrever e pede ajuda ao filho para confeccionar um cartaz onde está escrito “vende-se geladinho”, vide figura 09.

A utilização desse recurso por parte dos programas visa aproximar-se do cotidiano do espectador. No capítulo de número cinco observar-se-á a relação entre esse tipo de estratégia utilizada pelo programa e os relatos dos grupos de discussão. Por enquanto é válido ressaltar que ambos os telejornais utilizaram 12 vezes esse recurso dentro do *corpus* analisado.

Quanto ao emprego da segunda pessoa do plural, e de um endereçamento mais próximo ao seu espectador, esse é utilizado preferencialmente pelo AN2 nos momentos de encerramento do programa e nos momentos de transição entre os blocos. “O número de acidentes de trânsito em Salvador aumentou cinqüenta por cento no último final de semana. Veja esse e outros assuntos no **nosso** resumo do dia”. (04 de ago. de 2003) e ainda “Lojas fechadas e comerciários em festa. E nos aeroportos confusão por causa do horário de verão. Veja o **nosso** resumo do dia” (20 de out. de 2003). Há uma constância nesse tipo de construção (“veja no nosso resumo do dia”), que de certo modo cria um protocolo de tratamento em relação ao espectador, embora o emprego da segunda pessoa do plural busque muito mais *insinuar* afirmações ao espectador do que ter uma visão imperativa, tal qual a sugerida pelo BATV. O AN2, naqueles tipos de matéria já identificados, aproxima-se de um tom professoral, de modo a ensinar ao espectador como lidar, por exemplo, com as suas finanças no final do ano.

O uso da segunda pessoa pelo programa é freqüente durante o encerramento do programa “Nós ficamos por aqui. Para você, uma boa noite e até amanhã” (08 de ago de 2003). E “O nosso jornal termina aqui; para você, uma boa noite e até amanhã” (20 de out. de 2003). Nesse modo de tratamento o programa busca uma aproximação com o espectador, de modo que esse “nós” sugere um tom convidativo com o espectador de modo que ele possa voltar a assistir ao telejornal no dia seguinte “**nosso** jornal termina aqui” e “até amanhã”.

Essa utilização da segunda pessoa do plural no término do programa é casada com as expressões faciais de contentamento da apresentadora, vide figura 48. Quando o telejornal é encerrado e os créditos tomam a tela e a apresentadora sorri estabelecendo uma aproximação com o seu espectador. Há algum motivo especial para ela estar sorrindo? O que se passa nesse momento de *bastidor*, Goffman (2003), que escapa em um espaço do programa no qual a *fachada* deveria ser mantida? Esse momento de transição entre os lugares de *bastidor* e *fachada*, de certo modo, sugere uma relação de cumplicidade com o seu público, no momento em que a apresentadora sai, literalmente, da cena.



Figura 52 – Encerramento do AN2.

3.2.3. A narrativa da notícia no AN2

Nos itens anteriores teve-se uma preocupação com a maneira de se endereçar do programa em relação à sua audiência no que concerne à criação da sua cena e no modo como o apresentador estabelece seu relacionamento com o endereçado. Neste momento da análise observam-se as matérias que foram exibidas no *corpus* analisado, o modo como o programa concebe o mundo do seu espectador, seus pontos de vista e o tom que utiliza para com o seu espectador. Para tanto, retomam-se os quatro elementos constituintes da narrativa da notícia televisiva sugerida por Hartley (2001 , p.115): *quadro, enfoque, efeito de realidade e fechamento*.

Tal qual foi utilizado durante a análise do BATV, tomam-se aqui também alguns *frames* gerais para a sistematização das notícias veiculadas durante o período de julho a dezembro de 2003, pelo Aratu Notícias 2ª edição (AN2). Os quadros utilizados pelo AN2 são: Governança Federal, Governança Estadual, Governança Municipal, Utilidade Pública, Vigilância Estado/Município, Crime, Encontros Esportivos, Greves e Paralisações, Comemorações, O Inesperado, Cidadania / Bem Estar Social, Consumo, Festas Religiosas e Pagãs e Outras.

Tomaram-se como parâmetro alguns dos quadros encontrados no BATV, a exemplo do “Crime”, “o Inesperado”, “Cidadania e Bem Estar Social”. Contudo, necessitou-se criar outros quadros, a exemplo da “Vigilância Estado/Município” e “Governança Federal”. De outro lado, presenciaram-se quadros, como os intitulados “Consumo” e “Cidadania e Bem Estar Social”, que tiveram um percentual de aparição entre os dois telejornais de modo contrastante. No AN2, o primeiro foi mais

acentuado, enquanto no BATV obteve-se maior destaque para o segundo, conforme é apresentado no quadro 02, da próxima página.

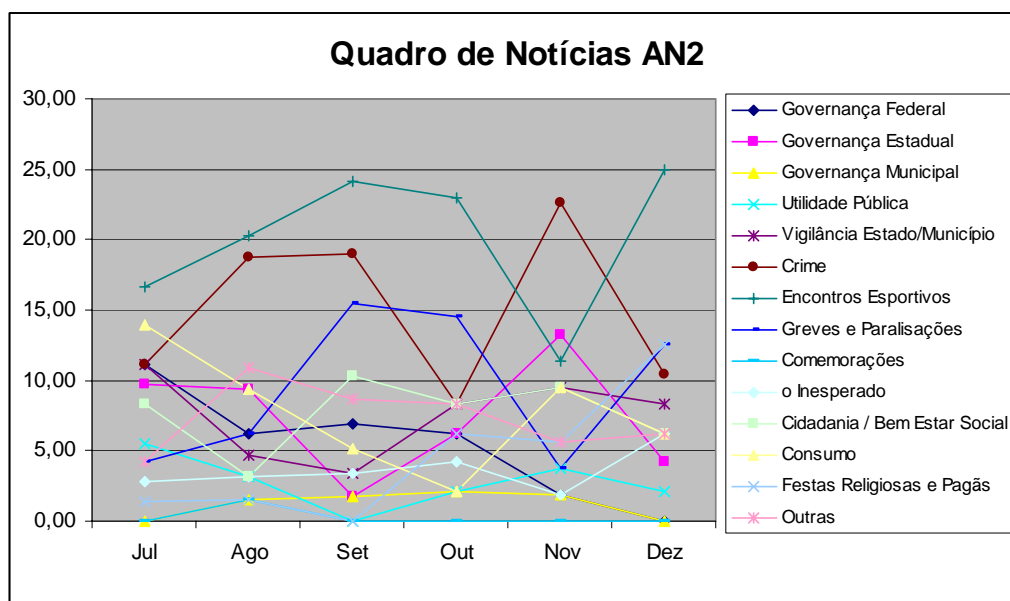


Figura 53 - Notícias AN2.

Quadro comparativo das notícias de maior frequência entre o BATV e o AN2

Aratu Notícias 2.a Edição (> frequência)							
	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1. Encontros Esportivos	16,67	20,31	24,14	22,92	11,32	25	20,06
2. Crime	11,11	18,75	18,97	8,33	22,64	10,42	15,04
3. Greves e Paralisações	4,17	6,25	15,52	14,58	3,77	12,5	9,47
4. Consumo	13,89	9,38	5,17	2,08	9,43	6,25	7,70
5. Vigilância Estado/Município	11,11	4,69	3,45	8,33	9,43	8,33	7,56
6. Governança Estadual	9,72	9,38	1,72	6,25	13,21	4,17	7,41
Total (%)²²	66,67	68,76	68,97	62,49	69,8	66,67	67,24

Figura 54 - Aratu Notícias 2.a Edição (> frequência)

²² O total não soma 100% em virtude de essas notícias fazerem parte do número de quadros notícias de aparição mais frequente, conforme foi apresentado nos gráficos de número 01, 02, 03 e 04.

BATV (> frequência)							
	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1. Encontros Esportivos	14,75	17,39	17,39	15,00	10,14	19,67	15,73
2. Informes de Tempo e Espaço	11,48	13,04	13,04	16,67	14,49	9,84	13,09
3. Crime	8,20	8,70	8,70	16,67	20,29	13,11	12,61
4. Governança Estadual	14,75	13,04	13,04	13,33	10,14	9,84	12,36
5. Cidadania / Bem Estar Social	8,20	14,49	14,49	8,33	7,25	3,28	9,34
6. Greves e Paralisações	6,56	5,80	5,80	10,00	5,80	14,75	8,12
Total (%)	63,94	72,46	72,46	80	68,11	70,49	71,25

Figura 55 - BATV (> frequência)

Observou-se que as notícias cujo quadro central são “Encontros Esportivos”, “Crime” e “Governança Estadual” foram constantes nos dois telejornais, mas no BATV assuntos sobre a Governança Estadual representaram 12,36% das notícias mais frequentes, enquanto que no AN2 as notícias categorizadas nesse quadro tiveram percentual de 7,41%. São apresentadas no gráfico a seguir as notícias que tiveram maior frequência de aparição no AN2.

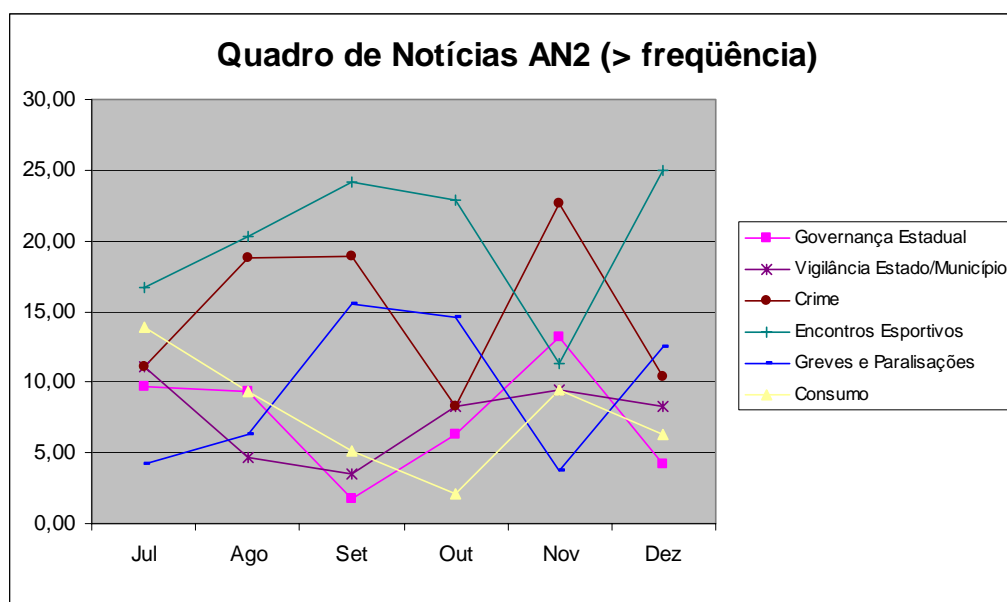


Figura 56 - Notícias AN2 > frequência.

No gráfico anterior constatou-se que os quadros Vigilância Estado/Município e Consumo tiveram maior aparição no AN2. O que esses quadros

dizem sobre o modo como o AN2 concebe o seu espectador? Para a presente análise foram considerados os dias 05 e 06 de agosto de 2003, em virtude de nesses dias terem sido abordadas duas notícias em cada uma das edições que foram classificadas no *frame* “Vigilância Estado/Município” e no tipo “Consumo”, *frames* de maior frequência no telejornal.

A cumplicidade e a vigilância do Aratu Notícias 2ª edição.

Consumo

Nas matérias classificadas no *frame* “Consumo”, o endereçado é interpelado como o consumidor. Nessas matérias o AN2 busca apresentar medidas econômicas adotadas pelo governo que podem influenciar no consumo de produtos. No dia 05 de agosto de 2003, duas matérias dessa natureza foram apresentadas. A primeira tratou do aumento do IPI, imposto sobre o produto industrializado, e seu impacto no setor automobilístico. A segunda matéria abordou a queda do valor da cesta básica e questionou se esse decréscimo foi repassado ou não ao espectador, que assumiu o papel de consumidor.

Na identificação do enfoque da notícia utiliza-se mais uma vez a proposta de van Dijk (2002, p.141), já explorada anteriormente. Na primeira matéria de 05 de agosto de 2003, classificada como pertinente ao *frame* “Consumo”, tem-se como Episódio Principal: “O governo federal anunciou hoje uma medida para diminuir o preço dos carros. [...] Agora a expectativa é aquecer as vendas”. A “Razão/ Causa Episódio 1” é “O governo federal anunciou hoje uma medida para diminuir o preço dos carros.”, sendo a Conseqüência Episódio 2: “a expectativa é aquecer as vendas”. Deduz-se que o enfoque da notícia seja: “Com a diminuição do IPI, **poderá haver** um aquecimento nas vendas de carros”.

A fim de averiguar tal afirmação sugerida no início da matéria, é utilizado pelo programa o “efeito de realidade”; desse modo o programa acessa as vozes que contrastam ou corroboram com a sua suposição inicial. O tom de cumplicidade sugerido pelo AN2 faz com que o programa coloque em jogo a retórica dos “dois lados”, acessando opiniões contrárias, a exemplo das vozes acessadas 1 e 2 no *vox populi*. *Vox populi* acessada 1: “com a redução já melhora alguma coisa, né? Mas ainda assim a frota brasileira e nacional é muito velha e tudo mais e deveria ter uma redução maior ainda para renovar essa frota aí”. *Vox populi* acessada 2: “Vou esperar, só vim aqui olhar e vou esperar. Ver se realmente o que Palocci está dizendo a gente vai ver isso realmente em prática, né?”. A construção discursiva dessa matéria busca o *fechamento* a partir da apresentação do impasse sugerido no começo da notícia: o preço dos automóveis cairá ou não com a redução do IPI? Esse impasse está presente no início da matéria quando a apresentadora anuncia na Conseqüência Episódio 2: “Agora a **expectativa** é aquecer as vendas e conter a crise no setor automobilístico.”

Segundo Hartley (2001, p.90), ao acessar a *vox populi*, o programa busca estabelecer pontos de identificação com a sua audiência. O modo como o AN2 interpela o seu endereçado nesses tipos de matérias pode ser observado na fala da repórter para a apresentação da *vox populi* 2: “Muitos consumidores que pretendiam comprar um carro hoje, depois do anúncio da medida preferiram aguardar a redução nos preços”. Constatar-se-á na próxima matéria analisada uma interpelação mais direta nesse sentido.

Diferentemente da matéria anterior, nesta segunda notícia classificada no *frame* “Consumo”, do dia 05 de agosto de 2003, o AN2 não faz uso da retórica dos “dois lados”. Tem-se uma identificação imediata do seu enfoque na Conseqüência

Episódio 2. Como Episódio Principal, é sugerido: “A variação da cesta básica recuou pelo segundo mês consecutivo, mas o consumidor não sentiu no bolso a redução dos preços.” A *Razão/Causa Episódio 1* é a sentença: “A variação da cesta básica recuou pelo segundo mês consecutivo”, enquanto como *Conseqüência Episódio 2*: “mas o consumidor não sentiu no bolso a redução dos preços.” O enfoque da matéria poderia ser: “variação da cesta básica recua, mas consumidor não sente redução do preço”.

A repórter interpela explicitamente o endereçado como consumidor tal qual pode ser observado na sua fala, posterior à narração da *cabeça* da matéria pela apresentadora. Repórter: “**pois é, consumidor, creia**: açúcar, feijão, arroz, pão e outros três dos doze produtos da cesta básica estão mais baratos.” A repórter nomeia o endereçado enquanto consumidor e a utilização do imperativo nessa passagem mantém o tom de cumplicidade proposto pelo programa. Dessa vez não está apoiado na apresentação dos “dois lados”, deixando que o espectador faça o seu julgamento, mas aqui a repórter, utilizando da ironia, coloca-se na posição de vigilância sobre assuntos que concernem ao espectador, mencionando que não é possível acreditar na redução do preço dos produtos da cesta básica.

O *efeito de realidade* da notícia corrobora com o enfoque mencionado da matéria. Se na matéria anterior deveria ser destacada a controvérsia sobre a redução do IPI e o repasse para o consumidor, nessa notícia, o acento na falta de redução faz com que o programa acesse vozes que corroborem com essa visão. *Vox populi* Acessada 1 (VA1): “Leite tá mais caro”; Repórter: e o quê tá mais barato? “; (VA1) “Ah, mais barato não reparei, não”. *Vox populi* Acessada 2 (VA2): ““passou a cortar umas coisas que antes a gente comprava e agora não dá mais para comprar”.

Anteriormente a repórter tinha anunciado: “[...] o comportamento do consumidor vem mudando”.

Uma breve contraposição do *frame* Consumo do AN2 com o *frame* do BATV

Na classificação das notícias veiculadas no corpus do BATV também se observou o *quadro* “Consumo”. Constatar-se-á em seguida o modo como a enunciação dos programas se diferencia sobre esse “mesmo” assunto. No dia 04 de agosto de 2003, informa o BATV em formato de *nota simples* (aquele em que o apresentador narra a notícia e não há a utilização do recurso *vozes acessadas*).

Apresentadora:

Comprar os produtos da **cesta básica em Salvador está ficando mais barato**. Pelo segundo mês consecutivo o preço caiu segundo o Dieese/ em julho a queda foi de 2,6%. Entre os produtos que mais caíram de preço no mês passado estão o tomate, o feijão o açúcar. Os que subiram foram a banana, a farinha de mandioca e a carne de boi.

Como Episódio Central tem-se: “Comprar os produtos da cesta básica em Salvador está ficando mais barato. Pelo segundo mês consecutivo o preço caiu; segundo o Dieese, em julho a queda foi de 2,6%.”. Razão/Causa Episódio 1: “Pelo segundo mês consecutivo o preço caiu, segundo o Dieese”. Conseqüência Episódio 2: “Comprar os produtos da cesta básica em Salvador está ficando mais barato.” Deduz-se que o enfoque do programa é igual à Conseqüência Episódio 2.

A observação de uma situação de concorrência evidencia diferenças no modo de se endereçar à audiência. Afinal, estavam ou não mais baratos os produtos da cesta básica em Salvador, durante o mês de agosto? Esse impasse só ratifica a postura central do presente trabalho sobre o modo de compreensão do jornalismo

como mais uma forma de construção social da realidade, tal qual sugerem Tuchman (2001) e Hall (1993).

O que deve ser observado aqui são as diferenças no modo como os programas telejornalísticos em referência se endereçam aos seus espectadores. Pode-se afirmar que a imagem fictícia que faz o BATV acerca do seu espectador permite que ele afirme que o valor da cesta básica está mais barata em Salvador, enquanto que para o AN2 o seu espectador imaginado “não acreditaria”, tal qual foi dito pela repórter do AN2 na matéria analisada, nessa afirmação. Nesse momento constata-se uma oposição entre as visões de mundo propostas pelo BATV e o AN2 em relação a uma mesma porção da realidade. Pode ser notado que a pesquisa do Dieese é um fato que ganha diferentes enfoques a partir da construção da notícias pelo BATV e pelo AN2.

Vigilância Estado/Município

No *frame Vigilância Estado/Município* há uma investida do telejornal em relação ao policiamento de ações do governo (estadual e municipal) em direção ao endereçado, em circunstâncias em que o mesmo possa estar sendo lesado. A análise seguinte toma como base o dia 06 de agosto de 2003, em que duas matérias que mereceram essa classificação foram identificadas. Essas matérias anunciaram a ação de desocupação, realizada pela prefeitura de Salvador, de um loteamento, onde estavam o movimento dos sem-teto, na Estrada Velha do Aeroporto.

Na primeira matéria, a apresentadora anuncia o “resumo do dia”, momento do programa em que são veiculadas notícias curtas narradas pela apresentadora com a exibição de imagens, notas cobertas; mas entra no ar a reportagem sobre as famílias que ocupavam um terreno na Estrada Velha do

Aeroporto. Após a transmissão da matéria, a apresentadora menciona o seguinte texto como correção: “Você viu então uma matéria sobre as setecentas pessoas que estavam ocupando um terreno na Estrada Velha do Aeroporto e que uma comissão foi recebida hoje à tarde. Você vai ver ainda nessa edição. Agora sim **vamos** ver o resumo do dia.” Como Episódio Central destaca-se: “setecentas pessoas ocupam um terreno na Estrada Velha do Aeroporto, uma comissão foi recebida hoje a tarde (pela prefeitura)”. Como Razão/Causa Episódio 1 tem-se: “setecentas pessoas ocupam um terreno na Estrada Velha do Aeroporto”. A Conseqüência Episódio 2: “uma comissão foi recebida hoje a tarde (pela prefeitura)”. No desenvolvimento da matéria, fala dos repórteres e das vozes *acessadas*, o enfoque da matéria é orientado em relação ao momento de tensão entre as famílias que reclamam a ocupação do terreno *versus* a ação da prefeitura de desocupação das famílias e a desapropriação do terreno.

As vozes *acessadas* pelo jornal no *frame* “Vigilância Estado/Município” são, em maioria, daqueles que são lesados por ações do governo direcionadas a eles(as). Nessa reportagem falam dois populares e um vereador do PT, Partido dos Trabalhadores a retórica dos “dois lados” não é explorada. Voz *acessada* 1: vereador do PT:

Esse processo já vem sendo negociado há cerca de um mês, as pessoas têm negociado com a prefeitura uma saída, inclusive já tem planta no sentido de que essa ocupação não se transforme em uma favela como existe em Salvador, mas numa comunidade e houve uma quebra de acordo por parte da prefeitura de Salvador.

Voz *acessada* 2: “Ontem à noite a polícia impediu nossa passagem, houve agressão moral, física.” Voz *acessada* 3: “Tinha mulheres grávidas, tinha crianças, crianças na faixa etária de dois meses a 5 anos e 10 anos”

O repórter anuncia a ação do município sobre aqueles que contestam, as vozes acessadas já apresentadas. Utilizando o discurso indireto livre, o repórter constrói a notícia sob o ponto de vista dos lesados:

De acordo com os líderes do movimento, uma reunião estava marcada para hoje às duas da tarde na secretaria de habitação no sentido de por fim ao impasse. Só que por volta das cinco da manhã funcionários da Sucom vieram até o local acompanhados de cerca de cinquenta policiais militares do batalhão de choque. As famílias foram então desalojadas. E os barracos que tinham sido montados aqui foram todos destruídos.

Na segunda matéria, sobre o *frame Vigilância Estado/Município*, a apresentadora anuncia, no início da reportagem: “Representantes de famílias de sem teto que invadiram um terreno na Estrada Velha do Aeroporto foram recebidos hoje à tarde pelo Secretário municipal de Habitação, Fernando Medrado.”

Mais uma vez, o *frame* favorece o ponto de vista dos que contestam a ação da prefeitura e a repórter, utilizando o discurso indireto livre, afirma esse enfoque a partir das vozes acessadas: “De acordo com a comissão, o secretário fez apenas promessas e não decidiu como vai ficar a situação do loteamento Vila Verde”. As vozes acessadas também favorecem a linha central da reportagem. Voz acessada 1, vereadora do PT: “Não havia nada que justificasse a ação da prefeitura na desocupação, essa ação que aconteceu essa madrugada na desocupação do terreno.” Voz acessada 2, popular:

Ele falou que ia sentar com o pessoal da Caixa Econômica Federal mas o pessoal do escritório público da Unifacs que tem sido parceiro nosso nessa luta e vão discutir com ele a possibilidade de se trabalhar a criação e construção de umas casas assim ... moradias rápidas para o pessoal de lá.

Uma breve contraposição do *Frame* Vigilância do AN2 com o Governança do BATV

No mesmo dia 06 de agosto de 2003, a mesma matéria foi anunciada pelo BATV, contudo a sua classificação foi a *Governança*, tal qual sugere a *cabeça* da matéria. Assim disse a apresentadora: “Um terreno invadido duas vezes no subúrbio de Salvador pode virar um loteamento popular. A proposta foi discutida numa reunião entre o secretário de Habitação da prefeitura e uma comissão de famílias de sem teto.”

Episódio Central: “Terreno invadido duas vezes **no subúrbio** de Salvador pode virar um loteamento popular”. Razão/Causa Episódio 1: “terreno foi invadido duas vezes” Conseqüência Episódio 2: “mas ele pode virar um loteamento popular”. O enfoque da matéria constata a **desorganização** da invasão desenvolvida por (eles) aqueles que invadiram o terreno em oposição à **organização** da ação municipal (nós) através da criação de um loteamento popular naquela área.

A retórica dos “dois lados” é utilizada pelo BATV e são acessadas duas vozes. A primeira, o advogado dos sem-teto e a outra, o então, secretário de Habitação de Salvador. Voz acessada 1: “Há possibilidade de usucapião especial, uma vez que a área está desocupada há 25 anos e se há essa desocupação a área não cumpre a função social. Então, em tese, esse proprietário já não tem mais direito sobre a área.” Voz acessada 2, Secretário Municipal : “É uma área que tá lá e que a gente pode produzir um loteamento organizado, então não tem porque não fazer organizado. As famílias já foram cadastradas todas elas e assim que o projeto for desenvolvido elas serão obviamente as primeiras a ser beneficiadas no projeto.”

É obedecido, portanto, o *frame Governança*, no qual há uma ação positiva do governo em prol do cidadão, nesse caso específico a organização das famílias

em um loteamento popular, ação essa a ser realizada pela prefeitura. Nesse caso observa-se que a visão de mundo compartilhada pelos endereçados dos programas, tal qual na matéria analisada anteriormente, *frame Consumo*, não é equivalente.

3.2.4 Do endereçamento de público proposto pelo AN2.

Tal qual foi abordado ao longo da presente análise, o endereçamento proposto pelo AN2 sugere um tom de cumplicidade e de vigilância. Isso pôde ser observado logo na sua estrutura visual do programa. Seus planos, quando comparados aos utilizados pelo BATV, são mais próximos o que favorece essa cumplicidade entre espectador e apresentador.



Figura – 57 enquadramento de câmera inicial AN2 x BATV

A baixa capacidade técnica do programa, utilização de quadros fixos e gráficos, identifica-o como um programa “simples”, palavra essa utilizada por um dos entrevistados no capítulo de número cinco. O emprego da segunda pessoa do plural, na estrutura verbal, ajuda a minimizar a formalidade do programa, principalmente nos momentos nos quais a apresentadora se dirige diretamente ao seu espectador (“nosso jornal”).

Esse apelo direto ao espectador é condizente com a postura de cumplicidade e vigilância, posto que seria necessária uma aproximação com o espectador a fim de sugerir e vigiar acontecimentos que têm implicações na vida do

seu endereçado. Assim, puderam ser observados na *estrutura narrativa* do AN2 *frames* que seriam contraditórios em relação à estrutura de endereçamento do BATV, sendo o principal deles o *frame Vigilância Estado/Município*, que é uma oposição ao quadro *Governança* do BATV.

A visão de mundo solicitada pelo AN2, tal qual foi evidenciada ao longo da análise, não é a mesma compartilhada pelo BATV, no que concerne à relação estabelecida entre os endereçados e os assuntos sobre a Governança. A propósito dessa constatação, ela pôde ser também observada como uma estratégia de diferenciação, pois durante as chamadas do AN2 ele se intitula como “dinâmico, imparcial e independente”.

Entretanto, há *frames* específicos em que ambos os telejornais comungam das mesmas posições, talvez por se tratarem de assuntos classificados como “menores” tais quais os “encontros esportivos” e “as festas religiosas e pagãs”. Nessa última é explorado o baiano a partir de palavras chave como sincretismo, alegre, festeiro, religiosidade. Nessas matérias são exploradas representações sobre a Bahia presentes em diversos tipos de discurso, a exemplo do turístico, onde a Bahia é esse lugar de mestiçagens e de alegria, representada também nas festas populares de Santa Bárbara e que mobiliza “os baianos”.

Abaixo podem ser observadas as imagens de cobertura da festa de Santa Bárbara no dia 04 de dezembro de 2003. Presencia-se uma repetição dos objetos filmados, a imagem da multidão em tons de vermelho e branco, as baianas caracterizadas, a imagem da Santa e a devoção do povo baiano.



Figura 58 – Seqüência AN2 – 04 de dez. de 2003, Festa de Sta. Bárbara, capturada em 04 de dezembro de 2003



Figura – 59 Seqüência festa de Santa Bárbara, BATV, capturada em 04 de dezembro de 2003.

O endereçado proposto pelo AN2 seria um espectador que partilha esse modo de apresentação como fã de futebol, como povo festeiro e cordial, mas que não se deixa ser lesado pelas tomadas de posição dos seus governantes e que luta pelos seus direitos, tal qual as famílias do Vila Verde e os estudantes que lutaram contra as tarifas praticadas em Salvador em relação ao transporte urbano, como será mais bem analisada durante o próximo capítulo e a partir das observações dos grupos de discussão, no capítulo cinco.

Esse tom de vigilância também esteve presente nas matérias cujo *frame* foi o *Consumo*. Nelas os endereçados são colocados no papel dos consumidores que devem atuar em prol dos seus direitos e não serem lesados seja pelo governo, seja pelas práticas do mercado. Isso pôde ser presenciado nas matérias sobre uma suposta redução do IPI e do preço da cesta básica, abordadas anteriormente.

Em matéria do dia 11 de set. de 2003, anteriormente comentada, esse tipo de endereçamento também foi sugerido pelo programa a fim de que o endereçado não seja lesado pelos planos particulares de saúde. No capítulo de número cinco, observar-se-á como o endereçamento proposto pelos telejornais BATV e AN2 é resignificado por pessoas que poderiam ser o público preferencial do programa, segundo alguns critérios de perfil de audiência. A seguir tem-se a análise de um dia específico de apresentação dos telejornais locais, a fim de observar como os seus endereçamentos foram atualizados em um dia específico de exibição dos programas, o dia 08 de setembro de 2003, que foi exibido para os grupos de discussão.

4. UM DIA DE EXIBIÇÃO DOS TELEJORNALIS LOCAIS.

Este capítulo traz a análise do dia 08 de setembro de 2003, que foi exibido como pano de fundo para os três grupos de discussão entrevistados. A seguir, será abordado o modo como cada um dos telejornais locais analisados cobriu aquele dia. Com essa discussão pretende-se demonstrar o funcionamento dos programas em um dia específico e de modo comparativo, apostando que isso possibilite uma melhor compreensão das suas estruturas de endereçamento. Por fim, pretende-se oferecer a análise do texto que serviu como elemento central para as discussões com a audiência.

4.1 A ESTRUTURA DE ENDEREÇAMENTO DOS PROGRAMAS NO DIA 08 DE SETEMBRO DE 2003²³

Aratu Notícias 2ª edição - AN2

O AN2 nesse dia veiculou sete notícias, subdivididas em três blocos. A primeira notícia exibida no primeiro bloco teve um minuto e quarenta e dois segundos de duração e teve como assunto uma ação do Juizado da Infância e do Adolescente, intitulada *Dia Feliz*, que tem como objetivo aproximar pessoas que pensem em adotar crianças órfãs. O segundo bloco do programa iniciou com a notícia sobre a primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus. Essa matéria foi o principal destaque do bloco e

²³ Vide quadro de número 03.

teve a duração de dois minutos e seis segundos. Em seguida foi noticiada uma *nota simples* sobre o fechamento de postos de combustíveis irregulares, que mereceu apenas quinze segundos de duração. O bloco termina com a exibição do seu quadro fixo denominado *Resumo do Dia*, no qual são veiculadas notícias em formato de nota coberta. As matérias sobre o dia nacional da alfabetização e a cobertura da greve dos petroquímicos foram exibidas nesse formato. Elas tiveram quarenta e vinte segundos de duração, respectivamente. O terceiro bloco do programa é dedicado à cobertura da ação policial que impediu a interdição do tráfego de Salvador pelos estudantes. Essa matéria iniciou esse bloco e teve um minuto e quarenta e cinco segundos de duração. O programa é encerrado com uma *nota simples* sobre o Brasil Open de Tênis, cuja etapa estava sendo realizada na Costa do Sauípe. Essa notícia teve dez segundos de duração.

Dos oito minutos e oito segundos de exibição do programa, contando apenas o tempo de duração das notícias, sem os comerciais, três minutos e cinquenta e um segundos foram dedicados à cobertura sobre o aumento da passagem de ônibus e/ou o protesto dos estudantes, o que representou 43, 57% do tempo de duração total do programa.

Excepcionalmente, nesse dia, o programa não apresentou matérias sobre futebol no último bloco, cedendo espaço à cobertura do tênis (essa opção do programa será comentada ainda neste capítulo, no momento da análise das notícias veiculadas por cada um dos telejornais). O programa intercala as três reportagens que foram veiculadas naquele dia nos três blocos. A primeira, sobre adoção de crianças, no primeiro bloco, a segunda e a terceira sobre a negociação sobre o aumento da passagem de ônibus e o protesto dos estudantes. Nas reportagens o programa pode utilizar como *efeito de verdade* as vozes acessadas (HARTLEY,

2001). Outra estratégia também utilizada pelo programa a partir desse recurso é a *passagem*, quando o repórter fala *in loco*: esse recurso é utilizado na matéria sobre o aumento da passagem de ônibus e pretende mencionar o “estivemos ali”. A adoção pelo formato reportagem para a notícia sobre a ação policial frente ao movimento dos estudantes demonstra também o destaque que ofereceu o programa a esse assunto naquele dia.

BATV

O BATV apresentou 12 notícias naquele dia, subdivididas em três blocos. No seu primeiro bloco veiculou uma reportagem sobre o dia nacional da alfabetização, depois uma cobertura ao vivo sobre a missa em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira Neves, e por fim encerra o bloco, como de costume, com o seu informe de tempo e a cotação do preço do cacau e do dólar. No *corpus* analisado, apenas o BATV utilizou o recurso ao vivo. Apesar do maior número de matérias exibidas no dia, quando comparado ao AN2, o BATV teve cinco reportagens no dia, enquanto o AN2 veiculou três. Houve uma concentração das reportagens no primeiro bloco, duas, enquanto as outras se subdividiram nos segundo (duas reportagens) e terceiro (uma) blocos. A duração dessas matérias foram de dois minutos e vinte e cinco segundos, para o dia nacional da alfabetização, um minuto e quarenta e seis segundos para a cobertura ao vivo e mais quarenta segundos para a previsão do tempo e cotação do cacau e do dólar, totalizando quatro minutos e cinqüenta e um segundos, 36,28% do tempo de duração total do programa.

O segundo bloco do BATV foi aberto com o quadro fixo do programa, que é também utilizado pelo AN2, denominado *Resumo do Dia*, com a exibição de notícias em nota coberta. A primeira nota coberta do segundo bloco teve como

assunto a ocupação por trabalhadores rurais de uma fazenda no interior do estado. Essa notícia demonstra também a capacidade técnica do programa de estar presente no interior do estado cobrindo assuntos, além de Salvador, mas trazendo as imagens. Em seguida, foram apresentadas mais duas matérias em nota coberta sobre o desfile de sete de setembro, data cívica nacional, e o torneio Brasil Open de Tênis. Nessa última notícia também pode ser observada a capacidade do BATV de “estar lá no lugar da notícia”. O AN2 nesse dia apresentou essa mesma notícia em nota simples, sem a utilização de imagens. As três notas cobertas tiveram dois minutos e treze segundos.

Esse bloco termina com a veiculação de duas reportagens da editoria de esportes. São veiculadas matérias sobre os times Esporte Clube Vitória e Esporte Clube Bahia. Essas notícias foram exibidas em formato reportagem e tiveram um minuto e quatorze e um minuto e dezenove segundos, respectivamente. Esse bloco que apresentou como assunto principal a cobertura esportiva, três notícias sendo duas delas em formato reportagem, teve o tempo total de duração de três minutos e quarenta e seis segundos, representando 27,83% do tempo total de duração do telejornal naquele dia.

O terceiro bloco do programa traz como assunto principal o aumento da passagem de ônibus e o protesto dos estudantes. A primeira matéria do programa é iniciada com uma nota coberta sobre a manifestação dos estudantes. Essa nota coberta teve um minuto e trinta e nove segundos; logo em seguida, o programa apresenta em formato de nota simples um comunicado oficial da Polícia Militar informando que não permitirá novas interrupções das vias públicas, com duração de quinze segundos. Em formato reportagem, o programa exhibe ainda a reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus, que

teve dois minutos e vinte e nove segundos como tempo de duração. O programa foi finalizado com a exibição do informe de trânsito, em nota coberta, que teve vinte e dois segundos de duração. Esse bloco teve três minutos e trinta e cinco segundos de duração e representou 35,89% do tempo total de duração do programa. Nesse dia, excepcionalmente, as notícias de esporte e cultura não foram apresentadas no terceiro bloco, como faz parte da estrutura de endereçamento do BATV.

Nesse dia houve, portanto, assuntos que foram *agendados* por ambos os telejornais. A seguir é feita uma análise comparativa das notícias que foram veiculadas pelos dois programas, enfatizando as suas particularidades em função dos seus modos de endereçamento. Por fim, são observadas as notícias que não foram veiculadas pelos dois programas e o que elas dizem a respeito da imagem que fazem acerca da sua audiência.

Notícias veiculadas em 08 de set. de 2003

BATV			Aratu Notícias 2ª Edição - AN2		
Notícia	Tempo	Formato	Notícia	Tempo	Formato
1. <i>Dia Nacional da Alfabetização.</i>	02:25	R	1. Juizado da Infância e do Adolescente promove o <i>Dia Feliz.</i>	01:42	R
2. Missa em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira Neves.	01:46	R	2. <i>Primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.</i>	02:06	R
3. Previsão do tempo	0:40	I	3. Postos de combustíveis irregulares são fechados.	0:15	NS
4. Trabalhadores rurais ocupam fazenda no interior do estado.	0:33	NC	4. <i>Dia nacional contra o analfabetismo</i>	0:40	NC
5. Desfile 7 de setembro	0:40	NC	5. Greve dos petroquímicos	0:20	NC
6. <i>Início do Brasil Open de Tênis em Saúpe</i>	01:00	NC	6. <i>Polícia impede estudantes de interditarem o tráfego do trânsito em Salvador.</i>	01:45	R
7. Vitória se prepara para enfrentar o Flamengo em Aracaju.	01:14	R	7. <i>Estréia do tenista Guga no Brasil Open de Tênis.</i>	0:10	NS
8. Bahia treina para enfrentar o Grêmio	01:19	R	Total	08:08	
9. <i>Estudantes vão às ruas para protestar contra o preço das passagens de ônibus.</i>	01:39	NC	Legenda R = reportagem I = Indicador NC: nota coberta NS: nota simples		
10. Nota oficial da Polícia Militar informa que não permitirá interrupções das vias públicas.	0:15	NS			
11. <i>Reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.</i>	02:29	R			
12. Informe de Trânsito	0:22	NC			
Total	12:43				

Figura 60 - Notícias veiculadas em 08 de set. de 2003

Quatro notícias foram exibidas pelos dois telejornais naquele dia, quais sejam: a matéria sobre o dia nacional de combate ao analfabetismo, a primeira reunião da comissão encarregada de discutir o preço das tarifas de ônibus em Salvador, o policiamento nas ruas contra as interdições no trânsito causadas pelos estudantes e a abertura do torneio “Brasil Open de Tênis”. Começa-se pela análise dessas notícias comuns aos dois telejornais analisados.

4.2. AS NOTÍCIAS VEICULADAS POR AMBOS OS TELEJORNAIS

O dia Internacional da Alfabetização

A notícia sobre o dia internacional da alfabetização teve tratamento diferenciado por ambos os telejornais. Essa notícia abriu o BATV naquela edição, enquanto que no AN2 ela foi a quarta notícia veiculada no dia; o seu tempo de duração e o seu formato evidenciam a atenção despendida pelos telejornais a essa matéria. O BATV dedicou dois minutos e vinte e cinco segundos para a sua exibição em formato reportagem, enquanto o AN2 apresentou essa notícia em 40 segundos e utilizou o formato de nota coberta. A apresentadora do BATV anunciou:



Apresentadora: Boa noite. Hoje é o dia internacional da alfabetização. Na Bahia, noventa e oito por cento das crianças estão na escola. Segundo a Secretaria da Educação, são futuros cidadãos que vão chegar à vida adulta sabendo ler e escrever, realidade bem diferente de quase dois milhões de baianos que têm mais de dez anos de idade e são analfabetos.

Essa notícia foi categorizada no quadro “Governança”. Observa-se que no episódio principal da notícia é apresentada uma ação do governo em prol do cidadão: “Na Bahia, noventa e oito por cento das crianças estão na escola. Segundo a Secretaria da Educação, são futuros cidadãos que vão chegar à vida adulta sabendo ler e escrever”. Por outro lado, têm-se ainda dois milhões de habitantes que são analfabetos. A matéria é iniciada destacando a seguinte tensão: A maior parte das crianças baianas (98%) estão na escola e vão chegar à idade adulta sabendo ler e escrever, **mas ainda há** dois milhões de baianos que têm mais de 10 anos e são analfabetos. O governo está presente nessa matéria através da Secretaria da Educação e o programa toma como base dados advindos dessa secretaria para sustentar a sua argumentação.

O BATV apresenta a notícia a partir de um recurso que foi utilizado por ambos os telejornais no *corpus* analisado. O programa toma como exemplo a história de uma pessoa que serve de referência para o assunto que está sendo tratado. Nesse caso, foi utilizada a história de Dona Maria, que pediu ajuda ao filho para escrever uma placa (“vende-se geladinho”).



Figura – 61 Seqüência 01 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

A história de Dona Maria é contada pelo repórter: “Dona Maria nunca foi à escola. A dona de casa, que faz bico para sobreviver, teve que pedir a ajuda do filho para anunciar os produtos que vende.” Em seguida é desenvolvido um diálogo entre o repórter e a entrevistada. A entrevistada afirma: “não sei ler nem escrever.” O repórter pergunta: “A senhora não tem vontade de aprender a ler?” A entrevistada responde: “Como tenho, muita vontade, é o meu sonho.” A seguir, o repórter continua com a apresentação do tema da matéria, o dia internacional da alfabetização, tomando como parâmetro dados oficiais da Secretaria de Educação. A história de Dona Maria serve como conexão entre os dados oficiais e uma história que poderia ser experimentada na vida cotidiana. O termo “assim como Dona Maria”, mencionado pelo repórter, ratifica essa idéia de comparação buscada pela matéria. É utilizado um gráfico para apresentar os dados oficiais de modo a tornar mais didática a apresentação dos números.

Repórter: Assim como Dona Maria, quase dois milhões de baianos são analfabetos. Em Salvador, são cento e sete mil pessoas que nunca foram à escola ou têm menos de um ano de estudo. Já **entre as crianças**, a Secretaria Municipal de Educação garante que **a maioria está estudando e os adultos** que procuram cursos de alfabetização **também encontram vaga**.

A matéria continua sob o quadro Governança. Os dados apresentados pelo repórter sugerem que a alfabetização contempla a maior parte das crianças e os adultos analfabetos encontram vaga em cursos de alfabetização. Durante os grupos de discussão observar-se-ão leituras diferenciadas sobre essa notícia, assunto esse tratado no próximo capítulo. Com a finalidade de validar a afirmativa de que existem vagas disponíveis nos cursos de alfabetização do governo, é acessada a voz da representante da Secretaria de Educação, Joelice Braga, que anuncia: “professores capacitados e material específico para atendimento a crianças, jovens e adultos no processo de alfabetização, a nossa meta é alfabetizar todos que procuram a escola municipal.”

A reportagem segue com outra exemplificação exibindo uma iniciativa de uma organização não-governamental (ONG) no bairro de Novos Alagados. Novamente é utilizada a história de “pessoas comuns” para aproximar a situação da experiência diária. A “Dona Maria” foi apresentada como um exemplo de pessoa analfabeta que faz parte da “realidade bem diferente”, conforme menciona a apresentadora, “dos quase dois milhões de baianos que têm mais de dez anos e são analfabetos”. No final da matéria são apresentados quatro exemplos, o garoto Heverton, a professora Elaine Santos e o instrutor de Capoeira Hélio Silva, todos eles representando pessoas que estão conseguindo ter acesso à educação e ascendendo socialmente, e por fim o garoto Eduardo, de seis anos. É exibida a história da professora que foi capacitada pelo projeto da ONG e depois passa a

alfabetizar outros alunos, e também o relato do professor de capoeira que também foi assistido pela mesma iniciativa.



Figura – 62 Seqüência 02 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

No AN2 esse acontecimento não teve tanto destaque como no BATV e o enfoque não foi o mesmo daquele apresentado pelo seu concorrente. A apresentadora do programa anuncia: “Ensinar a ler ainda é um desafio a ser vencido pelos educadores brasileiros. No dia dedicado ao combate do analfabetismo, profissionais baianos debateram o tema.” O AN2 utiliza uma outra fonte oficial, a UNESCO, com a finalidade de evidenciar uma questão não abordada pelo BATV; assim, ressalta a apresentadora, “metade dos alunos alfabetizados no país tem dificuldade na leitura.”

A matéria traz um episódio central distinto do BATV: “No dia internacional de alfabetização professores da rede pública estadual se reuniram para debater formas mais eficazes de ensinar e ao maior número de pessoas”. Aqui não se tem uma ação do governo em prol do cidadão, mas uma questão de vigilância. Apesar

do decréscimo do número de analfabetos, conforme menciona a matéria, é preciso estar atento e saber que metade dos alunos alfabetizados no país tem dificuldade na leitura.

Apresentadora: No dia internacional de alfabetização professores da rede pública estadual se reuniram para debater formas mais eficazes de ensinar e ao maior número de pessoas. Pesquisa recente apontou queda de setenta e cinco por cento do número de analfabetos na faixa de quinze a vinte e quatro anos. Eram trinta e dois por cento em mil novecentos e noventa e agora são oito por cento, **mas** dados da Unesco apontam que metade dos alunos alfabetizados no país tem dificuldade na leitura.



Figura – 63 Seqüência 01 da matéria sobre Dia Nacional da Alfabetização, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

Para essa notícia os programas apresentaram leituras distintas sobre um mesmo acontecimento. Mais uma vez pode ser ratificado o modo de endereçamento de vigilância sugerido pelo AN2, enquanto a visão que faz o BATV acerca do seu público favorece a sua aposta no cidadão que se deve sentir beneficiado pelas ações do governo. No capítulo seguinte observar-se-á que tal contradição é identificada pelos entrevistados durante os grupos de discussão.

Estudantes vão às ruas para protestar contra o preço das passagens de ônibus.

Nessa matéria os programas utilizam quase o mesmo tempo de duração, um minuto e trinta e nove segundos pelo BATV e um minuto e quarenta e cinco segundos pelo AN2, mas a escolha do formato de exibição das matérias apresenta a primeira divergência. O AN2 optou pela reportagem e, ao utilizar esse formato, pode explorar as vozes acessadas tanto dos estudantes como dos policiais. De outro modo, o BATV opta pelo formato nota coberta: nele a apresentadora narra a notícia enquanto são exibidas as imagens e não são acessadas as vozes nem dos policiais nem dos estudantes. O AN2 apresentou: “A policia mudou a estratégia e impediu que houvesse novas interdições de tráfego pelos estudantes em Salvador.”



Figura – 64 Seqüência 01 da matéria sobre O Protesto dos Estudantes, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

A imagem do cordão de isolamento feito pelos policiais, na segunda figura da esquerda para a direita, apresenta o controle da situação que a matéria sugere,

logo no início, mas o programa acessa as vozes dos estudantes que se sentem lesados pela ação da polícia. Repórter em *off*:

Repórter: Pela manhã os estudantes impediram o tráfego nas vias exclusivas de ônibus na região do Iguatemi. O Esquadrão de Operações Especiais, Garra, dispersou os manifestantes que foram em direção à Orla. Os policiais continuaram durante todo o dia em frente ao shopping. Na Pituba, ainda teve alguns focos de manifestações, mas os policiais ao longo de toda Avenida Manoel Dias da Silva montaram guarda para evitar o impedimento do tráfego. Na Piedade os estudantes conseguiram parar alguns ônibus, mas, segundo eles, os policiais, com muita violência, acabaram com os protestos.

A fim de validar essa afirmação, de que os policiais tinham agredido os estudantes, são acessadas as vozes de dois adolescentes. Voz acessada 1: adolescente não identificado: “deram coronhada na gente, empurraram, meteram a viatura por cima.” Voz acessada 2: adolescente não identificado: “aqui, ó, me deu um empurrão aqui aí, ó.” Utilizando o discurso indireto, a repórter continua o tom de vigilância da matéria e do programa, tal qual vem sendo observado ao longo deste trabalho: “Os manifestantes também diziam que os policiais estavam sem tarjas de identificação para não serem denunciados após as agressões.”

Em seguida, a repórter estabelece um diálogo com o policial que foi denunciado pelos estudantes por não estar utilizando tarja de identificação e por estar agredindo os estudantes nas ruas. Repórter: “E aí, cê arrancou a identificação?”, Voz acessada 3, policial não identificado: “não, eu não arranquei a identificação.” A repórter não satisfeita com a resposta questiona outra vez: “Por que você está sem identificação?” Voz acessada 3: “No momento eu estou sem a identificação.” Agora a repórter se dirige ao policial que possivelmente estaria no comando daquela operação: “todos eles estão sem identificação, só o senhor está

com a identificação.” A voz acessada 4, policial que estava no comando da operação: “eu já disse a senhora que quem fala pela PM é o coronel Cid Freitas”.

O papel de investigação e vigilância é explorado mais ainda pela repórter, que busca o depoimento de um oficial de patente superior aquele da voz acessada 4, a fim de saber o porquê de os policiais estarem sem a identificação. Essa voz acessada de número 5 não estava presente no lugar das manifestações dos estudantes e responde à repórter no final da matéria: Voz acessada 5, Cel. Siegrified Frazão - Assessor de Comunicação da PM:

Voz acessada 5: Não existe nenhum tipo de operação que o policial não possa ser identificado. Todas as operações que a Polícia Militar realiza são operações tecnicamente planejadas e legais. Aquele policial militar que está fora de padrão de uniforme está passível de punição. A orientação que o comando geral deu à tropa é que nós tenhamos o máximo de equilíbrio possível, porém temos obrigação de desobstruir as vias públicas.

No BATV, a opção pelo formato nota coberta impossibilita o programa acessar as vozes dos policiais ou dos estudantes de modo direto. O programa também não utiliza o discurso indireto para acessar essas vozes. A apresentadora fala:

Apresentadora: Apesar das promessas em contrário, grupos de estudantes foram, novamente, às ruas protestar contra o aumento das passagens de ônibus. O trânsito ficou lento em alguns trechos da cidade, mas não houve bloqueios nem congestionamentos. Durante uma manifestação um estudante foi preso.



Figura – 65 Seqüência 01 da matéria sobre O Protesto dos Estudantes, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

Conforme sugere Hartley (2001), na narrativa da notícia existe uma dualidade entre aqueles que são identificados com o *bem* em oposição ao *mal*. O *bem* nessa matéria, para o BATV, é a manutenção da ordem, a partir da ação desenvolvida pela polícia, enquanto o *mal* está apresentado naqueles que promovem a desordem, nesse caso os estudantes. A apresentadora continua a relatar os fatos em *off*.

Os protestos começaram por volta das nove horas na avenida Joana Angélica, em Nazaré. Estudantes fecharam o trânsito em frente à Universidade Católica. A polícia tentou negociar a liberação da avenida, mas os estudantes se recusaram a sair. O clima ficou tenso. Não houve confronto, mas os estudantes foram obrigados a liberar o trânsito.

A polícia é apresentada como aquela que tenta negociar a liberação da avenida (manutenção da ordem), enquanto os estudantes são aqueles que se recusam a sair e devem liberar o trânsito. Na matéria veiculada pelo AN2 foi

observado que os estudantes são apresentados como aqueles que sofrem a ação policial, enquanto os policiais são apresentados como os agressores (usam a força para impedir novas interdições e atuam de modo irregular quando retiram a identificação da farda). Esse tipo de reportagem do AN2 está inserido no quadro “Vigilância Estado/Município”. Nele, os estudantes assumem o papel dos lesados enquanto a polícia (eles) representa a ação coercitiva do estado sobre o indivíduo. Também, durante os grupos de discussão, as diferentes leituras sugeridas pelos dois telejornais sobre esse assunto são identificadas e discutidas pelos entrevistados.

No BATV, a matéria se desenvolve a partir da ação da polícia, que libera a passagem em uma atuação **sem confronto**, como afirmou a apresentadora. Os transgressores, *e/les*, são retirados passivamente das ruas enquanto um estudante é identificado como o líder do movimento e encaminhado à delegacia. É assim que finda a matéria, na qual a apresentadora narra:

Apresentadora: Na Pituba, parte da avenida Manoel Dias da Silva foi fechada. O helicóptero da polícia militar acompanhou toda a movimentação. Estudantes sentaram no chão para tentar barrar a passagem dos ônibus, mas a polícia conseguiu impedir. Um dos líderes do movimento que tentava parar o trânsito foi colado dentro do carro da polícia militar e levado para a delegacia.

No desfecho da matéria, a apresentadora comenta “O estudante que foi detido na Av. Manoel Dias da Silva na Pituba está prestando depoimento. Élder Augusto Abreu de Souza tem 24 anos.” Logo em seguida, o programa apresenta em uma *suíte* outra notícia em formato de nota simples com duração de quinze segundos, que ratifica o poder coercitivo do estado. A apresentadora diz:

A polícia militar divulgou uma nova nota oficial onde afirma que não permitirá, mesmo que parcial, a interrupção de vias públicas. A PM diz que colocou nas ruas a elite do seu efetivo com policiais que têm mais de 20 anos de experiência.

Essas leituras divergentes sobre o mesmo acontecimento ratificam o modo de endereçamento dos programas. O tom de vigilância do AN2 é explicitado mais uma vez, enquanto o tom imperativo do BATV sugere uma leitura preferencial na qual estão presentes a manutenção da ordem e a construção discursiva de um espectador que tem deveres para com o estado e a sociedade baiana e não deve congestionar o trânsito. Desse modo, os estudantes são apresentados pela matéria como transgressores da ordem.

A reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.

A terceira matéria veiculada pelos dois telejornais naquele dia reportou a primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução das passagens de ônibus em Salvador. Essa reunião foi realizada entre os representantes da prefeitura, empresários e estudantes, conforme salienta a apresentadora do BATV:

Apresentadora: A comissão que vai discutir o preço da passagem de ônibus, em Salvador, começa a funcionar amanhã. Hoje, representantes da prefeitura, empresários e estudantes se reuniram para discutir o assunto.

A repórter segue narrando a matéria em *off* enquanto imagens da reunião são exibidas. O modo de apresentação dos estudantes ainda conota desordem, nesse caso específico o repórter salienta que os estudantes não têm uma liderança definida, repórter em *off*.

Repórter: Foram indicados os nomes dos representantes das oito entidades que agora fazem parte da comissão de desoneração da tarifa de ônibus. Hoje estiveram juntos representantes dos poderes executivo e legislativo, da Procuradoria Geral do Município e empresários. **Os estudantes também estavam na secretaria municipal** de transportes. Ainda sem uma liderança definida, eles falaram sobre a pouca participação da sociedade civil durante os trabalhos da comissão.

Conforme menciona o programa, os estudantes **também** estavam na reunião realizada na Secretaria dos Transportes, enquanto são apresentadas, primeiramente, as fontes oficiais utilizadas pelo BATV: os representantes dos poderes executivo e legislativo, a Procuradoria Geral do Município e empresários. O programa destinou dois minutos e vinte e nove segundos para a notícia e adotou o formato reportagem. Logo após a fala do repórter é acessada a voz do estudante cuja legenda apresenta-o como da União dos Estudantes Secundaristas. Voz acessada 1: Marcelo Brito – União dos Estudantes Secundaristas:

Voz acessada 01: A impressão que se deu é a seguinte, por conta da mobilização dos estudantes se abriu essa questão pra a participação dos estudantes, só que o resto ficou de fora. Nós queremos que todo mundo possa participar.

Essa matéria foi categorizada no quadro *Governança*, nela é apresentada uma medida tomada pelo governo, nesse caso específico representado pela Secretaria de Transportes de Salvador, em prol do cidadão. A reunião busca a redução da tarifa das passagens em Salvador, como afirma a repórter:

Repórter: Trinta dias é o prazo que a comissão tem para discutir e apresentar uma solução que possa diminuir o preço da passagem de ônibus em Salvador. As propostas começam a ser apresentadas amanhã, mas já se fala em redução tributária e até em isenção dos impostos pagos pelas empresas que são repassados para o preço final da tarifa de ônibus.



Figura – 66 Seqüência 01 da matéria sobre Reunião da Comissão de Transportes, BATV, capturado em 08 de setembro de 2003.

A repórter utiliza dados oficiais do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador (SETPS) a fim de demonstrar os gastos com o custo da passagem, em seguida a construção da matéria ressalta os impostos criados pelo governo federal como os principais empecilhos para a redução do preço das passagens em Salvador. Essa afirmação é sustentada pela voz acessada 2, que fala pelo sindicato dos empresários, repórter em off:

Repórter: As empresas dizem que os gastos estão divididos em 40% com custo de mão de obra, 35% de pagamento de impostos federais e estaduais, 8% de impostos municipais. Um dos tributos mais elevados é o ICMS – imposto sobre circulação de mercadorias e serviços. O óleo diesel, combustível usado nos ônibus, representa 21% de imposto. O lucro com o transporte coletivo, revelado pelas empresas, é de 12% ao ano sobre o capital. Durante os trabalhos da comissão, representantes dos empresários vão defender a redução de impostos.

O Governo Federal é o principal culpado pelo alto custo da passagem, segundo a matéria. A Voz acessada 2, Horácio Brasil – Sindicato dos Empresários, sustenta essa afirmação dos dados apresentados pela reportagem: “É o governo

federal reconhecer que o transporte urbano deve fazer parte da cesta básica, a começar pela desoneração do óleo diesel e outros tributos.”

A repórter insiste nessa argumentação, retirando a culpa da prefeitura municipal pelo preço da passagem e culpando o Governo Federal. Segundo a matéria, o governo do município até mesmo reduziu o imposto sobre serviços (ISS) a fim de desonerar o custo da passagem.

Repórter: A prefeitura diz que já reduziu a cobrança do imposto sobre serviços de cinco para dois por cento. O secretário de transportes, Ivan Barbosa, acha que vai ser necessária a **política nacional** de diminuição de tributos para o transporte coletivo.

A voz acessada 3, Ivan Barbosa - secretário de transporte, sustenta esse argumento: “Isso já é um trabalho que já está sendo feito no fórum nacional de secretários de transportes e também no governo federal no Ministério das Cidades, no sentido de propor redução de tarifas a partir da retirada de impostos.”

No AN2 o enfoque da notícia foi de outra natureza. A questão da gratuidade foi apontada como sendo um dos fatores que elevam o valor da tarifa de ônibus em Salvador. Também no AN2 a notícia teve como formato a reportagem e a sua duração foi de dois minutos e seis segundos. A apresentadora inicia a matéria: “Aconteceu hoje a primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.”

Logo após a apresentação da matéria pela mediadora, a repórter fala em *off*, enquanto imagens da reunião são exibidas aos espectadores. A repórter inicia a sua explanação sobre o acontecimento de modo similar àquele adotado pelo BATV, que ressaltava a alta taxa tributária como empecilho para a redução das passagens.

Repórter: O secretário municipal dos transportes se reuniu com representantes das empresas de ônibus, dos estudantes e parlamentares para discutir a desoneração da tarifa do transporte coletivo reajustada para um real e cinquenta centavos. No encontro ficou definido que amanhã será instalada a comissão especial que

vai avaliar a possibilidade, por exemplo, de uma redução tributária, Já que os impostos representam dezesseis por cento dos preços das passagens.

A voz acessada 1 é a fala do secretário municipal dos transportes, Ivan Barbosa, que demonstra uma postura do governo municipal em solucionar a situação: “Imagina-se iniciar um debate nacional não só aqui em Salvador, mas todo o Brasil, um debate de que poderia haver uma desoneração da tarifa da ordem de trinta e trinta e cinco por cento”. Essa afirmação do secretário demanda a ativação de saberes anteriores à enunciação e que estão presentes, por exemplo, na matéria do BATV. O secretário parece querer sugerir que o aumento da tarifa de ônibus é uma questão que concerne ao governo federal. Contudo, o AN2, durante a construção da matéria, não permite a ativação de tal argumento e a reportagem ganha outro enfoque. A culpa pelo alto custo das passagens é, segundo o AN2, a gratuidade excessiva no transporte urbano de Salvador. A repórter afirma:

Repórter: A comissão formada por representantes das secretarias de transporte e da fazenda, da câmara municipal, dos estudantes, empresários terá trinta dias para decidir como fica o preço da passagem. Um outro argumento dos empresários que também será avaliado é a questão da gratuidade.

A repórter fala diretamente da estação da Lapa, uma das principais estações de transporte urbano de Salvador, utilizando o enquadramento distância social afastada (anexo B) como efeito de verdade para a apresentação do argumento da gratuidade. A repórter diz:

Repórter: Atualmente, quatro milhões e oitocentas mil pessoas não pagam para utilizar o transporte coletivo em Salvador. Mas essa gratuidade não é apenas para idosos e portadores de deficiência. Policiais civis, militares, rodoviários, carteiros, comissários de menores, oficiais de justiça e fiscais de diversos órgãos públicos também não pagam a passagem de ônibus. Segundo os empresários, o financiamento da gratuidade poderia ser o primeiro passo para reduzir a tarifa.

Em seguida o AN2 utiliza a voz acessada do Superintendente da SETPS, com a finalidade de explicar a questão da gratuidade das passagens sustentada pelo AN2 como o argumento principal para o alto custo das tarifas de ônibus.

Voz acessada: Nós não queremos tirar a gratuidade de ninguém. Nos só propugnamos que essa gratuidade seja bancada por alguém, ou seja, o cidadão que é funcionário do estado que o estado banque, da prefeitura que a prefeitura banque, do governo federal que o governo federal banque. Doze por cento de gratuitos, vinte por cento de estudantes. Estudantes pagando meia, você tem aí vinte e dois por cento que é o número que deve ser financiado sob pena daquele que paga pagar mais do que devia.



Figura – 67 Seqüência 01 da matéria sobre Reunião da Comissão de Transportes, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

Em relação a esse acontecimento, também pode ser observado o enfoque diferenciado apresentado por ambos os telejornais de modo a poderem ser coerentes com o modo de endereçamento proposto por eles. O quadro Governança utilizado pelo BATV e o modo como entende esse quadro, o governo realizando ações em prol do cidadão, fez com que fosse apresentada a situação como sendo

resolvida pela prefeitura e a culpa para essa situação recaiu sobre os altos impostos cobrados pelo Governo Federal.

Em oposição ao seu concorrente, para o AN2 os impostos cobrados pelo Governo Federal não seria a principal causa do alto valor das tarifas, mas a gratuidade da passagem, fator esse que recai sobre todos os governos, municipal, estadual e federal, conforme é destacado na fala do superintendente da SETPS: “o cidadão que é funcionário do estado, que o estado banque, da prefeitura, que a prefeitura banque, do governo federal, que o governo federal banque.”. Mais uma vez, é assumido o tom de vigilância do AN2, no qual o cidadão deve estar atento às intervenções dos governos que possam implicar na sua vida. No grupo de discussão do Engenho Velho da Federação, os entrevistados assumiram esse argumento durante as discussões e aceitaram a leitura preferencial sugerida pelo AN2 nessa matéria. Mas esse aspecto será mais bem desenvolvido no próximo capítulo.

Ao observar o modo de apresentação dos telejornais naquele dia, percebe-se o tratamento diferenciado dado ao tema protesto dos estudantes e reunião da comissão de redução da passagem. O BATV dedicou todo o terceiro bloco para essa matéria, enquanto o AN2 apresentou a notícia de modo intercalado, a segunda e sexta notícia do dia, respectivamente. Conforme sugere a estrutura de endereçamento de ambos os programas, analisada em capítulo anterior, o terceiro bloco é deixado para as notícias mais leves e de menor importância. O BATV deixou essa temática por último, enquanto no AN2 a questão perpassa todo o telejornal.

A abertura do Brasil Open de Tênis em Salvador

Nos modos de apresentação dessa notícia é evidenciada a disparidade entre os recursos que dispõe ambos os programas. O BATV, dispondo de mais

aparatos tecnológicos, consegue cobrir o torneio realizado em Sauípe, localizado no Litoral, a 70 km ao norte de Salvador. O BATV dedicou um minuto para essa notícia apresentada em formato de nota coberta, enquanto o AN2 apresentou a notícia em nota simples, com a utilização de apenas dez segundos. Assim, falou a apresentadora do AN2: “O tenista Gustavo Kuerten estreia amanhã no Brasil Open de Tênis. Ele enfrenta o tradicional adversário, o sueco Magnus Norman. O evento começou sábado em Costa do Sauípe.”

Já o BATV anuncia: “Começou, em Sauípe no litoral norte, a disputa pelo título do *Brasil Open de Tênis*. O brasileiro André Sá enfrenta esta noite o alemão Rainer Schuettler na primeira rodada da chave principal do torneio.” Em seguida, em off, é feita uma cobertura das partidas que aconteceram durante o sábado.

Apresentadora: A partida entre o mineiro André Sá e o alemão Rainer Schuettler está prevista para começar às oito da noite e é a mais esperada desta segunda feira. Schuettler, oitavo no rank mundial, tem a melhor classificação entre os tenistas que disputam o Brasil Open. Numa das três partidas classificatórias do dia o brasileiro Josh Goffi se despediu do torneio ao perder para o chileno Paul Capdeville por dois sets a zero com parciais de sete seis e seis cinco.

O programa demonstra interesse na cobertura do torneio, uma vez que no final da matéria a apresentadora ainda oferece informações acerca das partidas que acontecerão nos próximos dias. Uma das etapas do “Brasil Open de Tênis” aconteceu em Sauípe em 2003 e a causa dele ter sido notícia para ambos telejornais naquele dia foi, provavelmente, pela importância do circuito para o tênis nacional e a Bahia estar sendo sede de uma das etapas desse importante evento de tênis. Outra expectativa também é criada pela participação do brasileiro Gustavo Kuerten, popularmente conhecido como Guga. Esse atleta vem sendo responsável pela maior divulgação do tênis no país em virtude das suas conquistas, inclusive a posição de número um do ranking, já alcançada por ele.

Apresentadora: os dois melhores tenistas brasileiros no ranking mundial Gustavo Kuerten e Flávio Saretta estréiam amanhã em Sauípe. Guga enfrenta o sueco Magnus Norman enquanto Saretta pega o também brasileiro Marcos Daniel em jogos válidos pela primeira rodada da chave principal.



Figura – 68 Seqüência 01 da matéria sobre Brasil open de Tênis, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

A cobertura do BATV sobre o Brasil Open de Tênis em Sauípe demonstra a superioridade técnica do programa em relação ao seu concorrente, o AN2. Essa distinção faz parte do seu modo de endereçamento: um programa “melhor elaborado”, como menciona o entrevistado 12 do grupo de discussão número dois. O AN2, por sua vez, veiculou a notícia apenas em nota simples, sem a utilização de imagens.

4.3. O QUE AS OUTRAS NOTÍCIAS DIZEM ACERCA DOS MODOS DE ENDEREÇAMENTO DOS PROGRAMAS?

O AN2 e o BATV apresentaram naquele dia outras notícias, além das quatro veiculadas por ambos os telejornais. Esse tipo de escolha entre aquilo que poderia ser dito e aquilo que foi dito pelo programa sugere o seu modo de endereçamento, segundo Ellsworth (2001).

[...] o paradoxal poder de endereçamento consiste na diferença entre, de um lado, todas as outras frases que poderiam ter sido ditas e foram ditas em outros filmes, telenovelas, noticiários, romances, comédias da tevê e, de outro, a frase que foi dita [...] (ELLSWORTH, 2001, p.47).

Admitindo essa afirmativa, pode-se sugerir que a estrutura de endereçamento de um programa pode ser também evidenciada a partir da comparação entre, por exemplo, as notícias que foram abordadas em oposição àquelas que não foram veiculadas por telejornais concorrentes.

4.3.1 As notícias exibidas pelo AN2 que não foram abordadas pelo BATV.

Três notícias veiculadas pelo AN2, no dia em referência, não foram exibidas pelo BATV. Foram elas: Adoção de crianças, postos de combustíveis irregulares são fechados e a greve dos petroquímicos.

A adoção de crianças²⁴

A matéria sobre a adoção de crianças foi categorizada no quadro “Cidadania e Bem Estar Social”. A notícia apresenta crianças órfãs e torna pública uma campanha do Juizado da Infância e da Juventude de Salvador, intitulada *Dia*

²⁴ O começo da fala da apresentadora, nessa matéria, foi cortado por causa de problemas técnicos, mas essa falha não comprometeu o todo da análise da notícia.

Feliz. Nessa iniciativa, crianças órfãs podem passar um fim de semana com uma família ou com quem tem mais de dezoito anos. Essa matéria serviu como *supertema* em dois dos três grupos de discussão entrevistados, conforme será discutido no capítulo a seguir.

A notícia teve um minuto e quarenta e dois segundos de duração e iniciou o programa naquele dia. A matéria utiliza imagens e as vozes acessadas das crianças que necessitam de adoção, a fim de sensibilizar o espectador para a causa. A construção da matéria é iniciada não com a voz em *off* do repórter, mas com a fala das crianças: “Meu nome é Islane, eu tenho dez anos”, “meu nome é Tatiane, eu tenho nove anos”, “meu nome é Cristiane, eu tenho oito anos”. Em seguida entra a voz do repórter que as apresenta.

Repórter: Esses meninos e meninas têm entre dois e doze anos. Por diferentes razões estão longe dos pais e vivem num orfanato nos Barris. Graças aos cuidados que recebem, são alegres, comunicativos e afetuosos, mas falta-lhes algo essencial: (criança 01) “Uma mãe e Um pai” (Criança 02) “uma mãe, um pai e uma família”.



Figura – 69 Seqüência 01 da matéria sobre *Dia Feliz*, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

A exibição das imagens das crianças pela matéria e das suas falas sensibilizaram as entrevistadas no grupo de discussão. Após a apresentação dessas imagens, o repórter explica o “dia feliz”, uma ação promovida pelo Juizado da Infância e da Juventude.

Repórter: No dia da criança elas podem ter a chance de dar e receber carinho de uma família. Há dois anos, o juizado da infância e da juventude de Salvador promove o dia feliz, quando crianças órfãs de instituições da cidade podem passar um fim de semana com uma família ou com quem tenha mais de dezoito anos e se disponha a acolhê-las e o procedimento para fazer esse gesto de amor é bastante simples.

O repórter continua a matéria utilizando um recurso, já comentado pelo presente trabalho, no qual uma situação de uma pessoa é apresentada como exemplo de modo a facilitar a aproximação dos espectadores com a matéria. Nessa notícia a história da empresária Jane Santos serve como exemplo de adoção.

Repórter: No ano passado treze crianças que participaram do dia feliz foram adotadas pelas famílias com quem passaram o fim de semana. Este é o caso de Fabrício, de quatro anos, que deu a Jane a chance de ser mãe de novo depois de vinte e sete anos.

Logo em seguida, o repórter aciona a voz acessada da empresária: “Eu peguei o Fabrício, sem conhecer o Fabrício e graças a Deus era o menino que a gente precisava”. Depois há uma declaração do menino que encerra a matéria: “Eu amo a mamãe”. Essa notícia teve grande aceitação durante os grupos de discussão, em especial, das mulheres.



Figura – 70 Seqüência 02 da matéria sobre *Dia Feliz*, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

Postos de combustíveis irregulares são fechados

Essa notícia foi apresentada em quinze segundos pelo AN2, fazendo parte da *estrutura de endereçamento* (ELLSWORTH, 2001) do programa. O tom de vigilância está presente nessa matéria, que noticia a situação irregular de postos de combustíveis. O quadro Vigilância/Estado Município foi um dos de maior frequência, conforme pôde ser observado no capítulo anterior. Nessa matéria o tom de Vigilância diz respeito não só às ações dos governos sobre o espectador, mas também do mercado. Assim, o espectador é interpelado como consumidor e não deve se deixar ser lesado.

Nove postos de combustíveis que funcionavam irregularmente foram fechados hoje pela agência nacional de petróleo. Três ficam em Salvador eles ficam no Imbui, no Lago do Tanque e em São Cristóvão. Os outros postos ficam em Conceição do Jacuípe, Camaçari e quatro em Feira de Santana.

Greve dos petroquímicos

Essa matéria também faz parte de uma das características do AN2, que está em oferecer mais lugares de fala para instituições como sindicatos e comandos de greve, em oposição ao BATV, que recorre às fontes oficiais. Essa matéria não foi noticiada pelo BATV, enquanto que no AN2 teve vinte segundos de duração e foi veiculada no formato nota coberta.

Apresentadora: Petroquímicos, químicos e petroleiros se concentraram em três estradas de acesso às empresas do pólo petroquímico. Os petroleiros pedem quinze virgula oito por cento de reposição mais cinco por cento de produtividade. Os químicos querem trinta por cento de reajuste entre reposição e produtividade ou dois por cento de ganho real



Figura – 71 Seqüência 01 da matéria sobre *Greve dos Petroquímicos*, AN2, capturada em 08 de setembro de 2003.

4.3.2 As notícias exibidas pelo BATV que não foram abordadas pelo AN2.

Seis notícias veiculadas pelo BATV, no dia em referência, não foram exibidas pelo AN2, quais sejam: a missa em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira Neves, trabalhadores rurais ocupam fazenda no interior do estado, o desfile de sete de setembro (data cívica nacional), o time de futebol Vitória se prepara para enfrentar o Flamengo em Aracaju, o time Bahia treina para enfrentar o Grêmio e a nota oficial da Polícia Militar informando que não permitirá interrupções das vias públicas.

A missa em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira

Esta matéria teve um minuto e quarenta e seis segundos e foi exibida no formato reportagem. Nessa notícia foi utilizada pelo programa a transmissão ao vivo, recurso esse que, no *corpus* analisado, foi explorado apenas pelo BATV. Desse modo, a entrada ao vivo é um dos recursos que o programa dispõe que permite diferenciá-lo do AN2. O poderio técnico do BATV foi um fator mencionado pelos entrevistados quando falaram sobre a distinção entre os modos de endereçamento dos programas analisados. Uma outra característica presente nessa notícia e que diz respeito à *estrutura de endereçamento* do BATV está na valorização de aspectos da cultura local, a religiosidade, a cobertura de festejos, entre outros elementos.

Essa matéria ressalta o catolicismo através da cobertura de uma missa em homenagem ao Cardeal D. Lucas Moreira Neves, morto havia um ano. A apresentadora anuncia:

Apresentadora: Amigos e religiosos participam de uma missa em Salvador em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira Neves que morreu há um ano. A celebração presidida pelo Cardeal D. Geraldo Majela acontece na Catedral Basílica e é de lá que fala, ao vivo, a repórter Cristina Miranda. Boa noite, Cristina.

Após a saudação da apresentadora, o programa utiliza o recurso da transmissão ao vivo e assim coloca apresentadora e repórter em contato. A repórter noticia o acontecimento e explica a importância do Cardeal para a Bahia. “O corpo do cardeal está enterrado aqui na catedral basílica. Ele era considerado um dos religiosos mais importantes do país”. A partir desse momento, a repórter utiliza as imagens de arquivo, outro recurso de que dispõe o BATV. Enquanto as imagens são exibidas, a repórter narra em *off*:

Repórter: D. Lucas nasceu em São João Del Rei, Minas Gerais, em mil novecentos e vinte e cinco. Começou a vida religiosa no interior de São Paulo, em oitenta e sete assumiu a arquidiocese de Salvador. Um ano depois foi nomeado cardeal, entre noventa e cinco e noventa e oito presidiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A pedido do papa foi prefeito para a congregação dos bispos do Vaticano. Renunciou ao cargo por motivos de saúde. D Lucas também fez parte da Academia Brasileira de Letras. Era considerado conservador. Em dois mil, visitou a Bahia pela última vez. Fez questão de comemorar ao lado dos baianos seus cinquenta anos de vida religiosa.



Figura – 72 Seqüência 01 da matéria sobre D. Lucas Moreira, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

Trabalhadores rurais ocupam fazenda no interior do Estado

Esse tipo de matéria também apresenta um outro recurso que diferencia o BATV do AN2, a sua capacidade de estar presente em outros municípios da Bahia, graças à existência de retransmissoras do grupo da Rede Bahia em outros municípios do estado. A notícia foi veiculada durante trinta segundos e teve como formato a nota coberta. A própria utilização das imagens pelo programa demonstra os recursos tecnológicos do telejornal e essa sua capacidade de estar presente em outras localidades do estado. Essa possibilidade do programa talvez seja um dos seus principais atrativos, característica essa mencionada também pelos entrevistados no grupo de discussão.

Apresentadora: Cerca de cinquenta trabalhadores rurais estão ocupando parte de uma fazenda no sudoeste do estado. A fazenda fica no distrito de Inhobim, perto de Vitória da Conquista. A maioria dos acampados trabalha como diarista em fazendas da região. Os lavradores que já ocupam as terras há duas semanas aguardam a posição do Inbra. Segundo o sindicato dos trabalhadores rurais, a

fazenda faz parte de um testamento e não pode ser vendida. Um dos herdeiros da fazenda já pediu à justiça a reintegração de posse.



Figura – 73 Seqüência 01 da matéria sobre Sem-terras, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

O desfile do sete de setembro (data cívica nacional)

A data sete de setembro é o dia da Independência Nacional; na Bahia, essa data é comemorada todo ano. Há a participação, no cortejo, dos representantes políticos da cidade, prefeitos, governadores, senadores e a população. A festa também é explorada simbolicamente como espaço de disputa política por partidos de oposição, do governo e pelos movimentos populares.

A cobertura do sete de setembro está de acordo com a *estrutura de endereçamento* do programa, uma vez que os governos municipal e estadual estão representados na cerimônia na qual se faz presente o civismo do cidadão em relação à sua nação. A Bahia, em especial, teve uma participação culminante na independência do Brasil em relação ao domínio português. Outra data cívica festejada na capital é o dois de julho, que representa a definitiva expulsão das tropas portuguesas da Bahia.

Contudo, o endereçamento da matéria tem uma visão preferencial que reporta à Governança e interpela o espectador enquanto cidadão. A matéria teve quarenta segundos de duração e foi exibida em formato de nota coberta. A apresentadora diz:

Apresentadora: E o desfile de sete de setembro levou milhares de pessoas às ruas do centro de Salvador: o governador Paulo Souto, o prefeito Antonio Imbassahy e o vice-almirante do segundo distrito naval Álvaro Luis Pinto fizeram o hasteamento das bandeiras. Depois do desfile dos grupamentos especiais, os pelotões das forças armadas se apresentaram. Também participaram fanfarras, grupos de capoeira e as meninas da banda Didá. No fim do desfile, um grupo de estudantes que protestam contra o aumento das passagens de ônibus **invadiu** o circuito, mas não houve confronto. Trabalhadores do movimento dos sem-terra também fizeram uma manifestação



Figura – 74 Seqüência 01 da matéria sobre o desfile de 7 de setembro, BATV, capturado em 08 de setembro de 2003.

Nessa matéria os agentes principais destacados são os chefes de estado, como salienta a apresentadora: “o governador Paulo Souto, o prefeito Antonio Imbassahy e o vice-almirante do segundo distrito naval Álvaro Luis Pinto fizeram o hasteamento das bandeiras. Depois do desfile dos grupamentos especiais, os pelotões das forças armadas se apresentaram”. A utilização do verbo “invadiu”, quando o programa se refere aos estudantes que protestavam contra o aumento da passagem de ônibus, evidencia essa preferência do programa em relação ao governo e a manutenção da ordem. É como se o programa dissesse que aquele espaço não estava reservado a “eles”, enquanto o “nós” mais uma vez é empregado para os representantes do governo, da polícia e das manifestações populares como fanfarras e grupos artísticos, a exemplo da Banda Didá. O emprego do conectivo

mas na sentença a seguir demonstra a retomada da manutenção da ordem ao não ter havido confronto entre o “eles” e o “nós”. “Um grupo de estudantes que protestam contra o aumento das passagens de ônibus **invadiu** o circuito, **mas** não houve confronto”.

O treino dos times de futebol, Vitória e Bahia, para os jogos do Campeonato Brasileiro.

Outra característica presente em ambos os telejornais está na cobertura esportiva dos dois principais times de futebol de Salvador, o Esporte Clube Vitória e o Esporte Clube Bahia, embora com exceção desse dia o AN2 não apresentou notícias sobre o futebol. Na matéria sobre o Esporte Clube Vitória, em especial, acentua-se mais uma vez a capacidade técnica que dispõe o programa de estar presente até mesmo fora da Bahia, em Aracaju, capital do estado de Sergipe, para acompanhar o treino do clube. A apresentadora diz:

Apresentadora: O Vitória está em Aracaju se preparando para enfrentar o Flamengo no próximo domingo. Até os jogadores que estavam machucados participaram do treinamento de hoje.

Em seguida o repórter utiliza o recurso *passagem*, quando o repórter fala *in loco*. A utilização desse recurso possibilita explorar essa capacidade técnica do programa e produzir o efeito de acompanhamento dos acontecimentos que circundam em outro estado, Sergipe, no lugar onde elas ocorrem. Assim, narrou o repórter:

Repórter: Trinta e um jogadores vieram fazer essa mini temporada na capital sergipana, incluindo os atletas que estavam machucados, como o atacante Nilton, o meio de campo Robson Luís e o lateral esquerdo Paulo Rodrigues. Hoje foi o primeiro treinamento aqui no estádio Lorival Batista, o Batistão, e todos esses jogadores participaram normalmente. Um treino técnico. O treinador Lori Sandri insistiu nas jogadas pelas laterais e nos chutes a gol. A equipe fica na cidade até quinta-feira se preparando para o jogo de domingo contra o Flamengo no Barradão. Este ano o Vitória jogou

contra o time carioca três vezes, duas pela Copa do Brasil e uma no primeiro turno do campeonato brasileiro, perdeu as três partidas. Aqui a rotina tem sido do hotel para o campo e do campo para o hotel. Sem muito tempo de lazer. O meio de campo Robson Luís seria um bom guia para os colegas já que ele é sergipano e conhece Aracaju, mas com tanto trabalho não dá tempo de visitar nada.



Figura – 75 Seqüência 01 da matéria sobre o treino do E.C Vitória, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

Logo em seguida é veiculada pelo telejornal a notícia sobre o treino do Esporte Clube Bahia. Nessa notícia é abordado o treino desse time que se prepara para jogar contra o Grêmio, time do Rio Grande do Sul, pelo Campeonato Brasileiro.

Tanto a matéria do Vitória quanto essa notícia do Bahia fazem parte de uma das tantas rotinas dos programas telejornalísticos. Há um ciclo durante a semana para o acompanhamento do esporte que, conforme já foi comentado, se restringe à cobertura do futebol, embora, excepcionalmente, neste dia os telejornais tenham coberto um evento de tênis cuja relevância já foi comentada. Os jogos do Campeonato Brasileiro sempre acontecem às quartas-feiras, sábados e aos domingos. Um clube de futebol não joga, necessariamente, duas vezes por semana durante o campeonato, todas as quartas-feiras e sábados ou domingos, assim cria-se uma rotina de cobertura desse evento. Desse modo, alguns esquemas são desenvolvidos pela produção de modo a dar conta do acompanhamento dos clubes baianos ao longo do campeonato brasileiro, que dura um semestre.

Há a cobertura da “volta do time”, que sempre acontece no aeroporto, há o acompanhamento do “treino para o próximo jogo” e, por fim, “o compacto do jogo que aconteceu no dia anterior”. Há uma certa “obrigatoriedade” criada pela própria estrutura de endereçamento dos programas de cobrir assuntos sobre esses dois clubes de modo constante. Às vezes, quando não se tem uma notícia sobre o dia a dia dos clubes, são ativados quadros como “a sondagem da *vox populi*” sobre o desempenho do seu time no Campeonato Brasileiro. No dia em referência, o esquema em pauta era “o treino para o próximo jogo”, utilizado na cobertura desses times.

O AN2 não veiculou essas duas matérias e apresentou exclusivamente como nota simples o início do “Brasil Open de Tênis”, a fim de não ter deixado de veicular naquele dia uma notícia sobre o esporte. Foi uma constante, no *corpus* analisado, a apresentação de matérias sobre o esporte no último bloco dos programas, lugar esse também deixado para matérias nas quais está presente o lúdico. Nessa notícia sobre o Esporte Clube Bahia, a visita de um jogador em recuperação física com um novo corte e cor de cabelo oferece o tom descontraído da matéria. A apresentadora anuncia: “E o Bahia aposta no ritmo intenso de treinos para vencer o Grêmio no próximo sábado. É o estilo rigoroso do técnico Lula Pereira.”

Depois de um domingo de folga os jogadores voltaram a treinar no Fazendão. Preto e Marcelo Souza estão recuperados, mas não participaram do treino com bola. Por isso, devem ficar de fora da disputa contra o Grêmio. Um jogo histórico para o time gaúcho. O clube completa cem anos no dia da partida que vai ser em Porto Alegre.” Depois do treino uma visita, Jair, que foi operado no mês passado, apareceu com um novo visual para rever os colegas.”

Após essa pausa são acessadas as vozes de dois jogadores do Bahia que trocam conversas e gozações mútuas, são exibidas imagens em close do

jogador em recuperação, que está com os cabelos excessivamente pintados. Isso facilita o desenvolvimento do tom descontraído da matéria.

(Voz acessada) Jair, meio campo do Bahia: Minha auto-estima tá muito baixa, mas já com o cabelo pintado e a galera já brincando comigo ali, a gente fica um pouco alegre com isso. (Voz acessada) Valdomiro, zagueiro do Bahia: ai meu deus do céu ... ele tomou um banho de ouro tá muito feio aquele cabelo ali, foi alguma promessa que ele fez ali pra ficar logo bom desse joelho logo aí.



Figura – 76 Sequência 01 da matéria sobre o treino do E.C Bahia, BATV, capturado em 08 de setembro de 2003.

Foram deixados de fora desse relato a notícia sobre a nota oficial da polícia militar, já comentada anteriormente, e os quadros fixos do programa (informes de tempo e espaço). A primeira delas esteve condizente com o endereçamento do programa, que prima pela manutenção da ordem, e pela interpelação do cidadão enquanto aquele que tem deveres para com o Estado. Já os informes de tempo e espaço também fazem parte da rotina do programa e são apresentados em blocos fixos, durante o primeiro e o terceiro blocos, respectivamente. Eles também evidenciam o poderio técnico do programa em relação ao AN2, que não dispõe de tais serviços. A seguir são exibidas as imagens desses recursos explorados pelo programa. A primeira imagem da direita para a esquerda é a previsão do tempo, enquanto as outras duas, as imagens do trânsito em Salvador.



Figura – 77 Seqüência 01 da matéria sobre os informes de tempo e espaço, BATV, capturada em 08 de setembro de 2003.

No próximo capítulo são analisados os *supertemas* da audiência em relação a esse dia de transmissão dos telejornais BATV e AN2. Nele foi possível observar a implicação dos supertemas mencionados durante as entrevistas e as impressões que os entrevistados fazem acerca dos dois programas. Essa análise do dia de exibição 08 de setembro de 2003 teve como intenção identificar os modos de apresentação das matérias adotados pelos telejornais locais. A seguir, têm-se as impressões de uma potencial amostra da audiência sobre o BATV e AN2 a partir desse dia de exibição dos programas.

5. O TEXTO DA AUDIÊNCIA: AQUILO QUE UMA AMOSTRA DA AUDIÊNCIA EMPÍRICA DOS TELEJORNALIS LOCAIS DISSERAM ACERCA DOS PROGRAMAS ANALISADOS.

Pretende-se, neste momento, apresentar algumas observações acerca das estratégias utilizadas por uma amostra da audiência empírica dos programas, com a finalidade de observar o modo como ela interpreta os discursos produzidos pelos telejornais. Tal qual foi desenvolvido no primeiro capítulo, a presente análise sobre o texto da audiência está apoiada na associação entre os conceitos de *frame* (GOFFMAN, 1991) e *supertemas* (JENSEN, 1988, 1993, 2002a), aproximação conceitual sugerida pelo próprio Jensen (2002a), e *modos de endereçamento* (MORLEY; BRUNSDON 1999)²⁵.

Uma das primeiras aplicações do conceito de *supertemas* foi publicada por Jensen em seu artigo de 1988, intitulado “News as Social Resource: A qualitative empirical study of the reception of danish television news”. Nele o autor descreve o resultado de um estudo comparativo entre os textos da mídia, uma exibição do telejornal dinamarquês, o *TV-Avisen*, e da audiência. Nesse trabalho o autor compara as notícias veiculadas pelo telejornal e apresenta uma síntese da *análise lingüística* (JENSEN, 1988, p.281) que desenvolveu acerca delas e do texto da audiência, obtidos partir da realização de 33 entrevistas em profundidade aplicadas com pessoas de diferentes idades, sexo, grupo econômico e de regiões do país e selecionadas, aleatoriamente.

²⁵ A utilização do conceito de modos de endereçamento nessa etapa do trabalho está próxima àquela concepção sugerida por Morley e Brunsdon (1999), vide discussão apresentada no capítulo dois.

A presente pesquisa não tem como pretensão explorar uma amostra tão heterogênea. Tal qual foi apresentado no capítulo primeiro, esse estudo toma como referência a observação feita por entrevistados pertencentes a um mesmo grupo econômico, classes C, D e E, em sua maioria, sendo esse o maior *target*²⁶ atingido pelo telejornal BATV e o AN2. A heterogeneidade dos grupos de pessoas entrevistadas, 17 no total, se refere à idade e sexo, como será apresentado em breve.

Um dos principais resultados da pesquisa de Jensen (1988, p.278), segundo o autor, está em enfatizar, com base em estudos anteriores, o processo em que a audiência estabelece conexões entre o mundo da notícia e o mundo da vida cotidiana. Esse achado esse que foi admitido pela presente pesquisa enquanto pressuposto a partir de Tuchman (2002), Hall (1993) e Jensen (1988 e 1998). Contudo, como foi mais bem esclarecido no terceiro capítulo, a questão que orienta o presente estudo pretende observar os encontros e desencontros das apostas que um programa faz acerca do seu público e as estratégias que o endereçado utiliza para apoiar-se na outra extremidade da ponte, parafraseando Bakhtin (2002). Essa relação entre os eventos midiáticos e aqueles outros experimentados na vida cotidiana é uma dessas estratégias interpretativas utilizadas pela audiência para a produção de sentido, conforme sugerem os trabalhos já citados.

Também no presente estudo foi possível ratificar que a audiência põe em evidência, durante as discussões em grupo, conhecimentos advindos da sua experiência diária, a fim de confrontar o discurso produzido pelos telejornais locais analisados. Os telejornais, por sua vez, fazem uso tanto do senso comum quanto de outras *ordens de discurso*, a exemplo do científico e do político, tal como foi

²⁶ Este perfil de público dos telejornais foi gentilmente cedido pelo departamento comercial das emissoras em referência.

observado durante o capítulo três, em especial quando os telejornais utilizam as vozes *acessadas* (HARTLEY, 2001).

Por outro lado, esse pressuposto - a associação entre o mundo da vida cotidiana e o mundo da mídia realizado pela audiência - possibilitou outras observações acerca do modo como o programa pensa que é a sua audiência e pelo modo como ela negocia essa aposta. Houve, portanto, uma dupla confrontação. Em primeiro lugar, entre o modo divergente como os telejornais locais analisados concebem a sua audiência e o seu mundo, conforme foi observado no capítulo anterior. E, em segundo lugar, a forma como essa amostra da audiência consegue, utilizando os conhecimentos que tem da sua experiência diária, negociar as visões propostas pelo programa em direção ao seu mundo. Espera-se tornar mais claras essas constatações a seguir, mas para tanto devem ser recapitulados o modo, as balizas e as circunstâncias em que foram desenvolvidos os grupos de discussão, bem como alguns dos pressupostos básicos admitidos.

5.1 COMO FORAM SELECIONADOS OS GRUPOS

Conforme se comentou no capítulo primeiro, o modo de definição da amostra adotado por essa pesquisa utilizou dois tipos de amostragem, a por *variação máxima*, aquela que toma os entrevistados com base nos *ratings* dos programas (idade, grupo econômico etc), e a por *conveniência*. Foi aplicado o mesmo critério utilizado pelos institutos de pesquisa, o Critério de Classificação Econômica, mais conhecido como Critério Brasil, desenvolvido pela Associação Nacional de Empresas de Pesquisa - ANEP. Esse critério foi usado com a finalidade de certificar-se de que as pessoas entrevistadas pertenciam ao mesmo grupo econômico identificado pelos *ratings* dos programas em evidência.

Para tanto, na sessão dos grupos de discussão, foi também aplicado um questionário que toma como base esse tipo de identificação do Critério Brasil²⁷. A adoção desse critério teve como finalidade assegurar a utilização de um mesmo parâmetro entre o perfil de audiência sugerido pelas pesquisas comerciais, e que serve de baliza para os produtores midiáticos, e as pessoas entrevistadas pelo presente estudo.

Segundo a ANEP²⁸, o Critério Brasil tem como intenção “unificar, em todo o mercado, uma segmentação da população brasileira em grandes categorias de acordo com sua capacidade de consumo”. Assim, pode ser assegurado que a amostra tomada pela presente pesquisa para a composição dos grupos toma o mesmo parâmetro dos perfis de audiência utilizados pelas emissoras. O questionário padrão da ANEP identifica o poder de consumo dos entrevistados classificando-os em grupos (A1,A2,B1,B2,C,D,E) de acordo com a pontuação. Na Tabela a seguir apresenta-se o resultado obtido com as 17 pessoas entrevistadas.

Classe Econômica	Total dos Entrevistados	%	
E	2	11,76	70,59
D	7	41,18	
C	3	17,65	
B1	3	17,65	29,41
A1	2	11,76	
Total	17	100	

Figura 78 – Entrevistados x Critério Brasil

²⁷ Disponível no site: <http://www.anep.org.br/pesquisaemfoco/dez2002/index.htm>, capturado em 18 jun. 2004

²⁸ Fonte ANEP: <http://www.anep.org.br/pesquisaemfoco/dez2002/index.htm>, capturado em 18 jun. 2004

A partir desses dados, constata-se que das 17 pessoas entrevistadas a maioria (70,59%) delas faz parte do *target* C, D e E, perfil esse indicado pelas pesquisas comerciais como sendo o público preferencial dos telejornais locais aqui analisados. Por outro lado, nas sessões dos grupos de discussão a participação de pessoas de outras classes econômicas pôde oferecer heterogeneidade às discussões em grupo. Característica essa sugerida por autores como Ibáñez (1992)

Uma excessiva homogeneidade entre os participantes pode potenciar o grupo básico, mas inibir o grupo de trabalho, por isso é necessário que haja diferenças entre os participantes (diferenças e/ou contradições que se homogeneizam no processo de consenso, que se intercambiam) (IBÁÑEZ, 1992, p.275).

A seleção das pessoas participantes foi realizada também pelo critério de *conveniência* que contou com a participação de pessoas envolvidas em localidades nas quais pudessem atender ao *rating*, já mencionado. Desse modo, foram realizados os grupos de discussão 1, 2 e 3, nos bairros de Itinga - em Lauro de Freitas, cidade da Região Metropolitana de Salvador - Praia Grande e Engenho Velho da Federação, em Salvador, respectivamente.

5.2. OS GRUPOS DE DISCUSSÃO

As sessões dos grupos de discussão aconteceram nos meses de julho, setembro e novembro de 2004 e, em cada um desses meses, foi entrevistado um grupo, totalizando três grupos de discussão de uma sessão cada. Os dois primeiros grupos aconteceram às 19 horas e o último às 15 horas, em virtude dos horários disponíveis dos entrevistados. O primeiro grupo foi realizado em Itinga, localizado em Lauro de Freitas, município que pertence à Grande Salvador. O critério de escolha da amostra foi por *conveniência* (GUNTER, 2002; JENSEN, 2002a) a partir

do contato com uma pessoa que morava próximo à escola Solange Coelho²⁹. O grupo foi realizado no dia 16 de julho de 2004, tendo como participantes quatro senhoras que participam do programa de alfabetização de adultos da escola, com idades entre 34 e 53 anos. Esse grupo contou com a participação da pesquisadora Luciana Silva Santos e mais a pessoa de contato com a escola, Fernando Santos. Eles auxiliaram ao estabelecerem o contato com a direção da escola e na preparação dos recursos técnicos durante a realização dos grupos.

O segundo grupo de discussão aconteceu no dia 21 de setembro de 2004, no bairro de Praia Grande, em Salvador, no centro comunitário do bairro, e contou com a participação de oito pessoas, três homens e cinco mulheres, com idades entre 46 e 66 anos. A pessoa de contato para esse grupo foi Luciana Silva Santos, que ajudou na realização da sessão de discussão.

O terceiro e último grupo de discussão foi realizado no Engenho Velho da Federação, em Salvador, no centro comunitário do bairro. A professora Tânia Cordeiro, da Universidade do Estado da Bahia, que atua no bairro através do Fórum Comunitário de Combate à Violência, entrou em contato com uma jovem de 19 anos que coordena o Grupo Jovem do centro comunitário. Essa sessão teve a participação de cinco pessoas, entre 19 e 26 anos, exceto foi uma entrevistada de 53 anos, que é integrante do grupo de mulheres, cuja presença foi importante para oferecer heterogeneidade ao grupo.

Todos os três grupos tinham em comum assistir a pelo menos um dos dois telejornais analisados, serem moradores de bairros de Salvador ou Grande Salvador, distantes do centro da cidade e por terem sido identificados como das classes C, D e E (70,59% dos entrevistados), sendo esse o mesmo perfil de

²⁹ Os grupos de discussão foram realizados em locais nos quais os entrevistados freqüentavam. Assim as sessões aconteceram numa escola e em centros comunitários.

audiência sugerido pelas pesquisas quantitativas adquiridas pelos departamentos comerciais das emissoras, como o maior público dos telejornais locais das 19 horas. Contudo, alguns fatores contribuíram para a busca da heterogeneidade dentro dos grupos, a mescla com outros participantes identificados em outras faixas de consumo (29,41%) A1 e B1. Houve também uma busca de heterogeneidade entre os grupos, o primeiro grupo foi realizado apenas com mulheres, o segundo foi mesclado e o terceiro houve uma mudança em relação à média de idade do grupo com pessoas com faixa etária inferior a 30 anos, com exceção da entrevistada do grupo de mulheres. Nos dois grupos anteriores os entrevistados tinham mais de 30 anos.

5.3. O FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS

Serviu como pano de fundo para as discussões em grupo a exibição de um dia de veiculação dos dois telejornais locais analisados, o dia 08 de setembro de 2003. A escolha desse dia foi aleatória. Nos três grupos realizados os entrevistados assistiram aos telejornais na mesma seqüência, primeiro sendo exibida a edição do BATV e depois a do AN2. Após o término da apresentação do primeiro telejornal, foi feita uma pausa para ressaltar que seria apresentado em seguida o segundo telejornal, o AN2. Depois da exibição dos programas, abriu-se a sessão do grupo de discussão e os entrevistados eram solicitados a recontar as notícias que lhes chamaram atenção, estratégia essa que teve como intenção observar os *supertemas* da audiência. O roteiro produzido para o grupo de discussão está no anexo E.

Após a discussão dessa primeira etapa, os entrevistados falaram sobre os seus hábitos de assistir a TV naquele horário, os programas que assistem, depois

mencionaram sobre as suas impressões em relação aos dois telejornais analisados e por fim foi aplicado o questionário, anexo F, que teve como intenção identificar a audiência através das faixas de consumo adotadas pelo Critério Brasil e saber quais telejornais ou outros programas de televisão os entrevistados costumavam assistir. O questionário também teve um item de identificação (nome, endereço, idade e ocupação) dos entrevistados.

5.4. NÚMERO DE PARTICIPANTES, LOCAL E DURAÇÃO DOS GRUPOS

Em relação ao número de entrevistados, tentou-se obedecer ao limite de quatro a dez participantes por grupo, seguindo a sugestão proposta por Bernardo Russi Alzaga (1998) sobre o número de pessoas ideal durante a composição dos grupos. Dito isso, no grupo de discussão (GD) realizado em Itinga (GD – Itinga) foram quatro participantes, no GD – Praia Grande, oito entrevistados(as) e no GD – Engenho Velho da Federação, contou-se com a participação de cinco pessoas.

Esse número de participantes por grupo é sugerido a partir de uma proporção geométrica tal qual apresenta Ibáñez (1992, p.273), através do número de relações existentes entre os entrevistados dos grupos. Desse modo, entre dois participantes (A,B) tem-se a relação (AB), com três participantes (A,B,C) amplia-se o número de relações em três (AB, AC, BC). À medida em que o número de participantes é ampliado, o número de relações também o é. Por isso, acima de 10 participantes torna-se mais difícil observar a fala dos entrevistados de modo simultâneo.

Os grupos de discussão foram desenvolvidos num ambiente “não natural” do entrevistado, quando comparados a outras técnicas de pesquisa, a exemplo da etnografia, que permite a observação dos entrevistados no “contexto concreto de uso da mídia”, tal qual denomina (JENSEN 2002b, p.161). Um dos fatores positivos durante as sessões de discussão foi a sua execução em lugares que os entrevistados já freqüentavam no seu dia a dia. As sessões de grupo aconteceram, assim, numa sala de uma escola, para as entrevistas de Itinga, e em centros comunitários e/ou associações de moradores, no caso dos grupos de Praia Grande e Engenho Velho da Federação.

Em relação ao tempo de duração dos grupos, os autores Ibáñez (1992) e Alzaga (1998) recomendam que não deve ultrapassar 90 minutos, embora Ibáñez (1992) admita um tempo normal de até duas horas. Ibáñez (1992, p.274) afirma que existem situações, não muito corriqueiras, nas quais os grupos de discussão duram dias ou fins de semana inteiros.

Essa sugestão sobre a duração dos grupos de discussão foi também assimilada pelo presente trabalho. Foram utilizados 30 minutos iniciais para a exibição de um mesmo dia de veiculação dos dois telejornais analisados, sendo que o restante do tempo, 60 minutos, foi utilizado para a discussão. Todas as sessões foram gravadas em vídeo, o que facilitou a transcrição das entrevistas e a observação de algumas passagens e expressões dos entrevistados sobre as discussões.

Foram gravadas apenas as discussões dos grupos e não enquanto eles assistiam aos telejornais. Tentou-se gravar o momento em que os entrevistados assistiam aos telejornais, no primeiro grupo de discussão, estratégia essa que não foi continuada porque o estudo tem como questão a resignificação dos entrevistados

em relação ao programa e não um estudo sobre o modo de assistir aos programas específicos. Após as gravações das discussões, no limite de uma hora, em dois dos grupos, no segundo e no terceiro, houve o prolongamento das discussões, mas para essa situação foi utilizado um caderno de anotações que foi consultado no momento das análises.

5.5. MÉTODO DE ENTREVISTA UTILIZADO PELO MODERADOR DO GRUPO

Quanto ao posicionamento do mediador do grupo, ou preceptor tal qual sugere Ibáñez (1992, p.271), deve ser aquele que delimita o tempo, o espaço, quantos e quem vai participar no grupo. Assim, nas palavras do autor, o grupo de discussão: “Nasce e morre onde e quando quer o preceptor” (IBÁÑEZ, 1992 p.272). Contudo essa força do preceptor no grupo de discussão é amenizada diante do modo de condução adotado. Bernardo Russi Alzaga (1998) estabelece uma distinção entre *grupo focal* e *grupo de discussão*. A primeira delas advinda dos estudos em ciências sociais norte-americanos, já a segunda é denominada dessa maneira nos estudos europeus. Segundo Alzaga (1998, p.76), nos grupos focais o mediador/entrevistador intervém mais nas discussões e algumas vezes chega até mesmo a propor questões. De modo diferente, nos grupos de discussão o preceptor intervém pouco, ele só faz a mediação das discussões e essa última postura foi a adotada para este trabalho.

5.6. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA.

A própria citação de Ibáñez (1998) sobre o preceptor, como aquele que concebe e desfaz o grupo de discussão, pode dar margem a um tipo de crítica em relação ao ambiente e às circunstâncias utilizados pelos grupos de discussão. Isso porque os entrevistados são destacados do seu “contexto concreto de uso da mídia”. Contudo, há autores, como Richard A. Krueger (S/N), que afirmam ter nos grupos de discussão o clima de naturalidade e aproximado da vida real, uma vez que os participantes influenciam e são influenciados pelos integrantes do grupo. Ainda segundo esse autor, as vantagens de se utilizar os grupos de discussão estão vinculadas a essa predisposição humana, eles posicionam os entrevistados em uma situação passível de ser observada nas conversações cotidianas.

Nessa técnica as pessoas negociam suas opiniões com o grupo e ouvem sugestões antes de se posicionar em relação a um dado discurso (KRUEGER, S/N, p.49). Essa característica dos grupos de discussão, conforme salienta Krueger (S/N), parte do pressuposto de que os homens interagem, entre si, na sociedade por intermédio de grupos, nos quais as opiniões são discutidas e formadas. “Como seres sociais que somos, temos uma predisposição de formar grupos e nos envolvermos em interações coletivas. Esta tendência pode ser parte de uma herança humana que não está condicionada pela época ou pela cultura.” (KRUEGER, S/N, p.31).

Supõe-se que a adoção dessa técnica esteja em harmonia com os propósitos da presente pesquisa, cujo interesse está em observar a confrontação entre as estratégias utilizadas pelos programas sobre a sua audiência e o modo como ela se encontra ou se desencontra frente ao texto midiático com base nas referências que o espectador traz consigo. Dito isso, os conceitos de *frame*

(GOFFMAN, 1991) e *contexto* (DIJK, 2001), tal qual já foram apresentados no capítulo segundo, podem auxiliar neste momento da pesquisa. Em outras palavras, tem-se como preocupação muito mais os processos interpretativos que os usos da mídia.

Jensen (1986) afirma essa posição quando utilizou, nas palavras do autor, o lar e a vida dos seus entrevistados como um cenário laboratorial. Mesmo em se tratando de *um contexto concreto de uso da mídia*, o autor parece sugerir que nele há um quê de artificialidade.

De modo mais geral, o uso de um "laboratório", o ambiente familiar ou a própria vida, foi considerado apropriado porque a pesquisa focalizou na decodificação e nas percepções gerais da notícia como um recurso para os respondentes tanto socialmente como na sua vida política, preferivelmente que nos usos observados no contexto imediato de consumo; com a finalidade de simultaneamente manter a percepção e a argumentação dos respondentes concreta, o ponto de partida era em cada caso um programa específico. (JENSEN, 1986, p.156) (tradução nossa).

Deve-se, a partir de agora, descrever as sessões dos grupos de discussão e os supertemas encontrados em cada uma delas. No final desse capítulo é desenvolvida uma comparação entre os *supertemas* encontrados nos diferentes grupos e as estratégias utilizadas pelos entrevistados, de modo a compartilhar ou rechaçar os modos de endereçamento dos programas analisados.

5.7. RECAPITULANDO ALGUNS PRESSUPOSTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO DA AUDIÊNCIA.

É válido ressaltar que se seguiu a proposta de Jensen (1988, p.294) para identificar os *supertemas* a partir dos temas das notícias reconstruídas pelos entrevistados. Segundo o autor "... um tema pode ser definido como a proposição

vinculada por um conjunto de proposições resumidas de uma notícia ou outro texto” (JENSEN, 1988, p.285) (tradução nossa). O procedimento utilizado pelo autor para identificar os *supertemas*, portanto, está em solicitar aos entrevistados que recontem as notícias e depois é possível identificar os temas abordados pela audiência sobre as notícias. Van Dijk (2001, p.131) apresenta quatro regras básicas sobre os tópicos. A primeira delas afirma que « ... não há apenas um tópico ou sumário possível de um texto, mas vários. », segundo : « [...] os tópicos que atribuímos a um texto ou resumo que deles fazemos podem ser subjetivos », terceiro : «[...] parte dos tópicos que inferimos desse texto (ou atribuímos a ele) estão formulados no próprio texto [...] » e quarto : » [...] os tópicos são tipicamente obtidos ‘deixando de lado’ os detalhes do texto ».

É com base nessas considerações que mesmo tendo sido exibidas as mesmas notícias para três grupos de pessoas, os *supertemas* foram distintos. Eles remetem ao *contexto* de cada um dos grupos de entrevistados que serão descritos antes da análise das entrevistas de cada um dos grupos. É indicado rever a análise sobre a exibição de dia 08 de setembro de 2003 de ambos os telejornais, já apresentada por esta pesquisa, de modo a ter em mente aquilo sobre o que os(as) entrevistados(as) estão falando, embora as notícias venham a ser descritas, se necessário for.

5.8. GRUPO DE DISCUSSÃO 1 – ITINGA

O grupo de discussão foi realizado na Escola Municipal Solange Coelho, em Itinga, no dia 16 de julho de 2004. Itinga é um bairro da Região Metropolitana de Salvador e a sua escolha ocorreu por atender aos requisitos da pesquisa em relação ao perfil de público e pelo critério de conveniência. Contou com a participação de quatro mulheres³⁰, a entrevistada 01, de 53 anos, comerciante ; a entrevistada 02, 47 anos, diarista ; a entrevistada 03, 34, diarista ; e a entrevistada 04, 38 anos, empregada doméstica. Todas elas fazem parte de um projeto de alfabetização de adultos na escola citada. Elas trabalham durante o dia e estudam à noite. Quando perguntadas sobre as notícias de que se lembravam e quais poderiam recontar para o grupo, surgiram os seguintes supertemas :

Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Itinga					
Notícias dos Telejornais		Supertemas			
		Analfabetismo	Aumento da passagem/ Protesto dos estudantes	Crianças Abandonadas	Sem-terra
BATV	AN2				
1. Dia Internacional da Alfabetização.	1. Juizado da Infância e do Adolescente promove o Dia Feliz.	1. BATV	9. BATV e 6. AN2	1. AN2	4. BATV
4. Trabalhadores rurais ocupam fazenda no interior do estado.	6. Polícia impede estudantes de interditarem o tráfego do trânsito em Salvador.				
9. Estudantes vão às ruas para protestar contra o preço das passagens de ônibus.					

Figura 79 - Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Itinga

³⁰ Os entrevistados serão identificados por números ao longo da pesquisa. No anexo D tem-se a relação completa dos entrevistados.

Analfabetismo

A matéria sobre o dia nacional da alfabetização foi aquela veiculada pelo BATV, que contava a história de Dona Maria, que por ser analfabeta pedia ao filho para escrever uma placa “vende-se geladinho”. A matéria desenvolvida sob o quadro “Governança” pelo BATV mencionava que a maioria das pessoas (98% delas) acima de 10 anos estava na escola. Para essa afirmação utilizava dados da Secretaria de Educação, mas ressaltava a matéria que ainda havia pessoas, como Dona Maria, que não eram alfabetizadas. As entrevistadas comentaram a respeito da importância de saber ler e escrever para a sua vida diária. A entrevistada 02³¹ comentou:

Entrevistada 02: Eu mesmo não tive oportunidade de estudar quando era criança, então eu vim achar oportunidade agora, adulta .. E entrei no projeto, tive incentivo das professoras, hoje continuo lutando, entendeu? .. Agora estou na segunda série e estou correndo atrás para conseguir meus objetivos, porque hoje em dia é muito importante a gente estudar porque sem o estudo a gente não chega a lugar algum. Eu mesmo sou diarista, trabalho em casa de família, então, preciso dos meus estudos, entendeu, para anotar um recado, um telefone para os patrões. Isso é muito importante, entendeu? Gostei muito dessa reportagem porque quem não teve essa oportunidade de estudar, então **o governo está dando essa oportunidade.**

A entrevistada 02 reconta a história, identificando-se com o tema “sobre o analfabetismo”. O modo como ela reconstrói a notícia tem direta relação com o seu “eu”. Assim, ela recorda que durante a sua infância não teve oportunidade de estudar e só pôde ter acesso à educação depois de adulta. A entrevistada identifica o governo como o agente principal que oferece essa oportunidade ao cidadão, apresentando, portanto, uma leitura preferencial hegemônica sobre essa matéria tal qual foi sugerido pelo BATV em seu quadro de referência *Governança*. Outro aspecto a ser observado é o fato de a entrevistada ter utilizado apenas um dos

³¹ Não se julgou apropriado adequar as falas das(os) entrevistadas(os) à norma culta, respeitando, desse modo, a transcrição literal das suas próprias palavras.

quatro níveis (o acontecimento, a história, o eu e a mídia) sugeridos por Mancini e outros (1998) para a reconstrução dos *supertemas*.

Recapitulando esses quatro níveis sugeridos por Mancini e outros (1998), tem-se no primeiro o acontecimento (aqui seria o dia nacional da alfabetização, depois a história, a reconstrução da notícia; em terceiro, o eu, as implicações da notícia no *individual*; enquanto no nível mídia, cabe a crítica sobre a apresentação da matéria em geral para questionar a leitura preferencial sugerida pelo jornalista, pelo programa ou pela emissora. Nesse supertema não foram ativados esses quatro níveis de interpretação da notícia, mas observar-se-á a seguir que nos grupos de discussão de Praia Grande e Engenho Velho da Federação as observações atingem, muitas vezes, esses quatro itens. Nessa ocasião também serão comentadas quais poderiam ser as implicações disso. Ainda sobre o *supertema* analfabetismo, a entrevistada 01 mencionou:

Entrevistada 01: Porque eu não tive infância. Pra mim estudar minha mãe me botava num colégio e meu pai tirava. Interior, né? Você sabe como é que é... - Eu não vou deixar meus filhos estudar pra ficar com namorado e tal, tal, tal, tal. Com 15 anos eu perdi minha mãe. Daí eu caí no mundo, o mundo me ensinou muitas coisas boas graças a Deus. Então, trabalhei muito nas casas dos brancos, não tive tempo de estudar. Estou estudando agora, graças a Deus. Tenho fé em Deus que vou alcançar o meu objetivo. Tô com 53 anos, então, peço a Deus força, né? Pra estudar. Eu trabalho o dia todo saio de manhã e chego de noite. Tenho dois filhos formados, uma menina e o menino que saiu do colégio porque não quis estudar, mesmo, mas os outros estão tudo ok.

Assim como a entrevistada 02, a entrevistada 01 parte da identificação do acontecimento diretamente para o individual. Ela recorda a sua infância, na qual o pai aparece como aquele que impedia os seus estudos. Com a perda da sua mãe, a vida torna-se mais difícil para ela e, em seguida, outro fator é empecilho para o seu estudo: o trabalho. Ela menciona que não consegue conciliar o estudo e o trabalho na casa “dos brancos” (a entrevistada é negra), mas mesmo não tendo oportunidade

durante a infância para estudar, ela incentivou seus filhos a estudar. Durante as falas das duas entrevistadas elas apresentaram o mesmo posicionamento em relação ao analfabetismo, que divide o *individual* de ambas em dois momentos: o primeiro, quando não estudava e o segundo, quando passaram a estudar. Aplicando a matriz interpretativa de Jensen (1998)³² sobre os *supertemas* podem-se observar os seguintes aspectos sobre o analfabetismo em relação ao grupo de Itinga.

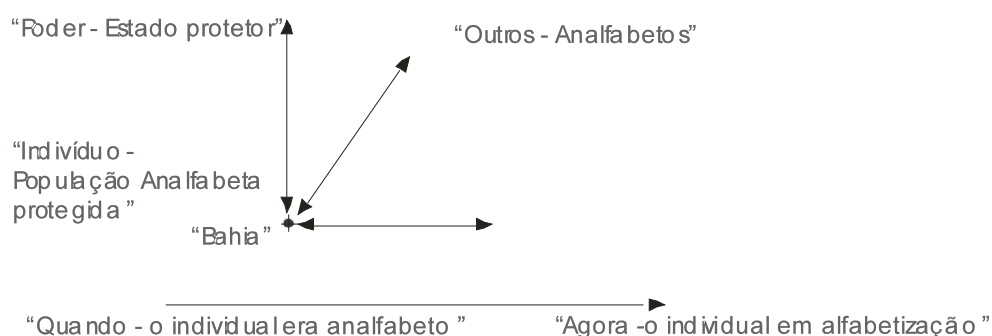


Figura 80 – supertemas 01 Itinga

Recordando a matriz interpretativa de Jensen (1998), para a observação dos supertemas, o autor propõe quatro dimensões: espaço, poder, tempo e identidade (Jensen, 1998, p.165). Todas elas são observadas de modo comparativo: do mundo representado pelas notícias na tevê para o dia a dia da audiência. Nesse parâmetro, o espaço é compreendido pela dicotomia aqui/lá, o poder através da autoridade/individualidade, o tempo com o agora/depois e a identidade nós/os outros.

³² A matriz interpretativa de Jensen (1998) já foi comentada neste estudo no capítulo primeiro. As palavras anteriores aos travessões são a tradução das quatro dimensões propostas por Jensen: espaço, poder, tempo e indivíduo.

Aumento da passagem/ Protesto dos estudantes

Essa reportagem teve repercussão em outros telejornais locais e também em outros de abrangência nacional, a exemplo do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. Esse fato, que aconteceu em 2003, está assim disponível enquanto discurso social e os entrevistados atualizam esse evento nos grupos de discussão realizados em 2004.

Os tópicos “aumento da passagem” e “protesto dos estudantes” foram utilizados pelos entrevistados para se referir às matérias de número nove do BATV e seis do AN2, vide quadro 06, anterior. A utilização desse mesmo tópico pelos entrevistados pode ser observado nas análises dos grupos subseqüentes. Nesse *supertema*, as entrevistadas seguiram a leitura preferencial sugerida pelo AN2. Houve uma identificação das entrevistadas com os estudantes, enquanto a ação da polícia foi rechaçada. Em capítulo anterior comentou-se a visão distinta dos telejornais sobre esse acontecimento. Em nenhum dos grupos de entrevistados a visão preferencial da matéria foi aquela adotada pelo BATV, conforme pode ser constatado na fala da entrevistada 02.

Entrevistada 02: Sobre os protestos dos estudantes ... eles estão no direito deles, não é? Eles têm que lutar pelos direitos deles. Eu achava que eles deviam lutar também agora pelos direitos deles, que eles ficaram dois meses sem estudar. Então eles deviam ir atrás desses direitos deles também que aí eles ajudariam tanto eles como os professores deles, não é?

A entrevistada 02 estabelece uma conexão entre a matéria veiculada no dia 08 de setembro de 2003 e a greve dos professores da rede estadual de ensino, que aconteceu no ano de 2004. Assim, a entrevistada 02 identifica como legítima a luta dos estudantes pela diminuição do preço das passagens, contrapondo a sua opinião com a visão preferencial sugerida pelo BATV, que classificou essa manifestação dos estudantes como “invasão” e “desordem”. Pôde ser presenciado

aqui que uma mesma entrevistada pode mudar o seu posicionamento de leitura em relação a um mesmo programa e assumir outras posturas. No supertema anterior a entrevistada 02 faz uma leitura hegemônica sobre a matéria do Dia Nacional da Alfabetização, enquanto em relação à reportagem sobre o protesto dos estudantes ela assume uma leitura oposicional. Esse tipo de constatação foi observada por Morley e Brunson (1999) quando analisaram o programa *Nationwide*. Uma das observações encontradas pelos autores nesse estudo foi o descolamento entre classe social e posições de leitura. No final do capítulo essa questão será mais bem discutida.

Nesse exemplo, a entrevistada 02, mesmo pertencendo à mesma classe das outras entrevistadas, pôde assumir diferentes posições de leitura em relação ao mesmo programa. Sobre a matéria do dia internacional da alfabetização, constatou-se que ela concorda com a visão preferencial do BATV, enquanto na notícia sobre o aumento das passagens assume a *leitura oposicional* (HALL, 2003a) em relação ao BATV, mas preferencial em relação ao AN2. A entrevistada 01 também se posicionou em uma leitura oposicional à visão preferencial do BATV, mas hegemônica em relação ao AN2, ela disse:

Entrevistada 01: E o problema dos estudantes sobre o aumento das passagens, eles estão certo ... Porque o salário é pouquinho, é pouca coisa que a gente recebe. O carro (a entrevistada se refere ao ônibus) aqui na cidade paga 1,40 né? Pega o carro daqui pra Portão 1,40, né? 1 e 40. Tem uns transporte aí que paga 1 real e tem também um que é 1,40 ou um preço só, ou a metade para o nosso lado aqui que é menos e pra cidade mais. Agora o policiamento entra, né? Como diz ... fica fazendo zonzera³³, não é? Porque eles acham que tão certo e os estudantes também acham que tão certo. Mas eu achava certeza assim, os policiais devia olhar também porque eles ganham mais do que os estudantes, é claro. Eu mesmo meu filho lá lá no Edgard Santos (escola estadual) todo dia,

³³ A entrevistada quis dizer “confusão”

todo dia tinha que dá dinheiro para esse menino até completar 17 anos e começou a trabalhar ... então ele dizia assim – mainha (modo carinhoso de chamar a mãe) é duro a vida de estudante viu, além da gente pegar carro (ônibus) ir lá na Estação da Lapa, todo dia tinha uma blitz, mainha, e tem muito carro que deixa a gente no meio do caminho. A blitz acaba, vai embora e o pessoal (os policiais) fica baculejando³⁴ (aumenta o timbre de voz) os pessoal, uns vão embora e outros ficam, ele cansa de me dizer isso, mas é isso mesmo, viu, o pobre vai levando até que Deus...

Nesse trecho da entrevista podem se presenciar três dos níveis de interpretação da notícia sugeridos por Mancini e outros (1998): a entrevistada identifica o acontecimento, o protesto dos estudantes pelo preço das passagens, transforma o acontecimento em uma história, depois traz a história para o *individual*. Assim como a entrevistada 02, ela identifica os policiais como os outros, enquanto assume a causa dos estudantes (*nós*). Outra referência da entrevistada está na comparação entre os preços das passagens cobradas em Salvador 1,50 e em Lauro de Freitas (aqui) 1,40. Para a entrevistada, em Salvador (lá) o preço da passagem deveria ser maior mesmo.

O *individual* da entrevistada 01 entra em contato com “a vida de estudante” a partir da experiência diária do seu filho, que se queixa de uma prática usual da polícia militar em Salvador: a realização de *blitz* em algumas linhas de ônibus para evitar assaltos. Nelas os ônibus param, os policiais entram e pedem para os homens descerem e enquanto isso um policial fica dentro do ônibus com as mulheres que devem abrir as bolsas e sacolas para uma revista. Do lado de fora do ônibus, os homens são revistados, colocam os braços afastados e as mãos apoiadas, geralmente, no próprio ônibus ou em paredes, as pernas também ficam afastadas e os policiais começam a revista, que a entrevistada se referiu como

³⁴ Esse termo é utilizado pela entrevistada como sinônimo de “revista”, no sentido de inspeção policial.

“baculejo”, observando-se o desconforto na fala da entrevistada sobre essa prática, tanto dela mesmo, como do seu filho, que ela traz em discurso indireto: “Uns vão embora e outros ficam” (os “aqueles que ficam” mencionados pela entrevistada 01 são os suspeitos) enquanto “uns podem prosseguir a viagem. Ele cansa de me dizer isso, mas é isso mesmo, viu, o pobre vai levando até que Deus...”

A entrevistada 03 mencionou também: “Essa reportagem da passagem, o aumento da passagem de ônibus. A gente ganha pouco e paga muito caro pela passagem, pega quatro conduções por dia. É... O salário fica muito pesado.” Mais uma vez, a dimensão individual é acionada, no entanto a partir da vivência da entrevistada essa dimensão se vincula ao preço que paga diariamente pela passagem de ônibus. A identificação com a causa dos estudantes aconteceu por intermédio desse recurso.

A visão preferencial das entrevistadas está mais próxima da leitura preferencial sugerida pelo AN2, que retrata os estudantes como os *lesados*. Houve unanimidade entre as entrevistadas em assumir a leitura hegemônica preferencial em relação ao AN2. Contudo, as entrevistadas não utilizaram o quarto nível de interpretação da notícia proposto por Mancini e outros (1998), a *mídia*, e não rechaçaram a cobertura contrária apresentada pelo BATV, situação essa que foi observada nos grupos de discussão 2 e 3. O *supertema* aumento das passagens/ protesto dos estudantes pôde ser assim representado.

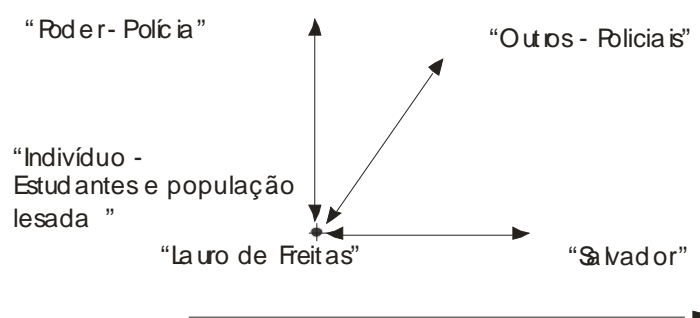


Figura 81 - Gráfico supertemas 02 Itinga

Crianças Abandonadas

Outro *supertema* tratado pelas entrevistadas foi *crianças abandonadas*.

As entrevistadas mencionaram esse tópico para fazer referência à matéria de número um, vide quadro 06, sobre o *Dia Feliz* promovido pelo Juizado da Infância e do Adolescente. Todas as três entrevistadas que reconstruíram essa matéria, em algum momento de suas vidas estiveram afastadas daquilo que chamaram de “amor de pai e amor de mãe”. A associação com a dimensão individual não poderia deixar de ser imediata, conforme pode ser observada na fala da entrevistada 01.

Entrevistada 01: E como é que diz ... outra coisa também é sobre as crianças ... Sobre as crianças ... se eu pudesse, se eu tivesse condições eu tomaria dois ou três para criar porque eu tenho muita pena de criança, adoro criança (enquanto ela fala a entrevistada 02 parece querer dizer alguma coisa ouve-se “eu já passei por isso”) porque eu também praticamente fui abandonada no mundo, quando minha mãe morreu eu era criança, tinha 15 anos, não sabia nada da vida, nada da vida, quem me ensinou foi o mundo que me ensinou, então eu me apeguei com esse ensino que o mundo me deu graças a deus e me casei com 24 anos e tô até hoje aqui viva. Sei respeitar, sei amar o meu próximo. E daí por diante.

A construção da matéria do AN2 sugere uma sensibilização dos espectadores em relação à adoção de crianças. Essa entrevistada, ao utilizar o nível *história* (Mancini e outros, 1998), reconta a notícia e se apresenta disposta a adotar uma criança, se tivesse condições financeiras. Ela ainda complementa em outra passagem: “Se eu pudesse, o orfanato era lá em casa. Eu gosto muito de criança, tanto eu como meus filhos e tenho um bocado de netos”. Contudo o nível *individual* é explorado durante o relato da notícia, conforme ressalta a entrevistada 02.

Entrevistada 02: Sobre essa reportagem sobre as crianças porque eu também já passei por isso, então... Eu também fui abandonada, quem me criou foi Deus e o mundo, como ela disse, entendeu? Hoje em dia, graças a Deus, em qualquer lugar que eu entro eu sei sair, entendeu? Então ... graças a Deus. Se eu tivesse condições, eu tenho três filhos, se eu

tivesse condições eu adotaria uma criança porque eu ver esse sofrimento me dói muito porque eu sei o que é esse sofrimento porque só quem já passou sabe o que essas criança abandonada passa. É muito doloroso.

A entrevistada 02 também assume a leitura preferencial sugerida pelo AN2, contudo ambas as entrevistadas fazem uma leitura *negociada* (HALL, 2003a) da matéria. Elas concordam que seria uma causa nobre adotar uma criança, mas não “compram” a idéia da matéria por faltar-lhes recursos financeiros. Outra leitura negociada em relação à história é apresentada pela entrevistada 02, que se queixa da influência do racismo na hora de escolher as crianças a serem adotadas. A entrevistada fala da preferência dos casais por crianças brancas. Em suas palavras, “isso dói na alma”: “Infelizmente hoje em dia eu fico assim chateada com o preconceito na hora da adoção de uma criança, né? Por que eles escolhem mais pela cor da pele, não é? Isso aí me dói na alma.” A entrevistada 04 também reconta a história utilizando a sua própria.

Entrevistada 04: Sobre essas crianças carente aê, né? Que não tem uma mãe, não tem um pai, apesar também que eu não tive uma família, não tive amor de mãe, amor de pai, mas não foi por isso que eu não passei isso para os meus filhos, sofri muito, né? Pra criar ... Hoje eles estão tudo casado. Não tinha pai pra *criá*, hoje em dia eu tenho uma neta e se eu tivesse condições eu também pegava uma criança dessas, não é? Porque na casa que eu trabalho minha patroa adotou, ficou 15 anos à espera de uma criança dessa, se inscreveu em vários lugares São Paulo, Recife e Lauro de Freitas, o por último que saiu foi em Lauro de Freitas, e hoje em dia tem um ano e sete meses e quem cuida da criança sou eu, mas também ela dá todo amor e carinho e tudo que ela tem é pra essa criança, precisa de ver que coisa linda.

A entrevistada 04 aproxima a história contada pela notícia de uma outra presenciada por ela no seu dia a dia. A sua “patroa”, conforme ela chama, adotou um filho e ela narra a luta de 15 anos dessa mulher para conseguir adotar uma criança. Seu posicionamento em relação à adoção é favorável, tal qual àquela

sugerida pelo AN2, contudo assume a posição *negociada*, adotaria se tivesse condições, assim como falaram as outras entrevistadas. O individual das três entrevistadas se divide sobre um tempo *quando* eram crianças órfãs e um *agora*, das mães que mesmo não tendo tido “amor de pai e mãe” conseguem repassar isso para os seus filhos.

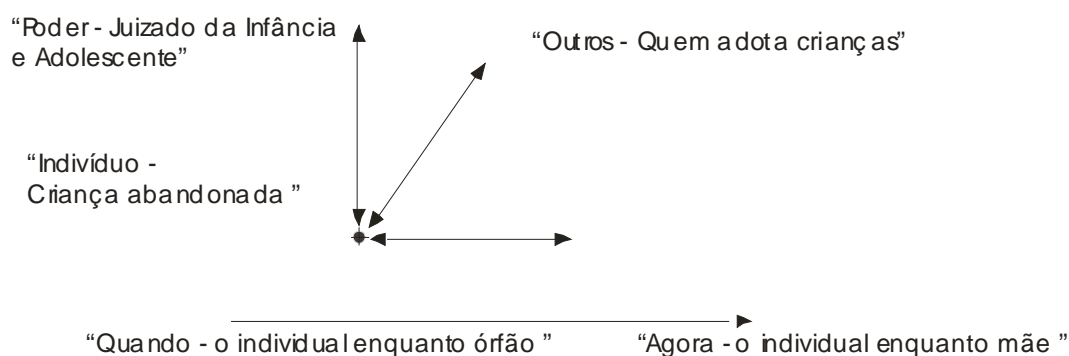


Figura 82 - Gráfico, supertemas 03 Itinga

Sem-terra

Dentro da estrutura de endereçamento do BATV, programa que veiculou a notícia intitulada “trabalhadores rurais ocupam fazenda no interior do estado”, o movimento poderia ser identificado como ameaçador à manutenção da ordem. A leitura das entrevistadas em relação ao *supertema sem-terra* foi *oposicional*. A vivência diária das entrevistadas serve para rechaçar a leitura preferencial sugerida pelo BATV, como identifica a entrevistada 04, que a partir da discussão sobre os *sem-terra* estabelece uma conexão com os *sem-teto* e comenta uma situação que presenciou em Itinga sobre um plano de moradia popular.

Entrevistada 04: Agora mesmo surgiu em Itinga uma proposta enganosa, uma faixa de mais de 400 mil pessoa inscritas pá (para) é ... *ganhá* (ganhar) a casa própria da Caixa Econômica. O pessoal da Igreja Católica, *tá* (está) escrevendo ... muita gente inscrita nisso, só que o povo tá querendo saber onde é que vai dar isso tem muita gente inscrita mesmo nisso. Vida Nova, Itinga, mas muita gente mesmo...

A posição da entrevistada a respeito da *Governança* é de descrença, principalmente com os políticos. Ela acredita que as iniciativas para melhoria da habitação dos populares não são levadas a sério pela *Governança*. A entrevistada afirma que “mesmo sendo pobre” não se submete a esse tipo de proposta que, segundo ela, é enganosa.

Entrevistada 04: Mas muita gente mesmo inscrita eu ia falar o seguinte ... que não sabia se essas mil e tanta pessoas inscritas vão ganhar essa casa, só quem ganha entre 2 e 3 salários mínimos, mulher não pode ser solteira para pegar esse casa pela Caixa, ela tem que ter um marido. Tanta proposta ... Ah! Eu digo que essa proposta é enganosa ... porque não fala logo a verdade? Vou dar uma casa assim, assim, assim, o pessoal que mora de aluguel de barracão se inscreveu pra essa casa. Toda a quinzena tem, aqui no largo do Carangueijo, uma reunião, não sei se você já ouviu falar, uma multidão de gente. E diz assim. Quem é do Capelão faz uma fila aqui, quem é de Vila Nova faça outra aqui, da Itinga faça outra aqui e aí a mulher fica lá com os papéis pra lá assina seu nome pra dizer que compareceu naquela reunião pra um dia ganhar essa casa sabe lá Deus o dia que vai ganhar essa casa.

Segundo a entrevistada 04, aqueles que precisam de uma moradia, identificados por ela como os *sem-teto*, são enganados pelos políticos “Os pobre coitado, né? Principalmente os que tãõ debaixo da ponte precisando de uma moradia ... agora faz o que esses prefeito, aí. Bota a festa do Carangueijo, bota festa em Lauro de Freita, bota festa num sei aonde e vai o pessoal todo pra essas festas” A entrevista estabelece uma conexão com o período eleitoral de 2004 e as eleições para prefeito e vereador, é válido salientar que durante o período de realização dos grupos a cidade se preparava para as eleições municipais (cargos de prefeito e vereador)

Porque quando chega perto das eleição eles diz que vai dá casa e num sei o que, vamo botar um trio ali porque pobre só gosta de folia, bota num sei quem pra cantar, porque o pessoal ta lá no bem bom e lá vem bala, mas não vou mesmo. Por isso que eu digo se depender do meu voto...

A entrevistada 01 utiliza o individual para se aproximar dos agentes da matéria, os sem-terra, ela recorda, utilizando também a dimensão de tempo, um *quando* não tinha casa própria e um *agora* que tem o seu terreno. Mesmo ilegal, o terreno, conforme salienta a entrevistada 01, é dela porque pagou por ele. A visão que tem sobre a dimensão do poder, que para a entrevistada 04 era representado pelo prefeito, para a entrevistada 01 é o presidente que deveria cuidar dessas pessoas.

Entrevistada 01: Eu sou muito falante, viu, eu gosto muito de falar (mas pode falar, diz o mediador) esse pessoal sem teto, né? Sem-terra é ... como é que diz é .. uma coisa também. Nosso presidente também devia arrumar um lugar desapropriado, terra pra arrumar esse pessoal, matar um boi hoje outro amanhã, tem briga, tem polícia e isso não podia existir porque tanto lugar tá desapropriado, devia tirar esse pessoal que não tem onde morar, não tem como pagar o aluguel. Já paguei muito aluguel ou invasão ou não, comprei meu terreno e fico com pena desse pessoal.

A entrevistada faz referência a uma música de uma banda local, “As meninas”, que traduz a oposição entre ricos e pobres “[...] é como tem a música das meninas (refere-se à banda) ‘o de cima sobe e o de baixo desce’ (risos).” A entrevistada 01 ressalta, do mesmo modo que a entrevistada 04, o descaso da dimensão de poder para com a pobreza. A entrevistada 01, complementando a fala da entrevistada 04, que diz:

Entrevistada 01: Porque a verba que vem é pra cômico [comício], é pra showmício (espécie de comício que é iniciado com a apresentação de grupos musicais, prática muito utilizada pelos candidatos durante as eleições no Brasil) pra uma porção de coisa que eles botam pra eles mesmo, tá entendendo? É aí como é ... Como tem a música das meninas, o de cima sobe e o de baixo desce (risos). Sempre descendo ...

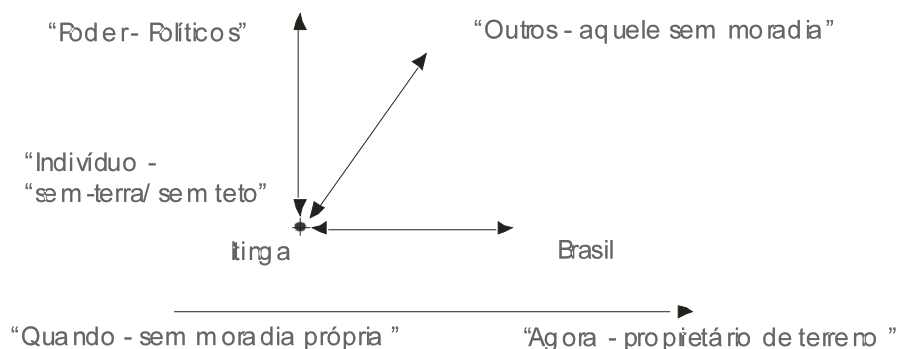


Figura 83 – Gráfico, supertemas 04 Itinga

5.9. GRUPO DE DISCUSSÃO 02 – PRAIA GRANDE

Oito pessoas participaram desse grupo de discussão, que foi realizado no dia 21 de setembro de 2004 em Praia Grande, bairro deslocado do centro de Salvador. As pessoas tinham idades entre 46 e 66 anos, e a entrevista aconteceu em um centro comunitário daquele bairro. Outra característica importante nesse grupo foi uma maior heterogeneidade quando comparado ao grupo de discussão anterior. Participaram pessoas de ambos os sexos, 03 homens e 05 mulheres, e de diferentes classes sociais. Quatro deles foram identificados, utilizando o critério Brasil, como da classe C e D, enquanto os outros quatro entrevistados se subdividiram nas classes B1 e A1.

Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Praia Grande					
Notícias dos Telejornais		Supertemas			
		Analfabetismo	Aumento da passagem/ Protesto dos estudantes	Adoção	7 de setembro
BATV	AN2	1.BAT V e 4. AN2	9. BATV e 6. AN2	1. AN2	5. BATV
1. Dia Internacional da Alfabetização.	1. Juizado da Infância e do Adolescente promove o Dia Feliz.				
5.Desfile 7 de setembro	4. Dia Internacional da Alfabetização.				
9. Estudantes vão às ruas para protestar contra o preço das passagens de ônibus.	6. Polícia impede estudantes de interditarem o tráfego do trânsito em Salvador.				

Figura 84 – Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão de Praia Grande.

Analfabetismo

No grupo de discussão anterior esse supertema também foi identificado pelas entrevistadas, contudo nessa sessão as pessoas apresentaram como tópico uma discussão diferente. Enquanto no grupo de Itinga as entrevistadas ressaltaram a importância da alfabetização e agradeceram à dimensão de poder pela oportunidade do acesso à educação, os entrevistados de Praia Grande questionaram a eficácia desses programas de alfabetização de adultos. A entrevistada 07 declarou.

Entrevistada 07: O que me chamou atenção é a notícia sobre a educação, não é? quando a Aratu (a entrevistada troca o nome do programa) mostrou que 95%, não tô lembrada ... uma porcentagem tão boa na escola e mostra professores

capacitados e mostra um escola ideal, quando na verdade não se vive isso. Nós, a cada dia, a escola pública, principalmente a da prefeitura, deixa a desejar, né? Aqui no subúrbio principalmente. Aqui no subúrbio é o caos mesmo. E da escola estadual também. Nós temos aqui a escola ... o colégio Praia Grande um colégio grande de 1 grau e 2 grau em péssimas condições. Essa escola estava pra desabar desde antes de junho que esse pessoal não tem aula. Diz que começou em agosto agora em três outros locais alugados e sem uma estrutura boa, sem realmente a preocupação de repor essas aulas que é o que deixa o saldo negativo que deixa e no final do ano esses meninos todos vão ser aprovados com essa margem de deficiência, né?

A entrevistada 07 confunde não só o nome do programa, mas a emissora, uma vez que a matéria foi apresentada pelo BATV. Outra constatação importante na fala dela está na não lembrança dos dados numéricos. A porcentagem apresentada pela matéria foi 98% enquanto ela destaca 95% e não tem muita certeza, depois sintetiza esse dado afirmando “era uma porcentagem boa”. Dijk (1990) traz como uma das observações da sua pesquisa essa dificuldade de memorização dos dados numéricos pelos entrevistados. A frase “uma porcentagem boa”, dita pela entrevistada, é uma sumarização das estatísticas.

Ainda sobre a reconstrução da notícia, observa-se que a dimensão individual é posicionada pela entrevistada de modo diferente daquele utilizado pelas entrevistadas de Itinga. Ela traz na dimensão individual a sua experiência diária sobre a situação das escolas de Praia Grande que, segundo a entrevistada 07, encontra-se em “péssimas condições”. Para as entrevistadas de Itinga, a dimensão do individual era diretamente implicada pela matéria, já as entrevistadas de Praia Grande identificam os analfabetos como “os outros” e a sua experiência diária serve para colocar em xeque a leitura preferencial do programa. A entrevistada faz uma crítica à educação disponibilizada pela dimensão de poder, a partir da falta de estrutura física e cumprimento do calendário pelas escolas com os quais ela tem contato direto, as escolas estaduais e municipais de Praia Grande. Há, portanto, um

desnível entre a visão proposta pelo BATV sobre a educação e a experiência diária dessa pessoa. A entrevistada 11 concorda com a afirmação da entrevistada 07 e complementa.

Entrevistada 11: E esse falou sobre o analfabetismo também, né? Que quem quiser tiver interessado pode se dirigir pra alfabetização de adultos, mas nós temos aqui várias pessoas que fazem vários cursos desses e que continuam os mesmo analfabetos de antes.

As entrevistadas de Praia Grande apresentaram uma descrença em relação aos programas de alfabetização de adultos sugeridos pelo estado. A dimensão de espaço da matriz interpretativa de Jensen (1998) aparece nas falas da entrevistadas em oposição à visão preferencial do programa. Há um *aqui*, Praia Grande, que se contradiz com o *lá*, o lugar simbólico construído pelo BATV sobre o analfabetismo, que é conflitante. No *aqui*, as entrevistadas observam a precariedade da educação, enquanto no *lá* é apresentado um lugar contrário, onde a educação atinge 98% das crianças. Observou-se na fala do entrevistado 12 a utilização do nível *mídia* (MANCINI e outros, 1998) que não foi utilizado durante a apresentação dos supertemas pelo grupo de Itinga. O nível *mídia* serviu ao entrevistado para rechaçar a visão preferencial do programa e identificar as posições tomadas pelo telejornal como de responsabilidade dos jornalistas e da emissora.

Entrevistado 12: Mas tem um outro problema em relação ao jornal, à televisão, à informação. Porque a gente percebe que isso vai desenvolvendo um interesse de algumas pessoas. Porque a gente sabe que a TV Bahia pertence ao grupo de Antônio Carlos Magalhães. A outra televisão, a Itapoan, não sei se ainda é daquele outro lá ... o que é espanhol ... Pedro Irujo ... não sei se é mais, mas tem sempre um grupo político por trás de um meio de comunicação. Então, quer dizer ... a notícia que chega através de um meio de comunicação são sempre do interesse daquele grupo, entendeu?

O entrevistado 12 justifica essa diferença entre as leituras preferenciais sugeridas pelos programas em virtude da sua ligação com pessoas do cenário

político. Na Bahia, é de conhecimento público que a Rede Bahia de Televisão pertence à família do Senador Antônio Carlos Magalhães, cujo partido político, PFL, há doze anos consecutivos elegeu os candidatos a prefeito e governo do estado (de 1992 até 2004). O entrevistado, equivocadamente, cita a TV Itapoan como sendo de posse do Deputado Pedro Irujo, mas atualmente ela pertence a um grupo evangélico, a Igreja Universal do Reino de Deus. O entrevistado 12 faz referência à TV Itapoan por acreditar que o AN2 é ligado a essa emissora local, quando na verdade o programa é exibido pela emissora Aratu. Provavelmente, o entrevistado 12 ainda associa a TV Itapoan ao SBT, mas atualmente a retransmissora do SBT em Salvador é a Aratu e não mais a TV Itapoan, conforme fora anteriormente. Em relação a essa notícia, os entrevistados assumiram uma leitura *oposicional* à visão preferencial do telejornal BATV.

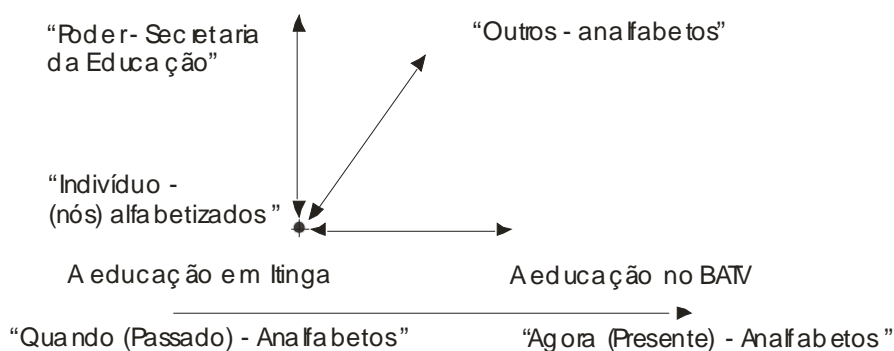


Figura 85 - Gráfico, supertemas 01 Praia Grande

Aumento da passagem/ Protesto dos estudantes

Aqui os entrevistados têm oportunidade de confrontar as leituras preferenciais sugeridas pelo BATV e AN2, sendo essa matéria comentada também pelos entrevistados quando arriscaram falar sobre as impressões que fazem acerca dos programas em referência. O entrevistado 12 comentou: "Chamou atenção a

paralisação dos estudantes tentando parar o trânsito, né? Eu lembro muito disso aí, foi na época do aumento das passagens de ônibus e acabou aumentando, né (risos) acabou ficando o aumento.” Nessa fala do entrevistado ele identifica o evento, mas em seguida não utiliza o nível *individual* para interpretar a notícia, ele passa diretamente para o nível *mídia*, conforme sugere a sua fala.

Entrevistado 12: A gente tem que vê vários jornais e ler vários jornais também para fazer a nossa avaliação daquilo que é passado pra gente. Porque às vezes têm tendências na transmissão do jornal. Você vê que numa emissora mostra ... no segundo jornal (o AN2) mostra os policiais sem identificação, é uma coisa mais apurada, já no outro não ... é ... um dos pontos é esse aí.

O nível *mídia* (Mancini e outros, 1998) auxilia na identificação da impressão que faz a audiência sobre o programa. Nessa passagem, o entrevistado se refere a uma característica do AN2 que denominou *apuração*. No capítulo sobre a observação dos modos de endereçamento do programa, comentou-se acerca do tom de vigilância presente nas matérias do AN2, esse estilo do programa parece também ter sido identificado pelo telejornal. As impressões dos entrevistados sobre os programas analisados serão mais bem detalhadas após a apresentação dos supertemas discutidos no grupo de Praia Grande.

A entrevistada 11 identifica dois agentes na reportagem. De um lado a polícia, que em suas palavras estava cumprindo a função de garantir o direito de ir e vir daqueles que estão nos ônibus, do outro lado os agentes são os estudantes que, segundo a entrevistada, são apresentados como aqueles que ameaçam o bom funcionamento do trânsito. Mas a entrevistada também ressalta que, em um episódio na Graça (bairro da área central de Salvador), aqui ela utiliza o nível *individual* para confrontar a leitura preferencial do programa, foram os policiais que impediram a passagem dos estudantes. Sendo assim, ela identifica o *nós* da matéria como “os

policiais” e o *eles* como sendo os estudantes. Na situação, que ela menciona, com base em sua experiência diária, aparece um outro “nós”, estudantes que querem fazer um protesto na Graça, em oposição a um *eles*, policiais que impedem o “direito de ir e vir”, nas palavras da entrevistada, dos estudantes.

Entrevistada 11: A mim o que chamou atenção foi o problema da greve dos estudantes. Dentro da reportagem a polícia colocando que eles estavam ali para não deixar os estudantes impedirem a passagem pra não impedir o direito de ir e vir, não é? Só que em um outro movimento dos estudantes eles impediram que os estudantes entrassem na Graça. Quer dizer que o direito de ir e vir é só com a vontade do poderoso? Porque ficou colocando muito assim ... eles estavam ali pra assegurar **o direito de ir e vir do ônibus e não dos estudantes.**

As discussões dos entrevistados(as) 11 e 12 fazem referência à notícia do BATV, enquanto a entrevistada 10 acrescentou alguns elementos advindos da reportagem do AN2 para a discussão sobre o supertema *protesto dos estudantes*. A utilização do quadro *vigilância* do AN2, adotado nessa matéria, apresenta os policiais agindo de modo irregular e sem identificação. A entrevistada 10 comenta:

Entrevistada 10: Ele (o policial) se contradisse porque aquele policial que passou entrevistado, as respostas que ele estava dando aquelas respostas para a jornalista, aquela prepotência, não é? E chega na hora H ... ele deu a entender que estava recebendo ordem do grandão (refere-se à voz acessada pela reportagem do assessor de comunicação da polícia militar) e o grandão não disse nada daquilo que ele falou. Ele (o assessor de comunicação) disse que eles estavam indo de encontro e que seriam punidos.

Nessa fala da entrevistada 10, ela aceita a visão preferencial do AN2, que sugere a irregularidade na ação policial contra os estudantes. O quadro *vigilância* é assim admitido pelos entrevistados. O grupo apresentou uma simpatia com a causa dos estudantes no nível individual e a entrevistada 06 menciona essa aproximação quando explicitou sua insatisfação com o rumo tomado pelo protesto dos estudantes.

Entrevistada 06: Olha o que mais me chamou atenção foi a greve dos estudantes. Eu fiquei muito chateada porque com aquele protesto todo, não adiantou foi nada. Porque a passagem ficou no mesmo preço mesmo. Eu fiquei chateada com isso porque eles lutaram tanto por isso ...

Esse sentimento de impotência em relação à dimensão de poder também esteve presente na fala do entrevistado 12. Porém, diferente da entrevistada 06, o entrevistado 12 utiliza a ironia para sugerir tal situação “ [...] e acabou aumentando, né (risos)”. A dimensão de *tempo* é reorganizada pelos entrevistados em um *quando* houve a luta dos estudantes pela diminuição do preço das passagens e um *agora*, presente, no qual os preços das passagens de ônibus aumentaram e ficaram como a dimensão de poder desejada.

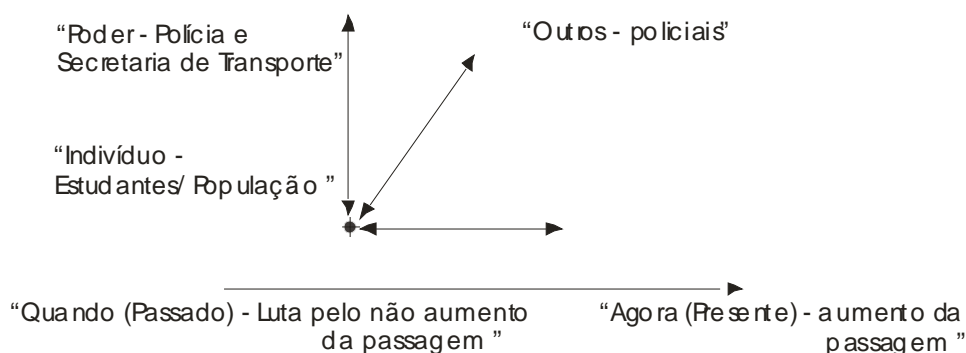


Figura 86 - Gráfico, supertemas 02 Praia Grande

Adoção de Crianças.

A matéria sobre o *Dia Feliz* promovido pelo Juizado da Infância e do Adolescente também foi relatada pelas entrevistadas do grupo de discussão de Praia Grande. Diferentemente do grupo de discussão de Itinga, no grupo de Praia Grande as entrevistadas aceitaram a visão preferencial da matéria, mas não houve a identificação direta a partir do nível individual, uma vez que não foram interpeladas pela matéria, nem enquanto órfãs, nem como mães. Houve muito mais a

exteriorização de uma solidariedade à causa, sugestão essa construída pela matéria do AN2. A entrevistada 05 mencionou.

Entrevistada 05: Eu achei aquela da adoção aquela criança ... tanta gente cria gato, cachorro, papagaio, elefante num sei o que lá e deixa até ... um ser humano, não é? Eu acho mais importante do que os bichos. Os bichos podem até ser bem tratado, não maltratado, mas as criança, não é? Às vezes fica lá perdida nas ruas, naquelas creches, sem carinho, sem nada. A pessoa faz até aniversário e quando você vai ver é um bicho, não é? Porque bicho é uma coisa diferente, bicho é bicho, gente é gente ... então eu achei aquilo que mexe, chama atenção ...

A entrevistada 05 identifica como sendo “os outros”, os órfãos, enquanto caberia à sociedade um cuidado para com essas pessoas. Segundo ela, a sociedade trata bicho como gente e gente como bicho, mas não há uma implicação do nível *individual* no problema da adoção, a entrevistada não se vê interpelada enquanto essa *sociedade*. No grupo de discussão de Itinga, as entrevistadas pareciam estar sendo cobradas pela matéria de modo até mesmo a se sentirem pressionadas a justificar o porquê de não adotarem filhos, uma vez que elas já sofreram “na pele” essa experiência.

No grupo de Praia Grande houve essa sensibilização das entrevistadas com a causa explicitada na fala da entrevistada 06: “Eu gostei mais daquela parte da .. da do pessoal que queria adotar a criança, achar uma família pra eles, eu acho isso muito importante.” Entretanto, elas não se posicionaram no nível *individual* como aquelas que também poderiam solucionar essa carência, como fizeram as entrevistadas de Itinga. Há, assim, dois agentes nessa matéria para as entrevistadas, aqueles que deveriam adotar crianças e aquelas crianças, órfãs, que deveriam ser adotadas.

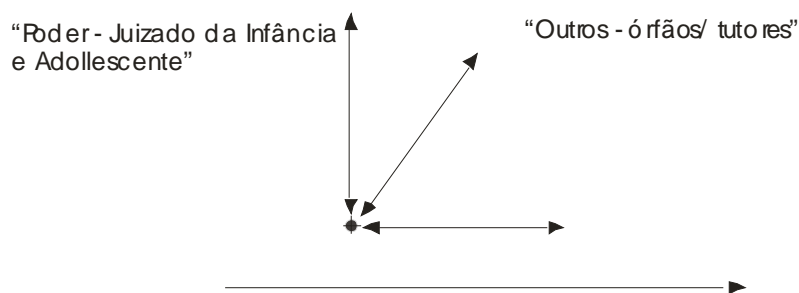


Figura 87 - Gráfico, supertemas 03 Praia Grande

07 de setembro

A matéria sobre o desfile de sete de setembro foi apenas exibida pelo BATV como nota coberta e teve quarenta segundos de duração. Mas aqui acontece uma situação não encontrada no grupo anterior, os entrevistados participaram do desfile de sete de setembro e têm uma versão a narrar sobre o acontecimento que, mais uma vez, não condiz com a visão preferencial do telejornal BATV.

Os entrevistados mencionaram que participam de um movimento denominado "grito dos excluídos". Conforme relataram na entrevista, eles(as) participam do desfile requisitando um espaço que não é cedido pela cerimônia a eles(as). Os entrevistados(as) reclamam um espaço além das autoridades (chefes de estado), que identificam como *eles*, havendo também um *nós*, os excluídos, que também deveriam estar representados no desfile.

No capítulo anterior, comentou-se a visão preferencial dessa reportagem que sugere um *nós* autoridades e um *eles*, aqueles que ameaçam a ordem (os sem-terra e os estudantes). Os entrevistados são assim interpelados pela matéria enquanto esse *eles* se posicionam em uma leitura *oposicional* em relação à visão preferencial do programa. A entrevistada 11 lembrou.

Entrevistada 11: Ah ... tem uma coisa importante que não falamos .. comentamos na hora, mas não falamos que é o grito dos excluídos. Eu observei isso esse ano aí, eu aí vi que não foi a mesma reportagem. Porque esse ano eu vi o jornal

(BATV) quando mostrou o sete de setembro e esse ano não tocou em assunto nenhum sobre o grito dos excluídos, ali ainda mostrou os estudantes e o movimento dos sem-terra. Mas esse não ... O jornal não tocou no assunto, só foi o desfile, as autoridades e assunto encerrado. Aí eu assisti em outro canal e aí mostrou o grito dos excluídos porque eu tava doida pra saber o que tinha acontecido no grito dos excluídos. Isso passou no Aratu.

A matéria exibida ao grupo foi de 08 de setembro de 2003 e essa sessão do grupo aconteceu em 21 de setembro de 2004. Inicialmente, os entrevistados(as) não foram avisados sobre a data em que o jornal tinha sido gravado. Foi perguntado aos entrevistados como eles desconfiaram que o telejornal que estava sendo exibido não era o do dia anterior. O entrevistado 12, por exemplo, identificou a partir das notícias de esporte, porque tanto os jogos como os jogadores eram outros, atualmente, enquanto que para a entrevistada 11 foi a matéria do sete de setembro que permitiu essa observação. Segundo a entrevistada, o BATV em 2004 não mostrou aquilo que denominam “o grito dos excluídos”. Para ver a cobertura do desfile com a participação do grupo dos excluídos, menciona, teve que mudar de canal. Segundo a entrevistada, o AN2 cobriu o grito dos excluídos em 2004. Posição essa reafirmada pela entrevistada 08.

Entrevistada 08: O Aratu e a Bandeirantes eu sei que estavam junto da gente ... os outros nem tocaram no assunto e esse ano foi uma coisa interessante porque é uma coisa muito bem organizada, não é? Inclusive quem toma a frente é a Arquidiocese de Salvador e tinha policiais filmando a caminhada toda, coisa que a gente nunca viu, tinha uns seis policiais filmando a caminhada toda.

A entrevistada 11 faz uma brincadeira com a entrevistada 08 e pergunta “Mas tinha identificação? (todos riem)”. A piada elaborada pela entrevistada 11 é na verdade uma referência ao supertema *protesto dos estudantes*. As entrevistadas, ironizando a situação, se posicionam como aquelas que são as lesadas e que recebem a coerção do estado, aqui representado pela polícia. Elas identificam,

portanto, uma dimensão de poder coercitiva que age sobre o nível *individual*, nós, excluídas. A ação é desenvolvida na dimensão de tempo em um *quando* 2003 houve a menção ao grito dos excluídos, e um *agora*, a cobertura do BATV de 2004, que não foram citados. Os *outros* são identificados como sendo as autoridades e na dimensão de espaço tem-se um *aqui*, o desfile dos excluídos experimentado pelos entrevistados, e um *lá*, o desfile dos excluídos não retratado pelo BATV.

Perguntou-se que emissoras estiveram presentes na cobertura do grito dos excluídos em 2004, e as entrevistadas mencionaram a TV Bandeirantes e a TV Aratu. A entrevistada 11 sugere a postura do BATV em relação aos excluídos com a seguinte piada. “O BATV realmente não se mistura com essa gentinha (risos)”. A entrevistada 11 faz uma referência a um bordão de um programa humorístico mexicano veiculado pelo SBT, “Chaves”. Nele, uma das personagens, a Dona Florinda, diz para o filho Kiko “não se misture com essa gentinha” com a finalidade dele se afastar e não se relacionar com as outras pessoas do cortiço que serve de cenário para o programa.

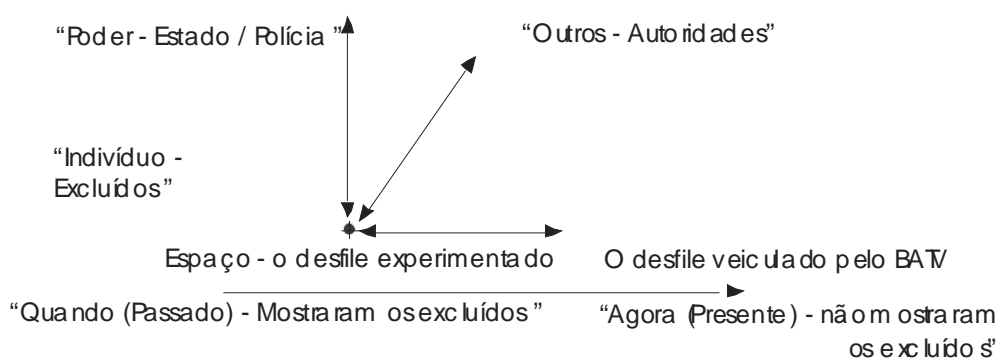


Figura 88 – Gráfico, supertemas 04 Praia Grande

As impressões do grupo de Praia Grande acerca dos programas. A aposta da audiência sobre os elementos constituintes dos modos de endereçamento dos telejornais locais.

Seguindo o roteiro, vide anexo E, foi perguntado sobre as impressões dos entrevistados em relação aos telejornais BATV e AN2. O entrevistado 12 disse.

Entrevistado 12: O jornal da Globo (o BATV) sempre é mais elaborado, né? Mais técnica que tem o outro jornal (AN2) que é mais verdadeiro, é ... uma coisa ... as noticia soa mais assim ... a gente sente mais verdade, não sei dizer nem se é implicância porque a gente houve tanta informação sobre a Globo. Mas em casa, você toma seu rumo. A televisão é uma coisa boa você toma a sua informação. É um futebol que passa, esses jogos agora, olimpíadas. Um tempo atrás demorava pra chegar a notícia. Televisão tem um lado bom, tem, mas têm as coisa ruins e tem isso que a gente vê que desenvolveu mais o outro jornal (AN2) mesmo mais simples, passa mais credibilidade no meu caso, né?

Para o entrevistado 12, o BATV se caracteriza como “um telejornal mais elaborado tecnicamente”, enquanto o AN2 “é simples e verdadeiro”. Ao longo dessa discussão sobre os supertemas, relatada nesta parte da pesquisa, constatou-se uma recusa dos entrevistados à visão preferencial sugerida pelo BATV, enquanto eles(as) aceitavam a visão preferencial do AN2. Isso pôde ser observado nos supertemas *protesto dos estudantes, desfile 7 de setembro, analfabetismo*. Contudo há uma indagação que não se resolve bem, mesmo com a análise dos grupos de discussão. Porque os entrevistados(as) não admitem a visão preferencial sugerida pelo BATV e mencionam ser ele o telejornal que assistem no horário das 19 horas? Sobre esse assunto a entrevistada 11 comentou:

Entrevistada 11: Como fica num horário muito em cima (está se referindo ao telejornal AN2) estou assistindo a novela, mas se mudar eu pego o horário do local mais da Bandeirantes e pelo costume já de assistir a TV Bahia, mas assisto já com essa visão, não é?

A entrevistada 11 menciona que, por causa do horário de exibição do AN2, ela não o assiste de modo freqüente. O AN2 não consegue manter um horário de exibição fixo: alguns dias ele é veiculado dez minutos após o início da transmissão do BATV (o telejornal da TV Bahia começa a sua exibição às 18 horas e 50 minutos, enquanto o AN2 é transmitido às 19 horas). Esse fato também aconteceu no momento de gravação do *corpus* analisado, quando o AN2 foi veiculado, algumas vezes, depois do término do BATV, por volta das 19 horas e 20 minutos, quando a emissora que exhibe o BATV, a TV Bahia, retransmite para Salvador a segunda novela da emissora Globo. Assim, a entrevistada 11 menciona que ela não assiste ao AN2 quando isso acontece.

A entrevistada diz que já criou o costume de assistir a Rede Globo e por isso assiste ao telejornal local da sua retransmissora, o BATV. Esse tipo de vínculo entre a audiência e uma emissora vai além dos interesses desta pesquisa. Essa relação com a emissora, em especial a Rede Globo, também foi observada no grupo de discussão de Itinga e também salientada pela entrevistada 10 e o entrevistado 9, que afirma: “Eu assisto mais o da Globo mesmo, e também o Jornal Nacional”. E a entrevistada 10 diz: “ [...] Eu assisto um pouquinho de cada um, mas o mais certo mesmo é o último, o Jornal da Globo. Dos locais eu gosto mais do BATV. Geralmente tem o interesse do grupo e eles distorcem as notícias, não tem aquela verdade ...”

A entrevistada 10, tal qual os(as) entrevistados(as) 11 e 12, não faz a leitura hegemônica proposta pelo BATV e se posiciona de modo *oposicional* em relação às notícias veiculadas. A qualidade técnica do programa, “ser mais elaborado”, e o costume de assistir à Rede Globo fazem com que eles(as) assistam ao telejornal BATV. Pode-se afirmar que esses entrevistados(as) assumem uma

postura *negociada* em relação aos modos de endereçamento do BATV, eles(as) rechaçam a sua visão de mundo, mas aceitam a estrutura visual do programa, sendo o seu recurso técnico o quesito mais apontado pelos entrevistados(as) como seu atrativo.

Outro aspecto que poderia ser também levantado sobre o BATV e o AN2 está na relação entre apresentadores e audiência. A entrevistada 05 afirma: “Não, eu gosto mais do de Kátia (apresentadora do BATV) que ela é alegre, simpática, é só alegria ... e aquela outra do outro como é o nome dela ... (O AN2) também é simpática, mas eu gosto mais da Kátia ... ela (a apresentadora do BATV) é carioca não é?”. A entrevistada 05 demonstra uma aceitação com o modo de se dirigir ao espectador realizado pela apresentadora do BATV quando comparada à apresentadora do AN2.

O BATV consegue manter uma não rotatividade excessiva do seu apresentador titular, diferentemente do AN2, constatação essa observada no capítulo de análise dos modos de endereçamento dos telejornais. Esse fato pode ser um dos fatores decisivos para a criação de uma aproximação entre apresentadora e audiência. A entrevistada 05 sabe até mesmo outras informações a respeito da apresentadora Kátia Guzzo, que transcende o telejornal. Ela menciona que a apresentadora é carioca e que recebeu da Câmara dos Vereadores em 2004 o título de cidadã soteropolitana.

O AN2 foi identificado pelos entrevistados como “o mais verdadeiro, apesar de simples”. Essa característica do telejornal pôde ser percebida pelas entrevistadas(os) quando compararam a leitura preferencial dos telejornais sobre o supertema protesto dos estudantes.

Entrevistada 05: A questão que chamou atenção, por exemplo, a primeira que foi a Aratu não, não a primeira foi o BATV ... sim. Não mostrou aquela parte da agressão dos policiais contra os estudantes. Mostra o que convém, né (não é)? A outra (AN2) já mostrou aí a gente vê que se mostra o que se quer e fala mais alto o poder, o interesse daquele determinado grupo ...

5.10. GRUPO DE DISCUSSÃO 3 – ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

Esse grupo foi composto por jovens entre 19 e 26 anos, exceto a entrevistada 13, de 53 anos, aposentada. Os entrevistados fazem parte da associação de moradores do Engenho Velho da Federação. Eles mencionaram assistir aos telejornais locais das 19 horas e do meio dia, além de programas de auditório e novelas. Esse grupo obteve maior homogeneidade dos participantes quando comparado aos demais, constituído por jovens, e também por terem sido classificados, a partir do Critério Brasil, em sua maioria, 04 deles(as), na classe D, um na classe E e outra na classe B1. A participação da entrevistada de maior idade contribuiu para minimizar a homogeneidade do grupo.

Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão Engenho Velho da Federação			
Notícias dos Telejornais		Supertemas	
		Analfabetismo	Aumento da passagem/ Protesto dos estudantes
BATV	AN2		
1. Dia Internacional da Alfabetização.	1. Adoção de Crianças		
5. Desfile 7 de setembro	2. Primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus.	1. BATV e	9. BATV e
9. Estudantes vão às ruas para protestar contra o preço das passagens de ônibus.	4. Dia Internacional da Alfabetização.	4. AN2	6. AN2
	6. Polícia impede estudantes de interditarem o tráfego do trânsito em Salvador.		

Figura 89 – Os supertemas das Notícias mencionados pelo grupo de discussão Engenho Velho da Federação

Analfabetismo

Dois supertemas tiveram maior discussão entre os entrevistados, o analfabetismo e o protesto dos estudantes. Sobre o analfabetismo os entrevistados assumiram uma posição em relação à matéria similar àquele observado no grupo de discussão de Praia Grande. Eles(as) criticaram o sistema de educação do governo a partir das suas vivências. Foi o nível individual, assim como no grupo de Praia Grande, aquele mais utilizado pelos entrevistados de modo a interpretarem as notícias. A entrevistada 13 comentou.

Entrevistada 13: A senhora que disse não sabia ler nem escrever que até mesmo para colocar um tabuleta ela, uma propaganda para ajudar no seu sustento, né? Vender geladinho. Então nem aquilo ali ela tem condições de... de ... de interpretar de falar o filho, essa matéria foi no BATV. Então, nem isso ela tem condição de interpretar. Então ... e essas notícias que chegam pra eles, então essas notícias que tem estatística não chegam pra eles onde é que estão concentrados esse percentual de pessoas que não estão sendo atingidas pela alfabetização até hoje? Eles passam aquilo muito bonito muita coisa e não colocam a própria realidade. Isso fica o que uma ilusão para aqueles que não tem muito conhecimento e fica difícil deles interpretarem, em relação a tudo se ele não sabe ler ou sabe ler pouco ...

A entrevistada identifica primeiramente o nível do acontecimento e depois passa para o nível *história*, ela começa recontando a narrativa apresentada pela matéria da senhora analfabeta que pede o auxílio do filho para colocar uma placa “vende-se geladinho” na frente da sua casa. Aqui esse recurso utilizado pelos telejornais locais, tirar uma história do senso comum para ilustrar aspectos mais gerais, - recurso esse comentado no capítulo sobre os modos de endereçamento dos telejornais locais - auxilia na aproximação da matéria exibida com o dia a dia do espectador. A entrevistada 13 traz, posteriormente, o nível individual de modo a poder reconstruir a matéria. Ela demonstra preocupação com aqueles que identifica como sendo os *outros* (os analfabetos). Esses *outros* são enquadrados pela

entrevistada como *analfabetos funcionais* “ [...] esses analfabetos, por exemplo, o menino que passa sabe escrever o nome mas não sabe escrever uma frase, mas não sabe interpretar quando lê”.

A entrevistada utiliza ainda a dimensão individual a fim de reclamar dos meios e da sociedade métodos mais eficazes que permitam aos analfabetos, outros, assimilarem aquilo que ela chama de conteúdo. Para tanto, ela traz uma situação experimentada dentro do grupo de mulheres que faz parte.

Entrevistada 13: O que esse alfabetizando precisa é que ele aprenda para ele não [...] Como tava acontecendo aqui com as nossas mulheres [...] os estagiários estavam empenhados em ensinar, mas não conseguiam. Então fizemos uma discussão (a entrevistada lembra de uma fala das mulheres do grupo) ‘- eu acho que eu não tenho condições, eu não aprendo mais’. Começamos a conversar e pedir que eles trabalhem na realidade de vocês [...]

Nessa fala da entrevistada também está em jogo a dimensão de espaço. Um aqui, no grupo de mulheres do Engenho Velho da Federação, entendido como movimento social, onde os analfabetos funcionais são alfabetizados e um lá, apresentado pelos telejornais, onde os analfabetos funcionais são tratados como se já estivessem alfabetizados. Essa constatação é comprovada pela seguinte fala da entrevistada 13.

Entrevistada 13: [...] voltando para a alfabetização você vê que a TV poderia fazer uma acompanhamento [...] alguma coisa que incentivasse às pessoas a se alfabetizar, mas a gente vê que não é isso. O que incentiva a pessoa a voltar a estudar, eu posso dizer eu estou acompanhando todo o movimento do grupo de mulheres, é o dia a dia.

O entrevistado 14 mostra uma aproximação com essa discussão a partir do nível *individual*. Ele critica uma prática utilizada no sistema de educação local

denominada informalmente de *aceleração*, relatando que ele passou por essa experiência.

Entrevistado 14: Na escola a gente passa meio de qualquer jeito, o governo assim passou, tá tudo bem. Pode passar sem saber nada. Eu digo isso porque na escola que eu estudei eu estava na primeira série da primeira eu passei para a terceira série daí disseram que eu tava muito bom (risos) e que não precisava ir para a quarta e já ia pra quinta (risos). É serio. Só porque minha mãe não deixou, eu não passei pra quinta. Eu nem me achava tão inteligente assim ...

O grupo, ao longo da discussão, faz referência às duas matérias, contudo, eles(as) não estabelecem distinção, exceto a entrevistada 13, entre as matérias veiculadas pelos dois telejornais. Constatação essa que não se repetiu no supertema *protesto dos estudantes*. Os entrevistados assumiram a visão preferencial do AN2, apesar de não terem apresentado uma divergência explícita em relação à matéria sobre o analfabetismo veiculada pelo BATV.

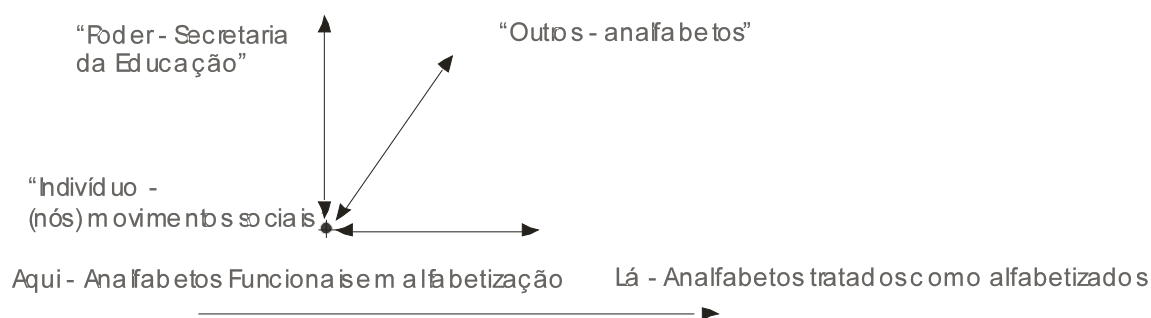


Figura 90 - Gráfico, supertemas 01 Engenho Velho da Federação

Protesto dos estudantes

Esse *supertema* teve um maior envolvimento dos(as) entrevistados(as), quando comparado ao supertema analfabetismo. Nesse grupo de discussão eles(as) mencionaram outras matérias veiculadas pelos telejornais, a exemplo do desfile de 7 de setembro e a notícia sobre a primeira reunião da comissão encarregada de

encontrar soluções para a redução das passagens. Apesar de essas reportagens terem sido mencionadas, a discussão feita dentro do grupo não foi expressiva, apenas a entrevistada 16 e o entrevistado 17 falaram sobre as notícias sobre adoção e a negociação, respectivamente. Isso não possibilitou classificá-las enquanto um supertema discutido pelo grupo.

O nível individual foi fator preponderante para a interpretação das notícias pelo grupo. O envolvimento dos entrevistados com a causa possibilitou o estabelecimento de uma relação similar encontrada no grupo de Praia Grande, quando discutiram sobre o supertema *7 de setembro*. O entrevistado 17 comentou.

Entrevistado 17: Eu tive o privilégio de participar dessa manifestação dos estudantes. A gente pôde perceber, no primeiro momento, que a nossa polícia militar (tom irônico), a nossa PM, ela colaborou não agiu com violência, até mesmo alguns policiais apoiaram. Mas como o mundo gira em torno do capital, a cidade que pára uma semana de produzir recurso ela cai em alguns setores. Então o papel dos estados é crescer financeiramente e quando a gente pára o trânsito no período de uma semana é uma semana sem trabalhadores nos seus respectivos trabalhos, é empresários de ônibus que exploram as pessoas que ainda utilizam o transporte público, né?

O entrevistado 14 mostrou a sua perplexidade diante da mobilização dos estudantes em Salvador. Ele nunca tinha presenciado uma manifestação de estudantes como essa, principalmente em relação ao envolvimento de pessoas de diferentes níveis de escolaridade, conforme ele mesmo relata. “O que chamou atenção foi a greve dos estudantes, a greve de ônibus, que aqui na Bahia eu nunca tinha visto uma manifestação de estudante, muito estudante na rua, de faculdade à escola pública, do estado e da prefeitura.” Em seguida o entrevistado 15 faz um comentário que utiliza o nível mídia comparando a cobertura do BATV com a notícia veiculada pelo AN2. “A Rede Bahia não mostra o que aconteceu. Na TV Aratu você viu o que aconteceu? Mostrou que os estudantes ... os policiais estavam sem a tarjeta ... sem a identificação”.

A utilização do nível *mídia* pelos entrevistados demonstra a preferência do grupo pela leitura preferencial do acontecimento construída pelo AN2. Na fala a seguir, do entrevistado 17, ele utiliza a matéria sobre a negociação do preço das passagens como argumento principal do seu ponto de vista a respeito do valor das passagens. Vale a pena lembrar que na análise do dia 08 de setembro de 2003 constatou-se que o AN2 identificou a gratuidade da passagem aos funcionários públicos como fator agravante para o aumento do preço das passagens, enquanto o BATV sugeriu os altos impostos cobrados pelo governo federal. O entrevistado 17 comentou.

Entrevistado 17: Como a gente pode mesmo perceber, na reportagem, não sei como pra mim é inexplicável, uma gama de trabalhadores, né? Com privilégios [...] um policial, um PM, com o salário que eles ganham, mais de 700 reais de salário, e um trabalhador comum que ganha 260 reais para comprar remédio, roupa, livro, tem condições de pagar um transporte. Eu não sei como é que uma pessoa que trabalha, que ganha mais de 500 reais, não pode pagar o transporte, enquanto o outro está pagando.

A sensação de frustração em relação ao movimento dos estudantes também é observada na fala do entrevistado, conforme foi presenciado também nos grupos de discussão de Itinga e de Praia Grande, demonstrando a identificação dos entrevistados sobre esse *supertema*.

Entrevistado 17: E essas variáveis, aqueles que trabalham têm esse privilégio e não sei porquê. E, por isso, a tarifa de ônibus é um e cinquenta e até mesmo como o empresário falou: “Ta bem vai tirar a tarifa, mas quem é que vai pagar?” Aí fica uma grande interrogação [...] a gente infelizmente tava tendo sucesso nessa manifestação[...]

Desse modo, o nível *individual* está implicado com o *nós* estudantes, enquanto o *outro* está relacionado àqueles que podem pagar e não pagam a

passagem. A dimensão de *poder* também é apresentada como aquela que não está do lado do “nós”. O quadro de referência admitido pelo entrevistado é a *vigilância*, que faz parte dos modos de endereçamento do AN2.

A entrevistada 13 também fala sobre a metodologia, mencionada pela matéria, da polícia militar para impedir as paralisações das vias públicas. Ela se posiciona de modo contrário à ação da polícia exibida pela reportagem do BATV. A entrevistada sugere também um distanciamento do BATV em relação ao espectador, pelo emprego da palavra *metodologia* que, segundo ela, nem todos entendem o que essa palavra quer dizer. “A reportagem sobre os estudantes, né? Eles dizem que a polícia estava criando outra metodologia, agora para outras coisas [...] e pra utilizar essa palavra, muita gente nem entende”.

A entrevistada 13 também faz um comentário acerca da qualidade das reportagens do BATV, ela chega a comparar com outro programa da emissora, o Globo Repórter. Para a entrevistada, esse programa faz uma reportagem “profunda” enquanto o BATV, não.

Entrevistada 13: Agora outra coisa também quando se faz uma reportagem sobre aquele Globo Repórter se faz uma reportagem tão profunda, não é? Se vai lá no meio da mata é toda aquela equipe e quando tem uma reportagem sobre a educação de adulto não se fala nem em metodologia.

No grupo de discussão de Praia Grande, os entrevistados(as) mencionaram que o AN2 é mais apurado quando comparado ao BATV. A entrevistada 13, por sua vez, compara o BATV ao Globo Repórter para estabelecer uma comparação similar.

Ainda em relação ao supertema *protesto dos estudantes*, os entrevistados reconstruíram a matéria a partir de uma dimensão individual, no qual há um nós que está implicado diretamente com o assunto, e um *outros* representados por aqueles

que têm passe livre nos ônibus. A dimensão de *poder* é identificada por eles(as) através da ação da polícia, que está contra a atuação do *nós*.

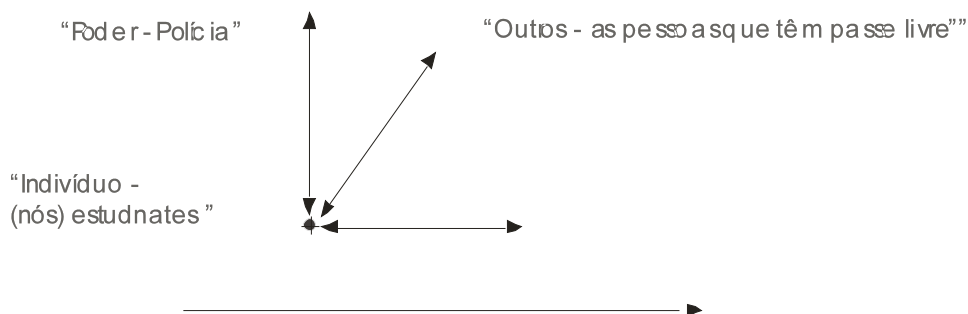


Figura 91 - Gráfico, supertemas 02 Engenho Velho da Federação

Mesmo admitindo a visão preferencial sugerida pelo AN2, o entrevistado 15 utiliza o nível *mídia* para fazer uma crítica à cobertura feita pelos dois telejornais. Para o entrevistado, houve muito mais uma apresentação da luta entre estudantes e policiais, mas nenhum dos telejornais deu voz aos estudantes para apresentarem as suas posições em relação ao fato. “Os protestos só [...] passa assim [...] o policial violento batendo no outro e não passa o que os estudantes querem, na realidade, aparece assim uma bagunça o movimento dos estudantes.”

As impressões do grupo do Engenho Velho da Federação acerca dos programas. A aposta da audiência sobre os elementos constituintes dos modos de endereçamento dos telejornais locais.

Nesse grupo de discussão, o nível *individual* serviu para eles(as) interpretarem as notícias, assim como aconteceu nos grupos anteriores, mas observou-se que o nível *mídia* foi utilizado pelos entrevistados de modo complementar ao individual. Houve nesses dois últimos grupos, Praia Grande e Engenho Velho da Federação, um modo de observar os programas analisados,

principalmente o BATV, a partir da vinculação do programa com a emissora Globo. A entrevistada 13, quando falou sobre a emissora, se referiu a ela como “Globo Mau”.

Esse tipo de má impressão que os entrevistados têm da Rede Globo e da TV Bahia faz com que eles(as) em algumas situações passem do nível de identificação do acontecimento diretamente para o nível mídia, como pode ser presenciado nesta fala da entrevistada 16.

Entrevistada 16: E uma outra coisa foi o sete de setembro que tava passando, não sei, mas talvez [...] pelo momento político, mas na TV Bahia quando passou a questão do 7 de setembro o movimento dos estudantes e dos trabalhadores e talvez eles tavam (estavam) querendo fazer a concordância dos governantes da Bahia com o movimento.

Essa afirmação da entrevistada é de difícil comprovação e extrapola, até mesmo, uma análise textual das matérias. Nem mesmo a própria entrevistada está convicta dessa sua afirmação, o emprego do conectivo *talvez* e da expressão *não sei*, em sua fala, demonstra sua titubeação. O que pode ser observado aqui é um quadro de referência geral adotado pelos entrevistados dos dois últimos grupos de discussão para se referir ao BATV que advém da ativação de informações contextuais, saberes anteriores à enunciação, acerca do programa.

Involuntariamente, os(as) entrevistados(as) sugerem um modelo de comunicação baseado na hipótese da agulha hipodérmica (GOMES, 2000). Para esse modelo, os meios são os todo-poderosos, alienam e impõem a sua versão dos fatos e a massa recebe passivamente esse estímulo. Na fala dos entrevistados pode ainda ser percebida uma oposição entre um *nós*, politizados, e um *outro*, não politizado e analfabeto, como eles comentaram no *supertema* analfabetismo, que estariam mais expostos e mais vulneráveis às ações dos meios. As teorias advindas posteriormente àquela hipótese e os recentes estudos em comunicação, particularmente os estudos de recepção e até mesmo os estudos sobre *agenda-*

setting e enquadramento, vêm demonstrando que há um longo percurso a ser percorrido para a compreensão do hiato existente entre os interlocutores do processo comunicativo.

É válido ressaltar que interessa à presente pesquisa observar a ativação de quadros de referência, que de certo modo interferem no processo de interpretação, e essas referências contextuais dos entrevistados só corroboram a interferência desses no modo como os entrevistados(as) se posicionam em relação a um programa. Através de que processos isso é feito, ou até mesmo por que eles ativam essas competências, isso não pode ser respondido pela presente pesquisa, que se restringiu apenas a identificá-las.

A ativação desse quadro de referência pelos entrevistados(as) faz com que eles(as) assumam uma posição de leitura negociada em relação ao BATV, conforme pode ser presenciado na fala da entrevistada 16.

Entrevistada 16: Ainda bem que a gente que é envolvido nesse tipo de movimento, a nossa visão crítica, a gente vê esses meios de comunicação, tirar coisas boa e o que é ruim ter essa visão critica, acho que todo mundo tem o hábito de escolher ou assistir a novela ou o jornal aquela informação. Eu guardo a que é boa e aquela que para mim não é interessante [...] Ainda bem que a gente tem (a entrevistada fala da sua visão crítica), mas tem uns que não tem.

Essa afirmação da entrevistada 16 é próxima de uma outra proferida pelo entrevistado 12 em Praia Grande.

Entrevistado 12: Você vê que o jornal da sete (O BATV) que me parece ser o mais assistido por causa da tendência da Globo, o da TV Bahia, então você assiste aquilo ali mas pra a gente que tem esse nível de consciência. Você assiste e corta outra coisa e vai ver outro jornal se dá tempo, **mas imagine isso em cima de pessoas que não tem esse nível de consciência** que vai achar aquilo como correto como o certo, entendeu?

A preocupação do entrevistado 12 do grupo de Praia Grande foi com as pessoas que não tem o que ele chamou de “nível de consciência”, enquanto a entrevistada 16 denominou “ falta de visão crítica”, e a entrevistada 13 enquadrou como sendo “os analfabetos”. Todos esses entrevistados, que apontam um outro como sendo aquele que será *manipulado* pela massa, foram classificados, através do critério Brasil, em diferentes classes sociais, A1, B1 e D.

Uma das críticas apontadas na entrevista intitulada “Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação. Uma entrevista com Stuart Hall” (HALL, 2003, p.354-386) é uma possível sugestão do modelo “codificação\decodificação”, proposto por Stuart Hall (HALL, 2003a), à determinação entre classe social e posicionamentos de leitura. A pesquisa de Morley e Brunsdon (1999) foi responsável por comprovar, empiricamente, a não pertinência dessa associação. Os resultados encontrados aqui também não contradizem as descobertas de Morley e Brunsdon (1999).

No grupo de Itinga, onde pôde ser observado que as entrevistadas fizeram uma leitura hegemônica em relação à matéria sobre o analfabetismo veiculada pelo BATV, todas as entrevistadas foram classificadas nas classes D e E. Por outro lado, não seria correto afirmar, conforme mencionaram os entrevistados(as) 12, 13 e 16, que essas pessoas *desfavorecidas*, em processo de alfabetização, estejam à mercê das imposições dos meios.

Desse modo, as entrevistadas de Itinga puderam assumir diversas leituras em relação aos programas analisados. No *supertema* analfabetismo, elas admitiram a visão preferencial hegemônica sugerida pelo BATV, enquanto no *supertema* protesto dos estudantes, elas assumiram a leitura preferencial hegemônica do AN2,

que era contrária àquela observada no BATV, classificada pelos entrevistados de Praia Grande e Engenho Velho da Federação como “não verdadeira”.

5.11. O QUE OS SUPERTEMAS DIZEM ACERCA DOS MODOS DE ENDEREÇAMENTO DOS TELEJORNAIS?

Essa última discussão sugere a existência de modos de endereçamento e não um único modo de endereçamento em um dado produto midiático, como afirma Ellsworth (2001). Supõe-se que, em se tratando de um programa telejornalístico, os enfoques das suas matérias também sugerem elementos relevantes para o modo como estabelece a sua relação com o seu espectador. Assim, é possível ao público identificar-se com a leitura preferencial desse ou daquele programa, dependendo do modo de apresentação das notícias, conforme pôde ser observado no exemplo anteriormente citado.

Essa afirmativa não minimiza, por sua vez, a estrutura de endereçamento de um programa. Os tons dos telejornais BATV e AN2 que foram sugeridos pelos entrevistados não foram divergentes daqueles encontrados durante a análise. O tom de *vigilância* do AN2 e o seu baixo poderio técnico puderam ser identificados na fala do entrevistado 12 como os de “um programa simples, mas passa mais credibilidade”. Essa credibilidade do AN2, sugerida pelo entrevistado 12, foi denominada por ele mesmo como *maior apuração*. O tom de vigilância não pode estar dissociado dessa idéia de apuração.

Enquanto isso, o tom imperativo e a predileção pelo quadro de referência *Governança* pelo BATV pôde ser percebido na fala da entrevistada 16 para justificar o fato de somente o AN2 ter exibido a imagem dos policiais sem a identificação,

durante o protesto dos estudantes. “Talvez isso seja como diz as pessoas que a TV Bahia é ACM³⁵ .. (risos)”

Observou-se, assim, uma espécie de quadro geral utilizado pelos entrevistados, em especial nos grupos de discussão dois e três, sobre o BATV e o AN2, que orientavam a sua relação com o programa. Eles ativaram saberes anteriores à enunciação (contextuais), a exemplo da aproximação das emissoras e, por conseguinte, dos telejornais analisados, a grupos políticos e de poder. Dito isso, o modo de apresentação das notícias de cada telejornal foi algumas vezes justificado pelos entrevistados a partir da ativação de um conjunto de saberes que relacionaria, por exemplo, o quadro *Governança*, a cobertura de ações pro cidadão, ao BATV, e o quadro *Vigilância*, ao AN2. Outras referências contextuais utilizadas pelos entrevistados a fim de contrapor ou concordar com as leituras sugeridas pelos telejornais foram da ordem da sua experiência diária. Desse modo, pelo convívio dos entrevistados com assuntos como educação, violência, adoção, foi possível para eles produzirem sentido em relação às notícias apresentadas pelos telejornais.

Essa suposição sobre a existência de modos de endereçamento, no plural, em relação aos telejornais locais analisados pode ser comprovada pelos próprios grupos de discussão. Houve momentos em que os entrevistados se aproximaram dos modos de endereçamento do programa e assumiam a postura sugerida por eles; outras vezes não admitiam as sugestões feitas pelos modos de endereçamento dos telejornais analisados. Isso aconteceu tanto em relação ao BATV, quanto em relação ao AN2. O tom de vigilância do AN2 e o seu grau de apuração, conforme ressaltou um entrevistado, fizeram com que eles, em especial os dos grupos de discussão 2 e 3, se identificassem mais com o AN2, no que diz

³⁵ ACM é a abreviatura do nome do senador Antônio Carlos Magalhães – PFL, cujo grupo político governa, atualmente, o estado da Bahia.

respeito à sua visão de mundo. Mas, mesmo admitindo esse aspecto do seu modo de endereçamento, isso não quis dizer que esse telejornal é aquele que costuma assistir. Dos 17 entrevistados, 10 deles mencionaram assistir ao BATV, enquanto outros 06 disseram assistir ao AN2.

Ainda há questões que não puderam ser respondidas pela presente pesquisa, como o fato de os entrevistados não aceitarem grande parte da visão preferencial do BATV, mas de assisti-lo por fatores externos ao seu modo de endereçamento, como o hábito da audiência em acompanhar a programação da Rede Globo de Televisão. Também alguns entrevistados mencionaram não assistir ao AN2 porque ele não era bem sintonizado em seu aparelho de televisão.

Os níveis de interpretação da notícia (MANCINI e outros, 1998) e as dimensões interpretativas (JENSEN, 1998) auxiliaram na identificação dos supertemas. Contudo, no que diz respeito aos níveis de interpretação da notícia, observou-se que o nível mídia pôde auxiliar na identificação das impressões que faz a audiência sobre um dado programa, nesse caso específico os telejornais locais.

Constatou-se que os tons de vigilância do AN2 e o tom imperativo do BATV, em especial nas notícias sobre *Governança*, e ainda a simplicidade ou o poderio técnico dos telejornais não são características imutáveis dos programas analisados. Supõe-se que em uma outra situação política, como a atual em que vive a cidade de Salvador - depois de doze anos de comando do PFL sobre a prefeitura, elegeu um prefeito que em função das alianças políticas vem sendo considerado como o candidato da oposição - tanto o BATV como o AN2 possam reestruturar os seus modos de endereçamento em função dessa nova situação de concorrência. O que não deve se perder de vista, pois, é que os modos de endereçamento, tal qual sugere Hartley (1997) são também uma questão de alta política das emissoras.

6. CONCLUSÃO

Este estudo trilhou dois caminhos diversos: no primeiro, considerou os discursos produzidos por dois telejornais locais, o Aratu Notícias 2^a edição - AN2 e o BATV, sobre acontecimentos decorridos no segundo semestre de 2003 na cidade de Salvador. Apostou-se que o modo de reportar esses eventos por ambos os telejornais seguiria uma concepção prévia sobre o modo como esses programas apreendem o seu espectador e o ambiente no qual ele está inserido. No segundo percurso exploraram-se as impressões de uma amostra da audiência empírica dos telejornais locais sobre o modo como esses programas se referiram a sua cidade e aos assuntos que dizem respeito a ela e, por conseguinte, às suas próprias vidas.

Esse percurso de comparação entre os discursos da mídia e da audiência, sugerido por Jensen e Rosengren (1997), permitiu colocar em questão dois tipos de construções acerca do real. A primeira advinda da mídia (a notícia), e por fim aquela advinda dos espectadores, a experimentação diária (o cotidiano). Em princípio esta pesquisa lançou como inquietação observar esse hiato existente entre os momentos de produção e recepção dos produtos midiáticos.

Apesar de afirmar que a produção e a recepção são momentos distintos, essa metodologia de análise sugerida pelos autores permite acessar esses instantes a partir de uma membrana, os textos, tanto da mídia, quanto da audiência. Assim, não coube a este estudo a observação do processo produtivo das notícias, a exemplo dos estudos sobre *newsmaking*, e ainda em nada se assemelha aos estudos que, do outro lado da ponte, parafraseando novamente Bakhtin (2001), almejam entender a recepção no *contexto concreto de uso da mídia* (JENSEN,

2002b). Se esse estudo pudesse ser enquadrado em algum tipo de abordagem, sob o ponto de vista metodológico, ele talvez estaria mais próximo daqueles que segundo Jensen (2002b, p.160) se caracterizam como “as interpretações textuais do conteúdo midiático”. Desse modo, teve como interesse lançar uma contribuição sobre o processo de produção de sentido.

Admitiu-se como pressuposto que para o enlace entre produção e recepção dos discursos midiáticos seria necessária a partilha de sentidos entre a audiência e os programas telejornalísticos. A situação de concorrência sugerida por Hartley (1997) teve como interesse facilitar a observação dos modos de endereçamento dos produtos midiáticos, possibilitando a confrontação entre construções diversas sobre um mesmo referencial, a cidade de Salvador e o cotidiano do público que assiste aos telejornais. Constatou-se a divergência tanto no que diz respeito ao modo de apresentação das notícias, o tom imperativo e o de cumplicidade sugerido pelos telejornais BATV e AN2, respectivamente, e como esse tipo de escolha dos programas em relação ao modo de se dirigir à audiência é coerente com o modo de apresentação das notícias e os enfoques sugeridos por elas.

Naquilo que diz respeito aos receptores, pôde ser observado que a negociação do modo como os programas se destinam a eles pode ser feita ao término de cada cobertura dos acontecimentos. Sendo assim, os espectadores podem aceitar ou rechaçar a forma como um telejornal o interpela, a cada notícia, mesmo que haja uma estrutura de endereçamento, tal qual foi comentado no capítulo três, para cada um dos programas analisados. A notícia e o seu modo de apresentação permitem, em especial aos programas telejornalísticos, essa

pluralidade de endereçamentos sugeridos por Ellsworth (2001) quando observou os modos de endereçamento em filmes.

Faz-se necessário neste momento ressaltar algumas conclusões desta pesquisa que foram identificadas, anteriormente, por outros autores. Van Dijk (1991) atestou a baixa capacidade de recordação de números e estatísticas pela audiência em relação ao jornal impresso, sendo essa observação também aqui identificada, principalmente quando os entrevistados necessitavam se reportar a percentuais, como o índice de 98% de crianças que estavam na escola, apresentado pelo BATV, índice esse confundido pelas entrevistadas no capítulo cinco. No que diz respeito ao modo de re-significação das notícias, o nível *individual* (MANCINI; PIMPINELLI; MICHELE, 1998) foi ativado pelos entrevistados como estratégia para produzir sentido às notícias veiculadas pelos programas jornalísticos. Constatou-se assim uma atualização dos saberes anteriores à enunciação por parte da audiência para confrontar com a “realidade” sugerida pelos meios, tal qual foi evidenciado no capítulo de número cinco. Houve, assim, um entrelaçamento entre a experiência diária (senso comum) e a notícia cuja capacidade está em fazer transitar pronunciamentos especializados e não especializados, se tornando mais uma forma de conhecimento, como identificam Park (1970), Tuchman (2002), Jensen (1986) e Hartley (2001).

Algumas questões não puderam ser respondidas pelo presente estudo, como a relação estabelecida entre audiência e os saberes prévios de que dispõe sobre as emissoras, a exemplo dos entrevistados rechaçarem a visão de mundo apresentada pelo BATV, mas assistirem ao programa por uma predileção à emissora Globo. A metodologia proposta por Jensen e Rosengren (1997) sugere, mas não indica, um único modo de estabelecer a comparação entre os discursos da mídia e

da audiência. Dito isso, os autores sugerem a análise textual de ambos discursos, não indicando assim que essa comparação deva ser feita a partir de um determinado conceito ou teoria.

Assumem-se, portanto, as limitações e/ou acertos desse estudo, uma vez que a aproximação entre os três conceitos *modos de endereçamento*, *quadros*, no original *frames*, e *supertemas* teve como interesse fazer com que eles pudessem ser intercalados com o objetivo de auxiliar na observação da comparação entre os discurso dos meios e da audiência.

O conceito *modos de endereçamento* foi utilizado para melhor compreender os diversos elementos que constituem os programas telejornalísticos, sistematizados por Hartley (2001) em três aspectos, a estrutura visual, a estrutura verbal e a narrativa da notícia. A utilização do conceito de *quadro*, por sua vez, teve como intenção auxiliar na observação da produção de sentido em ambos os momentos, na produção e na recepção.

Na análise dos textos da mídia esse conceito perpassou as estruturas visual e verbal de Hartley (2001) sob a metáfora da moldura, que é um sinônimo do termo quadro. Assim, em associação à Análise de Quadros de Goffman (1991), extrapolou-se a sua idéia de *frame* ao afirmar que para os produtores midiáticos também seria o caos se tivessem que inventar um novo programa todos os dias. Desse modo, a idéia de moldura perpassou tanto o modo de estruturação dos programas, i.e, a sua estrutura de endereçamento, divisão entre blocos, enquadramentos de câmera utilizados, modo da apresentadora de se dirigir à audiência, os quadros da notícia (Crimes, Governança, Vigilância, Encontros Esportivos) e os seus modos fixos de apresentação. Pretendeu-se, com esse tipo de

aproximação, observar certas rotinas da produção que refletem no modo de exibição dos programas analisados.

Na análise dos textos da audiência, o conceito de quadro talvez tenha se esmaecido em virtude da entrada em cena do conceito de *supertemas*, cuja maior capacidade de operacionalização para a observação dos propósitos desta pesquisa foi destacada desde o capítulo segundo do presente trabalho, quando ele foi comparado ao conceito de quadro. Os *supertemas* entraram em cena de modo a tornar apta a apreensão da forma como os entrevistados ofereceram sentido aos textos midiáticos e para essa tarefa os quatro níveis de interpretação da notícia sugeridos por Jensen (1998) - tempo, espaço, poder e identidade - foram utilizados.

Mesmo tendo o conceito de quadro perdido a sua força nessa etapa do trabalho, ainda assim ele conseguiu adicionar uma outra instância de interpretação das notícias que não esteve presente no modelo proposto por Jensen (1998). Esse esquema interpretativo poderia ser da ordem do modo como o espectador se relaciona com o programa e o seu hábito de assistir a televisão. Esse esquema surgiu da relação que há entre emissoras e espectadores que parece transcender a relação da audiência com um dado programa. Questão essa que não pôde ser respondida por este estudo.

Talvez essa indagação sirva muito mais para colocar em xeque o próprio trabalho e a sua metodologia, que não contemplou a observação da relação dos espectadores com questões da ordem dos seus hábitos de assistir à televisão, por exemplo. No questionário aplicado após os grupos de discussão e no próprio roteiro pensado para as sessões tentou-se contemplar essa deficiência do trabalho, contudo a técnica não permitiu o aprofundamento necessário para responder a essa indagação.

Ao tentar entender o processo interpretativo, a partir da confrontação entre os textos dos meios e da audiência, o presente estudo teve como intenção, mesmo com as suas limitações, dar conta da produção de sentido, não perdendo de vista a produção e a recepção, mesmo que para isso tenha escolhido como área de trânsito a membrana que perpassa ambos os momentos: os textos.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Trad. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 2001
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 10ª, São Paulo: Hucitec, 2002, 196p.;
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia** Trad. de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1964], 2001, p.116.
- _____. **Mitologias** Trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza, 9ª, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1958] 1993, 180pp;
- _____. A retórica da imagem. In: **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. Estrutura da notícia. In: **Crítica e Verdade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.
- CASSETTI, Francesco & CHIO, Federico di. **Análisis de la televisión: Instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999;
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHANDLER, Daniel. **David Morley's Study of the Nationwide Audience (1980)**. Disponível em: <<http://www.aber.ac.uk/media/Modules/MAinTV/morleynw.html#P>> Acesso em: 21 ago. 2003
- _____. **Modes of adress**. Disponível em: <<http://www.Aber.ac.uk/media/documents/intgenre/intgenre.html>>. Acesso em: 21 ago. 2003a
- _____. **Semiotics for beginners**. Disponível em: <<http://www.Aber.ac.uk/media/documents/intgenre/intgenre.html>>. Acesso em: 21 ago. 2003b
- _____. **The Katz and Liebes. Cross-Cultural Viewing Studies**. Disponível em: <<http://www.aber.ac.uk/media/Modules/TF33120/katzlieb.html>> Acesso em: 21 ago. 2003c
- _____. **Why do People Watch Television?** Disponível em: <<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/usegrat.html>> Acesso em: 21 ago. 2003d
- DAYAN, Daniel. Les mystères de la réception, in revue. **Le Débat**, n° 71, Paris, Gallimard, septembre – octobre 1992, pp. 146-161.
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu, La télévision cérémonielle, Paris, PUF, 1996. (Tradução em português: **A história em directo** – os acontecimentos mediáticos na televisão, Coimbra, Minerva, 1999).
- DIJK, Teun Adrianus van. **Cognição, discurso e interação**. (org. Igridore V. Koch) 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 207.
- ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. (Trad. de Atílio Cancian). São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 219.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FISHER, K. Locating *Frames* in the Discursive Universe In: **Sociological Research Online**, vol. 2, no. 3, 1997. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/socresonline/2/3/4.html>. Acesso em: 14 dez. 2003.

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. RJ: LTC, 1989
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista - UNESP, 1991.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Les cadres de l'expérience**. [1974] Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.
- _____. **Façons de Parler**. [1987] Paris: Les Éditions de Minuit, 1981.
- GOMES, Itania Maria Mota et al. **Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MUDIÁTICOS BAHIA-QUÊBEC, 1, 2003, Salvador: UFBA, 2003
- GOMES, Itania; SPANNENBERG, Ana Cristina M. **The world in the head: aplicação do modelo de Klaus Bruhn Jensen ao discurso dos media baianos**. In: Compós, Recife, 2003.
- GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. 2000. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. f. 175-229
- GRAMSCI, Antonio. **Prision Notebooks**. Londres: Lawrence & Wishart, 1971.
- GUNTER, Barrie. The quantitative research process. In: JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research**. Qualitative and quantitative methodologies, Londres: Routledge, 2002;
- HALL, Stuart. Codificação/decodificação [1973] In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. p.387-404
- _____. Estudos culturais. Dois paradigmas [1980] In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003b. p. 131 a 159.
- _____. Estudos culturais e seu legado teórico [1992] In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003c. p. 199-218
- _____. Reflexões sobre o modelo de codificação/ decodificação. Uma entrevista com Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003d. p.353-386.
- _____. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. [1985] In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003d.
- _____. **Representation. Cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 1997.
- _____. **Culture, the media, and the 'ideological effect'**. In: Curran et al. eds, p. 315-349, 1977
- _____. **La comunicazione strutturata degli avvenimenti. Trattamento televisivo dell'informazione**. Informazione Radio TV 38, 1975.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson.(org.) **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993. p. 224-248.
- HARTLEY, John. **Understanding News**, London: Routledge, 2001, 203pp;

- _____. **Modo de destinación.** In: O'SULLIVAN, Tim; HARTLEY, John; SAUNDERS, Danny; MONTGOMERY, Martin & FISKE, John. *Conceptos clave en comunicación y estudios culturales*, Buenos Aires: Amorrortu, 1997, 409pp.;
- HOGGART, Richard. **The Uses of Literacy. Aspects of working-class life, with special reference to publications and entertainments**, London: Chatto and Windus, 1957, 319pp;
- JANKOWSKI, N.W & WESTER, Fred. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la investigación sobre la comunicación de masas. In: JENSEN, Klaus-Bruhn & JANKOWSKI, N.W. **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**, Barcelona, Bosch Editorial, 1993. (p. 57-90).
- JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies.** Londres: Routledge, 2002. p. 332.
- JENSEN, Klaus-Bruhn. Media effects: quantitative traditions. In: JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies.** Londres: Routledge, 2002a. p.138 a 155;
- _____. Media reception: qualitative traditions. In: JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies.** Londres: Routledge, 2002b. p.156 a 170;
- _____. The qualitative research process. In: JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies.** Londres: Routledge, 2002c. p.156 a 170;
- _____. The complementarity of qualitative and quantitative methodologies in media and communication research. In: JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies.** Londres: Routledge, 2002d. p.254 a 272;
- _____. (Ed.) **News of the world: World cultures look at television news.** Londres: Routledge, 1998. 230 p.
- _____. El análisis de la recepción: la comunicación de masas como producción social de significado In: JENSEN, Klaus Bruhn; JANKOWSKI, N. W. (Comp.) **Metodologías Cualitativas de Investigaçãõ em Comunicaçãõ de Massas.** Barcelona: Comunicacion, 1993. p. 165 – 180
- _____. La política Del multisignificado: noticias em la television, conciencia cotidiana y acción política. In: OROZCO, Guillermo (org.). **Hablen los televidentes: estúdios de recepcion em los países.** Cuadernos de comunicación e prácticas sociales, n. 6, México, 1992, p. 97-129.
- _____. News as Social Resource: A qualitative empirical study of the reception of danish television news. **European Journal of Communication.** Londres: Sage. Vol. 3, 1988. p. 275 a 301.
- _____. **Making sense of the news.** Towards a theory and an empirical model of reception for the study of mass communication. Copenhagen: Aarhus University Press, 1986.
- JENSEN, Klaus Bruhn; ROSENGREN, Karl Erik. Cinco tradiciones em busca del público. In: DAYAN, Daneiel (Comp.). **En busca del público: Recepción, televisión, medios.** Barcelona: Ed. Gedisa, 1997. 335-370 p
- KIENTZ, Albert. **Comunicaçãõ de Massa.** Análise de Conteúdo. (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. 181 p
- LAZARSELD, Paul F. **A opinião pública e a tradiçãõ clássica.** [1957] In: STEINBERG, Charles S. (org). **Meios de Comunicaçãõ de Massa.** Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix [1966], 1970 - 641 p.

- LE MANH, Pierre. **Encyclopaedia universalis**. Direção geral de Pierre Le Manh. França: Encyclopædia Universalis France S.A ,1999. 3 CD-ROM. Produzida por Encyclopædia Universalis France S.A.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza; Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. 238 p.
- _____. **Termos-chave da análise do discurso**. Trad. Márcio Venício Barbosa; Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 155 p.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2^a. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MATTELART, Armand, Michèle. **História das teorias da comunicação**. (Trad. Luiz Paulo Rouanet) São Paulo: Loyola. 6.a ed. 2003. 220 p.
- _____. **História das teorias da comunicação**. (Trad. Nelson Amador) Porto: Campo das Letras, 1997.
- MORLEY, David. **Family Television**. Cultural power and domestic leisure. London: Routledge, 1986, p.;
- MORLEY, David; BRUNSDON, Charlott. **The Nationwide Television Studies**, London: Routledge, 1999.
- MORLEY, David; SILVER STONE, Roger . Comunicación y contexto: La perspectiva etnográfica em los sondeos de opinión. In: JENSEN, Klaus Bruhn; JANKOWSKI, N. W. (Comp.) **Metodologias qualitativas de investigação em comunicação de massas**. Barcelona: Comunicacion, 1993. p. 181 a 196.
- ROBERT, André D. & BOUILLAGUET, Annick. **L' analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- ROONEY, Ellen. Feminist theory and the mode of address: towards a semiprivate room. In: PEPPERSTRATEN, Frans van (red.). **Jaarboek voor esthetica 2002**. Nederlands Genootschap voor Esthetica, 2002.
- SANTOS, Luciana Silva. **Enquadramento e endereçamento na editoria de política dos telejornais locais de Salvador**. Salvador, 2004. 203 f.
- TUCHMAN, Gaye. [1978]. **Making News. A study in the construction of reality**. Londres, Free Press, 2002.
- TUCHMAN, Gaye [1971]. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**, Lisboa: Veja, 1993.
- VERON, Eliseo. Televisão e política: história da televisão e campanhas presidenciais. In: NETO, Antônio Fausto; RUBIM, Antonio Albino Canelas; VERON, Eliseo. **Lula Presidente: Televisão e Polícia na Campanha Eleitoral**. São Paulo: Hacker; São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensur Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950** (Trad. de Leônidas H.B. Hegenberg; Octanny Silveira da Mota; e Anísio Teixeira), São Paulo: Ed. Nacional, [1958]1969.
- WOLF, Mauro. L'analyse de la reception et la recherche sur les médias, In : **Hermès**, nº 11 -12, Paris, CNRS Editions, 1993, p. 275-279.
- _____. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Glossário de termos técnicos do Telejornalismo mencionados na pesquisa³⁶

A

Abertura da matéria: o repórter abre a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, com uma informação complementar à *cabeça* lida pelo locutor.

Abertura de programa: breve resumo de um assunto que será visto em detalhe na edição do telejornal. O mesmo que *lidão*.

Afiladas: emissoras de TV que retransmitem a programação da emissora principal de uma rede de emissoras. Elas têm normas estabelecidas e seguem a programação original, mas podem, normalmente, produzir programação própria.

Ao vivo: transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou do próprio estúdio da emissora.

Arquivo de Imagens: seção do departamento de jornalismo de uma emissora de TV que recolhe, seleciona e mantém imagens de caráter jornalístico, que podem ter ou não ido ao ar. As imagens de arquivo são usadas em reportagens retrospectivas ou de “perfil”.

C

Cabeça da matéria: o *lead*. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria.

Close: um dos planos de enquadramento da imagem usados em telejornal. Aproximação do objeto (ou pessoa) que se quer destacar.

Cobertura: os vários enfoques de um acontecimento importante. Exemplo: a reportagem sobre um fato, suas conseqüências e análises.

Crédito: identificação (o nome) de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou país. É usado também para a relação de nomes dos profissionais que trabalham no telejornal e que aparece no final do programa.

E

Encerramento da matéria: o repórter fecha a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, dando uma informação conclusiva à reportagem.

Enquadramento: o que aparece na cena, o que está sendo focalizado pela câmera do cinegrafista.

³⁶ Este glossário foi transcrito de Vera Íris Paternostro (1999) e Heródoto Barbeiro e Paulo Lima (2002), com exceção dos termos *nota coberta* e *nota simples*.

Entrevista: o diálogo entre repórter e a personagem que é a fonte de informação.

Escalada: frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes. Uma escalada bem elaborada deve prender a atenção do telespectador, do começo ao fim do telejornal. Frases curtas podem ou não ter teasers: dois ou três takes (5 a 7 segundos) das imagens principais.

Espelho: é a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o telejornal. É feito pelo editor-chefe, e todas as pessoas envolvidas na operação do programa recebem uma cópia do espelho. As matérias colocadas no espelho são identificadas por retrancas.

I

Imagem de arquivo: imagem produzida anteriormente, em outra época, ao fato/acontecimento que é o tema da reportagem atual, e à qual se recorre na edição da matéria para contar melhor a história, facilitando a compreensão do público.

L

Lead: a abertura da matéria. O mesmo que cabeça do locutor. O gancho da reportagem normalmente está no *lead*.

Locutor ou apresentador: profissional (não necessariamente jornalista) que faz a locução, a apresentação dos telejornais.

Logotipo: é a marca, a identificação do telejornal.

M

Manchete: uma frase de impacto, contém uma informação forte. É usada na escalada, ou para identificar o assunto da reportagem.

Matéria: o que é publicado ou se destina a ser publicado em qualquer veículo de informação. É usado como sinônimo de reportagem.

N

Narração: a gravação do texto da matéria, pelo apresentador ou pelo repórter.

Nota simples ou Nota ao vivo: notícia lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração.

Nota coberta: notícia lida pelo apresentador do telejornal com imagem de ilustração.

O

ON/OFF: marcação técnica no script de telejornal que indica se o locutor estará lendo o texto ao vivo (on), aparecendo na tela, ou em OFF, quando ele estará lendo sem aparecer na tela.

P

Passagem do repórter: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista.

Povo fala: gravação com várias pessoas sobre um tema específico de uma reportagem. Pode ser dona-de-casa fala, criança fala, mulheres falam, dependendo do tipo de assunto em que é necessária uma amostragem de opinião. Recurso usado em telejornalismo para avaliar, polemizar, levantar um tema.

R

Reportagem: vide matéria

Repórter: jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a UPJ – Unidade Portátil de Jornalismo.

S

Suíte: a seqüência que se dá a um assunto quando a notícia é quente e continua a despertar interesse dos telespectadores. A suíte deve sempre conter elementos que atualizem.

T

Texto em OFF ou OFF: é o texto gravado pelo repórter ou apresentador para ser editado junto com as imagens da reportagem.

V

Vinheta: marca a abertura ou o intervalo do telejornal. Normalmente é composta de imagens e música características, trabalhadas com efeitos especiais. Em eventos especiais, é criada uma vinheta específica para o assunto. Ex: visita do Papa ao Brasil, Carnaval, processo de impeachment de Clinton, guerra do Golfo ...

ANEXO A – Enquadramentos de câmera utilizados pelos telejornais³⁷

³⁷ Estes enquadramentos de câmera foram retirados do trabalho de Tuchman (2001).

ANEXO B – Transcrição do dia 08 de setembro de 2003³⁸

DIA 08/09/2003 a 13/09/20003	
Aratu Notícias 2 ^A . Edição - Bloco I 08/09/2003	
<i>Matéria</i>	<i>Fontes Ouvidas</i>
<p>M: *Parte da família e em alguns casos a história pode ter final feliz. Imagens de crianças: Meu nome é Islane eu tenho 10 anos, meu nome é Tatiane eu tenho 9 ano, meu nome é Cristiane eu tenho 08 anos. R em off: Esses meninos e meninas tem entre 02 e 12 anos. Por diferentes razões estão longe dos pais e vivem num orfanato nos Barris. Graças aos cuidados que recebem são alegres, comunicativos e afetuosos, mas falta-lhes algo essencial: Imagem criança.: Uma mãe e Um pai Imagem criança: uma mãe, um pai e uma família.</p> <p>(mostra crianças órfãs brincando e visita do delegado sendo bem tratado pelas crianças abraços e conversas) R em off: No dia da criança elas podem ter a chance de dar e receber carinho de uma família. Há dois anos, o juizado da infância e da juventude de Salvador promove o dia feliz, quando crianças órfãs de instituições da cidade podem passar um fim de semana com uma família ou com quem tenha mais de 18 anos e se disponha a acolhê-las e o procedimento para fazer esse gesto de amor é bastante simples.</p> <p>(Dentro da casa da empresária se dirige ao quarto mãe e filho adotivo fazem carinhos mútuos e câmera entra no quarto cena) R em passagem: No ano passado 13 crianças que participaram do dia feliz foram adotadas pelas famílias com quem passaram o fim de semana. Este é o caso de Fabrício de 4 anos que deu a Jane a chance de ser mãe de novo depois de 27 anos.</p> <p>R em off: A Empresária já tinha uma filha adulta e pensava em adotar uma criança. Foi quando Fabrício apareceu na vida dela.</p>	<p>F1: Salomão Resedá – Juiz da Infância e Juventude: Ligar para o juizado, o nosso telefone 0800713020 e submeter-se a uma entrevista com o serviço social e o serviço de psicologia e abrir o coração.</p> <p>F2: Jane Santos – Empresária: Eu peguei o Fabrício sem conhecer o Fabrício e graças a deus era o menino que a gente precisava.</p> <p>F3: Eu amo a mamãe</p>
<p>M: (sorrindo) Veja a seguir empresários de transporte querem que empresas e governo paguem pela gratuidade de seus funcionários.</p>	
<p>vinheta</p>	

³⁸ Legenda: M (mediador), R (repórter), F (voz acessada)

DIA 08/09/2003 a 13/09/20003	
Aratu Notícias 2^A. Edição - Bloco II 08/09/2003	
<i>Matéria</i>	<i>Fontes Ouvidas</i>
<p>M: Aconteceu hoje a primeira reunião da comissão nomeada para estudar a redução do preço das passagens de ônibus. (imagens da reunião, focalizam os representantes) R em off: O secretário municipal dos transportes se reuniu com representantes das empresas de ônibus, dos estudantes e parlamentares para discutir a desoneração da tarifa do transporte coletivo reajustada para 1 real e 50 centavos. No encontro ficou definido que amanhã será instalada a comissão especial que vai avaliar a possibilidade, por exemplo, de uma redução tributária, Já que os impostos representam 16% dos preços das passagens.</p> <p>F1: Ivan Barbosa secretário municipal dos transportes: Imagina-se iniciar um debate nacional não só aqui em Salvador, mas todo o Brasil um debate de que poderia haver uma desoneração da tarifa da ordem de 30, 35%</p> <p>(imagens da reunião, focalizam os representantes) R em off: a comissão formada por representantes das secretarias de transporte e da fazenda, da câmara municipal, dos estudantes, empresários terá 30 dias para decidir como fica o preço da passagem. Um outro argumento dos empresários que também será avaliado é a questão da gratuidade.</p> <p>(estação da Lapa atrás ônibus e pessoas subindo nele, panorâmica dos ônibus circulando na estação) R em passagem: Atualmente, 4 milhões e 800 mil pessoas não pagam para utilizar o transporte coletivo em Salvador. Mas essa gratuidade não é apenas para idosos e portadores de deficiência. Policias civis, militares, rodoviários, carteiros comissários de menores, oficiais de justiça e fiscais de diversos órgãos públicos também não pagam a passagem de ônibus. Segundo os empresários, o financiamento da gratuidade poderia ser o primeiro passo para reduzir a tarifa.</p> <p>M pé: ainda nesta edição informação sobre o protesto dos estudantes em Salvador.</p>	<p>(escritório) F1: Horácio Brasil Superint. SETPS: Nos não queremos tirar a gratuidade de ninguém. Nos só propugnamos que essa gratuidade seja bancada por alguém, ou seja, o cidadão que é funcionário do estado que o estado banque, da prefeitura que a prefeitura banque, do governo federal que o governo federal banque. 12% de gratuitos 20% de estudantes. estudantes pagando meia, você tem aí 22% que é o número que deve ser financiado sob pena daquele que paga pagar mais do que devia.</p>
<p>M: 09 postos de combustíveis que funcionavam irregularmente foram fechados hoje pela agência nacional de petróleo. 03 ficam em Salvador eles ficam no imbui, no lago do tanque e em São Cristóvão. Os outros postos ficam em Conceição do Jacuípe, Camaçari e 04 em Feira de Santana.</p>	
<p>M: Ensinar a ler ainda é um desafio a ser vencido pelos educadores brasileiros. No dia dedicado ao combate do analfabetismo profissionais baianos debateram o tema.</p> <p>(Imagens do encontro e de crianças nas escolas) M em off: No dia internacional de alfabetização professores da rede pública estadual se reuniram para debater formas mais eficazes de</p>	

ensinar e ao maior número de pessoas. Pesquisa recente apontou queda de 75% do número de analfabetos na faixa de 15 a 24 anos. Eram 32% em 1990 e agora são 8%, mas dados da Unesco apontam que metade dos alunos alfabetizados no país tem dificuldade na leitura. (Vinheta)	
M: em off: Petroquímicos, químicos e petroleiros se concentraram em 03 estradas de acesso as empresas do pólo petroquímico. Os petroleiros pedem 15,8% de reposição mais 5% de produtividade. Os químicos querem 30% de reajuste entre reposição e produtividade ou 2% de ganho real	
No próximo bloco polícia ocupa pontos estratégicos e impede a paralisação do transito em Salvador.	Passagem bloco

DIA 08/09/2003 a 13/09/2003	
Aratu Notícias 2 ^A . Edição - Bloco III 08/09/2003	
<i>Matéria</i>	<i>Fontes Ouvidas</i>
<p>M: A policia mudou a estratégia e impediu que houvesse novas interdições de trafico pelos estudantes em Salvador.</p> <p>R em off: Pela manhã os estudantes impediram o tráfego nas vias exclusiva de ônibus na região do Iguatemi. O esquadrão de operações especiais garra dispersou os manifestantes que foram em direção à orla. Os policiaes continuaram durante todo o dia em frente ao shopping. Na Pituba ainda teve alguns focos de manifestações, mas os policiaes ao longo de toda avenida Manoel Dias da Silva montaram guarda para evitar o impedimento do tráfego. Na piedade os estudantes conseguiram parar alguns ônibus, mas segundo eles, os policiaes, com muita violência, acabaram com os protestos.</p> <p>Na piedade ans ruas promove um debate com policiaes</p> <p>R em off: Os manifestantes também diziam que os policiaes estavam sem tarjas de identificação para não serem denunciados após as agressões.</p> <p>R em off: E aí cê arrancou a identificação? R: Porque você está sem identificação.</p> <p>F3: no momento eu estou sem a identificação.</p> <p>R em off: todos eles estão sem identificação, só o senhor está com a identificação.</p> <p>R: a ordem da PM foi essa tirar a tarja de identificação ...</p> <p>R em off: ele que deu essa ordem?</p>	<p>F1: adolescente– não identificado: deram coronhada na gente, empurraram, meteram a viatura por cima.</p> <p>F2: adolescente – não identificado: aqui ó me deu um empurrão aqui aí ô.</p> <p>F3 policial militar - não identificado: não eu não arranquei a identificação.</p> <p>F4: policial militar patente superior ao anterior: eu já disse a senhora que quem fala pela PM é o coronel Cid Freitas.</p> <p>F4: Ele é o nosso oficial de comunicação, pronto, é ele quem fala pela PM, senhora. A senhora procura ele.</p> <p>F4: A senhora que esta dizendo isso.</p> <p>F5: Cel. Siegrified Frazão – Assessor de Comunicação da PM: Não existe nenhum tipo de operação que o policial não possa ser identificado todas as operações que a polícia militar realiza são operações</p>

	tecnicamente planejadas e legais. Aquele policial militar que está fora de padrão de uniforme está passível de punição. A orientação que o comando geral deu a tropa é que nós tenhamos o máximo de equilíbrio possível, porém temos obrigação de desobstruir as vias públicas.
M: O tenista Gustavo Kirten estréia amanhã no Brasil Open de Tênis ele enfrenta o tradicional adversário o sueco Normam Magnous. O evento começou sábado em costa do Sauípe.	
M: Uma boa noite, até amanhã.	

DIA 08/09/2003 a 13/09/2003	
BATV - Bloco I 08/09/2003	
<i>Matéria</i>	<i>Fontes Ouvidas</i>
<p>M: Boa noite hoje é o dia internacional da alfabetização, na Bahia 98% das crianças estão na escola segundo a secretaria da educação são futuros cidadãos que vão chegar a vida adulta sabendo ler e escrever, realidade bem diferente de quase dois milhões de baianos que tem mais de 10 anos de idade e são analfabetos.</p> <p>(Imagem da entrevistada em frente a um cartaz escrito vende-se geladinho e cloro) R em off: Dona Maria nunca foi a escola a dona de casa que faz bico para sobreviver teve que pedir a ajuda do filho para anunciar os produtos que vende. (F1)</p> <p>(Imagem gráfico com dados de pessoas analfabetas em salvador e na Bahia, sala de aula com estudantes crianças) R em off: Assim como Dona Maria quase 2 milhões de baianos são analfabetos. Em Salvador são 107 mil pessoas que nunca foram a escola ou têm menos de um ano de estudo. Já entre as crianças a secretaria municipal de educação garante que a maioria está estudando e os adultos que procuram cursos de alfabetização também encontram vaga. (F2)</p> <p>(Mostra escola sala de aula e alunos) R em off: No bairro de Novos Alagados as salas de aula mantidas por uma organização não-governamental são alternativa para as crianças pobres que ainda não aprenderam a ler. Heverton é um dos mais de 900 alunos que estão matriculados este ano. (f2)</p> <p>(imagem da entrevistada com aluno) R em off: Elaine também se alfabetizou nas escolas do projeto e hoje é professora. (f4)</p> <p>R em off: Desde a fundação há 26 anos foram 10 mil crianças, jovens e adultos alfabetizadas pelo projeto 1 de maio. Hélio foi aluno da escola popular novos alagados. (F5)</p> <p>(imagem da roda de capoeira e menino faz) piruetas R em off: Eduardo de seis anos está matriculado (f6)</p>	<p>F1: Maria Conceição – dona de casa não sei ler nem escrever. R?: A senhora não tem vontade de aprender a ler. F1: como Tenho muita vontade é o meu sonho F2: Joelice Braga – Secretaria Municipal de Educação: professores capacitados e material específico para atendimento a crianças, jovens e adultos no processo de alfabetização, a nossa meta é alfabetizar todos que procuram a escola municipal. R: o que é que você tem aprendido aqui na escola? F3: Heverton - 7 anos: a ler , escrever e desenhar R: e você gosta aqui da escola? F3: gosto. F4: Elaine Santos – professora: eu adquiri uma bagagem muito grande né?, foi minha vida, tudo que aprendi hoje estou praticando. Eu estou passando para as crianças, né? O carinho o amor a proteção ... F5: Hélio Silva – instrutor: eu comecei com 06 anos no projeto e hoje em dia eu já exerço o papel de professor, professor, não, de instrutor de capoeira com os meninos do projeto. F6: Eduardo – 6 anos: (R) o que</p>

	<p>você quer ser quando crescer. “É ... capoeirista e mecânico”.</p> <p>Fecha co imagem de cima da roda de capoeira e Eduardo jogando</p>
<p>(tela se divide em duas partes direito M e esquerdo R legenda Terreiro de Jesus) M: Amigos e religiosos participam de uma missa em Salvador em homenagem ao cardeal D. Lucas Moreira Neves que morreu há um ano. A celebração presidida pelo Cardeal D. Geraldo Majela acontece na Catedral Basílica e é dela que fala ao vivo a repórter Cristina Miranda. Boa Noite Cristina.</p> <p>(Legenda ao vivo, close na pintura de D. Lucas e abre para toda a igreja)R ao vivo: Boa noite Kátia. Daqui a pouco aqui na catedral basílica a missa em memória ao cardeal D. Lucas Moreira Neves vai ser celebrada pelo arcebispo primaz do Brasil D. Geraldo Majela. O coral barroco da Bahia também vai participar da celebração, antes da missa os fieis rezaram juntos o terço de orações mariana 50 ave-marias pela passagem do primeiro aniversário de morte de D. Lucas que tinha uma devoção especial ao rosário. O corpo do cardeal está enterrado aqui na catedral basílica. Ele era considerado um dos reigiosos mais importantes do país.</p> <p>(Imagens do cardeal de arquivo c/essa legenda autoreferencial) R em off: D Lucas nasceu em são João Del rei Minas gerais em 1925. Começou a vida religiosa no interior de são Paulo em 87 assumiu a arquidiocese de Salvador. Um ano depois foi nomeado cardeal, entre 95 e 98 presidiu a conferência nacional dos bispos do Brasil. A pedido do papa foi prefeito par congregação para os bispos do Vaticano. Renunciou ao cargo por motivos de saúde. D Lucas também fez parte da academia brasileira de letras. Era considerado conservador. Em 2000, visitou a Bahia pela última vez. Fez questão de comemorar ao lado dos baianos seus 50 anos de vida religiosa.</p> <p>R ao vivo: No próximo dia 16 data em que D. Lucas faria aniversário a família vai inaugurar um memorial em homenagem ao cardeal na cidade de São João Del Rei onde ele nasceu, Kátia.</p>	
M: Apesar do sol forte de hoje a previsão para amanhã em Salvador é de chuva. Veja a previsão do tempo para todas as regiões.	
I: Cacau e dólar legenda	

DIA 08/09/2003 a 13/09/20003

BATV - Bloco II 08/09/2003

Matéria

Fontes Ouvidas

M: Cerca de 50 trabalhadores rurais estão ocupando parte de uma fazenda no sudoeste do estado.

<p>(Legenda fazenda invadida na região sudoeste imagens do local e do testamento) M em off: a fazenda fica no distrito de Inhobim perto de Vitória da Conquista. A maioria dos acampados trabalha como diarista em fazendas da região. Os lavradores que já ocupam as terras há duas semanas aguardam a posição do Incra. Segundo o sindicato dos trabalhadores rurais a fazenda faz parte de um testamento e não pode ser vendida. Um dos herdeiros da fazenda já pediu a justiça a reintegração de posse.</p>	
<p>Vinheta série de notas cobertas (Legenda desfile 7 de setembro imagens do desfile) M em off: E o desfile de 7 de setembro levou milhares de pessoas as ruas do centro de Salvador: o governador Paulo Souto, o prefeito Antonio Imbassahy e o vice-almirante do segundo distrito naval Álvaro Luis Pinto fizeram o asteamento das bandeiras. Depois do desfile dos grupamentos especiais, os pelotões das forças armadas se apresentaram. Também participaram fanfarras, grupos de capoeira e as meninas da banda Didá. No fim do desfile um grupo de estudantes que protestam contra o aumento das passagens de ônibus invadiu o circuito, mas não houve confronto. Trabalhadores do movimento dos sem-terra também fizeram uma manifestação</p>	
<p>M: Começou em Sauípe no litoral norte a disputa pelo título do Brasil Open de Tênis. O brasileiro André Sá enfrenta esta noite o alemão Heiner Shuter na primeira rodada da chave principal do torneio.</p> <p>(Imagens das partidas) R em off: A partida entre o mineiro André Sá e o alemão Heiner Shuter está prevista para começar às oito da noite e é a mais esperada desta segunda feira. Schuter oitavo no rank mundial tem a melhor classificação entre os tenistas que disputam o Brasil Open. Numa das três partidas classificatórias do dia o brasileiro Josh Goffi se despediu do torneio ao perder para o chileno Paul Cartneu Devile por 2 sets a zero com parciais de 7/6 e 6/5.</p> <p>M pé: os dois melhores tenistas brasileiros no ranking Mundial Gustavo Kirten e Flávio Sarêta estréiam amanhã em Sauípe. Guga enfrenta o sueco Maions Norman enquanto Sarêta pega o também brasileiro Marcos Daniel em jogos válidos pela primeira rodada da chave principal.</p>	
<p>M: Futebol: o vitória está em Aracaju se preparando para enfrentar o Flamengo no próximo domingo. Até os jogadores que estavam machucados participaram do treinamento de hoje.</p> <p>(Imagem: treino vitória estádio em aracaju) R em passagem: 31 jogadores vieram fazer essa mini temporada na capital sergipana incluindo os atletas que estavam machucados, como o atacante Nilton, o meio de campo Robson Luís e o lateral esquerdo Paulo Rodrigues. Hoje foi o primeiro treinamento aqui no estádio Lorival Batista, o Batistão, e todos esses jogadores participaram normalmente. Um treino técnico. O treinador Lori Sandri insistiu nas jogadas pelas laterais e</p>	<p>F1: Robson Luís - meio-campo do Vitória: tamo trabalhando dois períodos direto tamos em concentração com a cabeça voltada mais ao jogo contra o Flamengo, mas se tiver um tempinho aí eu tenho certeza que vou levar os companheiros para dar uma passeada aí para conhecer Aracaju.</p>

<p>nos chutes a gol. A equipe fica na cidade até quinta-feira se preparando para o jogo de domingo contra o Flamengo no Barradão. Este ano o Vitória jogou contra o time carioca 3 vezes, duas pela Copa do Brasil e uma no primeiro turno do campeonato brasileiro, perdeu as 3 partidas. Aqui a rotina tem sido do hotel para o campo e do campo para o hotel. Sem muito tempo de lazer. O meio de campo Robson Luís seria um bom guia para os colegas já que ele é sergipano e conhece Aracaju, mas com tanto trabalho não dá tempo de visitar nada.</p>	
<p>M: E o Bahia aposta no ritmo intenso de treinos para vencer o Grêmio no próximo sábado. É o estilo rigoroso do técnico Lula Pereira.</p> <p>(Imagens do treino) M em off: Depois de um domingo de folga os jogadores voltaram a treinar no Fazendão. Preto e Marcelo Souza estão recuperados, mas não participaram do treino com bola. Por isso, devem ficar de fora da disputa contra o Grêmio. Um jogo histórico para o time gaúcho. O clube completa 100 anos no dia da partida que vai ser em Porto Alegre. (F1)</p> <p>M em off: Depois do treino uma visita, Jair que foi operado no mês passado apareceu com um novo visual para rever os colegas. (F2 e F3)</p> <p>M pé: Jair só volta a jogar no ano que vem</p>	<p>F1: Lula Pererira – técnico do Bahia: Eles estão tendo esse jogo como o jogo da reabilitação e que vai dar um presente ao torcedor pelos 100 anos. Portanto, nos estamos convidados para a festa e como somos bons participantes de festa até porque o povo baiano sabe fazer a festa, vamos lá.</p> <p>F2: Jair meio campo do Bahia: Minha auto-estima tá muito baixa, mas já com o cabelo pintado e a galera já brincando comigo ali, a gente fica um pouco alegre com isso</p> <p>F3: Valdomiro - zagueiro do Bahia: ai meu deus do céu ... ele tomou um banho de ouro tá muito feio aquele cabelo ali, foi alguma promessa que ele fez ali pra ficar logo bom desse joelho logo aí</p>
<p>(Imagem protestos e trânsito livre legenda: segunda-feira) Veja daqui a pouco: Empresários, representantes da prefeitura e dos estudantes começam a discutir os impostos sobre o preço das passagens de ônibus. E veja também: novos protestos, mas poucos congestionamentos no trânsito.</p>	

DIA 08/09/2003 a 13/09/2003	
BATV - Bloco III 08/09/2003	
<i>Matéria</i>	<i>Fontes Ouvidas</i>
<p>M: Apesar das promessas, em contrário, grupos de estudantes foram, novamente, as ruas protestar contra o aumento da passagens de ônibus. O trânsito ficou lento em alguns trechos da cidade, mas não houve bloqueios nem congestionamentos. Durante uma manifestação um estudante foi preso</p> <p>M em off: Os protestos começaram por volta das 9 horas na avenida Joana Angélica em Nazaré. Estudantes fecharam, o</p>	

<p>trânsito em frente a universidade Católica. A polícia tentou negociar a liberação da avenida, mas os estudantes se recusaram a sair. O clima ficou tenso não houve confronto, mas os estudantes foram obrigados a liberar o trânsito.</p> <p>(imagens mostra atuação da polícia) M em off: muitos seguiram pela avenida sete o tráfego não chegou a ser fechado, mas o trânsito ficou lento. Os policiais tiraram alguns manifestantes que estavam sentados no chão para permitir a passagem dos carros.</p> <p>M em off:: Em Ondina congestionamento em uma das pistas. Uma estudante, sozinha, tentava parara os carros que passavam na avenida oceânica.</p> <p>(Imagem mostra o poderio da polícia helicóptero e liberação do trânsito, encerra com estudante detido e o som da sirene do carro da polícia levando o manifestante). M em off: Na Pituba, parte da avenida Manoel Dias da Silva foi fechada. O helicóptero da polícia militar acompanhou toda a movimentação. Estudantes sentaram no chão para tentar barrar a passagem dos ônibus, mas a polícia conseguiu impedir. Um dos líderes do movimento que tentava parar o trânsito foi colado dentro do carro da polícia militar e levado para a delegacia.</p> <p>M pé: O estudante que foi detido na Av. Manoel Dias da Silva na Pituba está prestando depoimento. Élder Augusto Abreu de Souza tem 24 anos.</p>	
<p>M: A polícia militar divulgou uma nova nota oficial onde afirma que não permitirá, mesmo que parcial, a interrupção de vias públicas. A PM diz que colocou nas ruas a elite do seu efetivo com policiais que têm mais de 20 anos de experiência.</p>	
<p>M: A comissão que vai discutir o preço da passagem de ônibus, em Salvador, começa a funcionar amanhã. Hoje, representantes da prefeitura, empresários e estudantes se reuniram para discutir o assunto.</p> <p>(imagens da reunião) R em off: Foram indicados os nomes dos representantes das oito entidades que agora fazem parte da comissão de desoneração da tarifa de ônibus. Hoje estiveram juntos representantes dos poderes executivo e legislativo, da procuradoria geral do município e empresários. Os estudantes também estavam na secretaria municipal de transportes. Ainda sem uma liderança definida, eles falaram sobre a pouca participação da sociedade civil durante os trabalhos da comissão. (F1)</p> <p>R em passagem: 30 dias é o prazo que a comissão tem para discutir e apresentar uma solução que possa diminuir o preço da passagem de ônibus em Salvador. as propostas começam a ser apresentadas amanhã, mas já se fala em redução tributária e até em isenção dos impostos pagos pelas empresas que são repassados para o preço final da tarifa de ônibus.</p>	<p>F1: Marcelo Brito – União dos Estudantes Secundaristas: A impressão que se deu é a seguinte, por conta da mobilização dos estudantes se abriu essa questão pra a participação dos estudantes, só que o resto ficou de fora. Nós queremos que todo mundo possa participar.</p> <p>F2: Horácio Brasil – Sindicato dos Empresários: É o governo federal reconhecer que transporte urbano deve fazer parte da cesta básica a começar pela desoneração do óleo diesel e outros tributos.</p> <p>F3: Ivan Barbosa - secretario de transporte: Isso já é um trabalho</p>

<p>(Gráfico título despesas das empresas de ônibus, com os dados ditos pela repórter, fonte Setps + imagem da reunião) R em off: As empresas dizem que os gastos estão divididos em 40% com custo de mão de obra, 35% de pagamento de impostos federais e estaduais, 8% de impostos municipais. Um dos tributos mais elevados é o ICMS – imposto sobre circulação de mercadorias e serviços. O óleo diesel, combustível usado nos ônibus, representa 21% de imposto. O lucro com o transporte coletivo, revelado pelas empresas, é de 12% ao ano sobre o capital. Durante os trabalhos da comissão, representantes do empresários vão defender a redução de impostos. (F2)</p> <p>R em off: A prefeitura diz que já reduziu a cobrança do imposto sobre serviços de 5 para 2%. O secretário de transportes, Ivan Barbosa, acha que vai ser necessária a política nacional de diminuição de tributos para o transporte coletivo. (F3)</p>	<p>que já está sendo feito no fórum nacional de secretários de transportes e também no governo federal no ministério das cidades no sentido de propor redução de tarifas a partir da retirada de impostos.</p>
<p>M: Vamos ver agora como está o transito em Salvador</p>	
<p>M: Pra você uma boa noite e até amanhã</p>	

ANEXO C – Lista de Entrevistados, nome idade, ocupação, Critério Brasil.

GD1 - ITINGA					
Entrevistado(a)	Idade	Sexo	Ocupação	Pontos	Critério Brasil
Jovelina Santiago do Amor Divino	53	F	comerciante	2	E
Zilda Santos Sena	47	F	diarista	7	D
Daiene Oliveira dos Santos	34	F	diarista	8	D
Sonia Lopes	38	F	doméstica	6	D
GD2 - Praia Grande					
Maria da Conceição Barbosa	66	F	aposentada	21	B1
Maria das Graças Soares de Oliveira	46	F	aux. Enfermagem	21	B1
Julietta Conceição de Souza	73	F	doméstica	12	C
Claudionor de Souza	87	M	aposentado	12	C
Valter Andrade de Souza	67	M	pedreiro	10	D
Jandira Conceição Virgens da Hora	63	F	doméstica	14	C
Solange Conceição das Virgens Carvalho	54	F	aposentada	30	A1
Carlos Alberto dos Santos Carvalho	50	M	aposentado	30	A1
GD3 - Praia Grande					
Maria Célia Maciel Bastos	53	F	aposentada	22	B1
Flávio Costa Ramos	25	M	estudante	5	E
Joseilton Barbosa dos Santos	26	M	estudante	6	D
Ariadina Barros Santos	19	F	estudante	8	D
Thiago Borges dos Santos	19	M	estudante	7	D

Classe PONTOS TOTAL BRASIL (%)

A1 30-34

A2 25-29

B1 21-24

B2 17-20

C 11-16

D 6-10

E 0-5

ANEXO D – Roteiro Grupo de Discussão

- Após a exibição dos dois telejornais pedimos que eles recontassem as principais notícias (*supertemas*) que viram, observando se eles saberiam relacionar em qual programa foi exibida e vendo de que modo eles fazem distinções entre os dois telejornais sobre o *modo de apresentação das notícias item 2*.
- Pedimos que eles comentassem algumas matérias que fizeram parte do agendamento do dia que nós tivéssemos percebido e que de algum modo eles não mencionaram (*a visão de mundo que o programa constrói x cotidiano dos entrevistados*).
- Perguntamos se teria alguma notícia que eles viram no dia e que não foi abordada pelos telejornais locais. Perguntamos em seguida se ele(s) poderia(m) recontá-la(s) ao grupo e se saberiam dizer em que tipo de mídia (rádio, tv, jornal impresso, rádio comunitária, etc) viram a notícia se saberiam identificar o programa em que ela foi exibida. (idem anterior)
- Perguntamos o que eles costumam fazer durante esse horário 19:00 as 19:30, qual a frequência que assistem à televisão, onde, e se assistem sozinhos ou acompanhados.
- Pedimos que alguns deles relatassem os seus dias pessoais (perguntamos como eles acham que as notícias exibidas pelos telejornais poderiam ser usadas para o seu dia a dia). (idem anterior)
- Perguntamos se eles tinham alguma preferência por algum programa televisivo, para depois perguntar qual dos dois telejornais eles mais se identificaram e porquê. (*modo de endereçamento* do programa a partir da audiência, Morley e Brunson (1999)).

No final da seção aplicamos, individualmente, o *Critério Brasil* para certificarmos que estamos trabalhando com as classes C, D e E.

ANEXO E – Questionário

PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO**BAIRRO:**

Nome: _____ Data: _____

Idade: _____ Ocupação: _____ Sexo: O Masculino O Feminino

Endereço: _____ Telefone: _____

1. Você nasceu na cidade de Salvador? O Sim O Não**2. Caso a resposta anterior seja negativa, Há quanto tempo você mora na cidade?****3. Posse de Itens (marque com um “x” no número relacionado a sua resposta)**

	Não tem	T E M			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	1	1	1

- Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

4. Com que frequência assiste televisão aberta?

O não assiste O raramente O quase sempre O sempre

5. Que programas costuma assistir (máximo 05 programas)**6. Assiste a telejornais? Quais?**

O TVE – 2ª Edição O BaTV 2ª edição O Band Bahia O Itapoan Notícias

O Aratu Notícias 2.a edição, O Jornal da Band O Jornal Nacional O Jornal da Record

Outros: _____

Descrição (Roupas etc) para posterior identificação nas fitas:

SAMPAIO, Adriano de Oliveira. **Notícia e cotidiano: a produção de sentido nos telejornais locais.** Análise dos textos da mídia e da audiência sobre os telejornais BATV e Aratu Notícias 2a edição. 2005. 281 f. il. Dissertação (Mestrado, Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Autorizo a reprodução [parcial ou total] deste trabalho
para fins de comutação bibliográfica.

Salvador, 10 de outubro de 2005

Adriano de Oliveira Sampaio